

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA

EDUCAR CRIANÇAS E JOVENS À LUZ DA FÉ E CULTURA
as instituições escolares confessionais católicas na sociedade piauiense (1906 a 1973)

FORTALEZA-CEARÁ
2010

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA

EDUCAR CRIANÇAS E JOVENS À LUZ DA FÉ E CULTURA
as instituições escolares confessionais católicas na sociedade piauiense (1906 a 1973)

Tese de Doutorado apresentado à Banca Examinadora do Curso de Doutorado em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro e a co-orientação do Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes.

Linha de Pesquisa: História e Memória da Educação

FORTALEZA-CEARÁ
2010

"Liber, libertas."

Ficha Catalográfica elaborada por:

Laninelvia Mesquita de Deus Peixoto – Bibliotecária – CRB-3/794

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

lanededeus@ufc.br

S583 Silva, Samara Mendes Araújo
Educar crianças e jovens à luz da fé e cultura [manuscrito]: as instituições
escolares confessionais católicas na sociedade piauiense (1906 a 1973) / por
Samara Mendes Araújo Silva. – 2010.
358 f. : il. ; 30 cm.
Cópia de computador (printout(s)).
Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2010.
Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.
Inclui bibliografia.

1-ENSINO RELIGIOSO – MULHERES. 2-EDUCAÇÃO FEMININA. 3-EDUCAÇÃO –
HISTÓRIA. I- Ribeiro, Luís Távora Furtado, orientador. II - Universidade Federal do Ceará.
Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. III – Título.

CDD (22ª ed.)268.433

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA

EDUCAR CRIANÇAS E JOVENS À LUZ DA FÉ E CULTURA
as instituições escolares confessionais católicas na sociedade piauiense (1906 a 1973)

Tese Examinada em 13 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro – Orientador
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes – Co-Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Dr. José Arimatéa Barros Bezerra – Examinador Interno
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior – Examinador Externo
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco – Examinador Externo
Universidade Federal do Piauí – UFPI

RESUMO

Os Colégios Católicos tiveram participação decisiva no processo de reconfiguração dos papéis sociais, especialmente os femininos, porque apresentaram e representaram para as mulheres (mesmo para as que não fizeram parte de seu alunado) a possibilidade de uma formação intelectual e profissional e levou a ampliação e diversificação da inserção e atuação social destas, antes restrita ao ambiente doméstico e aos papéis de esposa e mãe. Para demonstrar esta consequência da ação educacional da Igreja Católica – e cientes de que os processos sociais e as ações dos indivíduos sociais estão num contínuo entrelaçamento – tomamos como objeto de estudo os Colégios das Irmãs Catarinas no Piauí (1906 a 1973) e analisamos como se deu os processos de educação, inserção e posicionamento social das ex-alunas destas instituições. Estudando a História da Educação feminina piauiense, concentramos a pesquisa na área da História das Instituições Escolares Confessionais apoiados nos referenciais teórico-metodológicos emanados da História Cultural e da Sociologia Histórica – o que nos possibilitou utilizar diferenciadas fontes históricas (documentais, hemerográficas, iconográficas e relatos de ex-alunas) – confirmamos que sob o aparente silêncio, respeito e manutenção da configuração social vigente as alunas dos Colégios Confessionais Católicos contribuíram sem estardalhaços e, de forma decisiva, para a alteração da posição e papéis sociais das mulheres na sociedade piauiense – e por extensão nordestina e brasileira – manifestaram formas de insubordinação, produziram estratégias que, por vezes, desembocaram na transformação (em geral lenta e progressiva) da figuração social. E, apesar de estas mulheres terem empreendido muitas transformações nos papéis sociais, não se alijaram de “dons” e “vocações” femininas da religiosidade, maternagem, docilidade, família e do casamento, ainda presentes em seu cotidiano e resultante dos anos de formação intelectual, social e religiosa adquiridas nas escolas confessionais católicas.

Palavras-Chave: História da Educação, Instituição Confessional, Colégios Católicos, Educação Feminina.

ABSTRACT

“EDUCATE CHILDREN AND YOUNG PEOPLE IN THE LIGHT OF THE FAITH AND CULTURE”: *the confessional Catholic school in the piauiense society (1906 to 1973)*

The Catholic Schools have had decisive participation in the reconfiguration process of the social roles, specially the feminine ones, because presented and represented to the women (even to the ones who haven't taken part of their pupils' groups) the possibility of a professional and intellectual development, which conveyed the enlargement and diversification of the insertion and those women's social performance, before limited to the home-circle and to the mothercraft and wifelike roles. To demonstrate that consequence of the Catholic churches educational action – and aware whereof the social processes and the social individuals actions are in a continuous entrenchment– the Catarina's Sisters Schools in Piauí (from 1906 to 1973) were taken as object of this study and it was analyzed how the educational processes, insertion and social emplacement of the ex-students from those institutions were constituted. By studying the History of Piauiense Feminine Education, this research was focused on the History of the Confessional Catholic based on the theoretical-methodological references emanated of the Cultural History and the Historical Sociology – which were important once it was possible to use different historical sources, such as (documental, hemerographics, iconographic and ex-students reports) – it was confirmed that under an apparent silence, respect and maintenance of the present social configuration, the schoolgirls of the Catholic Confessional Schools contributed, without fuss and in a decisive way, to the changes of the women's position and social roles in the piauiense society – and for brazilian and northeastern extension – made known ways of insubordination, produced strategies that sometimes discharged in the transformation (slow but progressive) of the social configuration. In spite of these women had taken upon lots of alterations of the social roles, they haven't untied the feminine's “gifts” and “vocations” of the religiosity, motherhood, sweetness, family and marriage, still in their daily activities and as a result of the years of intellectual, social and religious development acquired in the catholic confessional schools.

Key-words: History of Education, Confessional Institution, Catholic Schools, Feminine Education.

RESUMEN

“EDUCAR A LOS NIÑOS Y JÓVENES A LA LUZ DE LA FE Y CULTURA”: *las instituciones escolares confesionales católicas en la sociedad de Piauí*

Los colegios católicos tuvieron una participación importante en el proceso de reconfiguración de los papeles sociales, especialmente los femeninos, porque presentaron y representaron para las mujeres (incluso aquellas que no formaban parte de sus alumnos) la posibilidad de una formación intelectual y profesional que ha dado lugar a la expansión y la diversificación de la inserción y acción social, antes restringida al ámbito doméstico y a los papeles de esposa y madre. Para demostrar esta consecuencia de la práctica educativa de la Iglesia Católica - y conscientes de que los procesos sociales y acciones de los sujetos sociales se encuentran en una interrelación continua - tomamos como objeto de estudio los Colegios de las Hermanas Catarinas en Piauí (1906-1973) y analizamos como se dieron los procesos de la educación, la inserción y posicionamiento social de las ex-alumnas de estas instituciones. Estudiando la Historia de la Educación Femenina de Piauí, el enfoque de la investigación se dio en el área de la Historia de las Instituciones Escolares Confesionales apoyados en los referenciales teóricos y metodológicos emanados de la Historia Cultural y la Sociología Histórica - que nos han permitido utilizar diferentes fuentes históricas (documentales, hemerográficas, iconográficas e informes de antiguos alumnos) - que confirman que en el aparente silencio de respeto, y mantenimiento de la configuración social existente, las alumnas de los Colegios Confesionales Católicos han contribuido sin problemas y, de forma decisiva, a la evolución de la posición y los papeles sociales de mujeres en la sociedad de Piauí - y por extensión el noreste de Brasil - han expresado formas de insubordinación, han producido estrategias que a veces han desembocado en la transformación (por lo general lenta y progresiva), de la figuración social. Y aunque estas mujeres han llevado a cabo muchos cambios en los papeles sociales, no desechó los "talentos" y "vocación" femeninos de religiosidad, de maternidad, de bondad, de la familia y el matrimonio, presentes en su vida cotidiana y como resultado de años de formación intelectual, social y religiosas adquiridas en las escuelas confesionales católicas.

Palabras clave: Historia de la Educación, Institución confesional, Colegios Católicos, Educación femenina.

AGRADECIMENTOS

As palavras de Dom Alfredo Scháffler (ex-professor de Direito Canônico e atual Bispo da Diocese de Parnaíba) ditas no centenário do Colégio Nossa Senhora das Graças (Parnaíba) traduzem exatamente o que sinto neste momento de redigir o texto que materializa a pesquisa realizada nos últimos anos: **“Olhar para trás e descobrir: Deus foi fiel. Olhar e constatar: Deus é fiel. Levantar a vista e olhar para frente: Deus continuará fiel.”** Esta foi, sem dúvida, a melhor descoberta desta trajetória de pesquisa.

Descobrir que, por meio do amor, carinho, atenção e desprendimento de muitas pessoas que me cercam cotidianamente, Deus está sempre perto de mim, me apoiando e me amparando para seguir nos caminhos que eu escolho.

Então, é chegada a hora de agradecer ao próprio Deus e aos seus enviados, que se tornaram sem querer os meus auxiliares de pesquisa, pela companhia e apoio (de todas as formas emocionais e materiais) no trajeto para a conclusão do Curso de Doutorado em Educação.

A oração que aprendi na infância, com meus pais, e que em um trecho diz: **Senhor “sempre me rege, guarda, governa e ilumina”**, revela que Deus foi presença real e constante em minha vida nestes últimos anos, pois, inúmeras vezes, recitava o trecho da oração e recebia a tranquilidade e certeza para tomar as decisões necessárias.

Agradeço ao **Senhor** e aos seus muitos enviados que facilitaram o desenvolvimento de minhas ações neste processo de doutoramento!

Os meus pais, **José Ribamar e Francisca Mendes** de quem, pela primeira vez de fato me separei, porque para fazer o Curso de Doutorado tive que mudar de cidade e me privar do convívio diário com eles. Mas, que como sempre me incentivaram e apoiaram para perseguir o desejo de continuar o aperfeiçoamento profissional e acadêmico e, por conta de ter que realizar meu desejo, mais uma vez, deixaram os seus desejos em segundo plano. Pai!, Mãe! Como sempre digo: “este será mais um diploma para vocês, como tudo, em minha vida, este papel é nosso e não meu!”.

Não posso deixar de fazer mais um agradecimento à Minha mãe, **Francisca Mendes**, que, como ela mesma costuma dizer “tem cinquenta por cento de todos os meus diplomas” porque participou e participa, diretamente, de todas as minhas dúvidas, angústias, descobertas e vitórias no mundo acadêmico. E, nesta pesquisa não foi diferente, foi um auxiliar, uma companheira de pesquisa e, por várias vezes, foi a própria pesquisadora; em alguns momentos, se envolveu tanto com a realização da pesquisa e com a busca das fontes, que me deixava ir descansar, mas, ela passava as noites em claro para conseguir concluir, no tempo previsto, as buscas nos arquivos da Secretaria de Planejamento do Piauí (SEPLAN-PI) as informações sobre o repasse de recursos financeiros para os Colégios e as transcrições das entrevistas.

Márcio Iglésias (irmão) e **Hélio** (amigo-irmão) que contra suas vontades conheceram os Colégios literalmente. Porque tiveram que produzir imagens de todas as placas de formatura existentes no Colégio de Parnaíba e, ainda, resolver os problemas básicos que, geralmente, eu tenho com os equipamentos e recursos da informática. Além de ter que ouvir, com paciência ou não, as incontáveis vezes que eu falava desmedidamente do meu objeto de estudo.

Tia Gil e tio Pedro que foram o ponto de apoio e forneceram todo o suporte e incentivo durante o processo de seleção para o Doutorado e a estada em Fortaleza.

Elimária Marques, Marcoelis Pessoa e Vivian Aquino, as amigas-irmãs, que sempre me incentivaram a continuar nas trilhas da pesquisa, dizendo repetidamente “Nessa família tem que ter uma doutora!” e “Queremos ter uma amiga doutora”. E, muitas vezes, perceberam os momentos em que eu precisava mais de distração e boas risadas do que de boas leituras, e, tratavam de providenciar idas ao cinema, ao sítio e à pizzaria.

Muito obrigada meus irmãos e minhas irmãs!

Professor Luís Távora (UFC) e Professor Antônio de Pádua (UFPI) que, por serem Mestres (em toda amplitude que esta palavra comporta), com atenção, dedicação e paciência me guiaram no desenvolvimento desta pesquisa. E que com todo o desprendimento deixavam, por vezes outros compromissos, para me atender e me acalmar para que eu pudesse conseguir realizar as tarefas indicadas.

Professora Juraci Cavalcante (UFC), como Coordenadora do NHIME-FACED/UFC e professora de História da Educação, se tornou exemplo de profissional da História e pesquisadora quando nos explicava “os caminhos da pesquisa histórica” e a pos a ser adotada pelo profissional da pesquisa histórica.

Aos meus Mestres-Doutores em Pesquisa Histórica: Obrigada! Pelos ensinamentos e descobertas de leituras teóricas e de vida que me proporcionaram nos últimos anos de convivência.

Diana Facundes, ex-aluna do Curso de História da UESPI, que, com disponibilidade e dedicação integral, além de muita responsabilidade e competência, reali: a pesquisa documental no Conselho Estadual da Educação do Piauí e a pesquisa hemerográfica no Arquivo Público do Piauí, sem as quais não teria obtido grande parte das informações preciosas contidas neste texto.

Irmã Graça, Irmã Nídia, Amparo Moura, Raimunda Sampaio, Sâmia, Teresinha (Colégio das Irmãs – Teresina) e **Irmã Helena e Irmã Fausta** (Colégio das Irmãs – Parnaíba) que com disponibilidade e paciência abriram os arquivos das Secretarias dos Colégios para que eu “remexesse os papéis velhos” e encontrasse fragmentos de suas próprias vidas nos armários e pastas guardadas nos porões dos Colégios.

As **Ex-Alunas dos Colégios das Irmãs de Teresina e Parnaíba** que me permitiram conhecer suas vidas, desfrutar de suas recordações (fotos, livros, documentos e memórias) e me apropriar de suas falas e pertences para usando as suas histórias pessoais contar a “minha história dos Colégios das Irmãs no Piauí”.

Nunca cansarei de agradecer a disponibilidade e generosidade destas mulheres em compartilhar seu Colégio comigo! Mais uma vez, muito Obrigada!

Professora Eliana Sampaio (presidente), **Ana Lúcia** (secretária executiva) e **Mendes** (arquivista) do Conselho Estadual da Educação do Piauí (CEE-PI) que permitiram o acesso e auxiliaram na pesquisa nos processos de autorização para funcionamento e reconhecimento de cursos dos Colégios das Irmãs no Piauí.

Amariles Santana que, com paciência e gentileza, orientou e auxiliou na coleta de informações sobre as subvenções governamentais concedidas aos Colégios pelos Governos Estadual e Municipal que estavam nos arquivos da Unidade de Planejamento Estratégico

(UPE) da SEPLAN-PI. Além de ter mais uma vez contribuído com suas memórias de ex-aluna do Colégio das Irmãs através de entrevistas e cessão de seu caderno de recordações.

Professor Pedro Vilarinho (UFPI) que mesmo durante as férias coletivas da UFPI possibilitou o acesso às máquinas de leitura de microfilmes no NUPEM–CCHL/UFPI e aos microfilmes do Jornal O Apostolo. Além de preciosas orientações dadas desde a Graduação em História na UESPI, onde ajudou a cultivar a semente desta pesquisa.

Professores José Arimatea Barros Bezerra e Elmo Vasconcelos pela atenção, ensinamentos e dedicação em diferentes momentos do Curso de Doutorado e que me apontaram novas perspectivas para “olhar” o meu objeto de estudo.

Obrigada, muitas vezes!

Salânia Melo que de ex-professora se tornou amiga e incentivadora para que eu iniciasse o curso de Doutorado, e, ainda, aceitou dividir as despesas financeiras, as emoções e aflições da mudança brusca para Fortaleza.

Amigos **Fauston Negreiros, Ana Lourdes Lucena, Marlene Cidrack** e as demais amigas que se enredaram ao longo destes anos de estadia no Ceará e que se preservarão para além das salas de aula de aula da FACED-UFC.

Os **integrantes do NHIME - UFC (Núcleo de História e Memória da Educação)**, professores e alunos que de uma forma ou de outra estiveram presentes e incentivando a concretização deste trabalho.

A todos vocês nominados aqui e a tantas outras pessoas não nominadas e, cuja ajuda foi imprescindível para reunir tudo o que foi necessário para que este trabalho se materializasse nestas páginas que se seguem.

Tive o sentimento de encontrar as mulheres que por muito tempo eu evitara.

Encontrar a sua amizade, sua alegria, suas angústias, sua procura de um sentido; o sentimento de melhor compreender aquelas linhagens de mulheres que me haviam precedido, entre as quais minha mãe, e com isso, encontrar a mim mesma ...

Michelle Perrot, 2005

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS E FIGURAS	13
LISTA DE MAPAS	13
LISTA DE FIGURAS	14
PREÂMBULO	17
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	20
1 “IN HOC SIGNO VINCES” – SOB ESTE SINAL VENCERÁS: o itinerário da pesquisa	31
1.1 “Escola de Vida, Cheia de Graças” : o objeto da pesquisa	32
1.2 “A Tua Mão nos Conduz” : os princípios norteadores teórico-metodológicos para historiar os Colégios das Irmãs e a sociedade piauiense	42
2 “ORDEM E PROGRESSO” : a (re) invenção da sociedade piauiense no período republicano	62
2.1 A constituição do sistema escolar piauiense : um processo ao longo de três séculos	69
2.2 A Educação como via para o progresso da Sociedade Piauiense : de ideal democrático – republicano à sonho contemporâneo	79
2.3 A Igreja Católica e a Sociedade Piauiense : uma relação nem sempre tranqüila de colaboração e disputas	85
3 “EVOLUINDO, REFORMULANDO-SE E REAFIRMANDO-SE” : as interfaces entre a história dos Colégios das Irmãs e a História das mulheres piauienses no decorrer do século XX	101
3.1 Colégios das Irmãs : “formador intelectual, humano, social e religioso” no território piauiense	111
a) “Conheça o jeito sagrado de ensinar e o saviniano de viver” : a Pedagogia Saviniana dos Colégios das Irmãs	114
b) “100 anos iluminando mentes e corações” : as Escolas, os Cursos, os Currículos nos Colégios das Irmãs	117
c) “100 anos educando gerações a serviço da vida” : as Práticas Pedagógicas e os educadores nos Colégios das Irmãs	140
d) As Órfãs Sociais dos Colégios das Irmãs : as escolas gratuitas Santa Inês e São José	147
3.2 “Formar Boas Cristãs e Boas Cidadãs” : as normas nos Colégios das Irmãs	153
3.3 “Parece que Vivíamos em Festa!” : rotina e festas escolares no Colégio das Irmãs piauienses	163
3.4 “Iluminadas pelo Carisma Saviniano” : as orações, as atividades e as festas religiosas nos Colégios das Irmãs	176
3.5 “Educando Crianças e Jovens em Benefício do Amanhã” : as obras de caridade realizadas pelas alunas dos Colégios das Irmãs	214
4 “TRADIÇÃO E QUALIDADE DESDE OS PRIMEIROS CURSOS” : inserção social dos Colégios das Irmãs na sociedade piauiense	224
4.1 “Pode Ter Colégio Igual, Mas Melhor Não Tem!” : o Colégio visto pelas ex-alunas	227
4.2 “Quem Estuda no Colégio das Irmãs Tem Algo de Diferente...” : respaldo	230

	social dos Colégios das Irmãs e de suas alunas	
4.3	“Cem Anos de Boa Educação. Cem Anos de Aceitação”: a relação dos Colégios com o poder instituído e a sociedade civil	244
	a) As doações financeiras de particulares	246
	b) As doações financeiras governamentais	249
4.4	De Pequena Casa das Irmãs Catarinas à Patrimônio Piauiense: história, cultura e arquitetura nos edifícios dos Colégios das Irmãs	255
5	“CEM ANOS DE HISTÓRIAS, CEM ANOS DE VITÓRIAS DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ.”: fragmentos de histórias de vida e memórias de ex-alunas dos Colégios das Irmãs	287
5.1	A musicista: Miriam Jales	294
5.2	Artesã com reconhecimento internacional: Lili Leite	301
5.3	“Mamãe não queria que eu fosse professora!”: Amariles Santana	307
5.4	Professora por vocação e tradição familiar: Erice Moura	313
5.5	Uma família no Colégio: família Batista Moura	321
5.6	Assistentes Sociais por vocação e formação: família Sá	326
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	334
	REFERÊNCIAS	340
	a) Bibliográficas	340
	b) Documentais	346
	c) Hemerográficas	348
	d) Entrevistas e Rapport	349
	APÊNDICES	
	a) Carta convite às ex-alunas dos Colégios das Irmãs	
	b) Rapport aplicado às ex-alunas dos Colégios das Irmãs	
	c) Carta de cessão	
	d) Inventário de ex-alunas dos Colégios das Irmãs	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instituição de ensino das Catarinas, cidade, tipo de estabelecimento e regime de estudos	119
Quadro 2 – Cursos e ano de implantação no CSCJ e CNSG	125
Quadro 3 - Meninos matriculados na 1ª série do Curso Primário no Colégio de Teresina em 1973	131
Quadro 4 - Integrantes do Poder Legislativo que destinaram subvenções sociais para os Colégios das Irmãs de 1971 a 1983	252
Quadro 5 - Currículo do Curso Científico – Ano 1966	310
Quadro 6 - Integrantes da Família Batista Moura que estudaram no Colégio das Irmãs– Teresina	321
Quadro 7 - Integrantes da Família Sá que estudaram no Colégio das Irmãs-Teresina	326

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Mapa da cidade de Parnaíba	261
Mapa 2 - Mapa do Centro Histórico da cidade de Parnaíba	263
Mapa 3 - Mapa da cidade de Teresina	265

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Ford V 8	81
Fig. 2 – Depoimento da Superiora do Ginásio “Sagrado Coração de Jesus” sobre o desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo	84
Fig. 3 - As Irmãs Catarina italianas que atuaram como professoras nos primeiros anos de funcionamento do Colégio de Teresina	120
Fig.4 - Prédios do Colégio das Irmãs em Teresina	121
Fig. 5 - Prédio do Colégio de Parnaíba concluído em 1924 destaca-se entre as grandes realizações da cidade	122
Fig. 6 - Irmã Tecla Doro com alunas internas e externas do Curso Primário na década de 1910	123
Fig. 7- Turma do Exame de Admissão Colégio das Irmãs - Teresina - Ano 1962	126
Fig. 8 - Alunas do Curso de Comércio do Colégio das Irmãs de Teresina - Ano 1959	129
Fig. 9 - Alunos do Jardim de Infância do Colégio de Teresina. Foto da colação de grau “Doutores do ABC” em 1958 - Turma Prof. Celso Barros	131
Fig. 10 - Os diferentes uniformes utilizados pelas alunas do colégio de Teresina no decorrer de 70 anos	133
Fig. 11 - Sala de aula de trabalhos manuais Colégio das Irmãs-Teresina	137
Fig. 12 - Professor Valdir Gonçalves	143
Fig. 13 - Professora Esther Couto	144
Fig. 14 - Lavinópolis - Residência de Encarnadinha Fonseca - Teresina	148
Fig. 15 - Livro Atas de Concessão de Gratuidade e Redução de Contribuição Escolar	149
Fig. 16 - Alunas da Escola Gratuita Santa Inês – Teresina – Ano 1931	150
Fig. 17 - Alunas Gratuitas do Colégio de Teresina	151
Fig. 18 - Revista Raios de Luz de 04 de outubro de 1940	152
Fig. 19 - As Prefeitas - Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina	156
Fig. 20 - Laboratório de Ciências Biológicas e Química - Colégio das Irmãs de Teresina	157
Fig. 21 - Alunas Lili Leite e Janete no Memorare - Teresina	158
Fig. 22 - Farda de Gala alunas do Colégio das Irmãs de Teresina	161
Fig. 23 - Refeitório das alunas Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina	166
Fig. 24 - Desfile das alunas do Colégio das Irmãs – Teresina - 7 de setembro – Ano de 1966	168
Fig. 25 - Programação da Semana da Pátria no Colégio das Irmãs Teresina - ano 1938	169
Fig. 26 - Guarda de Honra - Ano 1966	170
Fig. 27 - Alunas do Colégio de Teresina na Festa da Bandeira	171
Fig. 28 - Seleção de volêi do Colégio Sagrado Coração de Jesus	172
Fig. 29 - Festa de encerramento do ano letivo - Colégio das Irmãs Teresina	173
Fig. 30 - Festa de debutantes Colégio das Irmãs – Teresina – Ano 1964	174
Fig. 31 - 1ª Eucaristia de alunas do Colégio de Teresina	178
Fig. 32 - Foto da 1ª Comunhão das Irmãs Maria Valquíria e Maria do Socorro Sá em 13 de junho de 1949	181
Fig. 33 – 1ª Comunhão de Vilma Area Leão	182
Fig. 34 - Lembranças da 1ª Comunhão alunas do Colégio das Irmãs -Teresina	183
Fig. 35 - Foto do Monsenhor José Luiz Barbosa Cortez na escadaria do Colégio de Teresina com as Ministras da Eucaristia	185
Fig. 36 - Celebração da Páscoa no pátio interno do Colégio das Irmãs em Teresina	186
Fig. 37 - Missa celebrada na Capela do Colégio das Irmãs em Teresina	187
Fig. 38 – Missa não é para mostrar vestidos!	187
Fig. 39 - Missa celebrada no ano de 1966 na Capela do Colégio das Irmãs em	188

Teresina	
Fig. 40 - Momento da oração matinal diária no pátio interno do Colégio de Teresina	189
Fig. 41 - Alunas fardadas e ajoelhadas em momento de oração em frente ao altar principal da Capela do Colégio de Teresina	190
Fig. 42 - Imagem de Nossa Senhora de Fátima no Colégio das Irmãs - Teresina	191
Fig. 43 - imagem de Santa Teresinha preparada para entronização no Colégio de Teresina - Ano 1926	193
Fig. 44 - Altar para a coroação de Nossa Senhora da Conceição Colégio de Teresina	194
Fig. 45 – Cartinha que veio do céu	195
Fig. 46 - Alunas em momento de diversão no pátio interno do Colégio das Irmãs em Teresina	197
Fig. 47 - Memorare	200
Fig. 48 - Irmãs Catarinas fazem os votos perpétuos como religiosas capela do Colégio de Teresina	201
Fig. 49 - Irmã Franco recebe seus votos perpétuos - ano 1961	202
Fig. 50 - Lembrança dos votos perpétuos de Irmã Teresinha Maria da Santa Face, Ano 1954	202
Fig. 51 - Lembrança do I Congresso Eucarístico do Piauí - 1960	203
Fig. 52 - Placa de formatura do Jardim de Infância Colégio Sagrado Coração de Jesus - Ano 1960	204
Fig. 53 - Medalha da Pia União das Filhas de Maria - Ano 1947	206
Fig. 54 - Alunas internas do Colégio de Teresina - 1909	207
Fig. 55 - Lembranças da recepção da fita azul de Filha de Maria 1947 - Aluna Lili Castro	208
Fig. 56 - Lembranças da recepção da fita azul de Filha de Maria 1947 -Aluna Maria Veloso	209
Fig. 57 - Compromisso das Filhas de Maria	209
Fig. 58 – O dia da Filha de Maria	211
Fig. 59 - Alunas internas do Colégio de Teresina - 1912	212
Fig. 60 - Insígnia e medalha do Sagrado Coração de Jesus	213
Fig. 61 - Ação de caridade desenvolvida pelas Irmãs Catarinas visita ao hospital	215
Fig. 62- Atividade do apostolado da caridade comemoração do dia do ancião	216
Fig. 63 - Dispensário da obra assistencial São José nas dependências do Colégio de Teresina	217
Fig. 64 - Distribuição de lanche e cestas básicas pela Obra Assistencial São José	218
Fig. 65 - Liga das Senhoras Católicas do Piauí	220
Fig. 66 - Visita do bispo Dom Severino ao Colégio de Teresina	234
Fig. 67 - Correspondência de Zilma Gonçalves para Irmã Catarina Levrine - Ano 1935	235
Fig. 68 - Visita do Presidente Getúlio Vargas ao Colégio Sagrado Coração de Jesus Teresina ano 1933	236
Fig. 69 – Capela do Colégio S. C. de Jesus	237
Fig. 70 - Ex-alunas no 25º Aniversário do Colégio de Teresina - Ano 1931	238
Fig. 71 - Apresentação teatral no auditório do Colégio de Teresina	239
Fig. 72 - Festa de encerramento das comemorações dos 70 anos do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Teresina - 24 de outubro de 1976	240
Fig. 73 - Festa de debutantes	242
Fig. 74 - Recibo de doação de dinheiro Colégio de Teresina - ano 1935	248
Fig. 75 – Ginásios e Colégios Subvencionados pelo Governo Federal	250
Fig. 76 - Correspondência enviada pelas Irmãs ao deputado Afrânio Messias Alves Nunes em setembro de 1973.	251

Fig. 77 - Ofício da Congregação das Irmãs Catarinas ao reitor da UFPI no ano 1974	254
Fig. 78 - Conjunto histórico da Praça Santo Antônio Parnaíba	264
Fig. 79 - Conjunto histórico do Colégio das Irmãs - Teresina	268
Fig. 80 – Campanha para arrecadar fundos para reforma do prédio	268
Fig. 81 - Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba- Praça Santo Antônio, nº 802	269
Fig. 82 - Colégio de Parnaíba depois da reforma realizada na década de 1960	270
Fig. 83 - Planta baixa pavimento térreo Colégio das Irmãs - Parnaíba - Ano 1975	271
Fig. 84 - Imagem de Nossa Senhora das Graças nos jardins Colégio das Irmãs – Parnaíba - Ano 2008	273
Fig. 85 – Planta baixa 1º pavimento Colégio das Irmãs - Parnaíba – Ano 1975	274
Fig. 86 - Sala das placas no Colégio Nossa Senhora das Graças – Ano 2008	275
Fig. 87 - Primeiro prédio construído para abrigar o Colégio de Teresina - Ano 1933	276
Fig. 88 - Professora normalista Nantilde Sá	277
Fig. 89 – Projeto e fachada da Capela com torres	278
Fig. 90 – Planta baixa pavimento térreo Colégio das Irmãs-Teresina – Ano 1975	279
Fig. 91 - Imagem do Sagrado Coração de Jesus nos jardins	280
Fig. 92 - Auditório do Colégio das Irmãs-Teresina - Década de 1940	281
Fig. 93 – Planta baixa 1º pavimento Colégio das Irmãs-Teresina – Ano 1975	282
Fig. 94 – Planta baixa 2º pavimento Colégio das Irmãs-Teresina – Ano 1975	284
Fig. 95 – Irmã Maria Catarina Levrini	295
Fig. 96 - Lili Leite em 1947	303
Fig. 97 - Amostras de bordados do tipo frivolité feitos por Dona Lili Leite	304
Fig. 98 - Amostra de bainhas feitas por Dona Lili no Colégio das Irmãs de Teresina	305
Fig. 99 - Flores de fita feitas por Dona Lili	306
Fig. 100 - Alunas do Curso Científico do Colégio das Irmãs de Teresina - Ano 1961	308
Fig. 101 - Convite da formatura da 1ª Turma do Curso Científico Colégio das Irmãs-Teresina - Ano 1961	311
Fig. 102 - Amariles Santana - Rainha da Faculdade de Filosofia 1962	312
Fig. 103 - Concludentes do Curso Ginásial ano 1961 Colégio das Irmãs-Teresina	316
Fig. 104 - Concludentes do Curso Pedagógico Ano 1964 - Colégio das Irmãs de Teresina	317
Fig. 105 - Melânia, a muda do colégio	319
Fig. 106 - Família Batista Moura trabalhando no Colégio das Irmãs em Teresina durante a Década de 1970	322
Fig. 107 - Irmã Maria Egídia - Ano 1946	323
Fig. 108 - Pessoas aguardando início da missa na Capela do Colégio das Irmãs – Teresina - Década de 1970	325
Fig. 109 - Alunas do 4º Ano Primário Colégio das Irmãs-Teresina - Ano 1957	328
Fig. 110 - Lembrança do I Congresso Eucarístico do Piauí - Ano 1960	329

PREÂMBULO

Não, não estudei nos Colégios das Irmãs!!

Esta é uma das frases que tenho repetido com frequência nos últimos seis anos, ou melhor, desde que comecei a estudar os Colégios.

Então, por que estudar os Colégios das Irmãs no mestrado, e depois no doutorado?

A resposta acadêmica?! Seria, de certa forma, até bem simples de ser formulada.

Buscava estudar a educação feminina piauiense no século XX, e, por sugestão do Prof. Antônio de Pádua (meu orientador no mestrado e co-orientador no doutorado), voltei à atenção para as instituições de ensino confessionais católicas que foram criadas para educar as mulheres piauienses e dedicaram a este objetivo a maior parte de suas existências centenárias: os Colégios das Irmãs Catarinas em Teresina e Parnaíba.

Contudo, como em toda pesquisa (histórica ou não) há interesses particulares, subjetivos, ou, como costumo dizer em sala de aula, para se escolher um objeto de pesquisa este tem que “despertar paixão, instigar interesses que ultrapassam a da escrita do texto acadêmico”.

A paixão, o interesse pessoal que me levou a pesquisar os Colégios foi o desejo de saber: “como as mulheres educadas, ou melhor, que recebiam ensinamentos e instrução formal para reproduzir a ordem social estabelecida conseguiram alterar sutilmente estes ordenamentos e ampliar os espaços de atuação feminina na sociedade piauiense?” E, estas eram as mulheres que me cercavam. Com as quais convivia, com algumas diariamente, com outras esporadicamente. Eram as mulheres da minha vida: mãe, tias, amigas, colegas de trabalho, mães de amigas, etc. Eu queria e quero saber como aquelas mulheres, conquistaram o direito, a liberdade, a opção de trabalhar fora do ambiente doméstico, e, que me repetiam constantemente que o melhor que uma mulher fazia era estudar, e estudar muito.

Confesso que achei as respostas a esta e outras perguntas que foram suscitadas ao longo desta pesquisa, e, também, deixei de encontrar respostas satisfatórias a tantos outros questionamentos e dúvidas que emergiram a respeito da educação, sociedade piauiense, e das mulheres ocidentais no século XX. Como diria o Prof. Antônio de Pádua eu “queria estudar as mulheres transgressoras e, acabei estudando as mulheres comportadas e que transformaram bem mais a sociedade do Piauí que as rebeldes”!

Mas, esta pesquisa me revelou bem mais do que eu podia imaginar! Esta pesquisa me mostrou que os Colégios das Irmãs sempre estiveram ali bem próximos de mim. Espreitando-me, tentando entrar na minha vida de uma forma ou de outra. Buscando ser reconhecidos como instituições formadoras de toda uma sociedade por meio de diferentes gerações de mulheres que freqüentaram suas salas de aulas ou que de alguma forma mantiveram contatos com aqueles espaços educacionais e religiosos dos Colégios das Irmãs.

O Colégio fez parte da vida educacional da minha mãe que estudou em Teresina, de tias “de verdade” e de afinidades (as amigas de minha mãe) e de primos que estudaram uns no Colégio de Teresina e outros no de Parnaíba, e de diversos outros parentes, amigas e conhecidas.

Por exemplo, a escolha do segundo nome de meu irmão, Iglésias¹, se deve ao professor Carlos Iglésias que foi professor de Biologia da minha mãe no 1º ano do Pedagógico no Colégio das Irmãs.

Descobri, ou melhor, tomei ciência, quem eram as freiras para as quais minha avó paterna, Antônia Rosa, trabalhou na década de 1940 e que de vez em quando ela falava. Ela era funcionária do Colégio de Teresina e, por isto, sua filha mais velha, a tia Inalda estudou por algum tempo como aluna gratuita na Escola Santa Inês.

Foi no Colégio de Teresina onde fiz a primeira entrevista de emprego como professora, ainda quando era estudante do primeiro ano da graduação. Aquele dia foi marcante, embora não tenha me tornado professora naquela escola, pois, à época, o que eu tinha de entusiasmo me faltava em experiência, e o Colégio estava à procura de pessoas mais experientes na docência.

Assim, durante a pesquisa, revirei papéis velhos nas secretarias dos Colégios, vi fotografias antigas, revisitei lugares e memórias marcantes guiadas pelos olhos e impressões de ex-alunas daquelas instituições (mais que ex-alunas pessoas amigas e respeitadas e que sempre fizeram parte de minha vida desde a infância) que sempre falavam aqui e ali de seu tempo de escola e que, por vezes, eu não prestava a atenção devida. Agora, suas falas e lembranças (fotografias, livros, álbuns de bordados, livros de orações, cadernos, fitas, etc.) ganhavam novos significados e importâncias diferenciadas das que eu atribuía antes do início da pesquisa sobre os Colégios. Era parte da minha vida também.

¹ O nome Iglésias motivo de muitas piadas na infância de meu irmão e que constantemente o irritavam quando lhe perguntavam se ele era filho do cantor espanhol Júlio Iglésias.

Descobri com a pesquisa que os Colégios das Irmãs sempre estiveram em minha vida. E eu não ter estudado (ou mesmo trabalhado) naquelas escolas foram apenas detalhes de uma trajetória educacional que, por circunstâncias alheias a vontade de meus pais, não pode seguir os caminhos traçados por eles nos quais estavam os planos de me matricular no Colégio de Teresina para ali estudar a partir da 5ª série.

Descobri, ainda, que, de alguma forma, recebi as influências e ressonâncias da educação praticada nos Colégios das Irmãs, por meio da minha mãe, tias, amigas, enfim dentro do círculo social em que fui criada e educada há a presença incontestada dos ensinamentos educacionais confessionais católicos.

E, seguindo, o conselho da Profª Cecília Nunes que recebi na primeira aula do Curso de História (UESPI). Conselho depois reiterado pela Profª Juraci Maia nas aulas do Doutorado (UFC). “Ao falar da História, ao contar uma História diga de onde você está falando. Deixe clara a relação que você tem com o que está pesquisando”.

Considerarei necessário escrever este preâmbulo para esclarecer, aos eventuais leitores, que as páginas que estão a seguir não foram escritas por uma ex-aluna nem ex-professora dos Colégios das Irmãs Catarinas. Mas que a escrita contida em todo este trabalho, é a escrita de alguém que de alguma forma é “produto” da educação praticada naquelas instituições de ensino.

Portanto, algumas vezes, me deixei contagiar e fui levada pelos mesmos encantamentos e emoções que permanecem de forma vivaz nas ex-alunas e ex-professoras quando se referem aos Colégios, e, por isso, em alguns momentos na escrita fui incapaz de negligenciar este aspecto de minha trajetória pessoal, e de observar contidamente (sem emoções e envolvimento) e com a criticidade que se exige de uma pesquisadora-historiadora o cenário histórico-social da educação feminina piauiense no século XX analisado ao longo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Comumente ao mencionarmos o desenvolvimento de uma pesquisa, um estudo, uma produção acadêmica de cunho histórico, nossos interlocutores questionam a respeito da utilidade do conhecimento resultante deste tipo de pesquisa. E, muitos, ainda, interpelam perguntando para quê mesmo serve a História?

O que fabrica o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas. (CERTEAU, 1982, p. 65)

A resposta a esta indagação que se renova e se refaz ao longo dos últimos três séculos (espaço de tempo que a ciência histórica percorreu para assegurar seu estatuto de conhecimento científico) é uma só – embora já tenha sido (re) formulada de diversas maneiras – “compreender a nós mesmos”, “entender as ações humanas, num dado tempo e espaço”. Ou seja, estudar História, é estudar a humanidade, o que por sua vez, possibilita formular e emitir certezas, assumir posições, defender idéias, posturas, valores, ideais de vida, etc., a partir da apropriação do conhecimento relativo às experiências vivenciadas em cada momento histórico. A História não faz previsão, mas promove a compreensão. E, o não conhecimento da História promove a negação da experiência humana, e isto implica em

negar a articulação de épocas e situações diferentes, o simultâneo, o tempo da história e o pensamento do tempo. Ora, é essa articulação que permite diferenciar condutas múltiplas no tempo e reconhecer que práticas políticas e culturais, consideradas estranhas e indesejáveis em determinado momento, sejam vistas de maneira diferente em outro. Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida. (NOVAES, 1992, p.09)

Ou seja, ao construir conhecimento histórico confere-se importância e significados a acontecimentos, apontando as interligações entre estes e os demais, denotando permanências e alterações das práticas humanas. Historicizar é dotar de sentido os atos humanos circunscritos num dado momento, assegurando, assim a possibilidade de conhecer as figurações sociais.

A História não é, pois, a passagem de um amontoado de fatos desordenados a idéias abstratas atemporais. Como trabalho do pensamento, ela é “a retomada de operações culturais” começadas antes de nós, seguidas de múltiplas maneiras, e que nós “reanimamos” ou “reativamos” a partir de nosso presente. (NOVAES, 1992, p. 11).

Portanto, enquanto ciência, **a tarefa da História é conhecer as experiências humanas e suas idéias, bem como o rol de eventos que propiciaram o estabelecimento da hegemonia de algumas destas idéias e sua recorrência ou não através dos diferentes tempos históricos.**

Entendendo que, o desenvolvimento da educação não acontece de modo descolado e alheio ao desenvolvimento da sociedade na qual esta se insere, a análise e compreensão do problema educacional, interpretando o pensamento de Lopes (2002), são, antes de tudo, a análise e a compreensão do compromisso político-cultural assumido por meio da educação, a qual, segundo a conformação da sociedade brasileira e piauiense, representava o compromisso assumido pelas elites locais para com o desenvolvimento sócio-econômico da Nação e do Estado, e, o “projeto” de sociedade que estes grupos desejavam forjar por meio da educação das novas gerações. Portanto, no decorrer do século XX, a educação piauiense encontrava-se vinculada ao processo de desenvolvimento sócio-econômico, consolidação e/ou enfraquecimento das forças dos diferentes grupos sociais e políticos que compunham nossa sociedade.

Tomando esta configuração social como ponto de partida para a análise histórica do processo educacional, o desenvolvimento de estudos na área da História da Educação implica na análise da História da sociedade piauiense e de suas práticas sociais como um todo, a partir da perspectiva e da análise do processo educacional que se desenrolou nesta dita sociedade.

Concebendo a produção do conhecimento histórico a partir destes pressupostos e cientes de que os processos sociais e as ações dos indivíduos sociais estão num contínuo entrelaçamento, entendemos que a História da organização da rede escolar – seja esta pública, seja privada – no espaço social piauiense é, também, a História da formação sócio-política e econômica deste lugar. Porque os mesmos grupos sociais que empreendiam disputas pelo controle político-administrativo, religioso, cultural, e, conseqüentemente, ideológico do território do Piauí, concomitantemente travavam disputas pelo controle do sistema educacional formal piauiense.

E, também, porque a organização do sistema escolar formal no Piauí (como aconteceu nos demais Estados do Nordeste brasileiro como um todo) foi sendo consolidada apenas no decurso do século XX. Some-se a este, o fato de que o projeto educacional adotado em nosso Estado, tal qual aconteceu no restante do país, foi resultante de adaptações e acomodações (com pequenas alterações) de outras realidades sócio-históricas, culturais e econômicas – preferencialmente a européia e norte-americana – e, portanto, em certa medida, era alheio à realidade local.

Contudo, estudar a História da Educação Piauiense não objetiva apenas a compreensão da realidade local, mas, também, buscar elucidar questões de âmbito nacional e regional, tais como: a configuração social presente no Brasil, e, por conseguinte, no Nordeste, e, no Piauí, que possibilitou o engendramento tardio dos sistemas (público e privado) de educação formal; os comportamentos das elites regionais em relação à manutenção e reprodução de seu *status quo*, além da manutenção das diferenciações sociais, por meio da esfera educacional; os compromissos político-culturais dos atores sociais envolvidos no processo educacional das novas gerações; as estratégias de manutenção e transformação dos papéis sociais femininos e masculinos tradicionais a partir do espaço escolar; entre outros elementos que podem resultar da análise do processo educacional.

Tendo consciência de todos estes elementos que se coadunam e corroboram para a formação do sistema educacional piauiense, e, ainda, das especificidades da atividade profissional do historiador, buscamos contar, narrar traços de duas Histórias que se entrelaçam, se confundem e se complementam durante o século XX: a História das Instituições Educacionais Confessionais Católicas e, aspectos da História das Mulheres, uma vez que estas se entrecruzam no espaço sócio-educativo dos Colégios.

Em nosso trabalho perseguimos a ambição de produzir conhecimento histórico, estabelecendo as interfaces e pontos de inflexão **entre Educação, História, e Religião, e que, a partir da História das Instituições Escolares Confessionais Católicas e da História da Educação Feminina**, para que possamos conhecer e compreender o percurso sócio-histórico-cultural que possibilitou a reconfiguração do espaço social piauiense e neste a ampliação e diversificação dos papéis sociais atribuídos, assumidos e desempenhados pelos diferentes sujeitos sociais, especialmente, as mulheres, no último século.

Com este intuito tomamos como **objeto de estudo os piauienses e centenários: Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina e Colégio Nossa Senhora das Graças em**

Parnaíba, os Colégios das Irmãs. Escolas criadas para a educação das mulheres e que se dedicou exclusivamente a instrução feminina até a década de 1970. Lugar em que as mulheres piauienses tiveram a oportunidade de vislumbrar, formular e vivenciar alternativas de inserção social (extrapolando os limites dos papéis sociais de esposas e mães), por conta dos ensinamentos recebidos e vivências/experiências compartilhadas nestes espaços educacionais, as mulheres piauienses, paulatinamente, foram ocupando lugares e postos e atuação nos espaços públicos.

Nossa pesquisa, a partir desta perspectiva, tem a intenção de **demonstrar que os Colégios das Irmãs, enquanto instituição de ensino dedicada à formação feminina teve importância e participação significativa para a alteração dos papéis sociais femininos no século XX no território piauiense, contribuindo de forma decisiva para a inserção e atuação das mulheres nos espaços públicos.** Assim, nesta pesquisa, podemos discernir, mas não separar a História dos Colégios das Irmãs Catarinas no Piauí da História das mulheres piauienses.

E, conforme afirmou Perrot (2005, p. 11),

as mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história, é antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam (...)

Não é possível saber, também, como a sociedade em que estas mulheres agiam as via e como estas viviam inseridas neste organismo social. Por isto, para se produzir História, muitas vezes, temos que desconstruir certezas, desarticular idéias enraizadas, fundamentadas em imagens idealizadas, supostas, visões fragmentadas e/ou parcializadas de ações e eventos.

Ao buscarmos historicizar a Educação piauiense e, inseridos nesta os Colégios das Irmãs Catarinas, e, conseqüentemente, as mulheres piauienses (que a eles se vincularam de uma forma ou de outra), enfrentamos este desafio da “imagem idealizada”, tanto em relação à instituição escolar, quanto em relação às mulheres, alunas dessas escolas.

Os Colégios eram e, ainda hoje, são vistos e identificados pela sociedade local e regional como uma escola exclusiva para pessoas oriundas de famílias abastadas econômica e culturalmente, o que ocultou a existência e a presença das meninas “órfãs” atendidas e escolarizadas no mesmo espaço sócio-educativo dos Colégios ou dentro das escolas gratuitas.

Enquanto, as alunas, em geral, eram percebidas e encaradas por seus contemporâneos e, pela atualidade, como moças extremamente religiosas, recatadas e obedientes a todas as normas e regras que lhes eram impostas e, assim, não se visualizava, ou mesmo desacreditavam-se nas “afrontas” e subversões praticadas por estas meninas-mulheres que temiam a Deus, mas, não foram raras as ocasiões e situações, que, mesmo com temor, enfrentaram as Irmãs, e, por extensão, a sociedade em que viviam. E, fizeram as suas reivindicações e publicizaram seus desejos e insatisfações, engendrando e articulando estratégias que lhes possibilitassem posteriormente a transformação das conformações sociais vigentes então.

Levando em consideração estes aspectos e perspectivas já mencionadas, o nosso problema de pesquisa centrou-se em compreender como aconteceu durante **o século XX a inserção social e o posicionamento social das ex-alunas dos Colégios das Irmãs Catarinas, especialmente no espaço social piauiense**. Para tanto, analisamos **o impacto que as Instituições Escolares Confessionais Católicas exerceram e vem exercendo sobre e na sociedade piauiense, desde a sua instalação (1906) - em inícios do século XX – até a década de 1970 (1973²)**.

As produções acadêmicas ou não, as quais se avolumaram nas últimas décadas do século passado e, continuam a proliferar em diversos espaços e níveis onde acontece a escrita histórica sobre o contexto do Piauí, nos dão ciência de que esta sociedade e, como parte constituinte desta, as mulheres, passou, sem dúvida, por transformações ao longo do século XX.

Mas, como estas mudanças foram concebidas? Que mulheres participaram ou empreenderam estas mudanças no Piauí? As instruídas ou as analfabetas? Foram conquistadas com pequenos ou grandes gestos, ações e comportamentos discretos ou chamativos das mulheres piauienses? Como os Colégios das Irmãs Catarinas participaram e/ou contribuíram para tais mudanças se processarem em nosso Estado? Estas são perguntas, dúvidas que não foram respondidas satisfatoriamente, e, portanto, mantêm encobertas situações históricas, cuja não compreensão pode nos levar a incorrer em visões generalizantes e incoerências históricas acerca dos acontecimentos históricos transcorridos durante o século XX em nosso Estado.

² No ano de 1973 os Colégios Confessionais Católicos adotam o regime de co-educação para os alunos que ingressavam nas séries iniciais do Curso Primário, mas os discentes que já estavam matriculados nas demais séries do Curso Primário e de outros Cursos oferecidos nos Colégios continuaram em classes constituídas unicamente por mulheres ou por homens.

Em nossa pesquisa utilizamos como recorte temporal de 67 anos (de 1906 a 1973), os quais perpassam desde a primeira década do conturbado século XX chegando até o início dos anos de 1970, período este que se insere na “Era dos Extremos” (utilizando o termo celebrado por Eric Hobsbawm para definir o século passado), cujos acontecimentos e eventos transcorridos propiciaram segundo alguns de nossos contemporâneos, a certeza de que

(...) aquela promessa de progresso, liberdade e emancipação não se concretizou. O que prevalece é uma instabilidade permanente. Em outras palavras, nos dias de hoje, a única coisa que permanece é a mudança. E essa é uma crença basilar da pós-modernidade. (RIBEIRO, 2009, p. 03).

Assim, ao empreendermos a observação e análise dos fenômenos e ações sociais dos sujeitos históricos no contexto deste último século,

Faz-se necessária aqui uma nova concepção de tempo onde se complementem a permanência e a mudança, onde os acontecimentos do cotidiano se relacionem de forma intensa, complexa e complementar com as transformações de longa duração. (RIBEIRO, 2009, p. 02).

Tal postura nos assegura, ainda que parcialmente, perceber como se deram os processos de transformações históricas e sociais que geraram as conformações atuais (século XXI) e, também, nos favorece não incorrer nos equívocos das generalizações totalizantes que nos impedem de perceber, além das similaridades históricas, as particularidades e especificidades contidas no processo histórico decorrido em diferentes espaços e tempos sociais.

Nesta perspectiva a compreensão e a motivação dos acontecimentos históricos, bem como as (trans) formações dos arranjos sociais e culturais, e, as acomodações destes à realidade piauiense, devem ser observados e analisados, partindo-se do pressuposto de que todos os acontecimentos sociais e históricos locais encontram-se inter-relacionados com os contextos nacionais e mundiais.

Considerando, ainda, que nossa pesquisa (conforme a delimitamos até o presente momento) se inscreve nas fronteiras de diferentes áreas de conhecimento e, que Educação e Religião integram os aportes culturais que dão sustentabilidade aos organismos sociais contemporâneos. E, nesta ótica

(...) a cultura é vista como os significados que o homem foi construindo em sua trajetória cotidiana e histórica. Esses significados, criados pelo homem, sustentarão seus movimentos mais ousados, como também representarão suas amarras. Assim é a cultura, incansavelmente preme de projetos e de mutações; e, paradoxalmente, esta mesma cultura, que agrega as aspirações do homem, o aprisiona e o controla, (...)

Apesar de a cultura expressar o padrão, a normalidade de um determinado grupo, isso não exclui a particularidade dos sujeitos que se encontram enredados nesta teia de significados. O homem em sua particularidade, apesar de pertencer a essa trama geral, não se confunde com ela, daí a necessidade de, além de reconhecer esse universo cultural “sem sangue”, voltar o olhar para a enorme diversidade do comportamento humano (...) a cultura, nesta perspectiva passa a ser o índice norteador das ações do homem, aí incluídos os sentimentos, os afetos, os gestos e tudo que o constitui como humano. Nessa direção a subjetividade feminina, por ter sido forjada no interior das diversas instâncias culturais, carrega consigo as marcas do tempo e do espaço em que foram urdidas, assim como expressa o proibido e o permitido, o dito e o silenciado, o aprendido e o esquecido. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 36).

Então, para cumprir nossos objetivos de pesquisa e comprovar nossa tese, concentramos nossa pesquisa na área da História das Instituições Escolares Confessionais e nos apoiamos nos **referenciais teórico-metodológicos emanados da História Cultural e da Sociologia Histórica**, o que nos possibilitou utilizar **diferenciadas fontes históricas, dentre as quais estão: documentais, hemerográficas, iconográficas e relatos (escritos e orais) das ex-alunas** dos Colégios das Irmãs Catarinas de Teresina e Parnaíba (Piauí), o que nos possibilitou perceber as composições sociais, os elementos culturais que se transformaram e/ou foram alterados para que ocorresse mudanças nos papéis sociais e comportamentos, principalmente, os femininos, ao longo deste último século na sociedade piauiense.

Assim, as páginas que se seguem e que ora apresentamos à Banca Examinadora do Curso de Doutorado em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, expomos os resultados da referida pesquisa e que confirmam a nossa **tese de que os Colégios Católicos tiveram participação decisiva no processo de reconfiguração dos papéis sociais, especialmente os femininos, porque apresentaram e representaram para as mulheres (mesmo para as que não fizeram parte de seu alunado) a possibilidade de uma formação intelectual e profissional levou a ampliação e diversificação da inserção e atuação social destas, antes restrita ao ambiente doméstico e aos papéis de esposa e mãe.**

E, acreditamos que fomos capazes de confirmar que, sob o aparente silêncio, respeito e manutenção da configuração social vigente no Piauí as mulheres, que vivenciaram de alguma forma a realidade dos Colégios das Irmãs Catarinas, manifestaram formas de

insubordinação e produziram estratégias que, por vezes, desembocaram na transformação (em geral lenta, mas progressiva) da ordem social.

Estas mulheres, aparentemente, cumpridoras e mantenedoras de uma ordem social que secundarizava a participação social feminina, contribuíram sem estardalhaços e, de forma decisiva, para a alteração da posição e papéis sociais das mulheres na sociedade piauiense fazendo, progressivamente, com que esta sociedade aceitasse, no decorrer do século XX, a mulher atuar nos espaços públicos, para além da função de professora primária, atuando como profissional liberal (médica, advogada, economista, arquiteta, assistente social, etc.) e outras atividades na administração pública.

E, apesar de estas mulheres terem empreendido muitas transformações nos papéis sociais, não se alijaram de “dons” e “vocações” femininas da religiosidade, maternagem, docilidade, família e do casamento, ainda presentes em seu cotidiano e resultante dos anos de formação intelectual, social e religiosa adquiridas nas escolas confessionais católicas.

Organizamos os resultados de pesquisa, além dos princípios norteadores teórico-metodológicos utilizados para historiar os Colégios das Irmãs e a sociedade piauiense no século XX, no trabalho ao qual demos o título de **“EDUCAR CRIANÇAS E JOVENS À LUZ DA FÉ E CULTURA”**³ e organizamos em cinco capítulos.

O primeiro, ao qual nomeamos de **“IN HOC SIGNO VINCES” – SOB ESTE SINAL VENCERÁS**, nos dedicamos a apresentar o itinerário da pesquisa, apontando como se deu a constituição do objeto e objetivos desta pesquisa, bem como os fundamentos teóricos e metodológicos que forneceram os suportes científico-acadêmicos para o desenvolvimento da mesma.

No capítulo seguinte, **“ORDEM E PROGRESSO”**, apresentamos a figuração social presente no Piauí que permitiu o surgimento e manutenção dos Colégios Católicos por mais de um século e com a distinção social das mulheres egressas de suas salas de aula. Para isto delineamos panorama histórico-cultural da educação na sociedade piauiense, demonstrando o processo de constituição do sistema escolar piauiense, e, apontando, como a sociedade piauiense se (re) inventa no período republicano a partir da apropriação dos ideais

³ Esta frase *“Educar Crianças e Jovens à Luz da Fé e Cultura”* consta no material de divulgação do processo seletivo para admissão de novos alunos no Colégio em Teresina, ano de 2009, e visa sintetizar os princípios da pedagogia savianiana adotada no Colégio das Irmãs Catarinas.

democrático-republicanos e dos discursos que defendiam a Educação como via de mudanças sociais e econômicas rápidas e para a obtenção do progresso.

Demonstramos, ainda, que neste cenário de (trans)formações sociais, estava presente a Igreja Católica, que passava pelo processo de Romanização em todo o país, e que incentivava a instalação de novas dioceses e colégios católicos como parte deste projeto de reordenamento político-administrativo e religioso da Santa Sé, cujos ordenamentos, em 1906, rendem ao Piauí a criação e instalação: da Diocese no Estado, dos Colégios Católicos diferenciados por sexo em Teresina e Parnaíba, do Seminário Diocesano em Teresina, do Jornal O Apostolo, entre outras ações da Igreja que visavam manter uma relação profícua e tranqüila com a sociedade laica piauiense.

Em **“EVOLUINDO, REFORMULANDO-SE E REAFIRMANDO-SE”**, o terceiro capítulo, apontamos as interfaces entre a História dos Colégios das Irmãs e a História das mulheres piauienses no decorrer do século XX, oferecendo subsídios para demonstrar que os Colégios das Irmãs atuaram como “formador intelectual, humano, social e religioso” no território piauiense. Para tanto analisamos aspectos integrantes da cultura escolar presente nas instituições savinianas no Piauí, por isso, abordamos os princípios da Pedagogia Saviniana, apresentamos as quatro escolas dirigidas pelas Irmãs Catarinas – Colégio Sagrado Coração de Jesus, Colégio Nossa Senhora das Graças, Escola Santa Inês e Escola São José – com os cursos, currículos, práticas pedagógicas, normas e rotina adotadas nestas. Neste capítulo, dedicamos especial atenção as atividades religiosas e de filantropia praticadas pelas religiosas catarinas e suas alunas.

No quarto capítulo, **“TRADIÇÃO E QUALIDADE DESDE OS PRIMEIROS CURSOS”** mostramos como aconteceu a inserção social dos Colégios das Irmãs na sociedade piauiense e o reconhecimento que obtiveram junto a esta, a ponto de manterem, ao longo de sua existência centenária, a posição de “escolas de tradição e qualidade” e de desfrutar, na visão das ex-alunas, de lugar inatingível por outras instituições de ensino. Além do fato de serem percebidos pela sociedade local como parte do patrimônio histórico, cultural e arquitetônico do Piauí, tanto que recebiam doações financeiras e materiais de entidades governamentais e de particulares.

No quinto e último capítulo, **“CEM ANOS DE HISTÓRIAS, CEM ANOS DE VITÓRIAS DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ”**, reunimos e reorganizamos fragmentos de histórias de vida e memórias de ex-alunas dos Colégios das Irmãs, com a pretensão de que, por meio dos recortes das memórias de nossas entrevistadas, possamos apreender e significar as experiências destas mulheres, hoje senhoras, que verbalizaram e

compartilharam suas vivências como alunas dos Colégios e como egressas destas instituições de ensino. E, acima de tudo, conhecer as mulheres, os sujeitos, os indivíduos, pessoas, que viveram um processo e um momento histórico o qual lhes imprimiu marcas sociais e emocionais, mas que, também, elas impuseram suas marcas a estes tempos e lugares sociais e históricos nos quais se constituíram agentes sociais, enfim, mulheres do século XX.

Ao expormos os resultados de nossa pesquisa acreditamos que possamos contribuir para identificação das sutilezas presentes na conformação social piauiense presente no contexto histórico do século XX, e, assim, oferecer a ampliação do repertório de interpretações e compreensões acerca do papel da educação no processo histórico de (trans) formação dos papéis e comportamentos dos sujeitos sociais.

*É o olhar que faz a História.
No coração de qualquer relato histórico há a
vontade de saber.*

Michelle Perrot, 2005

1 “IN HOC SIGNO VINCES” – SOB ESTE SINAL VENCERÁS⁴

o itinerário da pesquisa

A ambição de todos os profissionais da História – que se dedicam quer seja à pesquisa, quer seja ao ensino, ou a ambas as atividades, fundamentando o desenvolvimento destas na “reflexão e reconstrução da experiência humana” (FONSECA, 2003, p.30) – é que seus esforços resultem na conexão entre o ocorrido e o atual, ou seja, que seus trabalhos tenham a competência para articular e conectar “os acontecimentos passados com a atualidade” (LEÃO, 2007, p. 13) e fazê-los inteligíveis aos seres humanos que são contemporâneos daquela produção científico-acadêmica.

E, igualmente, aos demais profissionais que se aventuram na seara da produção e difusão da ciência História, pretendemos que nossos esforços resultem na compreensão das experiências humanas inscritas num tempo e espaço determinados, as quais têm repercussões na configuração social contemporânea e, a partir da obtenção de tal entendimento sejamos capazes de (con) viver melhor em sociedade.

Ao emitirmos tal afirmação que se traveste, também, em expressão de uma vontade profissional, estamos corroborando com a posição assumida por Fonseca (2003), ao afirmar que

Concebemos história como o estudo da experiência humana no passado e no presente. A história busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, através do tempo e do espaço. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como um constante processo de transformação; um processo que assume formas muito diferenciadas e que é produto das ações dos próprios homens. O estudo da história é fundamental para perceber o movimento e a diversidade, possibilidade de comparações entre grupos e sociedades nos diversos tempos e espaços. Por isso, a história ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e também do mundo em que gostaríamos de viver. (FONSECA, 2003, p.40)

Enquanto profissional da História, para realizarmos (ou nos aproximarmos o máximo possível de nossas pretensões acadêmico-profissionais) é imprescindível empreender, adequadamente, as escolhas de pesquisa, as quais devem se fundamentar e se guiar por alguns

⁴ A frase em latim “*In Hoc Signo Vinctes*”, que traduzida para o português significa “*Sob este sinal vencerás*”, está no pórtico da entrada principal do Colégio Nossa Senhora das Graças, o Colégio das Irmãs em Parnaíba.

referenciais, assim “o exame das fontes e dos métodos de pesquisa histórica há que ser feito considerando as tradições, os domínios e as conexões dos estudos da referida disciplina com outras áreas do conhecimento e a periodização histórica do objeto.” (RODRIGUES, 2008b, p. 435)

Em face da existência desta necessidade prática inerente a pesquisa histórica (e das exigências acadêmico-institucionais) construímos este capítulo, cujo objetivo principal é informar, didaticamente, sobre o objeto de pesquisa, objetivos e os fundamentos teórico-metodológicos norteadores de nosso trabalho sobre o passado da sociedade piauiense, e, por extensão, nordestina e brasileira.

1.1 “Escola de Vida, Cheia de Graças”⁵: o objeto da pesquisa

Dentre as muitas possibilidades de objetos de estudo que se configuram no campo da História da Educação, figuram os estudos sobre as Instituições Escolares Confessionais Católicas. Estudos estes que têm se avolumado nos últimos anos e gerado uma produção científico-acadêmica crescente⁶ em outras regiões do país, mas que no Piauí, ainda, estão se definindo como espaços de pesquisa.

Tal afirmação se pauta em levantamento bibliográfico empreendido durante os Cursos de Mestrado em Educação (UFPI) e de Doutorado em Educação Brasileira (UFC), onde se fez a revisão da literatura produzida sobre as Instituições Escolares Confessionais Católicas no Estado do Piauí e constatou-se que, embora, muitos trabalhos mencionem a existência das escolas confessionais católicas em nosso Estado, nenhum – até a conclusão de nossa dissertação de mestrado e publicação de alguns artigos – deteve-se em estudar a constituição ou mesmo a inserção social destas instituições de ensino em nossa sociedade.

⁵ Esta frase é o título da carta escrita pela Madre Maria do Socorro Fortes (ex-aluna dos Colégios das Irmãs), atual superiora geral da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, em 2007 parabenizando o Colégio Nossa Senhora das Graças (Colégio das Irmãs de Parnaíba) pelo centenário da existência e funcionamento em Parnaíba. A carta foi publicada em maio do mesmo ano na Edição Especial da Revista Raios de Luz – revista dos alunos do Colégio Nossa Senhora das Graças (Parnaíba), nas páginas 04 e 05.

⁶ Para empreender tal afirmação observamos a produção acadêmica divulgada, por meio de publicações (eletrônicas e impressas) da ANPED, SBHE e do HISTEDBR, além das publicações do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, dentre outras produções, que tem como objeto de estudo Instituições Escolares Confessionais Católicas.

Compreendemos que esta lacuna – a História das Instituições Escolares Confessionais Católicas no Piauí – necessita ser preenchida, pois entendemos que o estudo destas instituições a partir de uma perspectiva analítica e mais abrangente, a qual busca inserir a instituição de ensino confessional no contexto sócio-político e econômico em que esta se constituiu e onde engendrou permanências e, por vezes, transformações, ampliará o nosso entendimento dos processos e relações sociais e culturais que se forjaram em nosso Estado no decorrer do século XX.

Corroboramos com nosso entendimento Magalhães (2004) que afirma que ao estudarmos as instituições de ensino devemos inseri-las no quadro mais amplo do sistema educacional, e, também, no contexto e nas circunstâncias históricas nas quais se inscrevem suas ações não só pedagógicas, mas, também, sociais, políticas e culturais. Posto que, “esquadrinhando os dispositivos escolares de transmissão de saberes e de moldagem de afetos e das inteligências” (CAMARGO, 2000, p. 09) dos quais estas instituições foram cenário social e, ao mesmo tempo, atores sociais, nos permitirá compreender as motivações e posturas da sociedade piauiense em relação às Instituições Escolares Confessionais a qual reserva e expressa reverência, exaltação, distinção social aos egressos destes Colégios, reservando-lhes “honrarias sociais” e reconhecimento profissional, além de “permitir” a estes egressos divulgar, introjetar, reproduzir e reforçar socialmente os valores, opiniões, posturas e crenças aprendidas e apreendidas nos tempos e nos espaços dos Colégios.

É importante lembrar que a fundação e a manutenção dos Colégios Confessionais, no cenário espacial e social piauiense, em meados do século XX, se fez por meio da ação direta da Diocese com auxílio de várias Congregações Religiosas, principalmente, da Congregação da Companhia de Jesus (Jesuítas), Congregação Franciscana dos Capuchinhos (Capuchinhos) e a da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena (Catarinas). Esta ação da recém criada Diocese do Piauí dão cumprimento aos grandes objetivos da Igreja Católica no Brasil em inícios daquele século, quais sejam: recatolicizar (romanizar) o povo católico, alinhando a Igreja Nacional com as diretrizes emanadas pelo Vaticano, e, inibir, combater, fazer recuar o processo de laicização da sociedade brasileira (iniciado em 1889, após a Proclamação da República), especialmente, no sistema educacional público.

No Piauí, as escolas católicas foram organizadas de acordo com as orientações organizacionais das Congregações Religiosas presentes em nosso território, por isto cada Congregação se dedicou à educação de uma clientela diferente. Aos Jesuítas e Capuchinhos

coube a responsabilidade de educar a parcela masculina da elite piauiense, enquanto a parcela feminina da elite local ficou sob a tutela das Irmãs Catarinas.

Ante a impossibilidade de se estudar simultaneamente todo o processo histórico da constituição e consolidação da educação confessional católica piauiense, e, como profissional da História que deve proceder à seleção e escolhas do que estudar, onde estudar e como estudar os acontecimentos e atos humanos, para, a partir disto, conseguir vislumbrar o cumprimento dos objetivos do seu ofício. E, por isto mesmo, neste empreendimento,

o historiador renunciava a indeterminação do seu saber – o tempo – e, “fabricava” o seu próprio objeto de estudo através de uma operação que delimitava o período, o conjunto de acontecimentos a analisar, e os problemas a investigar. Por outro lado, para explicar, ele tinha igualmente de romper com a narração e com os seus pressupostos ontológicos que radicaria a “história historicizante”: a unicidade e a irreversibilidade do acontecimento. É que, se este fosse único em si mesmo, impossibilitava a tecitura de relações, pelo que o historiador precisava de conceptualizar os objetos do seu questionário, mas para os integrar em redes de significação, para os tomar, se não idênticos, pelo menos comparáveis dentro de uma ordem temporal. Ele tinha, ainda, de “inventar” uma base documental adequada à sua problemática. Só a partir desta, os traços se poderiam transformar em documentos e em fontes de informações, passíveis de ser sintetizáveis em outro constructo da operação historiográfica: o fato histórico. (CATROGA, 2005, p. 23)

Então, mesmo com a intenção de estudar a História das Instituições Escolares Confessionais Católicas no Piauí, diante das variadas especificidades que existe dentre os conjuntos de instituições escolares confessionais presentes no Piauí durante o século XX, e, considerando, tais orientações e os objetivos do ofício do profissional da História, e nos sendo inviável analisar, nesta pesquisa, todas as instituições confessionais católicas brasileiras, e nem mesmo as piauienses, destinadas a educação das mulheres no século XX, procedemos a delimitações de nosso objeto de estudo.

Em primeiro lugar, se fez necessário definir qual o conjunto destas instituições abordaríamos em nossa pesquisa, se as dedicada à educação dos meninos e rapazes, se as dedicada à formação das meninas e moças.

Optamos, neste estudo, por empreender a análise destas últimas, ou seja, os Colégios Confessionais Católicos destinados a educar as mulheres. E, restringindo entre estes, nossos esforços de pesquisa aos Colégios dirigidos pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, são eles: Colégio Sagrado Coração de Jesus (Teresina) – CSCJ e Colégio Nossa Senhora das Graças (Parnaíba) – CNSG, os quais são, popularmente, conhecidos como

Colégio das Irmãs, dando assim, continuidade as pesquisas iniciadas durante o Curso de Mestrado.

Ao circunscrever nossa pesquisa em torno dos Colégios Confessionais Católicos dirigidos pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena e que se ocuparam da educação das mulheres piauienses, durante o século XX, nos pautamos em dois fatores basicamente.

O primeiro é o fato de que os Colégios das Irmãs Catarinas em Teresina e Parnaíba, serem as únicas instituições de ensino confessional existentes em território piauiense que, em pouco mais de um século de existência⁷, funcionam de forma ininterrupta, sob a administração da mesma Congregação e tendo, sempre, como diretoras pessoas que integram o clero católico, as freiras catarinas. E, dentre as Instituições Escolares Confessionais piauienses voltadas para a educação do gênero feminino, estes Colégios são os que têm maior longevidade, e, conseqüentemente, participaram direta ou indiretamente das conformações e transformações sociais, políticas, culturais e econômicas das quais o Piauí foi palco no último século.

Embora haja outros Colégios católicos centenários de nosso Estado, tais como Colégio São Francisco de Sales (Colégio Diocesano de Teresina) e Colégio São Luiz Gonzaga (Colégio Diocesano de Parnaíba) que se dedicaram a educação dos homens e tiveram suas atividades educativas interrompidas em diferentes períodos, chegando a serem fechados por alguns anos, além de ter mudado de administração, sendo o último estadualizado. Enquanto, o Instituto Dom Barreto (Teresina), fundado na década de 1940 pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado visando à educação feminina, em 1983 passou a ser administrado por leigos tendo como diretor o professor Marcílio Flávio Rangel de Farias.

E, o segundo fator que nos levou a escolha deste objeto de estudo se pauta no entendimento de que a continuidade dos estudos sobre a temática da Educação Confessional Católica, a partir da análise dos espaços sócio-educativos constituídos pelos Colégios das Irmãs Catarinas na sociedade piauiense, “permite-nos, (...), demarcar possibilidades de aprofundamento e verticalização de estudos em campos nos quais já possuímos um razoável acúmulo de pesquisas.” (FARIA FILHO, 2003, p. 91) possibilitando-nos divisar novas perspectivas de análise, além de novos questionamentos sobre a configuração social presente

⁷ A Congregação das Irmãs Catarinas fundou seu primeiro Colégio no Piauí em outubro de 1906 na cidade de Teresina, em junho do ano seguinte fundou o segundo Colégio na cidade de Parnaíba. Desde 1973 até a atualidade, os dois Colégios funcionam em regime de co-educação, ou seja, atendem a alunos de ambos os sexos.

no Piauí e no cenário nacional no “acidentado terreno do século XX” (HOBSBAWN, 2002, p. 21); por conta da familiaridade com este objeto de estudo, da apropriação de leituras sobre história da educação confessional católica no Brasil, de certa habilidade desenvolvida no trato com as fontes históricas disponíveis, bem como o acesso a estas.

Assim, ante o explicitado anteriormente, apresentamos como objeto de estudo histórico desta pesquisa: os Colégios das Irmãs Catarinas – ou, como comumente os piauienses os denominam, os “Colégios das Irmãs” – nas cidades de Teresina e Parnaíba, no período de 1906 a 1973.

Delimitando nosso objeto histórico e de estudo nestas especificações, acreditamos estar empreendendo duas das atribuições pertinentes ao “fazer do historiador”, conforme define Le Goff (2008), quais sejam: a construção de um fato histórico e a definição de períodos históricos.

Para construção dos Colégios das Irmãs, enquanto objeto histórico, partimos do fato de que “a escola, como lugar social, local de trabalho, espaço de conflitos, de formas culturais de resistência, exerce um papel fundamental na formação da consciência histórica dos cidadãos.” (FONSECA, 2003, p.70), e que – independentemente do lugar geográfico, tempo e sociedade no qual existe – é uma “ponte” entre o macro-social (que é a sociedade) e o micro-social (que é o indivíduo) e, por isto, comporta, revela, encobre, fomenta, expressa relações e interesses da realidade social. Acreditamos que

[...] o estabelecimento escolar, mesmo provido de uma autonomia relativa, permanece, assim mesmo, parte de um todo mais amplo, a instituição. Esta goza de uma autoridade e de uma legitimidade sociais. Ele exerce um poder. Sua natureza é jurídica e, finalmente, ainda mais simbólica que funcional. Ela se exprime através de um fazer social-histórico que postula uma dialética do instituído e do instituinte. Seu sentido, acima dos programas, é sempre aquele de um projeto-visado. As finalidades políticas, mesmo subjacentes, cujos objetivos tronar-se-ão traduções estratégicas, evocam uma intencionalidade predominantemente coletiva, mas além disso, a assunção das implicações diversificadas dos atores levará ao estabelecimento de uma ponte entre o macrocosmo dos sociólogos o microcosmo dos psicólogos. A história está no próprio cerne de tais processos. O reconhecimento das relações de força e de interesses de classe dá a essa representação da realidade social um caráter naturalmente polêmico (conflitos sociais). [...]

Enfim, o estabelecimento escolar é um lugar de vida, uma comunidade que reúne um conjunto de pessoas e de grupos em interação recíproca. As relações que vivido coletivo tece no decorrer das situações sucessivas estão inscritas numa duração, carregadas de história (e de “histórias” que estabelecem uma contenda entre os protagonistas) e se encontram mesmo assim determinadas mais pela dinâmica das pulsões inconscientes e da vida afetiva, pela ação dos fenômenos transferenciais e contra-transferenciais, pelas incidências das implicações que têm nos papéis ou nas associações, pelo peso próprio das estruturas psíquicas, pelo viéses específicos que decorrem das bagagens intelectuais de uns e de outros do que pela lógica de um

sistema que pretende dividir funções e estabelecer tarefas para bem conduzir missões. (ARDOINO, 1998, p. 34 -35)

Nesta perspectiva, os Colégios das Irmãs no Piauí tomados enquanto objeto histórico se revela como um “sujeito histórico”⁸ sobre o qual se volverá um olhar crítico, perscrutativo, analítico, mas, que, também, o reconhecerá como “sujeito” produtor e produzido em determinado tempo e contexto histórico, e que tem uma experiência, vivenciada num interstício temporal, da qual emana posturas, valores, preceitos, comportamentos, etc.

O estudo da experiência histórica dos Colégios das Irmãs nos proporciona acesso a farto e diversificado material que permite compreender as (com) posições e (re) configurações sociais e estruturais dos diferentes sujeitos histórico na sociedade piauiense. E, sabendo que

(...), o objeto a investigar devia ser abordado, não como uma série de acontecimentos unidos por um sujeito, um suporte, mas como um sistema, comumente definido por um conjunto de relações, racionais e interdependentes (causalidade estrutural), cuja realidade seria demonstrável através de uma teoria. (CATROGA, 2005, p. 25).

Concebemos o nosso objeto de estudo, conforme esta perspectiva, e, ao analisar a educação feminina praticada nas escolas confessionais católicas em território piauiense, buscamos estabelecer a relação desta com as demais concepções e práticas educativas vigentes no restante do território nacional e na Europa, além de demonstrar que tal projeto educacional não destoava do padrão internacional (ocidental) de formação feminina.

E, que as decorrentes mudanças sociais empreendidas e vivenciadas pelas mulheres piauienses escolarizadas, no século XX, integram o rearranjo social em curso em todo mundo ocidental e, por ser integrante de um processo e de uma totalidade social presente em determinado contexto histórico vigente então, por isto mesmo, podem ser tomadas como elementos (que se analisado em toda a sua complexidade) para exemplificação e compreensão

⁸ Definimos e empregamos o termo “sujeito histórico”, seguindo a concepção formulada por Scott (1998, p. 320) que afirma: “sujeitos são, de fato, agentes. Eles não são indivíduos unificados, autônomos, exercendo a vontade livre, mas sim sujeitos cuja atuação é constituída através de situações e status, que lhes é conferido. Ser um sujeito significa ser sujeito para definir condições de existência, condições de atributos e condições de exercício. Essas condições permitem escolhas, muito embora elas não sejam ilimitadas. Sujeitos são constituídos discursivamente e experiência é um acontecimento lingüístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significado. Uma vez que o discurso é por definição compartilhado, a experiência é coletiva, bem como individual [...]. Experiência é a história de um sujeito.”

de tal contexto. Uma vez que os processos sociais – conforme explicou Elias (2006, p. 31) – estão

no contínuo entrelaçamento de sensações, pensamentos e ações de diversos seres humanos singulares e de grupos humanos, assim como no curso da natureza não-humana. Dessa interdependência contínua resultam permanentemente transformações de longa duração na convivência social, que nenhum ser humano planejou e que decerto também ninguém antes previu.

Ao voltar “nosso olhar” deste modo para os Colégios das Irmãs, acreditamos que as informações colhidas sobre esta instituição escolar e, por extensão, social, e as análises tecidas sobre a História dos Colégios

são como a ponta de um *iceberg* que aflora e que permite cristalizar algo e atingir outras questões que não se revelam a um primeiro olhar. Ele é o elemento que não só permite pensar o todo como, inclusive, possibilita elevar a escala de interpretação a um plano mais amplo e distante, para além do espaço e do tempo, pensando na circularidade cultural ou na difusão dos traços e significados produzidos pelos homens em todas as épocas. (PESAVENTO, 2008, p. 73)

E, por conta da longevidade temporal, os Colégios das Irmãs (sobre) viveram diferentes momentos históricos do século XX que refletiram, espelharam, provocaram, fomentaram a permanência e/ou a alteração – simultâneas ou não – nestas instituições e nas estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas, etc. do Piauí. Enfim, os Colégios participaram direta e indiretamente dos processos sociais⁹ que alteraram de forma ampla e contínua figuras sociais direcionando-as a ascensão ou ao declínio o que originou rupturas e inovações no *corpus* social no qual se estão inseridos.

Assim, a análise em longa duração histórica, perpassando as diferentes fases/momentos da institucionalização e consolidação dos Colégios Católicos no território piauiense permite-nos observar as homologias estruturais e funcionais invariáveis presentes na sociedade ocidental, bem como as singularidades de cada momento histórico da configuração social piauiense, o que nos possibilita delinear e visualizar as permanências e

⁹ Entendemos aqui processos sociais a partir da formulação elaborada por Elias (2006, p.27-28) para quem “o conceito de processo social refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral, não aquém de três gerações – de *figurações* formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Um delas tem, geralmente, o caráter de uma ascensão, a outra o caráter de um declínio. [...] Processos sociais mais longos permitem reconhecer freqüentemente e de modo bastante claro a ruptura de um estágio do processo para outro mediante um decisivo deslocamento de poder.”

alterações na instituição escolar, e, no espaço social na qual esta se inseriu, de modo a buscar a inferir as motivações para as manutenções e as mudanças a partir das interações entre instituição e sociedade e vice-versa em cada momento histórico.

Lembremos, aqui, a reflexão feita por Faria Filho ao estudar as escolas e o processo de escolarização em Minas Gerais e que, se guardada as devidas proporções e especificidades espaço-temporais, se aplica à realidade piauiense, posto que

(...), a configuração e a difusão da instituição escolar no mundo moderno realizam-se, também, pela crescente ampliação da influência desta para muito além dos muros da escola. O fenômeno da escolarização, entendido em seu sentido mais amplo, somente pode ser plenamente dimensionado e razoavelmente entendido se levarmos em conta um tempo relativamente longo, como, por exemplo, os últimos séculos na sociedade brasileira. É nesse tempo mais longo que podemos perceber com mais precisão, com mais clareza, os múltiplos significados e os diversos fatores intervenientes da radical mudança em nossa sociedade no que diz respeito à escola: de uma sociedade sem escolas no início do século XIX, chegamos ao início do XXI com a quase totalidade de nossas crianças na escola.(FARIA FILHO, 2003, p. 78 – 79)

Mas, devido a esta existência centenária, para estudarmos a História dos Colégios das Irmãs, nos incorre a necessidade de promover a “periodização” desta. Contudo, “como historiador, herdo uma periodização, modelada pelo passado – mas devo também me interrogar sobre esses cortes artificiais do tempo, às vezes nocivos à boa percepção dos fenômenos”. (LE GOFF, 2008, p. 54).

Cientes de que “a história transcorre de modo contínuo.” (LE GOFF, 2008, p. 54), mas este contínuo comporta em si

uma série de mudanças – que freqüentemente não são simultâneas – delimitam evoluções. Quando um certo número dessas mudanças afeta domínios tão diferentes como a economia, os costumes, a política ou as ciências; quando essas trocas acabam por interagir umas sobre as outras até constituir um sistema, ou, em todo caso uma paisagem nova, então, sim, podemos falar de uma mudança de período. Nenhuma troca, porém, tem como referencia uma única data, um único fato, um único lugar, num único domínio de atividade humana. (LE GOFF, 2008, p. 54-55)

E, que na prática, ao procedermos ao estudo de um evento histórico, faz-se necessário organizar de forma racional e funcional os acontecimentos dentro de um período temporal, constituindo-se deste modo a necessidade do profissional da história construir uma periodização. Contudo,

a periodização enfrenta o desafio de escapar da clausura os fatos sucedidos em limites cronológicos. Mais difícil ainda, porém, é evitar a separação em períodos. Assim o é porque a história também é conhecimento dos referidos fatos, razão pela qual, sendo pensamento, tem começo, meio e fim. Os períodos assim entendidos, pertencem, antes ao mundo do conhecimento que ao mundo dos fatos (...). (RODRIGUES, 2008b, p.439).

E, tomando o raciocínio de Le Goff (2008) por base, percebemos que a periodização recorrentemente utilizada na Historiografia Educacional piauiense tem como marcos/referenciais balizadores eventos políticos que transcorreram fora do espaço geográfico-social piauiense, os quais não são demarcadores temporais plenamente adequados à realidade educacional do Piauí que, em geral, não acompanha as mudanças, de forma concomitante, no cenário político local e nacional.

Então, para produzirmos uma periodização da História dos Colégios das Irmãs, optamos por considerar como referências delimitadoras de segmentação temporal: a organização e a rotina interna destas instituições, bem como a articulação e acomodação destas as mudanças e exigências da sociedade que a abriga. Sendo assim tomamos:

- a) O gênero dos discentes atendidos nos Colégios;
- b) Os tipos de cursos e níveis de ensino ofertados nos Colégios.

E a partir destas duas referências, dividimos o percurso temporal da existência histórico-social dos Colégios em dois grandes períodos históricos. Quais sejam:

- a) **1º período histórico:** de 1906 a 1973; e
- b) **2º período histórico:** 1974 aos dias atuais

Sendo que o primeiro inicia-se com a fundação do primeiro Colégio, em Teresina, em 1906, e se encerra em 1973, quando os Colégios começam a adotar, progressivamente, o regime da co-educação; neste primeiro momento de sua História, os Colégios atendem exclusivamente o gênero feminino e os cursos que são ofertados nestes estabelecimentos são implantados paulatinamente no decorrer deste período.

Enquanto, o segundo período começa no ano de 1974 e se estende aos dias atuais; nestes últimos anos, os Colégios aceitam e ofertam o ensino para os dois gêneros e adotam plenamente regime da co-educação (classes mistas) e tem o rol de cursos e níveis ofertados consolidados.

Esta periodização, “responde às necessidades de um ensino escolar e universitário em expansão. Esse ensino tem necessidade de datas, de quadros, de balizas. Quer-se estruturar (...)” (LE GOFF, 2008, p. 63–64). Estruturação que a pesquisa histórica, também, carece

utilizar para que possa sistematizar seus resultados de pesquisa, compará-los a outras situações históricas, perceber as rupturas, as ordenações sociais vigentes, enfim, reconhecer que a cada período histórico existe uma forma diferente de experienciar, vivenciar, sentir, forjar, construir o cotidiano humano.

Nesta pesquisa, restringimos os nossos estudos ao primeiro período da História dos Colégios das Irmãs, ou seja, de 1906 a 1973. Esta escolha orienta-se em função de nosso objetivo de pesquisa, cujo cumprimento resultará na identificação da participação dos Colégios na reconfiguração social do Piauí, tomando como elemento de análise e comparação a condição social feminina, desnudando as continuidades, modificações, reordenações, alterações que nesta processou-se durante o século XX.

Sendo assim, a construção de nosso objeto de estudo se direcionou pela crença de que a tarefa do historiador não é apenas apresentar uma situação histórica e, sim, fornecer argumentos, informações e dados portadores de credibilidade que possam levar-nos a compreender os processos complexos e mutáveis de (re) elaboração e (re) construção de identidades sociais e culturais nos diferentes momentos históricos. Ou seja, acreditamos que seja

possível para os historiadores tornar visível a tarefa das posições-do-sujeito, não no sentido de capturar a realidade dos objetos vistos, mas de tentar compreender as operações dos processos discursivos complexos e mutáveis pelas quais identidades são afirmadas, resistidas ou acatadas, e cujos processos não são marcantes e, na verdade, atingem seus efeitos porque não são notados. (SCOTT, 1998, p. 318 – 319)

e agem sutilmente no decorrer de um processo histórico.

Numa perspectiva mais abrangente, ambicionamos que os estudos e pesquisas que desenvolvemos sobre a História da Educação piauiense possam contribuir para se desnudar e compreender de forma crítico-analítica – conforme preconizou Faria Filho (2003, p.77)

(...) de uma parte, as várias implicações da escolarização, apreendidas estas a partir de uma história cultural que quer lidar com as práticas e representações dos sujeitos envolvidos neste fenômeno. De outra parte, temos nos preocupado em estabelecer as feições tomadas por este fenômeno em momentos específicos de nossa história a partir dos estudos das culturas escolares. Pretendemos, desse modo, desenvolver estudos que possibilitem que os momentos e dimensões universalizantes da escolarização fecundem aqueles outros, particulares e específicos, das culturas escolares e vice-versa.

Desta feita, o estudo dos Colégios das Irmãs nos propiciará desvendar algumas das matrizes e matizes da sociedade piauiense contemporânea. Uma vez que estas instituições participaram e/ou se fizeram presentes – de variadas formas – a todos os momentos decisivos e importantes no Piauí no último século.

1.2 “A Tua Mão nos Conduz”¹⁰: os princípios norteadores teórico-metodológicos para historiar os Colégios das Irmãs e a sociedade piauiense

O trabalho de construção intelectual se configura na busca por atingir e comprovar certo objetivo em relação a uma temática de pesquisa, portanto, para elaboração de tal constructo, o pesquisador precisa se municiar e seguir os procedimentos metodológicos aceitos e reconhecidos pela área de saber na qual atua. Assim,

(...) a história como um todo, não é mais do que a realização de uma Idéia ínsita ao seu próprio evoluir. (...); o que obrigava o historiador a ter de percorrer, em simultâneo, dois caminhos: o da investigação rigorosa e crítica do que aconteceu, e o da síntese do campo explorado, apreendida através da intuição de tudo o que não se pudesse alcançar por outros meios. Apelava, assim, para o papel criador da “imaginação histórica”, modo de dizer que o conhecimento do passado também é uma poética. (CATROGA, 2005, p. 13)

Em outras palavras, o que Catroga (2005) denominou de “imaginação histórica”, preferimos nomear de “interpretação histórica” – fundamentando-nos nos princípios basilares da História Cultural – a qual, não se esquivando dos recursos inerentes a poética, revela a necessidade de o profissional da História ter a capacidade de “imaginar” articulações plausíveis e possíveis entre os eventos/acontecimentos e sujeitos históricos estudados, utilizando-se para tanto das informações obtidas/emitidas a partir de diferentes fontes/documentos e da cientificidade, e, por que não, da imaginação e da poesia/metáforas, que lhe permita estabelecer e esclarecer interrelações e interconexões existentes entre os diferentes componentes do momento e eventos históricos analisados.

De qualquer modo, é indiscutível que, em termos paradigmáticos – isto é, de adesão a um conjunto de idéias, valores e modos de proceder por parte de uma comunidade específica (os historiadores) –, a consolidação da crença na autonomia epistêmica da

¹⁰ Esta frase é o segundo verso do refrão do Hino do Colégio Nossa Senhora das Graças (Parnaíba), intitulado Colégio Amigo e tem letra e música de José Acácio Santana. O refrão na íntegra tem a seguinte redação: “Colégio Nossa Senhora das Graças, a tua mão nos conduz. A cada ano que passa, mais o teu brilho reluz.”

historiografia, a sua institucionalização e inserção no sistema educativo, assim como a sua gradual profissionalização e especialização, somente se concretizam, de um modo mais significativo e continuado, no decurso do Oitocentos. (CATROGA, 2005, p. 11).

Tendo em mente estes aspectos inerentes à produção do saber histórico e para o desenvolvimento satisfatório do ofício do profissional da História, e, tendo de seleccionar dentre os vários paradigmas científico-metodológicos existentes aquele que mais se aproxima de nossas aspirações e convicções individuais e que podem nos guiar no cumprimento de nossas pretensões de pesquisa, posto que, estamos tentando estabelecer as interfaces e pontos de inflexão entre Educação, História, e Religião.

Então, para cumprir nossos objetivos de pesquisa e comprovar nossa tese, concentramos nossa pesquisa no campo de estudos da História da Educação e, dentro deste exploramos a História das Instituições Escolares Confessionais.

O campo de pesquisa ao qual temos nos dedicado é um dos que mais cresceu na última década no Brasil, diversificando e enriquecendo os aportes teóricos, os objetos produzidos, bem como as fontes sobre as quais temos nos debruçado. Para este movimento, tanto contribuiu o refinamento do diálogo com a história cultural e social quanto as inúmeras ocasiões de encontros e debates criadas e estabelecidas na área (...) (FARIA FILHO, 2003, p. 91)

Lembrando, ainda, que acreditamos que, ao estudar um fato, um evento do passado humano, o profissional da História o presentifica, pois o “reconstrói”, o reconta para que este se torne inteligível e adquira sentido para aqueles humanos que não vivenciaram tal acontecimento. Por isto, “(...) compreender e/ou explicar o passado será sempre introduzir sentidos (retrospectivos) no atomismo caótico dos acontecimentos.” (CATROGA, 2005, p. 13 - 14), então, ao procedermos a análise e interpretação de um evento histórico, simultaneamente, efetivamos para nossos contemporâneos a “atualização” e significação de tal acontecimento histórico.

Tomando esta premissa da produção do conhecimento histórico, a definição dos referenciais teóricos que embasarão as análises e nortearão a interpretação das informações coletadas são de suma importância. Porque, foi, tomando por base estes referenciais que definimos as técnicas de pesquisas adotadas, a seleção das fontes utilizadas na pesquisa, o estabelecimento de categorias de análise e interpretação de dados, etc., enfim os caminhos de nossa pesquisa. Pois, conforme afirma Certeau (1982, p. 66),

é apenas a teoria que articula uma prática, a saber, a teoria que por um lado abre as práticas para o espaço de uma sociedade e, que, por outro, organiza procedimentos próprios de uma disciplina. Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos de análise* (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte “da realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática.

Assim, para traçar o quadro teórico-metodológico que nos serviu de aporte no desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente definimos o significado que teria a Educação em nosso trabalho e, para tanto recorremos a autores como Lopes (2002) e Magalhães (2004) que enfatizam que o processo educacional se constitui e deve ser entendido como um componente do processo social, portanto,

educação é um conceito historicamente produzido (construído), porque se refere a um aspecto da prática social que é também historicamente produzida. Passamos, então, a adotar, em nossa pesquisa, a perspectiva de que a História da Educação deve ser estudada não apenas partindo-se dos fatos educacionais em si (SILVA, 2007, p.23),

mas, estes têm de ser estudados a partir e dentro do contexto histórico-social no qual se inserem e foram produzidos, para que se produza uma análise histórico-educacional que dê conta de gerar a compreensão da realidade social num dado momento histórico, produzindo desta forma conhecimento que contribui para o entendimento das atuais estruturas sócio-culturais vivenciadas num dado contexto de uma sociedade específica.

Ao definirmos Educação como componente do processo social, vinculamos, também, nossa pesquisa ao campo da História Cultural e da Sociologia Histórica, posto que escolhemos empreender o estudo de um objeto de forma que este resulte no “estudo da dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada” (BARROS, 2004, p. 56) e busque evidenciar os mecanismos e atores sociais envolvidos no processo de produção, reprodução e transformação desta sociedade.

A História Cultural, embora já seja lugar comum fazer tal afirmação, é uma continuidade teórico-metodológicas resultante dos empreendimentos historiográficos iniciados pelos pioneiros dos Annales franceses, e destes se apropria e expande a capacidade de empreender da

(...) ultrapassagem dos limites da “história historicizante”, à conseqüente renovação do conceito de documento, à defesa de práticas interdisciplinares, à valorização da causalidade estrutural, e ao cariz construtivista das categorias temporais com que o historiador trabalha, (...). O relevo dado à problematização vinha reforçar a idéia que o conhecimento histórico é um saber mediato, devendo a teoria desempenhar o papel motor na “construção” e interpretação dos traços, em ordem a transformá-los em documentos e, a partir destes, inferir fatos históricos. (...), a realidade social teria de ser socialmente explicada e/ou compreendida, único caminho que levaria a história à “ciência do homem no tempo” (...). (CATROGA, 2005, p. 21)

Fundamentando-nos nesta argumentação produzida por Catroga (2005), a articulação da postura teórico-metodológica da História Cultural francesa com a Sociologia Histórica de Norbert Elias, nos proporcionou a obtenção da compreensão dos eventos históricos analisados de forma a relacioná-los a outros espaços sociais e delinear/delimitar as inter-relações existentes entre os diversos grupamentos humanos, levando-nos a identificar e compreender as similaridades e divergências existentes entre grupos contemporâneos, bem como as permanências e mudanças presentes nas configurações sociais estudadas.

A História Cultural nos fundamenta na medida em que possibilitou a retomada de antigos objetos de estudo a partir de outras perspectivas, as quais propiciam interpretações fundamentadas em novas fontes e incorporando novas categorias de análise histórica (como por exemplo: Cultura Escolar, Práticas Culturais, Cidades, Crianças, Mulheres, etc.) e, também, porque “a História da Educação, como campo temático de investigação, não tem fronteiras a definir com a História Cultural. Antes, utiliza seus procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos, bem como muitos objetos de investigação.” (FONSECA, 2004, p. 03)

Compreendemos, ainda, que “o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar. A ênfase em ‘culturas’ inteiras oferece uma saída para a atual fragmentação da disciplina em especialista [...]” (BURKE, 2005, p. 08), nos habilitando a estabelecer interrelações, conexões e confluências entre a instituição escolar e a sociedade o que nos possibilita “extravasar o mundo da escola, para o enfrentamento de outras dimensões dos processos e das práticas educativas, nas quais pudessem estar envolvidos [...]” (FONSECA, 2004, p. 07) comunidades e/ou indivíduos denotando e demarcando os conflitos sociais e culturais presentes no cotidiano escolar.

Além do fato de que com nossa pesquisa buscamos apontar os critérios adotados pela sociedade piauiense para validar socialmente os Colégios das Irmãs e seus egressos a ponto de ampliar as oportunidades de mobilidade social para estes. Então, entender o quê os

Colégios das Irmãs simbolizam e como são percebidos no Piauí como integrante do patrimônio social e histórico-cultural piauiense e não restrito apenas ao lugar de instituição escolar, também, nos é facilitado pela História Cultural em virtude de sua “preocupação com o simbólico e suas interpretações.” (BURKE, 2005, p. 10)

Ao nos habilitar a realizar interpretações acerca da realidade histórico-social, a História Cultural, ainda nos permitiu recorrer ao uso dos conceitos de *papel social* e *espaço social*, os quais nos possibilitou demonstrar que o comportamento social dos piauienses – igualmente aos demais seres humanos – está vinculado à cultura e, portanto são passíveis de serem historicizado e compreendido a partir de e inserido em determinado contexto histórico.

Assim, utilizamos o termo *espaço social* em nossa pesquisa quando nos referimos ao *lugar social* em que os Colégios se instalaram, atuaram e atuam enquanto integrante de uma figuração social, assim este termo também pode ser entendido como a *figuração social* definida por Elias (2006). Preferimos, no entanto, algumas vezes utilizar o termo *espaço social* ao nos referirmos ao Piauí, porque em nossa pesquisa não pudemos restringir as reverberações das ações dos Colégios das Irmãs exclusivamente ao espaço geográfico piauiense uma vez que em diversas situações as ações dos Colégios ultrapassaram as fronteiras geográficas do Piauí. O termo *espaço social*, em nossa percepção, traduz a concepção de que o lugar geográfico é dotado de sentido e historicidade, além de ser o “mundo” onde se desenrola as ações sociais das pessoas comuns fazendo com que estas vivenciem sua sociedade, experienciem sua sociedade e apreendam os significados e comportamentos desejáveis a figuração social vigente.

Enquanto o conceito de *papel social* nos apontou o que era “definido com base nos padrões ou normas de comportamento que se esperam daquele que ocupa determinada posição na estrutura social” (BURKE, 2002, p. 71). E, em nossa análise histórica, pudemos perceber o que e o por quê se esperava que os Colégios ensinassem às mulheres que lá estavam matriculadas serem esposas e mães educadas e fiéis a Igreja Católica e a pátria brasileira a fim de serem preceptoras confiáveis que educariam as crianças (os novos fiéis católicos e cidadãos brasileiros); e, também, como estas mulheres fizeram usos variados dos ensinamentos recebidos e foram alterando os seus papéis e posição na sociedade piauiense, mesmo ainda preservando comportamentos tradicionais. Pois, ao mesmo tempo em que este conceito nos apontou quais são as “expectativas socialmente definidas” para cada sujeito histórico nos mostrou também que os “os indivíduos concebem e assumem papéis sociais no decurso de um processo de interação social” (GIDDENS, 2004, p. 29) e que neste processo

pode acontecer a alteração destas expectativas e dos comportamentos o que resultará na definição de novos papéis, uma vez que os seres humanos não são sujeitos passivos e no desenrolar dos processos sociais podem alterar continuamente a forma de inserção no mundo social e participar ativamente da geração e formatação de novos papéis sociais. E, conseqüentemente, o conceito de *papel social* nos levou a “considerar como maior seriedade as formas de comportamento que, via de regra, vêm sendo discutidas em termos individuais ou morais, e não sociais (...).”(BURKE, 2002, p. 72),

Ao adotarmos a História Cultural como pressuposto teórico-metodológico nesta produção acadêmica temos ciência da necessidade de articular, de forma clara e precisa, o diálogo entre as fontes, métodos e teoria da História para que possamos demonstrar, empiricamente, a validação das afirmações que ora tecemos a respeito da importância e respaldo social dos Colégios das Irmãs no cenário social piauiense.

No entanto, temos como objeto de estudo Instituições Escolares, e mesmo que nos sirvamos da História Cultural para delimitar a área do saber historiográfico no qual buscamos nossos aportes teóricos metodológicos para nossas interpretações históricas, nos foi preciso, ainda, recorrer a fundamentações oriundas das produções acadêmico-científicas inseridas na linha da História das Instituições Escolares.

Nesta busca, nos foram úteis as produções de Gatti Júnior (2005; 2002), por ter nos orientado a desenvolver pesquisas sobre as instituições escolares tendo como “fio condutor” das análises “a apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte...” (2002, p. 30). Ratificando, mais uma vez, as afirmações de Magalhães (2004, p 133-134) para quem

compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição, (...), é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência.

Ou seja, apontar, relacionar e inquirir as múltiplas e multifacetadas determinações da realidade social que incidem na instituição escolar, a qual se (re) constrói, continuamente, num processo socialmente elaborado pelos sujeitos históricos que vivenciam determinado

tempo e contexto cultural, a partir do qual engendram significações e sentidos, motivações e justificativas para as suas práticas e escolhas cotidianas.

Assim sendo,

nós podemos caracterizar os elementos básicos constitutivos da instituição escolar para efeitos de sua reconstrução histórica.

Justino Pereira de Magalhães (2004, pp. 133-169) propõe um esquema figurativo das instituições escolares envolvendo três aspectos: a materialidade (o instituído), a representação (a institucionalização) e a apropriação (a instituição).

Interpretando livremente o esquema, é possível considerar que, por materialidade, se está entendendo a escola instalada (o instituído) em sua visibilidade mais imediata, envolvendo as condições físicas no seu aspecto arquitetônico (o prédio) com seus equipamentos, incluído o material didático, e sua estrutura organizacional. Seria, digamos, a materialidade-contínua, ou seja, o suporte físico das práticas educativas.

A representação traduziria o sentido atribuído ao papel desempenhado pela instituição escolar, envolvendo a tradição (memórias), a bibliografia selecionada, a prefiguração (planejamento) das ações, os modelos pedagógicos, os estatutos, o currículo e a disposição dos agentes encarregados do funcionamento institucional. Seria, por assim dizer, a materialidade-conteúdo enquanto antecipação ideal daquilo que deverá constituir a atividade própria da instituição.

A apropriação, por sua vez, corresponderia à materialidade-conteúdo em ato, compreendendo as práticas pedagógicas propriamente ditas mediante as quais se realizam as aprendizagens entendidas como incorporação do ideário pedagógico, definindo-se a identidade dos sujeitos e da instituição e seus respectivos destinos de vida.

[...]. Assim, será necessário, na análise das instituições, correlacioná-las com as condições sociais nas quais emergiram segundo contextos histórico-geográficos determinados. Levando isso em conta, um eixo importante de articulação das análises será dado pelo público-alvo. [...]. A busca de informações sobre o alunado será, pois, um elemento importante na reconstrução histórica das instituições escolares, uma vez que, além de ajudar na definição do perfil institucional, trará, também, indicações importantes sobre sua relevância social. (SAVIANI, 2007, p. 24-25)

Por isto ao construir o registro da história dos Colégios das Irmãs no Piauí, analisamos: as diretrizes pedagógicas adotadas pelos Colégios e que se fundamentam na “Pedagogia Savianiana”, aspectos dos currículos e das práticas pedagógicas vigentes nas duas instituições, as normas de conduta impostas às educandas, os diferentes tipos de festas e ações de caridade das quais as alunas tomavam parte, bem como a arquitetura das escolas e as formas de intervenção da sociedade civil no cotidiano destas instituições seja por meio de doações financeiras seja pela participação nos eventos que transcorriam no interior destas. E, ainda, recorreremos às memórias das ex-alunas para identificar a “incorporação do ideário” das catarinas pelo alunado, além do respaldo social, ou melhor, a relevância social da ação educativa savianiana para o Piauí.

Nosso objeto de estudo são Instituições Escolares destinadas à educação das mulheres. Educação que incentivou e permitiu, em grande medida, às mulheres escolarizadas extrapolar o espaço privado e ocupar, gradativamente, os espaços públicos de diferentes formas. Mas, como isto aconteceu na sociedade brasileira, nordestina e piauiense?

Tal questionamento nos foi possível responder, ou argumentar com as fontes, quando conhecemos como se constituiu o sujeito histórico mulher no mundo Ocidental, e, por isto, inserimos em nossos referenciais estudos sobre a História das Mulheres. Uma vez que

a história das mulheres e das relações entre os sexos coloca de maneira muito feliz a questão da permanência e da mudança, da modernidade e da ação, das rupturas e das continuidades, do invariante e da historicidade. (...) Objeto de pesquisas preciosas e necessárias, (...). Ela interroga a linguagem e as estruturas do relato, as relações do sujeito e do objeto, da cultura e da natureza, do público e do privado. Ela coloca em questão as divisões disciplinares e as maneiras de pensar. (PERROT, 2005, p. 25-26)

Assim, nesta perspectiva, estudar a história a partir dos sujeitos históricos femininos é estudar, também, os demais sujeitos históricos (homens, crianças, adolescentes, idosos, etc.) porque mulheres (em qualquer tempo histórico que vivência suas experiências) são sujeitos sociais e históricos e como tais não vivem socialmente isoladas (podem viver segregadas socialmente, econômica, cultural, sexual, etc.) e, sim integradas e interagindo com outros sujeitos e com estes estabelecem (inter)relações, conexões, influenciam e são influenciadas, mas mantêm e desconstruem ordenamentos sociais, reproduzem e produzem novas e velhas relações/dependências sociais.

Enfim, mulheres agem, atuam, se movimentam histórica e socialmente e, nunca sozinhas. São ações, atos, decisões, posturas construídas, pensadas, empreendidas dentro de uma configuração social e histórica que (des) favorecem as movimentações sócio-culturais destes sujeitos em parceria (consentida ou não) com outros sujeitos que integram o mesmo contexto.

Distinguir as vivências e experiências históricas das mulheres inscritas num tempo e lugar social como um fato histórico, que tece relações e inter-relaciona-se com um contexto social mais amplo, tem como consequência (direta e imediata) o reconhecimento da existência de diferentes indivíduos históricos os quais vivem e convivem num determinado espaço e tempo social e que são, ao mesmo tempo, gerados e geradores destes e, com isto, por vezes,

agem como reprodutores ou sujeitos transformadores de uma determinada realidade histórica, mas que sempre se relacionam e vivem dentro dum contexto social específico.

Entendo que a história é da humanidade e não de homens e/ou mulheres, empreender a análise histórica tendo como foco as mulheres não reduz nem diminui o valor analítico, nem o “recorte” social do acontecimento analisado. É uma dentre as muitas opções que se fez nesta pesquisa para delimitação do objeto de estudo e da problemática a ser abordada, pois compreendemos que a história é constituída por teias de relações, inter-relações, interdependências, conforme explicita em seus trabalhos Norbert Elias. Não se pretende, nesta pesquisa, “dar voz” nem “lugar” às mulheres, afinal, mulheres são sujeitos históricos, e, como tal estão inseridas em um contexto histórico específico e detêm um lugar social determinado.

Neste aspecto, a pretensão desta pesquisa é focar o olhar historiográfico para as experiências históricas vivenciadas pelos atores sociais femininos, e, partindo da perspectiva feminina, observar os eventos a partir das posições sociais ocupadas pelas mulheres e das ações histórico-sociais empreendidas por estes indivíduos sociais em determinado contexto histórico. Enfim, dar visibilidade as experiências femininas ao longo da história nacional, nordestina e piauiense.

Até porque, nesta pesquisa duas Histórias se entrelaçam e se confundem e se complementam. A História das Instituições Educacionais Confessionais Católicas piauienses e centenárias (Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina e Colégio Nossa Senhora das Graças em Parnaíba, os Colégios das Irmãs), e, aspectos da História das Mulheres no Piauí, durante o século XX.

Por conta desta especificidade de nossa pesquisa, e ciente de as pesquisas sobre as práticas sociais serem inesgotáveis, posto que

[...] a exuberância, a abundância, a riqueza das práticas sociais proíbem concretamente sua análise clássica por meio da decomposição-redução. Esta é provavelmente uma das razões da reabilitação contemporânea do termo complexidade. (ARDOINO, 1998, p.26)

Ao se proceder a análise científica de um dado aspecto da realidade histórica, muitas vezes, na ânsia de exaurir todos os questionamentos pertinentes a certo objeto de estudo, os pesquisadores (sejam eles historiadores, filósofos, sociólogos, educadores, etc.) empreendem um reducionismo, uma simplificação das práticas sociais e históricas, não

considerando relevantes, para a análise que procedem, as variadas interconexões que existem entre as diferentes esferas e práticas sócio-culturais e os acontecimentos históricos que contribuem para (re) definição de uma experiência social e dos papéis sociais construídos – e por que não, autorizados a ser desempenhado e partilhado – para cada ser humano a partir do “lugar e espaço” que ocupam e ocuparão no intrincado *corpus social*.

Esquecemos que os sujeitos históricos, são, portanto resultantes da (re)combinação constante e conflitante de teias sócio-históricas ambíguas, mas, também, geradoras, destruidoras, acalentadoras, reforçadoras, transformadoras de práticas culturais, as quais só têm significado “real” para aqueles que compartilham em suas vivências cotidianas da elaboração deste significado.

Os sujeitos sociais (re)constroem, em suas relações, suas identidades sociais, e, estas registram “marcas” e “marcos” que refletem e (re) definem suas práticas sociais em todos os ambientes e espaços de (com) vivência. Partindo desta interpretação, para a compreensão e a definição de um fato, dentro de uma realidade histórica, se deve ter como ponto inicial da reflexão que

[...] encontrar a si mesmo intencionalmente na origem de certos atos, comportamentos, decisões, não poderia, em contrapartida, negar, suprimir, anular, fantasmática e magicamente, as origens mais longínquas das determinações e das influências anteriores (pais, professores, formadores), nem mesmo de outras formas de alterações naturalmente exercidas através das relações entre iguais. A autonomia, a independência, legitimamente almejadas, esperadas, além das primeiras opressões de dependência e de contra-dependência, não são nunca, nem por isso, autarquia, auto-suficiência, a não ser no imaginário. (ARDOINO, 1998, p. 29)

Em face esta complexidade dos processos sociais inerente a sociedade humana, buscamos apoio na Sociologia Histórica de Norbert Elias para compreender a figuração social a partir da análise da realidade histórico-social piauiense, e a inserção e manutenção dos Colégios nesta dita sociedade e suas conseqüências e repercussões sociais. Pois

Norbert Elias (...), buscou a compreensão da transformação dos comportamentos e das necessidades do controle e da proibição para o equilíbrio das forças que impulsionam os sistemas de relações sociais; superou a falsa dicotomia entre indivíduo e sociedade, ao comprovar os estreitos vínculos entre o processo civilizador individual, nos termos de um amadurecimento psicológico, e o processo civilizador social, nos termos de um alto nível de diferenciação e especialização das funções. (...) O processo de civilização é composto pelos fluxos e refluxos da história, que orienta a passos lentos tanto a formação das estruturas individuais quanto as ações sociais e sobretudo articula-se com a formação dos Estados nacionais. (LEÃO, 2007, p. 08-09)

Compreendemos, assim, que a construção do conhecimento histórico é tomada partindo-se de um evento, transcorrido dentro de um processo social e cultural, no qual agiram diferentes agentes motivados por múltiplos fatores. Revelá-los é o que se exige do historiador. Revelar a complexidade social, cultural, política, econômica, religiosa, etc., na qual se imiscuem os sujeitos históricos e seus atos.

E,

No campo dos estudos educacionais, o trabalho de Norbert Elias abre caminhos para a compreensão da formação do indivíduo e suas implicações com as apropriações dos objetos da cultura, (...). Também propicia a análise dos efeitos produzidos pelos bens simbólicos no espaço social e dos processos de interiorização dos constrangimentos que permitem o aprendizado da vida em grupo. Além do mais, a civilidade, conceito-chave na documentação normativa utilizada pelo sociólogo, vai se tornando uma pedagogia do comportamento privado e público ao combinar a aprendizagem das boas maneiras com as bases da instrução elementar, como a leitura e a ortografia. (LEÃO, 2007, p. 10)

Considerando que empreendemos uma análise histórica que perpassou diferentes fases/momentos indo da formação/constituição, consolidação e transformação dos Colégios, e, para pudermos observar as permanências estruturais e funcionais, além, das singularidades dos tempos históricos em que se inscrevem estes acontecimentos, ao utilizarmos a Sociologia Histórica pudemos visualizar as interações entre instituições escolares e sociedade piauiense, o que nos permitiu construir a “biografia social” da instituição educacional Colégio das Irmãs denotado, assim, que não existe separação real entre indivíduo (que neste caso é uma instituição social) e a sociedade que este se insere, convive e (re) estrutura cotidianamente.

Ao buscarmos construir esta biografia dos Colégios, acreditamos, estar valorizando “dimensões caras à análise histórica, como as temporalidades, as distinções e os conflitos sociais.” (FONSECA, 2004, p. 04), além de buscar compreender a instituição a partir do contexto histórico-social na qual estava inserido.

Ao proceder à análise do cotidiano histórico-social no qual os Colégios atuaram e atuam como produtos e produtores de uma ordenação social piauiense recorreremos à Sociologia elaborada por Norbert Elias (relacional e reflexiva, histórica e temporal) cuja recomendação é de

para se compreender alguém¹¹, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. (...) Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida.(...) Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante destes desejos.(ELIAS, 1995, p. 13)

E assim pudemos identificar que ao longo do percurso histórico-educacional seguido pelos Colégios estes se transformaram continuamente para se reafirmar enquanto instituição respeitada e respaldada socialmente. Algumas reformulações eram o atendimento das demandas externas a realidade escolar e por vezes, pautada na legislação educacional brasileira, como por exemplo, a contratação de professores leigos na década de 1920 e a adoção da co-educação na década de 1970; outras alterações eram promovidas em consequência da percepção das próprias Irmãs de que a escola precisava “acompanhar a modernidade”. Uma vez que “as configurações históricas não cessam de mudar, ainda que a tendência seja as pessoas irem se moldando umas às outras.” (LEÃO, 2007, p. 09).

Com tal perspectiva analítica nos foi possível sustentar (teoricamente) as compreensões de que a sociedade (macro-social) e o indivíduo (micro-social) piauienses enquanto partícipes do processo social (processo civilizatório) revelaram as estratégias de ordenamento e (re) construção da figuração social, e nesta os Colégios tomaram parte ativamente.

Para tanto, articulamos as noções de Elias de processo civilizatório/civilização, processos sociais, psicogênese, sociogênese, figuração e interdependência relacional. Passando a tomar a civilidade humana como sendo

uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos ou pulsões, ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e, eventualmente também sua reconfiguração sublimada. (...). O processo universal de civilização individual pertence tanto às condições de individualização do ser humano singular como às condições da vida social em comum dos seres humanos. (ELIAS, 2006, p 21)

Considerando esta perspectiva as

¹¹ Em nosso caso o alguém, ou melhor, o ator social são os Colégios das Irmãs Catarinas que como tal são dotados de historicidade e materialidade, além de “desejos” expressos em suas diferentes formas de portar-se e manifestar-se na sociedade que integra e interage.

práticas docentes, processos de escolarização, práticas educativas e idéias pedagógicas não podem ser pensadas em si nem somente em sua relação com o que podemos chamar de universo escolar, como uma instância autônoma. Estão impregnados da pluralidade de aspectos presentes nas relações estabelecidas cotidianamente entre grupos e indivíduos, o que obriga o historiador a considerar que, [...], elas só podem ser compreendidas neste movimento confluyente (FONSECA, 2004, p. 04)

de articulação entre micro e macro-social que é a da relação entre indivíduo e sociedade e vice-versa, relação esta que estabelece aos indivíduos agir “em conformidade com a posição que ocupava dentro da figuração total da sociedade” (ELIAS, 2006, p.86), denotando a existência de uma variedade de configurações existentes num mesmo campo social: “existem outros tipos de linhas de divisão social (...)” (ELIAS, 2006, p.71) além de poder, prestígio e status e que podem implicar em formas de desigualdade e mobilidade social.

Encontramos em Elias um referencial sólido e definido para análises do indivíduo e da sociedade piauienses em (re) construção durante o século XX. Os conceitos/noções formulados por este autor “podem muito bem ser utilizados como instrumentos de pesquisa empírica para qualquer situação, na medida em que o modo de se pensar “relacional” permite um maior manejo do historiador, ao adequar idéias datadas a épocas históricas.” (NORONHA; ROCHA, 2008, p. 55).

Uma vez que Elias

(...) busca compreender como os indivíduos, em dados períodos da história, situam-se nas cadeias sociais de interdependência dos acontecimentos relativas exclusivamente a tais períodos da história. A correspondência ou equivalência entre a estrutura da personalidade e as formas de organização social formadas por um grande número de indivíduos interdependentes são, antes de tudo, dinâmicas e, por isso, vão assumindo modelos na história. Interdependência não quer dizer harmonia, mas tensões e conflitos. Como bem observa Roger Chartier, o cerne da obra de Elias é a articulação entre as formas de diferenciação social, a estrutura do exercício do poder e a economia da personalidade. (LEÃO, 2007, p.29)

Assim, acreditamos que as intersecções e encontros teóricos da História Cultural francesa com a Sociologia Histórica de Elias nos permitiram analisar, com segurança, e, conseqüentemente, compreender o processo histórico que resultou na constituição das “cadeias de interdependência” social que se teceram em torno e a partir dos Colégios das Irmãs e, também, as permanências e alterações que se processaram durante o século XX no cenário social piauiense e brasileiro.

Contudo, não nos basta tão somente fundamentação teórica para empreender uma pesquisa histórica de qualidade e com resultados aceitáveis, é necessário, a combinação desta com um método de pesquisa que, segundo Catroga (2005, p. 23), pode ser tomado de empréstimo

os métodos usados nas diversas ciências poderiam coadjuvar a retrospectiva do historiador, desde que eles revelassem ser o caminho correcto – recorde-se que ‘método’ é, tão-só, caminho – para responder, de uma maneira proficiente, aos problemas colocados.

Então, como nosso objeto de estudo se inscreve no campo social, adotamos a metodologia da pesquisa qualitativa. E, dentre, o rol de tipos existentes de pesquisa qualitativa selecionamos a Pesquisa Histórica.

As estratégias de trabalho do profissional da História para produzir o conhecimento histórico são elaboradas e aperfeiçoadas a partir da articulação entre o referencial teórico e análise-interpretação das fontes (informações) sobre o fato histórico. E, da capacidade de desenvolver esta articulação depende a construção do conhecimento histórico, posto que tal conhecimento aborde “um conjunto de temas e (ou) problemas que constituem uma problemática praticamente inesgotável no seu todo” (FALCON, 2002, p. 11) uma vez que versam sobre a compreensão das diferentes sociedades humanas, desde as suas similaridades, passando por singularidades e rupturas até o irrompimento de constatações sobre as permanências e interligações de/entre certas práticas sociais ao longo dos diferentes tempos históricos.

Esta especificidade da Pesquisa Histórica é um processo de construção que se delinea desde que a História assumiu no cenário das Ciências, especificamente das Humanas, o posto de ciência autônoma e se consagrou como saber científico validado e elemento necessário ao ser humano para que este compreendesse as trajetórias de eventos e fatos que geraram as diferentes sociedades humanas, ou seja, por volta de fins do século XVIII e meados do século XIX.

É neste percurso de se constituir enquanto saber autônomo, que a História forjou os diferentes referenciais teóricos que lhe deram/dá suporte sólido para produzir o conhecimento cientificamente válido e de credibilidade. Uma vez que a História, enquanto

produto da prática do historiador não é a realidade histórica e, sim, “história, como conhecimento histórico”.¹² (FALCON, 2002, p. 28)

Nesta perspectiva, a Pesquisa Histórica é, segundo Falcon (2002, p. 27),

um conjunto de métodos e técnicas, relativos á investigação e crítica das fontes documentais, entendidos como procedimentos prévios e imprescindíveis à elaboração do discurso histórico como portador de conhecimento sobre uma “realidade” definida genericamente como “passado”. A condição de possibilidade deste conhecimento está fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da produção do discurso histórico. Tais pressupostos apresentam-se em termos de relações entre sujeito e objeto do conhecimento materializado no próprio discurso ou texto de história.

Sendo assim, empreender a Pesquisa Histórica é construir conhecimento histórico, que é a interpretação de um acontecimento num dado momento da existência de uma determinada sociedade humana, se servindo para tanto da análise das fontes históricas, análise esta que resultará na compreensão da realidade histórica na qual o acontecimento se deu. Então, podemos afirmar que parte dos avanços contemporâneos concernentes à Pesquisa Histórica se deve à ampliação do “instrumental metodológico para enfrentar o desafio de localizar e analisar amplos repertórios de fontes variadas” (PINSKY, 2006, p. 09)

Nesta seara da construção do conhecimento histórico, a capacidade de lidar habilmente com as diferentes fontes, nos diversos momentos que integram a Pesquisa (localizá-las, identificá-las, selecioná-las, analisá-las e interpretá-las), foi essencial ao profissional de História no desenvolvimento de suas atividades a contento, “pois delas depende a construção convincente de seu discurso” (PINSKY, 2006, p. 10) historiográfico com “resultados” cientificamente reconhecidos e aceitos.

Outro fator que consideramos relevante no processo de construção do conhecimento histórico tem haver com o próprio profissional da História, já que “os interesses dos historiadores variam no tempo e no espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais.” (PINSKY, 2006, p. 10)

Então, a Pesquisa Histórica se faz a partir de uma dualidade contraditória e complementar, posto que ao mesmo tempo em que exige do historiador rigor teórico-

¹² Para uma discussão mais detalhada e aprimorada sobre esta diferenciação entre a realidade histórica e o conhecimento histórico, ver a obra *Como se escreve a História* escrita pelo historiador francês Paul Veyne e publicada no Brasil pela Editora da Universidade de Brasília (1998).

metodológico propiciador de habilidade para lidar com as fontes e construir um conhecimento histórico atento ao rigor científico, este mesmo profissional não consegue se desvencilhar de suas “origens” o que interfere diretamente na forma de relacionar-se com o objeto histórico e de interpretar as fontes históricas.

E, conforme afirmou Catroga (2005, p. 17), somos “demasiadamente historiadores para dissimular a subjetividades em ação no seu próprio discurso” e, portanto, portadores e tradutores de uma historicidade que se manifesta em nossa produção do conhecimento histórico. Assim sendo, ao profissional da História (seja em qualquer das atividades próprias de seu ofício que esteja a desenvolver), “a relação intersubjetiva no desvelar do passado demanda a responsabilidade de se conceber projetos comprometidos com o outro e com o fazer histórico.” (FERREIRA; GROSSI, 2007, 0. 53), a fim de que a subjetividade inerente ao sujeito histórico que somos enquanto profissionais não se torne elemento que possa vir a descredenciar e desacreditar o conhecimento produzido a cerca do passado histórico.

Porque o objetivo do historiador nasce de uma necessidade do presente de compreender algo e para isto busca as “razões” deste algo nos acontecimentos passados, os interpretando e lhes dando sentido a partir de uma “ordenação”, inserção, compreensão de um contexto mais amplo e complexo que tem repercussões no presente, portanto, cabe ao historiador “[...] tornar histórico o que fora escondido da história.” (SCOTT, 1998, p. 299), pois o passado “[...] é constituído e continuamente reconstruído a partir de uma problemática do presente.” (SOUZA, s/d, p.16).

No desenvolvimento desta Pesquisa Histórica utilizamos as seguintes técnicas de pesquisa: revisão bibliográfica; análise de fontes primárias (corpus documental); e análises de Relatos Orais e Memórias de ex-alunas dos Colégios das Irmãs; Análise de iconografias.

Na revisão bibliográfica, analisamos livros, capítulos de livros, dissertações e teses que abordavam diretamente, ou não, a História da Educação, História das Instituições Escolares Católicas, Educação das mulheres e História da Igreja Católica (especialmente no que se refere ao processo de Romanização da Igreja Católica brasileira após a Proclamação da República) no que se refere ao contexto mundial e do Brasil no século XX, e, História do Piauí (principalmente estudos sobre sociedade, cultura, economia, processo de urbanização, formação do sistema escolar público e privado, constituição da Diocese, entre outros). O uso desta técnica nos possibilitou a ampliação de nossos conhecimentos sobre as

temáticas mencionadas, além da consolidação dos referenciais teóricos e os instrumentais utilizados na pesquisa.

Definimos como fontes primárias

- a) **Os documentos produzidos pelos Colégios das Irmãs**, tais como: fichas/prontuários das alunas, fichas de notas, estatutos e regras, regimento, currículo escolar, planejamentos, livros de matrícula, livros de atas, livros de inspeção federal, manuais de orações, dentre outros que estão disponíveis nas Secretarias dos Colégios das Irmãs;
- b) **Jornais**, entre os Jornais citamos Apostolo, periódico oficial da Diocese do Piauí que circulou de 1907 a 1912; A Praça, periódico que circulou na cidade de Parnaíba; O Tempo e O Piauí, periódico do Partido Republicano Piauiense, que circularam nas primeiras décadas do século XX;
- c) **Revistas**, especialmente as produzidas pelas alunas dos Colégios quais sejam Primícias Literárias dirigida pelas alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus e Raios de Luz do Grêmio Literário Savina Petrilli do Colégio Nossa Senhora das Graças. Além de outras publicações editadas no Piauí no século passado, tais como a Revista da Academia Piauiense de Letras, (Teresina), A Gleba (Parnaíba), A Voz do Estudante (Teresina), A Propaganda (Parnaíba) dentre outras;
- d) **Documentos oficiais dos Governos Estadual e Municipal** os quais se referem aos Colégios das Irmãs, abordando dentre outros temas a cessão de pessoal e materiais, doações e subvenções orçamentárias, revelam a relação destas Instituições com o poder governamental e constitui um corpus documental vasto;
- e) **Material escolar das ex-alunas**, cadernos de anotações, cadernos de memórias, livros didáticos¹³, revistas, etc.

A Análise deste corpus documental nos forneceu uma gama variada de informações sobre o contexto histórico-social e cultural do século XX e o discurso vigente na sociedade piauiense sobre modernidade, valores e princípios educacionais, modelos familiares e comportamentais defendidos e rejeitados, além do conhecimento relativo à rotina escolar dos Colégios.

¹³ Alguns exemplares de livros didáticos utilizados nos Colégios das Irmãs estão disponíveis nas Bibliotecas dos Colégios, na seção de Obras Raras, são livros de Canto Orfeônico, Fundamentos da Educação, Higiene Escolar, entre outros.

Ao trabalharmos a partir dos relatos orais e escritos de ex-alunas dos Colégios, tivemos acesso às memórias de diferentes sujeitos que viveram e conviveram nos espaços constituídos nos Colégios das Irmãs, detectamos a relação destes sujeitos com aquele espaço de formação educacional. Além, de evidenciarmos nas trajetórias de vida das ex-alunas, suas perspectivas ao ingressarem em suas carreiras profissionais, bem como, a inserção social destas, a preservação e denotação de aspectos relacionados à formação que receberam nas Escolas Católicas.

Os Colégios das Irmãs dispõem de grande acervo de fotos, imagens e documentários que retratam o cotidiano de suas atividades, especialmente aquelas que denominamos de extracurriculares, outro meio para obtenção das imagens foram as ex-alunas que dispõem de registros fotográficos de momentos que eram considerados singularmente importantes no decorrer de sua formação escolar nos Colégios das Irmãs. A análise dos registros iconográficos e imagéticos¹⁴ nos forneceu elementos sobre o cotidiano, vestuário, comportamento e, até mesmo, as formas de distinção que havia entre as alunas, o discurso e ordenações presentes e vigentes nos Colégios nas primeiras sete décadas do século XX, pois as imagens também estão repletas de discursos que devem ser lidos e interpretados.

Dispusemos, ainda, das placas de formatura que foram preservadas no Colégio das Irmãs de Parnaíba, as quais revelam além da relação nominal das alunas concludentes e o número significativo de concludentes, o local de nascimento das concludentes revelando que algumas alunas eram oriundas do Ceará, Maranhão e Pará, o grande apreço e respaldo social da instituição educacional na sociedade parnaibana e piauiense posto que as placas revelam que nas solenidades de conclusão acontecia a participação de autoridades civis e eclesiásticas. Tais imagens registradas nas placas de formatura revelaram, ainda, informações sobre o contexto econômico-social parnaibano do século XX.

Podemos, então, definir o quadro teórico em que se situa a nossa pesquisa, como sendo uma pesquisa de História da Educação, guiada pela Sociologia Histórica e embasada nos referenciais teórico-metodológicos da História Cultural para análise dos processos históricos os quais nortearam a constituição de nossas interpretações acerca da História das Instituições Escolares Confessionais Católicas no Piauí, enquanto nossa metodologia

¹⁴ Embora textos escritos e imagens se constituam em fontes primárias para esta pesquisa preferimos distingui-los em corpus documentais diferenciados, devido a diferença de natureza que constituem estes dois tipos de documentos, e, também, porque a forma de análise do documento iconográfico difere da utilizada para analisar o documento escrito

(qualitativa) foi a Pesquisa Histórica na qual as técnicas de análises bibliográficas, de documentos primários, de imagens, relatos orais e memórias de ex-alunas dos Colégios nos forneceram as informações necessárias para que pudéssemos tecer interpretações e compreender o cenário social piauiense vigente no transcorrer do século XX e assim construirmos a História dos Colégios das Irmãs, e, estudarmos de forma transversal a História das Mulheres piauienses.

O historiador cumpre tanto melhor a sua tarefa quanto mais profundamente compreende a humanidade, isto é, quanto mais se prende aos outros.

Fernando Catroga, 2005

2 “ORDEM E PROGRESSO”¹⁵

a (re) invenção da sociedade piauiense no período republicano

A República que se inicia no Brasil em 1889 definiu não somente o final da era monárquica enquanto sistema político nacional, mas, também, demarcou o início do aparecimento no cenário social das transformações – nos mais diferentes setores – que tomaram corpo e se consolidaram ao longo do século XX em nosso país: modernidade, democracia, cidadania, educação laica, urbanização, cientificismo, racionalismo, feminismo, etc.

Neste contexto de mudanças do sistema político-administrativo nacional – a transição da Monarquia para a República – repercutiu nos demais setores da vida social brasileira, nos discursos inflamados e no imaginário dos defensores e propagadores do novo regime político,

o suposto é que a República representava a modernidade que se instalava no país, tirando-o da “letargia da monarquia” ou da “barbárie da escravidão”. Uma verdadeira batalha simbólica é então travada, quando nomes, hinos, bandeiras, heróis e modelos são substituídos (ou alterados os seus significados), com o intuito de marcar a diferença. (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 27)

entre o velho simbolizado pela Monarquia e o novo associado à República.

Para os republicanos convictos ser moderno implicava em não impedir, sob nenhum pretexto ou argumento, a marcha da evolução humana para atingir a modernidade e o progresso técnico-científico, naquele momento histórico de transição e de reconstrução de conceitos e valores,

moderno tem o sentido do que é recente, do que se opõe a algo anterior, e tem um certo sentido de superioridade em relação ao mais velho, resultando este último sentido da perspectiva introduzida por Agostinho, segundo a qual a história é uma marcha evolutiva linear que tende para uma culminância, seguindo a história do ocidente, conforme uma interpretação, ou um conjunto de interpretações com esta perspectiva em comum. (RODRIGUES, 2008, p. 443)

¹⁵ A frase “Ordem e Progresso”, inscrita na Bandeira Nacional do Brasil, sintetizava o pensamento positivista o qual se difundia largamente pelos diferentes setores sociais no momento de transição do século XIX para o XX. O Positivismo, também, sintetizava e representava o pensamento racionalista-científico que dominou a mentalidade de praticamente todo o século XX, fato que não era restrito apenas aos intelectuais. Para maiores informações sobre o ideário positivista no Brasil ver obra de José Murilo de Carvalho (1990), A formação das almas: o imaginário da república no Brasil.

Contudo, mesmo nesta busca pela modernidade e pelo progresso, o Brasil ainda teve de conviver com problemas práticos que foram sendo arrolados desde o processo de independência política (1822), um deles é a questão do “ser brasileiro” e “ser cidadão” desta nação. Por isto, desde fins do século XIX, o país entrou numa corrida desenfreada para estabelecer um *habitus* nacional, mas, quando a monarquia foi destituída do poder carregou consigo os débeis aspectos de identidade nacional que então se forjavam no país e propiciavam uma identificação mínima entre os habitantes da Nação Brasil.

Lembremos que no processo histórico de formação das Nações contemporâneas ocidentais que se desenrola desde fins do século XVIII na Europa e América do Norte, conforme Hobsbawm¹⁶ (1990), o

*Habitus*¹⁷ nacional deve ser entendido como uma comunidade imaginada de sentidos e de sentimentos reconhecidos por um conjunto de indivíduos que se determinam reciprocamente em suas relações sociais e no modo pelo qual reagem diante de acontecimentos pessoais e impessoais. Cada comunidade nacional encontra seus modos de expressão característicos na língua e no pensamento, (...) A civilização funciona muito mais em termos de pertencimento a grupos ou a situações sociais concretas. (LEÃO, 2007, p. 24)

Na prática a modernidade apregoada pelos republicanos era travada pelo processo histórico nacional que não havia, ainda, conseguido superar as heranças e marcas de um passado colonial que durara mais de três séculos (1500 a 1822) – Brasil foi uma das últimas das colônias americanas a obter independência política, mesmo independente politicamente manteve os laços com a antiga metrópole e o sistema escravista, adotou como regime político a monarquia (a única das Américas) e na economia manteve-se como país agrário-exportador –, assim

era difícil a convivência entre o projeto republicano – que, recém-inaugurado em novembro de 1889, vendia uma imagem de modernidade – e a lembrança recente do sistema escravocrata, que levava à conformação de uma sociedade patriarcal, marcada pelas relações de ordem pessoal, violenta e na qual vigorava um profundo preconceito em relação ao trabalho braçal.” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p.11-12)

¹⁶ Para maiores informações sobre o processo de formação das Nações ocidentais e os nacionalismo ver a obra de Eric Hobsbawm, *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* (1990).

¹⁷ Segundo Leão (2007), fundamentada na produção sociológica de Elias, podemos definir como sendo o “*habitus social*, o elenco de disposições para o pensamento e a ação, que, herdadas ou adquiridas ao longo da formação de um indivíduo, acabam por tomar forma e expressão no trabalho adulto.” (p. 11)

Porém, apoiados no pensamento científico do século XIX que aportou no século XX, o Positivismo, o qual acaba, “(...), explícita ou implicitamente, por fazer apologia de valores, sejam os de um regime (República), da Mãe-pátria (França), do sonho do império colonial (Argélia), ou de um universalismo republicano que, no entanto, era mediado por uma visão francocêntrica e eurocêntrica do mundo.” (CATROGA, 2005, p.15-16). Pensamento este que se expandiu para além das fronteiras europeias, sob o prisma dos ideais de progresso, modernidade, cientificismo, racionalismo presentes nos escritos e ações pontuais dos pensadores (em geral europeus); e, de medidas administrativas e estatais adotadas por políticos adeptos do liberalismo e defensores capitalismo; através de seus dirigentes recém-convertidos ao republicanismo,

o Brasil entrava no novo século XX tão confiante como as demais nações: nada como imaginar que seria possível domesticar o futuro, prever e impedir flutuações. Sem dúvida esse é um tempo que apostou em verdades absolutas, em normas morais rígidas, na resolução de todos os imponderáveis, e fiou-se em modelos que distinguiam, de forma insofismável, o certo do errado. (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 14)

Para conseguir ingressar na era da civilidade, da modernidade, a qual “combina com avanço e – nesse caso – progresso. (...) Era essa face brilhante do teatro da modernidade que o Brasil pretendia acompanhar, já que não era possível tomar a dianteira.” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p.25), nossos líderes e intelectuais adotaram e passaram a difundir

(...), o discurso que articula escolarização e civilização. Tais idéias, marcadamente liberais e iluministas, funcionam como discurso fundador do campo educacional e pretendem mostrar a centralidade da educação escolar e da instrução na constituição da civilidade e, mais tarde, da ordem e do progresso. (FARIA FILHO, 2003, p. 81-82)

e, conseqüentemente, na transformação da realidade nacional por meio da educação de seus cidadãos, permitiria, assim, o ingresso da nação brasileira no seletivo grupo dos países importantes no cenário internacional.

Conquistar espaço e reconhecimento neste cenário confuso e de transformações que foi a passagem do século XIX para o século XX, implicava em conciliar civilização e modernidade com progresso técnico-científico e desenvolvimento sócio-econômico, era o grande desafio para o Brasil enquanto Nação e para suas unidades federadas, mas, a “modernidade que não podia esperar.” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p.09).

E, em sintonia com o que acontecia além de nossas fronteiras, posto que os dilemas e esperanças nacionais estivessem presentes de forma similar no cotidiano e pensamento das elites intelectuais e políticas piauienses, e que estas optavam, em geral, pelos mesmos arranjos sociais e soluções paliativas e/ou de continuidade para os problemas socioeconômicos adotados no restante do país. Tal aconteceu em relação à educação (entenda-se aqui a ampliação dos níveis de escolaridade da população brasileira e extinção do analfabetismo), que no Brasil foi eleita, ainda, nos fins do século XIX e ingressou na República, como sendo a via mais rápida para que as diferentes regiões do Brasil obtivessem o progresso econômico e pudessem, enfim, atingir o desenvolvimento social equitativo. Tal como é explicitado por Cordeiro (2006, p. 81)

os estudiosos da educação no Brasil reconhecem a debilidade do setor educacional no Império. Tanto o ensino católico quanto o laico oficial estavam desvinculados dos problemas da realidade nacional, visto que a Europa era tomada como modelo. Além disso, desde o passado colonial, a educação era privilégio das elites. Em momento algum a instrução do povo ocupou lugar de destaque (...). Essa situação, no entanto, não passou despercebida aos meios intelectuais brasileiros. Um forte debate em torno da questão educacional foi desencadeado nas últimas décadas do Império. Preocupadas com os problemas relativos ao crescimento econômico do país, à modernização da sociedade e ao progresso da nação, e profundamente insatisfeitas com a má formação intelectual e moral da população, as elites intelectual e moral da população, as elites intelectuais passaram a ver a educação como uma via de transformação social, uma chave para a solução de todos os problemas nacionais. E após a Proclamação da República em 1889 o debate sobre a educação ficou ainda mais intenso. Não havia, porém, um acordo quanto ao modelo educacional mais adequado.

No Piauí o embate entre a educação confessional e educação laica, existente no restante do país e do mundo ocidental, se repetiu a partir das configurações e arranjos sociais locais. E em nosso território, ávido por conquistar a modernidade e ser considerado um lugar de “pessoas civilizadas”, tal como no restante do Brasil, onde o poder público não dispunha de recursos e nem de vontade política que possibilitasse a efetivação da universalização do ensino (pelo menos em nível primário), o setor educacional (idealizado como condutor deste “processo civilizador”) se estruturou e “prosperou” também por conta de iniciativas de particulares organizados em grupos e sociedades auxiliadoras da instrução e das igrejas – principalmente a católica e a batista – que por ações governamentais propriamente ditas. Lembremos, ainda, que a educação básica (especialmente o ensino primário) enquanto objeto de preocupação e atuação do Estado brasileiro por meio de políticas públicas nacionais e específicas começou a ser estruturada a partir dos anos de 1930, pois

[...] até a criação do Ministério da Educação e Saúde (1930) por Getúlio Vargas, a regulamentação do ensino e por extensão das escolas, é de âmbito estadual, isto significava na prática que cada unidade da Federação editava e organizava de forma independente e desconexa das demais o seu sistema educativo.

Para efetivar tal administração os Diretores da Instrução Pública (cargo equivalente atualmente a de Secretário Estadual da Educação) e Governadores se pautavam, em geral, nos interesses de âmbito local e que, muitas vezes, implicava na adoção de ações e medidas pensadas, estruturadas e implantadas mediante a análise de um contexto restrito, a maioria circunscrita e delimitada por interesses intra-regionais e desvinculados de um planejamento a médio e longo prazo para área educacional.

Assim, é perceptível, as discrepâncias entre, por exemplo, os conteúdos curriculares adotadas e ministrados em séries ou níveis de ensino equivalentes entre Estados diferentes. Ou mesmo a necessidade de os alunos quando transferidos para escolas em outros Estados ter de realizar estudos de nivelamento, porque os estudos realizados na escola de origem eram considerados incompatíveis e/ou insuficientes quando confrontados com o da escola na qual havia sido matriculado.

Neste contexto podemos afirmar que o Governo Varguista, ao criar o Ministério da Educação e Cultura e começar a formular as bases da educação nacional, demonstrou “a necessidade e conveniência de que as medidas fossem tomadas em decorrência de um programa educacional mais amplo e, por tanto, que tivessem unidade de propósitos e uma seqüência bem determinada de legalização.” (RIBEIRO, 1998, p. 106-107) Não que a criação do Ministério tenha de pronto resultado nesta uniformização do ensino nacional, mas indica a capacidade e a vontade política e administrativa de se formular/pensar num projeto educacional nacional para médio e longo prazo, e implantá-lo em concordância com o “projeto de nação” e de desenvolvimento adotado para o Brasil. (SILVA, 2010, p. 07)

Assim, por conta deste contexto em que a educação é valorizada como instrumento principal de formação do indivíduo e da própria nação, diferentes grupos sócio-políticos piauienses e, nacionais – cada qual adotando um arcabouço ideológico-doutrinário adaptado a seus projetos de desenvolvimento – se enfrentam em busca de angariar mais adeptos para seu modelo de escolarização e, por conseguinte, obter o controle do processo de modernização da sociedade.

Na primeira metade do século XX é enfatizada de sobremaneira, as disputas entre liberais (em geral, ligados à Maçonaria) e a Igreja Católica e, entre esta e os protestantes, mas é interessante observar, por fim, que tantos os liberais (representantes do laicato civil), quanto os confessionais (seja os católicos seja os protestantes) “privilegiavam a educação dos setores mais abastados da população, pelo menos no âmbito do ensino formal. E que, apesar da diversidade das doutrinas e das práticas pedagógicas dos colégios, educar as elites brasileiras a partir de modelos importados para que elas civilizassem a nação era uma meta comum aos dois grupos religiosos.(CORDEIRO, 2006, p. 82) e aos leigos.

Então, a despeito de ser uma sociedade marcadamente de hábitos rurais, os piauienses passaram a buscar o progresso e, portanto, a valorizar e a adotar as estratégias de modernização correntes no mundo ocidental, entre estas a educação como via de desenvolvimento, e, foi deste modo que no século XX o Piauí viu ser ampliado e consolidado o seu sistema escolar. E, mesmo tendo escolas privadas, ou seja, que havia o pagamento de mensalidades e/ou anuidades para que os estudantes pudessem freqüentar as aulas, isto não causava estranheza, pois, estas

[...] apresentam-se como um traço característico da sociedade piauiense. Já no período colonial, por falta, ineficiência ou inadequação da escola oficial, surgiu o ensino alternativo. Primeiro foram as “escolas familiares” funcionando no espaço doméstico, com aulas ministradas por pessoas da família ou por mestres contratados com esse propósito. Depois, foram os colégios localizados nas cidades e vilas mais importantes da Província. (COSTA FILHO, 2006, p. 149)

E, neste contexto, os colégios confessionais, os católicos (na capital e na região Norte do Estado) e o batista (na região do extremo sul do Piauí), desde sua fundação passaram a gozar de grande prestígio junto às famílias piauienses, que se têm condições financeiras suficientes preferiam que seus filhos e filhas freqüentassem estas escolas, como alunos internos ou externos, em vez de matriculá-los nas escolas públicas. Fato este comprovado quando se fazia menção ao Colégio Diocesano de Teresina, geralmente usando frases do seguinte tipo “a obra tinha a glória de ser o primeiro estabelecimento de ensino secundário particular do Piauí, equiparado ao tradicional Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro” (COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES, s.d, p. 01).

A partir de fins do século XIX, sem dúvidas, a obtenção e oferta da educação são vistos como fator de civilização e progresso para os intelectuais e elites políticas nacionais e locais, fato este já constatado e comprovado por muitas produções que se avolumam no campo de estudos da História da Educação nacional e mundial.

Mas, como esta idéia se instala no pensamento das elites presentes no território piauiense? Como esta idéia é assumida e transformada em ações pelos diferentes grupos sociais piauienses?

Tais questionamentos têm sua razão de ser no fato de que “(...) o jogo da civilização pode ter regras fixas, mas suas rotas não são predeterminadas; definem-se pelo aprendizado e pela assimilação, nem sempre conscientes ou voluntários, de todos esses esquemas do

comportamento.” (LEÃO, 2007, p.22). Assim, embora, no Piauí, também, tenha se defendido a educação como via de acesso e obtenção do progresso e desenvolvimento, as formas, estratégias e mecanismos que foram utilizados em nosso Estado para que este indicador se tornasse evidência da civilidade e progresso aqui presentes, guarda particularidades e especificidades construídas ao longo de nosso processo histórico de configuração social, bem como, apresenta similaridades com os processos de institucionalização escolar desenrolados em outros lugares.

Tomando como ponto de partida os elementos de análise até aqui elencados, podemos dizer que em termos educacionais, o século XX representa para a sociedade piauiense a

transição de uma sociedade não escolarizada para uma escolarizada, a tensão desta recai sobre a totalidade do social, não deixando intocada nenhuma de suas diversas dimensões. Tal tensão pode ser percebida não apenas naquilo que toca diretamente à escola e ao seu entorno, mas naquilo que de mais profundo há na cultura e nos processos sociais como um todo: das formas de comunicação às formas de constituição dos sujeitos, passando pelas inevitáveis dimensões materiais garantidoras da vida humana e de sua reprodução, tudo isto modifica-se, mesmo que lentamente, sob o impacto da escolarização. O reconhecimento do fato que a escola produz a sociedade, de que a escolarização tem um impacto direto ou indireto no conjunto da vida social, ou, (...), que a cultura escolar é uma autêntica e original cultura produzida pela escola, nada disso pode nos levar, no entanto, ao entendimento de que a escola o faz independentemente da sociedade na qual está inserida. A escola é tanto produtora quanto produto da sociedade como um todo. O que importa estudar, em última estância, é como este fenômeno se dá em suas múltiplas facetas em tempos e espaços determinados. (FARIA FILHO, 2003, p. 81)

Sendo assim, a sociedade piauiense se reinventou no período republicano a partir da apropriação e difusão da educação, e, se apropriou dos ideais da modernidade, e, também, das práticas de sociabilidades que denotavam civilidade, o que transformou algumas de suas práticas cotidianas e conferiram uma maior complexidade as teias de redes sociais, mas, tudo isso, mantendo, é “claro, a continuidade daquela velha prática do passado de sentar-se à porta e falar da vida alheia.” (QUEIROZ, 2003, p. 333), cuja persistência indica as permanências das sociabilidades sertanejas herdadas do passado agro-pastoril piauiense.

2.1 A constituição do sistema escolar piauiense: um processo ao longo de três séculos

A proposição de implantar escolas na área territorial piauiense data do século XVIII, como medida integrante da ação jesuítica desenvolvida na região. No entanto, nos períodos anteriores ao século XX, conforme atestam Costa Filho (2006), Ferro (1996) e Mendes (2001), o Estado do Piauí vivenciou algumas iniciativas de estruturação e difusão do aparelho educacional, contudo, estes intentos acabaram por diluir-se em questões práticas, como o reduzido número de alunos matriculados nas escolas devido à população piauiense ser rarefeita e ruralizada, a falta de pessoal qualificado para atuar como regentes das classes, dentre outros que se constituíram como entraves ao desenvolvimento da educação piauiense até princípios do século XX.

Apesar dos esforços governamentais e particulares envidados para formação e funcionamento da rede escolar piauiense, é, a partir da primeira década do século XX, que as ações educacionais no Piauí se tornam mais evidente e as escolas se consolidam deixando de ter existência efêmera em nosso Estado, com a estruturação das redes de ensino público e privado. A primeira marcada pela ação do Governo do Estado e, a segunda empreendida sob a iniciativa da Igreja Católica, ou, então, pela iniciativa de grupos de intelectuais liberais, mas ambas comprometidas e corroborando com o projeto modernizador¹⁸ da sociedade piauiense pensado e proposto ao Estado pelas elites¹⁹ piauienses.

Embora, legalmente a autonomia do Piauí seja concedida em 1718, por ato administrativo da Coroa Portuguesa, oficialmente o território da Capitania de São José do Piauí só passa a existir em 1758, com a instalação do aparelho burocrático local e a posse do primeiro governador – Capitão-Mor João Pereira Caldas. Mas, em se tratando de questões educacionais a região piauiense há muito empreendera tentativas para estabelecer instituições dedicadas à instrução formal da população, pois em 1733 a Companhia de Jesus obteve autorização para o

¹⁸ Para as elites da sociedade piauiense, a modernidade significava a adoção dos padrões comportamentais burgueses (ocorrida em outras regiões do país ainda em fins do século XIX) e a utilização de técnicas de produção mecanizada, além do desligamento das tradições e práticas vinculadas e caracterizadoras dos espaços rurais.

¹⁹ O termo elite é empregado aqui seguindo a definição apresentada por Love e Barickman (2006.p, 77-78) que apresenta o termo como sendo equivalente a um “conjunto de posições formais julgadas relevantes para o exercício do poder político e clientelismo, (...). [e a] participação em eventos políticos-chave, os atributos sociais, os vínculos com o exterior, laços com outros estados, as ligações familiares (...)”. Ou seja, significa um grupo de pessoas que detém o poder político e econômico, além de ser referência social e cultural numa determinada região.

funcionamento de um estabelecimento de ensino que se denominaria “Externato Hospício da Companhia de Jesus”. O estabelecimento de ensino, entretanto, não logrou funcionar, em virtude das dificuldades encontradas para sua instalação, decorrentes, dentre outras da pobreza do meio, da dispersão demográfica dos núcleos populacionais, muito distantes uns dos outros, e das precárias condições de comunicação e acesso da Capitania. (BRITO, 1996, p. 13)

Acrescente-se aos motivos para o fracasso do “Externato Hospício da Companhia de Jesus” o fato de que para o piauiense, durante o período que antecedeu o século XX, a educação formal era pouco valorizada, posto que fosse tida como elemento de pouca valia e serventia, além de “sorvedouro” de riquezas.

Esta postura construiu-se no cotidiano da sociedade do Piauí, a qual por ser estruturada a partir de uma economia agrária – em que a principal atividade produtiva a criação de gado de corte destinado à exportação, principalmente, para as Capitânicas da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Ceará e Rio de Janeiro – a instrução formal figurava como instrumento que pouco ou nada contribuía para a ascensão e manutenção do *status social*.

Mesmo após a tentativa fracassada, a Companhia de Jesus através do Pe. Malagrida obteve nova autorização, em 02 de março 1751, para fundar novas escolas em quatro diferentes localidades sendo uma em cada. Por conta disto Seminários são instalados no Piauí, em São Luís (MA), em Belém do Pará (PA) e em Cameté (PA), desta vez contando com o apoio financeiro da Coroa Portuguesa. Então,

Frustrada a organização do “Externato Hospício”, fazem os inicianos uma outra tentativa, em 1749, e organizam no Distrito de Mocha, hoje cidade de Oeiras, o Seminário do Rio Parnaíba.

A Coroa subsidiava o sustento dos mestres que ficariam sob a intervenção do Pe. Malagrida e a regência do Pe. Miguel Inácio. Logo afluíram das povoações sertanejas pais desejosos de instruírem seus filhos, os quais contribuía financeiramente para o sustento da instituição.

As lutas desencadeadas a essa época pela posse da terra e pela dominação do elemento indígena e as reações ferozes deste, bem côm a ausência de condições do meio para funcionamento da instituição obrigaram os Jesuítas a transferir para a chamada “Aldeias Altas”, hoje Caxias, Maranhão, aquele educandário, deixando a Capitania sem nenhuma escola. (BRITO, 1996, p. 13)

Após o fim das iniciativas da Igreja, o Estado Português interveio e deu início às primeiras tentativas para que no Piauí se instituísse o sistema de ensino público, ainda que este transpusesse para seu projeto educacional as diretrizes e práticas de ensino elaboradas pelos religiosos jesuítas. Assim,

[...], as primeiras escolas públicas do Estado surgiram no século XVIII, mais precisamente no ano de 1757. É o que se observa a seguir:
 [...] se retrocedermos para o dia 3 de maio de 1757, encontraremos aí o registro do Alvará que criava duas escolas primárias na Vila da Mocha. Ensinar a doutrina cristã, ler, escrever e contar, aos meninos, numa delas. E na outra, tudo isto e mais: coser, fiar, fazer rendas, etc., as meninas. Eram estas as duas primeiras escolas que se criavam no Piauí. Apareciam em maio, de perfume com as flores e os demais encantos deste mês privilegiado. (MELO, 2006, p. 46)

Estas escolas tiveram existência efêmera, segundo, por “falta de recursos humanos para o exercício do magistério e a falta de recursos financeiros para a manutenção das mesmas, pois os baixos salários não atraíam pessoas qualificadas para o exercício das funções docentes.” (BRITO, 1996, p. 16). A precariedade e a escassez de recursos que dessem sustentabilidade às escolas públicas piauienses, em fins do século XVIII, fez com que, não raramente, os professores que nestas atuavam recebessem “[...] o salário não em dinheiro mas em paneiros de farinha, fato, aliás, muito usual naquela época em transações comerciais, onde predominavam as operações de escambo.” (BRITO, 1996, p. 15)

O século XIX iniciou-se marcado pelas sucessivas tentativas da administração local, junto à Coroa Portuguesa, para melhoria das condições de trabalho na área educacional piauiense, incluindo-se aí o aumento nos valores dos salários pagos aos professores. Por conta disso no ano de 1815, a Coroa Portuguesa autorizou a criação de “três escolas de primeiras letras: uma na cidade de Oeiras, uma na Vila de Parnaíba e uma na Vila de Campo Maior. [...] os baixos salários não conseguiram atrair interessados em lecionar nessas escolas, acreditando-se que elas nem sequer chegaram a funcionar.” (BRITO, 1996, p. 16)

Em 1818,

cria-se na cidade de Oeiras uma cadeira e latim, atribuindo-se ao professor o honorário de 300\$000. Só quatro anos mais tarde, em 1822, é nomeado, por ato da Junta de Governo Provisório de 15 de janeiro daquele ano, professor José Lobo Fróis para exercer provisoriamente aquela cadeira. (BRITO, 1996, p. 16)

Mesmo após a Independência, o sistema escolar público piauiense não sofreu alterações, pois continuavam a existir apenas três escolas primárias – Oeiras, Campo Maior e Valença – e duas cadeiras de latim – Oeiras e Parnaíba – conforme informou, em 1824, o então, Presidente da Província do Piauí Manuel de Sousa Martins (Barão da Parnaíba).

No ano de 1828 o Piauí passou a contar com quatorze escolas, porque além das escolas já existentes foram instaladas outras escolas nas vilas do Poti, Barras, Piracuruca,

Piranhas e Jaicós, além de duas escolas novas em Oeiras e três cadeiras de latim em Oeiras, Parnaíba e Campo Maior.

Em 1844 havia na Província 21 cadeiras de instrução primária, sendo 18 do sexo masculino e 3 do sexo feminino e 7 do ensino secundário, 4 na capital, 2 em Parnaíba e uma em Príncipe Imperial.

Em 1845, entretanto, já se registravam 19 escolas públicas de ensino primário com a matrícula de 381 alunos, além de três cadeiras de latim localizadas, respectivamente, em Oeiras, Príncipe Imperial e Parnaguá. (BRITO, 1996, p. 23)

No Piauí, ao lado das ações públicas, “registram-se algumas iniciativas privadas, objetivando atenuar a aflitiva situação da Província, na área da educação.” (BRITO, 1996, p. 23). Dentre estas iniciativas a de maior repercussão foi a empreendida pelo Pe. Marcos de Araújo Costa que organizou uma escola gratuita de ensino primário e secundário na fazenda Boa Esperança (Jaicós), a qual funcionou por trinta anos (1820 a 1850). Segundo os dados informados por Odilon Nunes e citados por Brito (1996, p. 24), além da escola do Pe. Marcos, os estabelecimentos particulares existentes no Piauí em 1844 totalizavam 28 escolas localizadas²⁰, predominantemente, na zona rural.

No esteio dos esforços da administração pública piauiense para organizar a educação piauiense, o então governador Zacarias de Góis e Vasconcelos, em 1845, criou a Diretoria da Instrução Pública na Província²¹ e estabeleceu as normas disciplinadoras desta, nas quais “atribui aos Juizes de Direito das Comarcas o exercício cumulativo das funções de Diretor de Instrução Pública de sua respectiva jurisdição.” (BRITO, 1985, p. 13), além de definir “critérios para o funcionamento da rede escolar e para admissão de professores e estabelece direitos e deveres dos mesmos.” (BRITO, 1996, p. 25) e, criou, também, o primeiro estabelecimento de instrução secundária da Província mantido com recursos públicos, o Liceu Piauiense²².

O Liceu Piauiense, como as demais escolas existentes no Piauí, enfrentou no início de suas atividades, a falta de professores habilitados para lecionar todas as disciplinas previstas no currículo instituído pela Diretoria da Instrução Pública, além da falta de instalações físicas adequadas ao funcionamento de um estabelecimento de ensino secundário,

²⁰ As escolas particulares estavam assim distribuídas pelo território piauiense: 09 escolas em Valença; 07 em Barras; 03 em Piracuruca; 02 em Príncipe Imperial e 07 em Parnaguá.

²¹ A Instrução Pública piauiense foi organizada pela Lei nº 198 de 04 de outubro de 1845.

²² O primeiro currículo do Liceu Piauiense é constituído pelas cadeiras de: Latim; Francês; Inglês; Geometria e Aritmética; Geografia e História; Retórica e Poética; Filosofia Racional e Moral. O Liceu Piauiense continua em funcionamento até a presente data, sob o nome de Colégio Estadual do Piauí Zacarias de Góis e Vasconcelos.

tanto que algumas aulas chegam a funcionar nas residências dos professores, e do número baixo de matrícula de alunos. Isto se explicava pelo fato de que no Piauí, os aspirantes a alunos da escola secundária, em sua maioria, oriundos de famílias com condição financeira suficientemente equilibrada, que era os estudantes que pretendiam prosseguir os estudos e não se restringir a instrução primária, preferiam estudar em escolas fora da Província Piauiense, de preferência em cidades que oportunizasse o ingresso no ensino superior²³.

Reconhecendo que um dos problemas do ensino no Piauí era a ausência de pessoal habilitado para lecionar, o Governo Provincial criou em 1864 a Escola Normal que oferecia o curso de formação de professores com duração de dois anos, mas esta foi extinta em 1867 por falta de alunos.

Em 1871, o Governo empreendeu uma nova tentativa de estabelecer o Ensino Normal agora com duração de três anos e, funcionando como anexo ao Liceu Piauiense, esta tentativa também fracassou como a anterior sendo o curso extinto em 1874. “Um terceiro período se inaugura em 1882, o qual se estende até o ano de 1888. [...], é ainda uma vez extinto o ensino normal na Província.” (BRITO, 1996, p. 34). O problema da formação de professores no Piauí perdurou até as primeiras décadas do século XX.

Como se pode observar, apesar das diversas tentativas empreendidas pela administração pública e pela iniciativa privada, durante o Período Colonial e Imperial, a educação piauiense apresenta resultados incipientes e poucos animadores.

No cenário educacional local, o século XIX é importante porque marcou o início do processo de institucionalização do sistema de ensino quer sob iniciativa estatal, quer sob a iniciativa privada. Iniciativas estas que serviram para disseminar no território piauiense a idéia e a convicção de que freqüentar o ensino formal, pelo menos a escola de primeiras letras, permitiria, com maiores facilidades, o acesso a oportunidades mais amplas de ascensão social. Uma vez que para o funcionamento do aparelho burocrático do Estado necessitava-se de pessoal “qualificado” e capaz de desempenhar as atividades de funcionário público, cargos estes que estavam ociosos nas cidades piauienses por falta de pessoas portadoras de nível de instrução suficiente para ocupá-los; e, tal fato se tornou um atrativo para acorrerem alunos às poucas escolas instaladas no Piauí.

Outras contribuições remanescentes do século XIX e que se consolidaram no decorrer do século seguinte, foram: a adoção da co-educação (escolas mistas) e da regência

²³ A oferta do ensino superior no Piauí só passa acontecer na década de 1930 com a implantação da Faculdade de Direito do Piauí.

feminina em classes de primárias. Ações estas adotadas com o sentido de viabilizar o funcionamento da instrução pública no Estado, pois, mesmo com o número reduzido de matrículas, tanto de homens quanto de mulheres nas classes de escolas primárias, na maioria, das escolas localizadas nas cidades piauienses afastadas das mais centrais, era oneroso aos cofres públicos as despesas para a contratação de dois professores de primeiras letras, sendo um homem para atuar nas classes masculinas e uma mulher para atuar nas classes femininas, então, ao adotar a co-educação para estas classes, o Estado reduzia os custos com a remuneração de docentes.

E, ao ter de escolher entre os docentes masculinos e os docentes femininos, a Diretoria da Instrução Pública do Piauí optou, preferencialmente, pelas mulheres, posto que a remuneração destas fosse inferior, por lei, à remuneração percebida pelos homens. “Portanto, a implantação dessas escolas se deve mais à economia que elas proporcionavam à Província que ao conhecimento dos alcances sociais da co-educação.” (LOPES, 1999, p. 98)

Podemos afirmar que o momento histórico no qual se constituiu e se organizou a base da rede educacional formal no Piauí coincidiu politicamente com o da instalação e consolidação do regime republicano no País e, por conta disto, na educação – similar aos demais – aconteceu a continuidade da disputa entre os dois projetos estruturantes de sociedade que se digladiavam desde fins do século XIX em busca do controle formal e ideológico da sociedade brasileira e, conseqüentemente, do sistema educacional; estes elementos eram ao mesmo tempo contraditórios e complementares, quais sejam: o pensamento liberal-burguês e o pensamento católico.

O primeiro, o pensamento liberal-burguês, fundamentado na defesa de uma sociedade laica e distanciado das influências do cristianismo católico, além de reforçador da crença fundante de que a educação era portadora de qualidades transformadoras e redentoras da sociedade e, por conseguinte, a sua difusão teria a capacidade de transformar a realidade brasileira, e, conseqüentemente, a piauiense, por meio da geração de suportes para o desenvolvimento nacional e a superação da sociedade e economia agrárias as quais foram os sustentáculos do país e do Piauí até o início daquele século.

Enquanto o pensamento católico orientava-se no sentido de buscar resgatar, ampliar e/ou resguardar os espaços de influência e controle social da Igreja Católica, os quais

teriam sido reduzidos/fragilizados com o fim do Padroado Real²⁴, então, delimitou como seu novo campo de atuação – a educação das novas gerações de católicos desde a mais tenra idade – através do qual visualizava a retomada da capacidade de nortear o comportamento e a moral social brasileira, por meio da defesa do modelo tradicional de família cristã, o qual delimitava, de forma categórica, os espaços sociais de atuação de homens e mulheres.

Este embate pelo controle de espaços sociais se refletiu na estruturação de nosso sistema de ensino nacional, que comportou de um lado a iniciativa da Igreja Católica de fundar escolas masculinas e femininas nas principais cidades do País e de outro a iniciativa do Governo do Estado e Governo Federal que conduzidos/norteados pelos princípios e por intelectuais liberais deram início ao projeto audacioso de dotar com escolas primárias (escolas de primeiras letras) todas as cidades do País.²⁵

Então, o século XX representou para a Educação piauiense o

incremento no número de escolas e no de alunos matriculados e mesmo mudanças qualitativas face à formação das “normalistas” isto a partir de 1912, [embora] esse crescimento não acompanha de nenhum modo as necessidades do Estado nem o crescimento da população escolarizável. Dessa forma, o Piauí continuou como um dos Estados da Federação em que o número de analfabetos guardava maior proporção em relação à população total²⁶. (QUEIROZ, 1988, p. 05)

A despeito da manutenção dos quadros de analfabetismo, o sistema escolar piauiense, seja público ou privado, ou, ainda, seja resultante da associação destes anteriores, conseguiu se estabelecer e fortalecer, assegurando a durabilidade da maioria das instituições de ensino instaladas no Estado e ampliação do número de alunos matriculados e que conseguem concluir os estudos da educação básica e atingir ingressar nos cursos superiores.

²⁴ Segundo a Constituição Imperial Brasileira (1824), a religião oficial do País era o catolicismo e a Igreja se constituía numa espécie de órgão do Estado Imperial e, portanto, estava diretamente subordinada às ordens e ao controle imperial, mas tal condição, também, lhe assegurava alguns privilégios. Com a Proclamação da República, em 1889, o Padroado foi extinto.

²⁵ Embora os Governos Federal e Estadual só tenham conseguido atingir a meta de dotar com escolas primárias todas as cidades do País, apenas no final do século XX, este foi um ideal perseguido por todos os Governos Republicanos. Pois os intelectuais liberais-burgueses que passaram a administrar – direta ou indiretamente – a máquina estatal depois da Proclamação da República, acreditavam piamente que a difusão da educação equacionaria rapidamente todos os demais problemas econômicos e sociais existentes no Brasil.

²⁶ Situação que perdura nas estatísticas oficiais até meados do século XXI, quando, por uma vez mais, o Governo Estadual em colaboração com o Governo Federal implantou uma série de ações visando a erradicação do analfabetismo no território piauiense.

Para ilustrar a consolidação do sistema escolar piauiense, citamos algumas das instituições de ensino fundadas no decorrer do século XX e que se mantêm em funcionamento, são elas:

- a) **Confessionais Católicas:** Colégio Sagrado Coração de Jesus (Teresina), Colégio Nossa Senhora das Graças (Parnaíba), Colégio São Francisco de Sales – antigo Colégio Diocesano – (Teresina), Colégio São Luiz Gonzaga – antigo Colégio Diocesano – (Parnaíba);
- b) **Normais:** Instituto de Educação Antonino Freire – antiga Escola Normal – (Teresina), Escolas Normais de Parnaíba, Picos e Floriano;
- c) **Técnicas:** Centro de Educação Tecnológica do Piauí – antiga Escola Técnica Federal do Piauí – (Teresina, Parnaíba, Floriano), Colégios Agrícolas (Teresina, Bom Jesus);
- d) **Superiores:** Universidade Federal do Piauí – resultado da fusão das antigas Faculdades de Direito, Católica de Filosofia, de Medicina e de Odontologia – (Teresina, Parnaíba, Picos, Bom Jesus, Floriano), Universidade Estadual do Piauí (Teresina, Parnaíba, Picos, Floriano, Campo Maior, Piripiri, Corrente, Barras, Valença do Piauí, Oeiras, São Raimundo Nonato, Fronteiras, São João do Piauí, Corrente, etc.).

O sistema escolar piauiense, que chegou ao fim do século XX, ofertando o ensino formal em níveis primário/educação básica, secundários (Artífices/Técnico, Normal/Pedagógico, Clássico/Científico), superior e de pós-graduação (Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado), além da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio dos sistemas de ensino públicos (federal, estadual, municipal) e privado.

Tomando por base este panorama que delineamos até o presente momento, podemos dizer que, em termos educacionais, para o Piauí, até o final do século XIX, apresentou-se como sendo uma seqüência de iniciativas infrutíferas ou com resultados ínfimos. Buscando reverter o “estado embaraçoso da instrução pública na Província” (LOPES, 1999, p. 96), a Administração Pública passa a adotar

o discurso do Estado em prol da criação de escolas mistas era, ao mesmo tempo, veemente e estratégico. Veemente na afirmação do caráter imprescindível e da urgência dessa inovação para a rede escolar pública. Estratégico quando, mesmo reconhecendo a importância dessa inovação, a propôs apenas para lugarejos e locais marginais na estrutura hierárquica de escolas públicas. (LOPES, 1999, p. 96).

Ou seja, por motivos políticos e econômicos, o Governo do Estado do Piauí passou a defender e admitir a existência de escolas mistas, quer dizer que aceitassem matrícula tanto de meninas quanto meninos nas mesmas classes, e regidas por professoras, desde que fora das “localidades centrais da Província” (LOPES, 1999, p. 96).

A adoção das escolas mistas e o início do processo de feminização do magistério eram “saída para a profissionalização feminina, representada por um trabalho que não atentasse contra as representações acerca de sua domesticidade e maternidade.” (ALMEIDA, 2007, p.117), posto que no processo de institucionalização do sistema escolar piauiense, quando a escola

se separou da casa do (a) professor (a) e se hierarquizou e se burocratizou: foi concebida como ambiente feminino por excelência – uma segunda casa. Os homens, expulsos dessa ocupação durante o processo mesmo de constituição da escola como “repartição pública de verdade”, permaneceriam, contudo, nos postos de comando. (LOPES, 1999, p. 96-97)

Embora, a co-educação tenha sido adotada, em nosso Estado, como um recurso de contenção de despesas, possibilitaram a ampliação do número de vagas destinadas as mulheres na rede pública, sem haver o acréscimo de despesas para os cofres públicos decorrentes da contratação de novos docentes para atuar nestas classes. Ou seja, a adoção da co-educação, em fins do século XIX e sua progressivamente ampliação durante o século XX oportunizou para as mulheres piauienses o acesso à instrução pública primária em um número maior de cidades. Além disto, resguardava a “decência” das mulheres-alunas, posto que, em caso de serem homens os professores, este deveria ser obrigatoriamente casado. Conforme estabelecia “o artigo nº 99, do Regulamento nº 80, de 1873.” (LOPES, 1999, p. 98)

O século XX despontou como um período de ampliação das oportunidades educacionais para os piauienses, por conta da consolidação e ampliação de seus sistemas de ensino, e, conseqüentemente, da ampliação das oportunidades de acesso à rede escolar e, também, crescendo os números de matrículas em todos os níveis para ambos os sexos, sendo, no entanto, é maior em todos os níveis o número de mulheres matriculadas em relação ao

número de homens matriculados, conforme os dados coletados pelo Censo Escolar²⁷ referentes ao ano letivo de 2006.

No entanto, quando referenciamos a existência de experiências da adoção co-educação em fins do século XIX, ainda que de forma marginal e em locais distanciados dos centros de decisões políticas e administrativas, ou, ainda, mesmo sem a oferta de classes mistas, a ocorrência da possibilidade de mulheres e homens compartilhar o mesmo local de aprendizagem (escola) – como era o caso do Colégio de Nossa Senhora das Dores (Teresina) – além do rápido processo de feminização do magistério primário piauiense, podemos afirmar que no Piauí introduzem-se precocemente inovações no sistema educacional, mesmo que pautados por critérios e justificações mais econômicas e políticas que pedagógicas. E, em decorrência da implementação destas inovações conseguiu-se oferecer suportes consolidados para a expansão da rede escolar – pública e privada – desenrolada durante todo o século XX.

Contudo, a adoção da Educação diferenciada pelo sexo dos alunos e a manutenção desta até meados da década de 1970 nos estabelecimentos de ensino de destaque no Estado engendraram e deixaram marcas profundas e enraizaram práticas no sistema educacional piauiense. Marcas e práticas que muitas vezes são visualizadas de forma naturalizada encobrimdo, assim, a trajetória histórico-cultural que promoveu a sua constituição e manutenção na sociedade piauiense.

A educação piauiense, em geral, tomou como referenciais norteadores de suas ações padrões estabelecidos e seguidos em outros espaços sócio-culturais, os quais eram portadores de outros percursos históricos, político e econômico, fato que colaborou para que a consolidação do sistema escolar local fosse lenta, posto que parcela das propostas de escolarização implantadas e desenvolvidas ao longo dos últimos três séculos não foram pensadas a partir das realidades específicas do Piauí, e, portanto, não galgaram todos os resultados propalados por seus idealizadores.

Contudo, apesar dos resultados não ter sido os esperados, pois era “lamentável, sobremodo, é a creança piauiense viver em pleno século XX, século de luz, progresso e de expansão intelectual, nas trevas do analfabetismo, da ignorância e da perdição, e alheia aos movimentos constantes da civilização mundial.” (A SEMANA, 1916, p. 02) como se afirmava através dos periódicos piauienses, o extenso processo de constituição do sistema

²⁷ Censo Escolar, instrumental utilizado pelo Ministério da Educação (MEC) para contabilizar, anualmente, o número de alunos matriculados em todas as escolas, legalmente, existentes no país. O acesso aos dados referentes a matrícula escolar no Brasil estão disponíveis no site: www.edubrasil.inep.gov.br

escolar piauiense teve como mérito a mudança de pensamento e comportamento da população do Estado – que mesmo resguardando e reeditando os valores tradicionais herdados da configuração sócio-histórica e econômica moldada a partir do contexto agropecuarista – que passou a conceber a Educação como via de mudanças sociais e econômicas da realidade local e a valorizar e incentivar a escolarização como forma mais rápida e segura de obtenção de desenvolvimento econômico e ascensão (mobilidade) social.

2.2 A Educação como via para o progresso da Sociedade Piauiense: de ideal democrático – republicano à sonho contemporâneo

O processo de implantação e constituição da República brasileira foi mais idealizado do que construído por seus defensores em fins do século XIX, tanto que ao se instituir de fato o regime republicano no país (em 1889) começaram a acontecer embates (velados ou explícitos) entre aqueles que “fizeram a República” e integravam diferentes grupos republicanos país a fora, os quais defendiam formas diferentes de conduzir a democracia na Nação, isto implicou na indefinição de um “projeto nacional” capaz de unificar em torno dos mesmos objetivos as unidades da federação e consolidar o *habitus nacional* brasileiro²⁸.

Mesmo diante deste impasse, o governo provisório e as administrações seguintes, sob a alegação de se iniciar um “novo tempo” no país, optaram por empreender a centralização das decisões político-administrativas a partir do Governo Federal, e, assim diferentes gestões republicanas se sucederam ao longo do século XX mas indiferente da opção partidária e/ou ideológica dos gestores, a Nação viveu uma sucedânea de administrações centralizadoras, tanto que Oliveira (2008) ao lembrar o início de sua carreira técnica, na área de planejamento e de finanças públicas, nas últimas décadas daquele século, afirma que “o Brasil vivia mais uma era de centralização das decisões políticas na esfera do Executivo federal. (...), os problemas do Piauí ou de uma comunidade qualquer podiam ser resolvidos à distância, bastando um projeto técnico e um convênio com o Ministério respectivo, para que mais tarde o Governador fosse inaugurar a obra.” (OLIVEIRA, 2008, p. 02)

²⁸ Para uma discussão mais aprofundada sobre os diferentes projetos de Repúblicas pensados para o Brasil ver a obra de José Murilo de Carvalho (1987), **Os bestializados: o Rio de Janeiro e república que não foi**.

O que importava para os republicanos era empreender a “reconstrução nacional”, “apagar” os resquícios e descartar as heranças que, por ventura, foram deixadas pela Monarquia para que o país conseguisse atingir o progresso. Ainda que isso resultasse na exacerbação da ordem e na centralização político-administrativa. Posto que era ideal o

momento para sonhar e imaginar, a chegada da virada do século enchia os olhos daqueles “cidadãos novidadeiros”. Era hora de não só mapear o presente, como também de planejar o futuro. Se a chegada de um novo século sempre fez sonhar, talvez tenha sido o fim do século XIX o que melhor concretizou esse tipo de utopia. (...) Sonhou-se muito na passagem do século XIX para o XX. Era esse o momento das realizações, da efetivação de projetos de controle das intempéries naturais. Ainda não pairava no ar o cheiro da guerra; a idéia do conflito parecia controlada pela fantasia do progresso, e os novos avanços técnicos traziam a confiança de um domínio absoluto sobre a natureza e os homens. As ambigüidades do progresso, porém, também estavam presentes e assustavam. (...) (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p.10-11)

E, o Piauí, também, estava integrado a este contexto nacional e internacional e acompanhava as mudanças ocorridas nos setores políticos, culturais e sociais, “elegendo” criteriosamente aquelas que deveriam passar a integrar os hábitos cotidianos dos piauienses.

Exemplos desta integração era a presença em nosso território das novas usinas elétricas importadas diretamente da Europa, como aconteceu em Parnaíba, entre janeiro de 1928 e fevereiro de 1929, quando chegou à cidade, juntamente com as máquinas, o “engenheiro eletricitista Peter Geb, montador oficial da Sociedade de Motores Otto Deutz Legítimo Limitada, (...), para os serviços de montagem dos machanismos da nossa uzina electrica.”(A PRAÇA, 1928, p. 02).

Em inícios do século XX no território piauiense o consumo de produtos que simbolizavam a modernidade era crescente, tanto que encontramos nos periódicos que circulavam no Estado, anúncios de diferentes produtos, tais como: rádio Philips, máquina de escrever, refrigerador a querosene Serval, fogões Berta, máquinas Singer, etc.

Em 1927, de acordo com anúncios veiculados no Jornal A PRAÇA, dispunha-se de lojas de revenda de automóveis em Teresina (Dutra, Lago & Carvalho) e em Parnaíba (A.G. Neves & Co.). E, em 1934, o revendedor de carros da fábrica Ford no Piauí, veiculou anúncio/publicidade (página inteira) do Ford V-8 na revista O MEIO o que denota a ampliação da importância dos piauienses enquanto consumidores deste tipo de produtos.

Pois, conforme, afirmou Costa e Schawarcz (2000, p. 17), “os automóveis que, recebidos em um primeiro momento como ‘modismos’, passavam a fazer parte do cotidiano

das ruas dos principais centros europeus e norte-americanos” e os piauienses ao adquirir tal bem ambicionavam ter suas cidades equiparadas a estes centros urbanos referenciadores do progresso.

FIG. 1 – FORD V 8



Ação Livre nas 4 rodas

além da *segurança* do eixo traseiro e do *conforto* das molas transversais

O MOLEJO dos automoveis é hoje a grande preocupação dos seus fabricantes. Faz-se tudo para dotar de ação independente as rodas dianteiras.

Isso, porém, no novo Ford V-8 para 1934, é apenas uma pequena parte da sua excelência mecânica. Ele possui ação independente não só nas rodas dianteiras, — *mas nas 4 rodas!*

As molas transversais do novo Ford permitem ao carro a suspensão individual tanto para o eixo dianteiro como para o traseiro. Mas isto é apenas uma das inúmeras razões para a sua escolha. O novo Ford alia a potência de um motor V-8 a uma grande economia de gasolina.

Faz de 7 a 8 kms. por litro de gasolina a 75 kms. a hora, e a 80 ou 100 kms., desliza suavemente pela estrada, atingindo, sem dificuldade, 130 kms. por hora. Esta reserva de energia é dificilmente igualada por qualquer outro carro.

SEGURANÇA — Principalmente em altas velocidades pode-se apreciar a segurança do robusto eixo dianteiro do novo Ford V-8.

VENTILAÇÃO "VISÃO-LIVRE" — No novo sistema de ventilação Ford, a janella é de uma só peça. Nada há que impeça a visão.

FORD MOTOR COMPANY

Neste cenário de transformações em todas as esferas, cuja materialização se faz observar a partir da difusão do uso das “invenções modernas” (carro, luz elétrica, geladeira, fogão, banheiro, bonde elétrico, máquinas de costura e escrita, sorvete, etc.), assim

a inauguração do regime republicano no Brasil foi um momento de dupla percepção. De um lado, o povo assistia bestializado à transformação política pela qual passava o país no placo do Rio de Janeiro. De outro, os protagonistas do melancólico réquiem com que se sepultavam quase oitenta anos de monarquia estavam embalados por sonhos de igualdade e por utopias de redenção. A economia, a política, a sociedade e a cultura, enfim, seriam resgatadas de um sono considerado pouco esplêndido, assombrado pelos temores da decadência e da perda de rumo das duas décadas anteriores. À modorra seguir-se-ia a ressurreição. (CURY, 2001, p. 07)

Nesta reconfiguração social, “para a república, brasileira ou não, a educação e o ensino são valores fundamentais para a afirmação do indivíduo, para a vida em sociedade, para a legitimidade do Estado e para o exercício dos direitos intrínsecos à pessoa humana” (CURY, 2001, p. 08), contudo, para que a educação se tornasse acessível a todos os brasileiros e desse cumprimento aos objetivos que lhe destinava, era preciso estruturar o sistema educacional do país que era débil.

Na verdade, na aurora do século XX acreditava-se, sobretudo, nos confortáveis valores de um contexto em que certas verdades religiosas e a lealdade à pátria não haviam sido testadas por guerras mundiais, pela revolução comunista ou pelo encolhimento do mundo alterado de forma radical pelas viagens aéreas e pelos meios de transporte de massa. (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 15)

O processo de montagem do sistema escolar piauiense, como o brasileiro de uma forma mais ampla, seguiu os mesmos passos descritos por Faria Filho (2003) ao retratar a institucionalização do sistema instrucional mineiro, no qual

a legislação escolar e as reformas dos serviços de instrução funcionaram, ao longo do século XIX e XX em Minas Gerais, como conteúdo e forma a partir dos quais os setores, os mais importantes da nossa intelectualidade e elite política, buscaram apreender e das inteligibilidade à escolarização, tomando como base as noções de civilidade, ordem e progresso. Para tanto, mobilizou-se amplamente farto aparato de “conhecimentos científicos”, o qual, no entanto, muito poucas vezes, deixou de lado uma compreensão religiosa do mundo, da política e da educação, de tal modo que a tradição católica mineira quase sempre fez sentir a sua primazia no trato da educação e, mesmo, da coisa pública como um todo. (FARIA FILHO, 2003, p. 83)

Então, a cada nova instituição escolar implantada ou mesmo pensada para uma determinada região do país representava a possibilidade de obtenção do progresso, o que

demonstrava que em todo o Brasil existiam adeptos do lema de que a educação traz o progresso para o país.

Para ilustrar tal pensamento e convicção, Camargo (2000) relembra a euforia e entusiasmo despertados na população da cidade de Rio Claro (São Paulo) por conta da criação de um ginásio oficial na década de 1920 “e que deveria merecer a atenção de quantos se interessassem pelo progresso da terra, e seria um passo grande na senda do progresso que, mau grado todas as vicissitudes, não prima de notar-se nesta cidade paulista.” (CAMARGO, 2000, p.35)

No Piauí a preocupação com a expansão da rede escolar se faz presente no pensamento e nos discursos dos homens (especialmente os intelectuais) no início do século XX, expostos nas páginas dos jornais que circulam no estado. Em se tratando da questão educacional Pinheiro (2006) afirma que, ao se proceder a leitura de jornais do mês de

(...) agosto de 1921, há diversos artigos sobre o problema que mais afetava a população local: o analfabetismo. Os intelectuais locais, afirmavam que a instrução dos piauienses era urgente, argumentavam que o Piauí estava atrasado em relação as outras regiões do país, que já avançavam com políticas públicas para a instrução. Logo, o poder público local devia olhar de forma mais cuidadosa para a educação no Estado. A leitura dos artigos abre chaves de pesquisa, problemas e hipóteses de investigação como, por exemplo, a preocupação da elite intelectual com a falta de instrução da população, o que denunciava, para eles, o atraso do Estado e a pouca importância dada pelo poder público à educação. (PINHEIRO, 2006, p. 55)

Porém, a década de 1930 marcou o começo da expansão da educação piauiense, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, visto que aconteceu o aumento: do número de salas de aulas e cada município do Estado passou a contar com um grupo escolar, de professores contratados pelas instituições escolares (tanto públicas quanto privadas) e de alunos matriculados, a ponto de o Piauí passar a ocupar “o primeiro lugar da Federação quanto ao crescimento relativo da matrícula no ensino primário.” (NASCIMENTO, 2002, p.65)

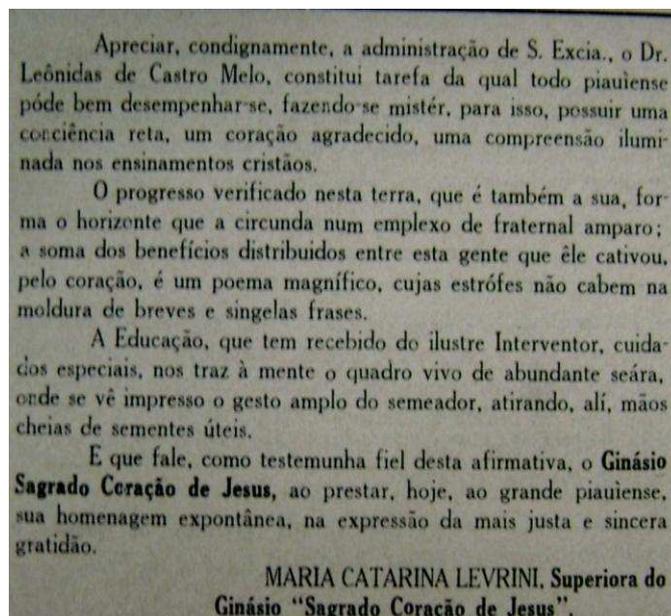
Os indícios desta mudança no cenário educacional piauiense podem ser percebidos na leitura do texto da Irmã Catarina Levrini (diretora do Colégio das Irmãs de Teresina), publicado em maio de 1944, sobre o desenvolvimento educacional piauiense no transcurso da administração do governador (1935 – 1937) e interventor (1937 -1945) do Estado Leônidas Melo (1935 – 1945).

Nas palavras da religiosa italiana – a despeito de sua posição enquanto integrante da Igreja católica que era naquele momento aliada de primeiro momento do regime estado

novista e getulista, além de exercer o papel de defensora e mediadora entre a administração e a população de fiéis católicos – refletem, de forma mais ou menos direta,

o ideário de uma época que, volta e meia, colocava em evidência as conquistas científicas alcançadas pelo homem, bem como seus efeitos contrários. Mesmo com tantas certezas, há sempre a apreensão diante do que não se pode planejar com certo grau de precisão. Utopias trazem certezas e, também, muitas dúvidas. O mundo que se debruçou sobre o século XX mostrou sua face mais idílica e otimista, mas não conseguiu esquecer o temor do porvir. (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 25)

FIG. 2 – DEPOIMENTO DA SUPERIORA DO GINÁSIO “SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS” SOBRE O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL PIAUIENSE NA ADMINISTRAÇÃO LEÔNIDAS MELO



Acervo Arquivo Público do Piauí
 Fonte: REVISTA “ZODÍACO”, anno 2, nº 07, 03 de maio de 1944. p.09.

Então, na República, no século XX, o Piauí (como o restante dos Estados brasileiros) buscou estruturar-se enquanto unidade federada e autônoma. Assim, o período que se iniciou em 1900 foi tomado pela elite político-intelectual e social como sendo o “renascimento”, ou mesmo, um novo “nascimento” de nosso Estado onde se tinha a oportunidade de elevar a região, através de iniciativas arrojadas e empreendedoras – incluía-se nestas iniciativas a oferta de educação formal a homens e, também, as mulheres, antes

inseridas precariamente no processo educativo – como instrumento e caminho para a instalação definitiva do progresso em nossas terras.

Seguindo este “projeto” de Piauí forjado pela elite político-econômica teresinense e parnaibana, a Educação passou a figurar como a grande redentora de nossas mazelas e atrasos sociais e econômicos. E a se enfatizar (e a acreditar) que “a capacidade de uma sociedade se desenvolver depende menos dos fatores econômicos (os recursos naturais e o capital) do que de sua população, de suas instituições e crenças, ou seja, de sua cultura.” (OLIVEIRA, 2008, p. 10).

Este ideal republicano, presente na mentalidade e no imaginário e nos discursos políticos desde o final do século XIX, e muito pouco nas práticas político-administrativas estatais, manteve-se como “bandeira” e meta perseguida exaustivamente sem a obtenção do sucesso esperado, ainda, na contemporaneidade.

2.3 Igreja Católica e a Sociedade Piauiense: uma relação nem sempre tranqüila de colaboração e disputas

Similar ao que acontecia em outros países do Ocidente, a Igreja Católica, “sentindo-se ameaçada pelo avanço das idéias liberais, a instituição católica priorizava juntar suas forças ao redor de Roma, da Santa Sé, para combater unida, os ‘inimigos’ da Igreja, sobretudo o liberalismo, o protestantismo e a maçonaria.” (CORDEIRO, 2006, p. 80), o capitalismo e a ordem burguesa e socialismo, dando início, por esta razão, ao processo de romanização do catolicismo.

Então, na fremente corrida para a modernidade e da reformulação das estruturas sociais e político-administrativas nacionais e locais, a Igreja Católica buscou assegurar seu lugar nesta nova configuração que se delineava a partir dos ideais republicanos – onde a importância voltada à cultura é uma das bases do pensamento positivista, e, o acesso universal à educação constitui um dos pilares do modelo de democracia republicana, além de desvincular oficialmente as instituições eclesiásticas do poder estatal – pois

(...) a quebra do Regime do Padroado que teve como conseqüência a profunda reestruturação institucional da Igreja Católica, agora vinculada estreitamente aos desígnios da Cúria Romana e ao episcopado brasileiro, processo este denominado de

romanização. Também no mesmo período foram sedimentadas as bases estruturais de uma Igreja preocupada com o tipo de catolicismo cultuado no país e, é claro, enquanto instituição, com a sua sustentabilidade financeira. Esta realidade gerou uma política de investimentos da Santa Sé e do episcopado brasileiro na estruturação de uma rede de escolas católicas e seminários no território nacional.” (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p. 114 - 115)

A separação do Estado, em termos de autonomia e organização interna, ao invés de enfraquecer a Igreja, ao contrário, lhe deu mais força e espaços de atuação antes cerceados pelo Estado, uma vez que

vão consolidar uma ação católica independente do Estado, mas que nunca deixou de ser, quando era conveniente, aliada e conciliadora do poder político, na tentativa de superação dos problemas que iriam surgir na vida nacional e, na sua reestruturação no território brasileiro, enquanto, instituição independente, principalmente a partir da década de 1930. Dentro dessa ótica, a Igreja desenvolverá um discurso de oposição ao comunismo, consolidando uma ação organizada em defesa da maioria católica e, por conseguinte, em defesa dos seus interesses em relação à sociedade e ao Estado. (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p.120)

Os resultados políticos e culturais angariados pela Igreja Católica no seio da sociedade laica, obtidos por conta da educação confessional e do projeto de romanização postos em funcionamento no Brasil, podem ser visualizados em todos os Estados brasileiros, exemplo disto é o Ceará onde a

a criação em 1860 da Diocese do Ceará e a nomeação do seu primeiro Bispo Dom Luís Antônio já eram reflexos destes “novos tempos” da fé romanizadora no Estado. Dom Luís logo no início, em 1863, organiza um Seminário diocesano, convidando para dirigi-lo os Padres Lazaristas franceses, (...). Dessa forma, os meios indispensáveis à formação de um clero confiável, moldado pela Santa Sé, estavam sendo implementados além, é claro, da influência que o seminário efetivaria na cultura e na elite intelectual cearense. Esta elite intelectualizada teve um peso significativo nos grandes embates políticos e culturais, sempre defendendo os ideais católicos, especialmente, após a proclamação da República e as reformas constitucionais nos anos 30 do século XX. (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p. 115).

Segundo o projeto da Romanização, as ações eclesíásticas eram voltadas para a manutenção da ordem cristã tradicional e, isto, implicava na manutenção e preservação da sociedade brasileira em termos conservadores e de diferenciação social; e no repúdio de alguns dos ideais da modernidade, então, a missão da Igreja, numa época em que os valores emanados de preceitos religiosos (especialmente os católicos) - como a família tradicional e o respeito pela autoridade e hierarquia – eram questionados e se tentava substituí-los pelo ceticismo científico- racionalista, deveria ser a de ganhar católicos e interferir na sociedade, mas sem alterar a ordem social vigente até então, e assegurar “um processo de negociação

permanente entre Igreja e Estado, visando uma influência maior dos preceitos cristãos na sociedade”. (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p.120).

No Piauí, os reflexos deste processo de reordenamento administrativo religioso são materializados, com a criação efetiva da Diocese piauiense, “primeira circunscrição eclesiástica do Estado e a vigésima na ordem cronológica das criações das dioceses do Brasil” (SILVA, 2001, p. 06), cujo processo se arrastava desde 1822, e, a efetivação desta demonstrou, como explicitou Silva (2001), a reestruturação do clero brasileiro que se uniu para fortalecer a presença da Igreja, através de suas instituições, no maior número de localidades possíveis e assim assegurar o “governo” dos fiéis.

A Diocese do Piauí foi criada, a partir do desmembramento da diocese do Maranhão, tendo a cidade de Teresina como sede episcopal e a Igreja Nossa Senhora das Dores como catedral, em 20 de fevereiro de 1901, pelo Papa Leão XIII, através da Bula *Supremum Catholicam Ecclesiam*, mas esta bula só foi publicada em 06 de janeiro de 1903 pela Nunciatura apostólica.

No entanto, o primeiro bispo nomeado para o Piauí, Monsenhor Antonio Fabrício de Araújo Pereira, do clero pernambucano, não aceitou o cargo e conseguiu a dispensa da Santa Sé. Demoraram-se quase cinco anos para que outro bispo fosse nomeado para dirigir a diocese do Piauí, tal só acontece apenas em 14 de dezembro de 1905, quando o Papa Pio X, por meio do breve apostólico *Cunctis ubiniqué peteat*, determinou que o “Monsenhor Joaquim Antônio de Almeida, então reitor do Seminário da Paraíba” (SILVA, 2001, p. 80) e ex-aluno do Seminário da Prainha em Fortaleza²⁹, fosse sagrado Bispo da Diocese do Piauí. “O primeiro bispo do Piauí foi sagrado no dia 04 de fevereiro de 1906, na catedral de Nossa Senhora das Neves, na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, por Dom Júlio Tonti, Núncio apostólico.” (SILVA, 2001, p. 80) E, assumiu a direção da diocese piauiense no dia 12 de março de 1906.

²⁹ O Seminário de Fortaleza, conhecido como Seminário da Prainha, foi criado em 1863, pelo 1º bispo do Ceará, Dom Luis, e seguia os preceitos tridentinos para a formação dos clérigos. Preceitos estes que se fundamentavam no ultramontanismo e no tradicionalismo e visavam a obtenção a manutenção da unidade católica em todas as esferas da instituição que era a Igreja Católica e cujo centralismo buscava fazer com que as ordens emanadas da Santa Sé (Roma) fossem acatadas e seguidas por todos os integrantes da hierarquia católica. Sobre a criação e o ensino no Seminário da Prainha ver o texto de Gisafran Jucá Nazareno Mota (2008), **A memória social: sobreposição do sagrado ao humano. O caso do Seminário da Prainha em Fortaleza**. E, sobre projeto de educação tridentina adotado nos seminários brasileiros, ver o texto de João Virgílio Tagiavini (2007), **Seminários tridentinos no Brasil: escolas para a formação do clero**.

O mesmo documento eclesiástico que criou a Diocese, ainda, em 1901, condensava as ordens iniciais de Roma para o primeiro bispo do Piauí,

a bula ordena o transferência de todos os documentos concernentes às paróquias e lugares desmembrados da diocese de São Luís para nova Cúria. Constitui como patrimônio da nova diocese os bens imóveis existentes no seu respectivo território, apelando para a piedade dos fieis e dos governantes maiores subsídios *ad Dei gloriam et religionis rationes provendas*; ordena a destinação do prédio anexo à catedral para a residência do bispo; manda que o futuro bispo constitua o cabido e funde, quando possível, um seminário, cujo objetivo seja a preparação acurada dos jovens clérigos na piedade e na doutrina sagradas, segundo as normas da Sé Apostólica, para que sejam úteis ministros e obedeçam à nave da Igreja. (SILVA, 2001, p. 76-77)

Analisando o teor das prescrições encaminhadas ao bispado piauiense, percebe-se nitidamente, que a presença do ideário da romanização, por isto, a Igreja Católica piauiense e os integrantes de seu clero, mesmo com a criação e implantação (1906) tardia da Diocese no Estado do Piauí, adotou o mesmo comportamento da Igreja do vizinho Estado do Ceará, onde “composta em sua maioria por um clero elitizado, romanizado e distante das questões nacionais³⁰ priorizou o caráter da formação do seu clero, como também do seu rebanho, com a finalidade de defender a Igreja ameaçada pelo liberalismo, positivismo e protestantismo.” (VASCONCELOS JUNIOR, 2006, p. 116), utilizando, como instrumentos de primeira ordem para combater os “inimigos” da Igreja de Cristo, as instituições educacionais confessionais católicas.

O movimento da Igreja Católica de valorização do ensino confessional, no início do século XX, aconteceu em todo o Brasil e era um dos elementos integrantes do processo de romanização da Igreja brasileira. Isto se torna evidente ao lermos o seguinte trecho da Carta Pastoral de D. Silvério Gomes Pimenta (Arcebispo de Mariana-MG), intitulada “O Perigo dos Colégios Acatólicos” de 1920, que foi transcrito por Cordeiro (2006, p. 80)

³⁰ Ao afirmarmos que no Piauí, igualmente ao Ceará, as questões nacionais passavam ao largo do cotidiano da sociedade local, estamos nos referindo principalmente às questões de ordem político-administrativa do Estado brasileiro, que para piauienses tais qual para os cearenses, era menos importante e, portanto mereciam menos atenção que seus “problemas internos”, como por exemplo, o comércio internacional da cera de carnaúba, couro de boi, óleos vegetais, borracha de maniçoba, entre outros produtos em franca ascensão na economia local, além das disputas internas pelo controle da máquina estatal estadual. Assim, assuntos como manutenção e/ou fim da Monarquia e advento da República eram de pouco interesse aos piauienses, tanto que a notícia da Proclamação da República chega ao Piauí sem provocar maiores repercussões, conforme explicitou Macambira (1999).

Já outras vezes temos despertado a atenção dos fiéis para o perigo em que precipitam seus filhos confiando-os a escolas acatólicas. (...) Por isso brademos aos pais, com todas as forças d'alma, que por nenhuma razão, por nenhuma conveniência, por nenhuma solicitação de amigos, confiem seus filhos ou pupilos a colégios protestantes, nem a mestres ímpios ou de maus costumes.

No Piauí, o perigo dos colégios acatólicos era representado por dois grupos que se opunham a Igreja católica, os protestantes e os liberais (livre-pensadores).

Os protestantes, representados pelos batistas e presbiterianos que estavam sediados na região do extremo Sul do território piauiense, que em 1º de janeiro de 1904, na cidade de Corrente, fundaram a 1ª Igreja Batista de Corrente (que é também a primeira igreja protestante no Piauí), o Colégio Correntino Piauiense³¹ – sob a direção da missionária norte-americana e presbiteriana Juliett Barlow, e a primeira Biblioteca Pública do Piauí.

Conforme revelam os estudos de Penno (2004a, p.04), a professora Barlow e, depois, Sancha Galvão, “seguindo orientação pedagógica de cunho protestante”, trouxeram para o Piauí material didático para alfabetização de crianças a partir de quatro anos de idade, “métodos e equipamentos próprios para o Jardim de Infância e Ensino Primário, distante das monótonas repetições e inquiridoras palmatórias até então conhecidas”, estes materiais eram, entre outros, jogos, brinquedos, livros de leitura, cadernos de caligrafia e desenho, mapas, quadro-negro e giz, muito comuns nos ensino norte-americano, mas “que não era utilizado no ensino tradicional no Brasil”. Contudo, ante da “dificuldade em conseguir material didático e, de como prática comum dos professores de sua época, fazia grande utilidade do ensino oral.” (PENNO, 2004b, p. 07)

No contexto educacional do século XX, para atingir suas metas, os protestantes tomaram como modelo educacional e exemplificação de desenvolvimento econômico-social os Estados Unidos, tida como “progressista e libertadora” (PENNO, 2004b, p.07), enquanto os católicos tomaram por base a Europa, com enfoque maior à Itália (Roma), por ser sede da Igreja Católica, e o projeto educativo-pedagógico jesuítico. Mas, a despeito de apregoar a modernidade e o ensino confessional protestante, se fundamentava nos mesmos princípios do ensino católico, “visava a formação moral evangélica e cultural em todos os sentidos,

³¹ Sobre a implantação do Colégio Correntino Piauiense e Instituto Batista Corretino ver a dissertação de mestrado de Sandra Mara Kindlein Penno. (UFPI).

(...)”(PENNO, 2004b, p. 03), sob a orientação do credo cristão protestante professado pelos missionários norte-americanos.

Quanto às escolas criadas e/ou dirigidas liberais anti-clericais e com ligações com a Maçonaria, tendo a frente Miguel Rosa, Higinio Cunha, Clodoaldo Freitas, que entre outras atividades ligadas à educação, tinham participação na Sociedade Auxiliadora da Instrução Pública cujas ações resultaram na criação da Escola Normal Oficial em 1910, o ensino nesta escola laica, segundo seus fundadores, contribuiria de maneira mais eficiente para empreender a reforma dos costumes e expurgar da sociedade piauiense os excessos religiosos de credulidade emanados e consolidados pelas práticas pedagógicas católicas empregadas na formação da juventude.

A Igreja piauiense, tal como a cearense, se contrapôs veementemente aos ideais liberais provenientes de Pernambuco, especialmente os emanados do Seminário de Olinda e da Faculdade de Direito do Recife, onde muitos dos bacharéis piauienses³² obtiveram seus diplomas, e de lá, para o Piauí, trouxeram as propostas de uma modernização da sociedade fundamentada no ideário mais radical da Revolução Francesa, o qual propunha o afastamento total da Igreja, especialmente a Católica, dos assuntos civis, políticos, culturais e sociais, enfim a completa laicização da sociedade.

As disputas entre livre-pensadores e defensores da Igreja Católica não se limitavam à questão educacional, os primeiros atuavam em todos os setores da sociedade defendendo a liberdade da ação humana sem intervenção da Igreja Católica e criticando as ações da Igreja que extrapolavam os limites das atividades religiosas e da assistência espiritual, pois creditavam à Igreja o emperramento do progresso humano e científico. Enquanto, a Igreja congregava esforços no sentido de manter sob seus auspícios o pensamento e o comportamento da sociedade, se utilizando para este fim da imprensa e da educação, que se apresentavam como instrumentos eficazes para a formação moral dos líderes da sociedade.

Segundo Silva (2001) o primeiro embate público entre católicos e liberais aconteceu em 1902, quando Dom Xisto Albano (bispo do Maranhão) estava em visita pastoral a Teresina, “este primeiro confronto foi o início de uma batalha ideológica depois agravada” (p.78) ao longo da primeira metade do século XX com diversos episódios de embates

³² Para maiores informações e contextualização sobre o que pensava, como se comportava os bacharéis do Recife no Piauí, ver a obra de Terezinha Queiroz (1994) Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo.

públicos entre liberais e católicos, chegando mesmo a acontecer em dezembro de 1909 um confronto físico entre maçons e católicos, os primeiros sob a liderança de Miguel Rosa invadiram a Igreja de Nossa Senhora do Amparo e interromperam a missa de domingo e depois tentaram invadir o palácio episcopal, com o objetivo de “depor o bispo e forçá-lo a fugir para Caxias no Maranhão” (SILVA, 2001, p. 95). Enquanto, ao lado dos católicos, além do próprio Bispo Dom Joaquim, havia intelectuais como Elias Martins que pela imprensa respondia energicamente às acusações dos maçons, e, em 1909 com o auxílio de outros católicos frustrou a tentativa de invasão da residência do bispo.

Mesmo com tais divergências tornadas públicas, foi Higino Cunha – um dos mais ferrenhos defensores da laicização da sociedade – que proferiu o discurso de recepção ao bispo Dom Joaquim em março de 1906. Contudo, isto não era sinônimo de que com a instituição da Diocese as celeumas tinham sido superadas, as disputas continuaram e a expressão do grande antagonismo que existia entre liberais e católicos no Piauí, pode ser observada na transcrição feita por Silva (2001, p. 82) do Livro do Tombo da Diocese do Piauí e Teresina de 1906 a 1922, que em sua página, 14 está registrado o seguinte comentário sobre Higino Cunha:

A boca nem sempre diz o que sente o coração. Higino foi aproveitado como orador *ad omnia*, de expressão fácil, presença atraente, não porém, como senhor dos sentimentos de que foi feito apenas portador. Maçon desabusado, intérprete vigoroso da lei de sua seita, extremista na prática de suas idéias, pelo que defendia a maçonaria a toda linha. Escondido no pseudônimo, ou às claras, nunca perdeu ocasião de atacar a religião e seus dogmas. Comparando-se aquelas palavras do meliante no seu discurso sobre o catolicismo, com seus artigos em uma luta que o mesmo bispo por ele elogiado, teve de enfrentar contra a maçonaria, logo se vê que Higino despiu sua roupa de Lucifer e apresentou-se ao Bispo em nome da Fé, da Religião e da Ciência, como um Rafael que lhe quizesse ajudar a palmilhar o caminho da (Rages) celestial. O meliante tinha as lábias da sua seita e viveu como o maior incrédulo de Teresina. Morreu como viveu, isto é, sem sacramentos que recusou três vezes, oferecidos por três sacerdotes e teve enterro exclusivamente maçônico. Portanto repito, foi aproveitado como orados *ad omnia* – Lucifer fazendo-se de Rafael.

Então, ante ao cenário de conflitos que Dom Joaquim (1º Bispo do Piauí) encontrou na nova Diocese, logo no primeiro ano de sua gestão, para assegurar o cumprimento de suas funções episcopais – reforçar a presença mais contundente da Igreja Católica no seio da sociedade piauiense e o lugar da Igreja Católica na formação educacional e religiosa dos jovens piauienses (cujos preceitos tridentinos e romanizadores orientavam para que se buscasse, formar desde cedo o pensamento e o comportamento dos fiéis, pois os

momentos de formação moral-religiosa dos fiéis não seriam mais restrito às missas e celebrações, confissões ou preparações para o recebimento dos sacramentos) decidiu não tardar em abrir colégios católicos dedicados a educação da juventude feminina e masculina “a luz dos valores religiosos” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s.d, p. 03) nas cidades de Teresina e em Parnaíba (as maiores do Estado)

No transcurso do primeiro ano de sua gestão instalou o Seminário e o Colégio Diocesano, em Teresina, destinados à educação de rapazes, e, solicitou o auxílio³³ da Congregação Italiana das Irmãs Pobres de Catarina de Sena para a abertura de escolas destinadas a educação das mulheres piauienses, sendo prontamente atendido.

Em outubro de 1906 foi aberto o Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina, e em junho de 1907 foi inaugurado o Colégio Nossa Senhora das Graças em Parnaíba. Estas escolas, embora, se destinassem a atender as jovens pertencentes a famílias detentoras de alto poder aquisitivo, pois havia a cobrança de anuidade aos alunos que variavam de acordo com o Curso ou aulas escolhidas para freqüentarem. Também, “dedicavam-se não só as filhas dos mais abastados, mas também aquelas mais pobres que se achegavam a elas” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 1), para tanto ambos os Colégios das Irmãs mantinham escolas gratuitas, anexas às escolas principais. Em Teresina foi instalada a Escola Santa Inês, no mesmo prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus, a distinção entre as alunas era feita através do uniforme escolar que era diferenciado. Em Parnaíba foi instalada a Escola São José no prédio do Colégio Nossa Senhora das Graças, a distinção entre as gratuitas e as pagantes era feita através das salas de aulas, havia salas distintas para cada categoria de aluna. Enquanto que no Seminário e no Colégio Diocesano ocorria a matrícula gratuita de certo número de alunos.

Em notícia datada de 19 de maio de 1907, o Jornal Apostolo, informa sobre os Collegios de Parnahyba.

Alegra-nos saber que na florescente cidade de Parnahyba ha dois prédios (sobrados) obtidos por Sua excia. Revdm. O Sr. Bispo Diocesano, destinados ao Collegio de meninos. Prédios bem confortaveis, já preparados, atendo as accomodações adaptadas ao fim a que se destinam. Alem destes mais um outro acaba de ser obtido,

³³ O Bispo envia à Madre Geral da Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena, Savina Petrilli, no ano de 1906, pedido para fundar um Colégio dedicado à educação da juventude feminina piauiense primeiramente em Teresina, e, em uma segunda solicitação pede a fundação de um Colégio nos mesmos moldes na cidade de Parnaíba.

afim de nelle ser installado o Collegio de meninas. Este que brevemente se abrirá, vae ser dirigido pelas virtuoas Irmans de Santa Catharina já bem conhecidas entre nós pela aptidão conhecimento e vocação que têm revelado na difficilima quão ardua tarefa de educar a mocidade. Louvamos os esforços dos distinctos filhos da Parnahyba que não têm poupado sacrificio e meios a seu alcance, no justo desejo de conseguirem a fundação e abertura de um tão importante estabelecimento de instrução, onde suas filhinhas vão receber a educação e instrucção necessárias e indispensáveis a mulher, a futura mãe de família e ornamento da Sociedade sã. (...) (APOSTOLO, 1907, p.01)

Sobre o funcionamento do Seminário em Teresina, Silva (2001, p. 85) nos informa que

começou a funcionar com quarenta e nove aspirantes ao sacerdócio, pois o bispo juntara os seminaristas que antes estudavam no Maranhão e no Ceará, mais os que o tinham acompanhado, vindos da Paraíba. Sendo quatorze seminaristas do curso de teologia; onze, do curso de filosofia e vinte e três seminaristas menores. O corpo docente era constituído pelos padres residentes na capital, o vigário geral, os padres da direção do seminário e os seminarista dos cursos superiores. (...) Naquele mesmo ano, no dia três de junho, foram ordenados presbíteros os diácono Felipe de Oliveira Lopes e Aristeu do Rêgo Barros; e no dia dois de dezembro foram ordenados, também presbíteros, os diáconos Marcos Francisco de Carvalho, Alfonso Lopes Ribeiro e Jefferson Urbano Rodrigues da Silva. (...). Os primeiros anos da existência da diocese, com a presença de seu primeiro bispo, foram prósperos em ordenações de novos sacerdotes; de tal forma que D. Joaquim pode realizar vinte e duas ordenações sacerdotais em seus cinco anos de governo na diocese.

Quanto ao Colégio Diocesano instalado na capital, em 19 de maio de 1907, nos informa que “a matricula actual dos alumnos que cursam o primeiro, o segundo e terceiro anno de madureza, matérias avulsas e primeira lettras é a seguinte: 44 alumnos internos, 9 alumnos semi-internos, 39 alumnos externos. Total 92 alumnos.” (APOSTOLO, 1907, p.03) e que “a matricula do Seminário é actualmente de 65 distribuidos pelas seguintes divisoes: 9 Theologos – 12 philophosos e 14 preparatorianos.” (APOSTOLO, 1907, p.04). Em Parnaíba, o Colégio Diocesano que funcionou no primeiro ano apenas com regime de externato, abriu em 1907 o internato.

O empreendimento de Dom Joaquim para a instalação das escolas Confessionais Católicas orientadas e vinculadas direta e efetivamente a Igreja, também, integrava uma estratégia pensada visando minimizar a influência dos protestantes batistas instalados no sul do Piauí (região de Corrente e Parnaguá) e evitar a sua expansão.

O Bispo Dom Joaquim, ainda, dispendeu esforços para “expandir o ensino para o interior do Estado. Entrou em contato com os salesianos, solicitando que abrissem casa em Parnaíba, Picos ou São João do Piauí. (...) Em São João do Piauí, teve a garantia de uma casa para o educandário e uma fazenda de gados, para a manutenção dos professores. No entanto, não se realizaram estes projetos.” (SILVA, 2001, p. 87)

Considerando o texto do periódico católico, as ações de Dom Joaquim foram, até certo ponto, bem recebidas pela sociedade piauiense, que contribuiu com a doação de recursos financeiros e materiais, por diversas vezes, para a manutenção dos Colégios católicos, pois, a parcela católica da população piauiense compartilhava da mesma convicção reinante entre os demais católicos brasileiros de que “(...) o ensino católico, (...), era apontado como o caminho para a formação e ‘salvação’ das elites intelectuais, atacadas pelos ‘males’ da civilização moderna e liberal.” (CORDEIRO, 2006, p. 82).

Some-se a isto o fato de que mesmo, sem possuir um plano/projeto educacional específico para o Piauí, anterior à criação da Diocese, formulado pelas estruturas hierárquicas eclesásticas católicas, mesmo sem a Igreja Católica emanar orientações tácitas a serem seguidas pelos empreendimentos educacionais confessionais no Piauí, estes, seguem, indiretamente, os princípios da Educação Católica, pois, segundo Brito (1996), a educação praticada em nosso território, desde o período colonial até fins do século XIX, fundamentou-se nos planos jesuíticos de educação e nos empreendimentos pessoais de integrantes do clero católico.

Para comprovar tal afirmação, basta-nos, brevemente retroceder aos séculos XVIII e XIX, para observarmos o cenário educacional piauiense, que constatamos que por “falta de recursos humanos para o exercício do magistério e à falta de recursos financeiros para a manutenção das mesmas, pois os baixos salários não atraíam pessoas qualificadas para o exercício das funções docentes.” (BRITO, 1996, p. 16), as diferentes tentativas de montagem e manutenção de um sistema escolar em território piauiense fracassam. E, então, a educação piauiense ficava restrita a iniciativa de particulares. Dentre estas iniciativas a de maior repercussão foi a empreendida pelo padre Marcos de Araújo Costa que organizou uma escola gratuita de ensino primário e secundário na fazenda Boa Esperança³⁴ (Jaicós), a qual funcionou por trinta anos (1820 a 1850). Segundo os dados informados por Odilon Nunes e citados por Brito (1996, p. 24), além da escola do Padre Marcos, os estabelecimentos particulares existentes no Piauí em 1844 totalizavam 28 escolas localizadas³⁵, predominantemente, na zona rural.

³⁴ Para maiores informações sobre a ação educacional de Pe. Marcos ver tese de doutorado de Marcelo de Sousa Neto (UFPE, 2008).

³⁵ As escolas particulares estavam assim distribuídas pelo território piauiense: 09 escolas em Valença; 07 em Barras; 03 em Piracuruca; 02 em Príncipe Imperial (atual Pedro II) e 07 em Parnaaguá.

No que concerne a educação, outra prática comum no Piauí os “professores ambulantes eram contratados para ministrarem aulas nas próprias casas dos proprietários rurais ou em outros locais adaptados, embora sem as condições para funcionamento de uma escola.” (BRITO, 1996, p. 24), mas estas “escolas”, em geral, funcionavam precariamente e temporariamente. Então, em virtude desta situação, era comum em diversas regiões do Piauí, segundo Queiroz (1988) os sacerdotes católicos ministrarem aulas particulares aos seus paroquianos.

No contexto brasileiro do incerto e duvidoso século XX, cujo as linhas definidoras ainda não tinham sido plenamente estruturadas e a convivência de “(...) poucas pessoas foram envolvidas nesse processo tão drástico de transformações – que a um só tempo encantavam, assustavam e geravam ceticismo. Não era fácil absorver tantas novidades e, muito menos, tomar partido quanto a elas.” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 21), a Igreja Católica tinha como finalidade primaz “ recuperar a posição privilegiada e quase monopólica por ela desfrutada no universo cultural e educacional da Colônia” (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p. 123), uma vez que reconhecia a “importância capital da educação na vida do homem e sua influência sempre maior sobre o progresso social de nossa época” (VATICANO II, 1984, p.581), e, por isto, o Brasil, conforme expôs Lopes (2004), precisava de escolas católicas “onde o *professor maçom* não tivesse espaço” (p.05)

Nesta perspectiva, primeiro seguindo os princípios tridentinos e depois de 1965 passou a se nortear pelas declarações proferidas pelo Concílio do Vaticano II³⁶, segundo a Igreja, a instrução católica

visava à formação das gerações nascentes, dentro do ideal católico. Era pela educação católica que a sociedade seria salva do abismo dos equívocos modernos, pois a formação religiosa era a única capaz de combater tais erros e guiar as futuras gerações no caminho do bem, da moral e dos bons costumes cristãos. Ressaltava-se a necessidade de combater uma educação sem Deus. “A religião deve ser a base da

³⁶ A Igreja Católica promove o encontro de todos os Bispos da Igreja para reflectir sobre pontos de doutrina que precisam ser esclarecidos, promulgar dogmas, corrigir erros pastorais e condenar heresias. É presidido pelo Papa ou por algum Bispo, isso porque não é necessário o Papa estar presente para a realização de um concílio, mas para ele ser válido precisa de sua confirmação. Até hoje já aconteceram 22 concílios, tendo o primeiro ocorrido em Jerusalém no ano de 51 e o último foi o do Vaticano II qua se encerrou em dezembro de 1965. O concílio de Trento (1545-1463) marcou a reorganização da Igreja enquanto instituição religiosa, porque promoveu uma Reforma geral da Igreja, sobretudo por causa do protestantismo, a partir da confirmação da doutrina acerca dos sete sacramentos e dos dogmas eucarísticos e sobre a criação dos seminários como centro de formação sacerdotal e sobre os colégios católicos. O concílio do Vaticano II (1962-1965) marcou a abertura da Igreja frente as reivindicações e transformações que se consolidaram no século XX, entre as suas principais realizações está: reforma da Liturgia; constituição da Igreja, alicerçada na igual dignidade de todos os fiéis. revelação divina; liberdade religiosa; ecumenismo e Apostolado dos leigos.

educação, presidindo-a para cessar de ser uma educação falsa e manca”. O pai de família não deveria entregar a formação de seus filhos a educadores ímpios, que os afastariam da religião, aprendendo considerá-la com indiferença. A instrução sem religião estaria fadada à falsidade, seria desastrosa, sem moral, uma vez que a base de toda a educação deveria ser buscada na religião católica. A educação sem Deus estaria minada de preconceitos funestos, depravados, de hábitos venenosos. Era preciso formar a criança com base na Religião. [...] Somente a educação religiosa seria capaz de regular e limitar as ambições, dominar as paixões nocivas e fortificar a vontade na prática do bem. (PINHEIRO, 2001, p. 64-66)

Assim, a criação das instituições escolares católicas piauienses, no século XX, insere-se dentro do contexto geral de expansão das atividades educacionais da Igreja Católica em território brasileiro. Pois conforme a análise feita por contemporâneos à fundação destes,

Colégios Católicos, seja do sexo masculino que feminino, deram em breve tempo, os melhores resultados quanto à instrução assinalada pela virtude que neles é ensinada e é capaz de instilar no coração da juventude nobres sentimentos de amor a Deus, ao próximo, à religião e à Pátria (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, s/d, p. 20).

A presença efetiva dos preceitos da formação educacional católica e a contemplação de seus objetivos no Piauí podem ser observados no discurso proferido pela oradora da turma de ginásianas do Colégio das Irmãs de Teresina em dezembro de 1942, na presença do interventor federal Dr. Benedito Martins Napoleão (paraninfo das formandas).

Foi aqui, que melhor aprendemos a conhecer o nosso Deus, sua doutrina de amor e vida, onde, pela educação dos sentimentos e da vontade, se formou nosso caráter. A ação eficiente e ampla de um instituto de educação só é completa quando cultivando as inteligências juvenis, amplia os seus conhecimentos, alargando-lhes o horizonte do saber, se estende até ao campo da moral, resultando então, de maneira satisfatória pela junção dos dois elementos: intelectual e moral – a educação perfeita e integral. (...) durante estes cinco anos de doce convivência, adquirimos um cabedal precioso de conhecimentos e experiências que, de certo, nos acompanharão em a nossa existência, e qual marco sagrado, apontarão sempre o caminho seguro que devemos trilhar no exato cumprimento dos nossos deveres. (...) O saber era o anseio supremo de nossas faculdades espirituais, a meta augusta, a que todas nós aspiramos. (...) É hoje envolvidas estamos nos arrebóis maravilhosos da cultura que durante este curso adquirimos para as nossas inteligências. Não basta, entretanto: cumprir-nos ir avante, procurar desenvolver-la e ampliá-la sempre. Parar, será retroceder, recuar no campo da batalha será imitar os cobardes, as almas mesquinhas, sem ideal. Prossigamos, colegas, para a frente: a ciência, unida à religião divina salvará de certo, a civilização tão horrivelmente ameaçada no mundo hodierno. Cumpramos, pois, varonilmente nosso dever para com Deus, para com a humanidade, para com a Pátria, o nosso Brasil estremecido. (CADERNO DE ANOTAÇÕES DE IRMÃ ALZIRA VELOSO, s/d, p. 45-46)

Paralelo as ações no setor educacional, mas com os mesmos objetivos, Dom Joaquim, utilizando os recursos financeiros e maquinário de tipografia disponíveis à Cúria piauiense³⁷ (e que foram recebidos, ainda, pelo Monsenhor Lopes, em forma de doação para a Diocese quando da campanha para criação desta circunscrição eclesiástica) fundou em maio de 1907 o *Jornal Apostolo* – “Orgam Official da Diocese” – que teve seu número publicado em 19 de maio daquele mesmo ano e circulava semanalmente. Segundo o texto *Nosso Aparecimento* (1907, p. 01) (espécie de editorial do jornal católico) o periódico diocesano “tem por fim, como bem lhe diz o título – iniciar o grande Apostolado das verdades eternas, chegando ao seio da sociedade piauiense como providencial Mensageiro, empunhando o facho ardente da fé, cujos esplendores são as magnificências do Evangelho.”

Observando o processo histórico de constituição da Educação Católica em território piauiense em confronto com os demais acontecimentos vivenciados pela instituição eclesiástica e pela sociedade brasileira, percebemos que as implantações dos Colégios Confessionais femininos e masculinos não são a concretização dos esforços isolados deste ou daquele grupo ligado à Igreja Católica, mas, sim a consolidação das ações da Igreja que visavam minimizar a influência social e cultural, além de política, dos pensadores e intelectuais maçônicos e dos protestantes.

Estas ações ganharam mais impulso com o Bispo Dom Joaquim Antonio de Almeida que concentrou e organizou ações que visavam combater efetivamente os opositores da Igreja Católica, e atingiu seu ápice entre as décadas de 1930 a 1960 com ampliação do número de alunos e estabelecimento da oferta de cursos que contemplavam desde o jardim de infância (alfabetização) até o ensino secundário (científico e profissionalizante), permitindo, assim, que o aluno das escolas católicas (se desejasse) concluísse os estudos referentes à educação básica em um único estabelecimento de ensino e favorecia a ação pedagógica católica de “reforçar a moralidade e os sentimentos cristãos das [e dos] jovens da elite piauiense. Ação esta ainda mais necessária diante do avanço do feminismo e da modernidade.” (LOPES, 2004, p. 05) que se processava naquelas primeiras décadas da segunda metade do século XX.

³⁷ De acordo com Silva (2001) o patrimônio da Diocese do Piauí em 1906 era de oitenta contos de réis resultante de doações de populares, três fazendas em Piracuruca e Batalha avaliadas em cento e vinte contos de réis e a verba anual do Estado de dezesseis contos de réis.

As intervenções realizadas pela Igreja na área educacional, e, a utilização deste como espaço de consolidação de influência sobre sociedade, pois as escolas confessionais bem mais que ensinamentos técnico-científicos formam/moldam o caráter e a moral de seus discentes seguindo as preceituações religiosas cristãs. Pois, para a Igreja, o processo de educação é uma continuidade do processo de evangelização, ou seja, educar continua sendo um dos veículos alternativos para a preservação da fé cristã e da posição da Igreja enquanto instituição norteadora das práticas cristãs no Brasil.

No cenário sócio-geográfico piauiense, as práticas confirmam a existência e a persistência incontestada de que “(…), Política e Cultura formam uma relação biunívoca e são causa e efeito do desenvolvimento”(OLIVEIRA, 2008, p. 02), especialmente, quando nos referimos à questão educacional, a qual em nosso território (afirmamos, sem temer exagerar com esta afirmação) sempre foram assunto e preocupação, quase que exclusivamente, das pessoas “ilustradas”/“letradas” integrantes e/ou participantes diretos dos acontecimentos políticos. E, como consequência de tal configuração social, o incentivo, a implantação, funcionamento e manutenção das instituições escolares/educacionais existentes no Piauí, até a primeira metade do século XX, eram resultantes das ações empreendidas – isoladas ou em conjunto – pela Igreja e o poder público estadual.

Ações estas que se inscrevem no contexto (complexo e confuso) da consolidação do Estado republicano brasileiro, e, com a materialização das reivindicações formuladas pelos “letrados” ao Estado e à Igreja, ambas as instituições mais comprometidas com seus projetos ideológicos e políticos particulares de consolidação destas instituições do que com o desenvolvimento social da população brasileira e piauiense, por inclusão.

O Estado piauiense, em consonância com os acontecimentos nacionais, buscou fortalecer a unidade da Federação e o reconhecimento público do regime republicano. A Igreja, imbuída do espírito tridentino/ultramontano, segundo os princípios da romanização da Igreja brasileira, buscou se alinhar à política religiosa e administrativa do Vaticano e assegurar o lugar social e a influência do catolicismo na sociedade brasileira recém-laicizada.

Assim, podemos afirmar que a constituição do sistema escolar piauiense, tanto no que se refere às escolas do setor público quanto as do privado, é o resultado imediato de vontades político-institucionais do clero católico e seus seguidores e dos gestores e/ou políticos estaduais, os quais se coadunaram com as aspirações e solicitações dos grupos de

intelectuais locais cuja pretensão maior era inserir o Piauí no processo de modernidade, emanado pelo século XX e pela República.

Isto implicava em promover “transformações do habitus social dos seres humano na direção de um modelo de autocontrole mais bem proporcionado, universal e estável” (ELIAS, 2006, p. 24) e conseqüentemente promover o desenvolvimento material e econômico do Piauí por meio da ampliação da oferta da educação formal e elevação dos níveis de instrução no Estado, dentre outras medidas adotadas então. Porém o desenvolvimento pretendido pelos propulsores da modernidade piauiense implicou no deslanchar de outros processos sociais não planejados conforme explicou Elias, (2006), entre os quais estão as transformações sócio-culturais que deram os primeiros encaminhamentos para que começassem a ocorrer alterações nos papéis sociais femininos e masculinos em nossa sociedade.

*A vida não é a que a gente viveu,
e sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.*

Gabriel Garcia Marquez, 2005

3 “EVOLUINDO, REFORMULANDO-SE E REAFIRMANDO-SE”³⁸:

as interfaces entre a História dos Colégios das Irmãs e a História das mulheres piauienses no decorrer do século XX

“Se uma época se define pelo que tolera” (NOVAES, 1992, p. 14), o Brasil do século XX pode ser definido em três momentos distintos no que se refere à aceitação e reconhecimento social do comportamento feminino divulgado, recomendado e requisitado pelos grupos sociais nos quais as mulheres brasileiras se inseriam. Para demarcar, didaticamente, as diferenças entre estas três figurações sociais, tomamos como referência, por um lado, as formas de inserção e atuação empreendidas pelas figuras femininas e, por outro, a recepção e aceitação da presença das mulheres nos espaços públicos pelos demais atores sociais.

Temos, assim, uma primeira figuração vigente entre a virada do século XIX e o século XX e que se estende até a década de 1920, a qual se caracteriza pelo início da tolerância (ainda tímida) à presença das mulheres nos espaços públicos e dos investimentos familiares e estatais na formação escolar feminina. Os recursos destinados a educação feminina foram pequenos tanto quando se leva em consideração em termos de valores monetários quanto em número de mulheres escolarizadas, mas, ainda com tal restrição percebeu-se aumento progressivo – se comparado ao início do século XIX – no do número de escolas voltadas para a educação feminina, especialmente com a instalação das confessionais e das Normais³⁹.

Durante este momento da nossa história o “ideal de vida burguês” estava consolidado e neste “projeto de sociedade” os papéis sociais femininos estão circunscritos ao binômio

³⁸ Em 1973, ao produzir uma síntese da História do Colégio Sagrado Coração de Jesus e da atuação religiosa e social da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina em Teresina a Irmã Maria do Socorro Franco Sá, então diretora do Colégio e ex-aluna do Colégio, utilizou como título do texto a seguinte expressão “Colégio Sagrado Coração de Jesus: evoluindo, reformando-se e reafirmando-se.”

³⁹ Conforme Kulesza (1998) a primeira Escola Normal instalada no Brasil foi a de Niterói (RJ) fundada em 1835 seguida pela Escola da Bahia em 1836 ambas mantidas com recursos de particulares, enquanto a primeira escola voltada para a formação de professores primários mantida com recursos foi instalada na cidade do Rio de Janeiro em 1880. Kulesza (1998) afirma também que no processo de institucionalização do ensino secundário brasileiro ao longo do século XX as escolas normais passaram a ser um espaço de formação essencialmente feminino, enquanto os liceus e as escolas politécnicas cuidavam da educação masculina. No Piauí aconteceram diversas tentativas para manter funcionando uma escola normal, no entanto foi apenas em 1910 com a instalação da Escola Normal Oficial pelo Governo do Estado que o ensino profissionalizante feminino ganhou impulso e se expandiu.

esposa-mãe e mesmo as atividades remuneradas⁴⁰ as quais as mulheres (principalmente das classes média e alta) se encontravam vinculadas eram extensões das atribuições destinadas à esposa ou à mãe, pois, naqueles anos “educar significava mais que instruir. Pois, de certa forma, referia-se à construção de uma “mulher completa”, que ia desde o domínio da língua francesa até a prática de boas maneiras, habilidades manuais, prendas domésticas, e outras atribuições femininas” (RODRIGUES, 2008, p. 01). Ou seja, nesta figuração atribuía-se à educação feminina a função de preparação das mulheres para se tornarem esposas e mães e como tais guardiãs da casa, da vida e do catolicismo, ao mesmo tempo em que eram detentoras dum refinamento estético e afeitas as novas sociabilidades urbanas.

Esta figuração social começou a sofrer mudanças em fins dos anos de 1930, as quais se consolidaram durante a década de 1940 e na década seguinte, e as famílias passaram a investir mais tempo e recursos financeiros na educação das mulheres e as mulheres passaram a dedicar mais tempo à educação formal o que ampliou significativamente o número de mulheres portadoras do ensino secundário. Este momento, em termos educacionais, aparece como sendo o de aumento contínuo dos anos de escolarização das mulheres, o que lhes permitiu começar a obter o acesso e a conclusão do Ensino Superior.

No decorrer dessas décadas a Normalista ou a Professorinha⁴¹ foi elaborada social e culturalmente, como figura representativa da presença das mulheres nos espaços públicos, especificamente no espaço do mercado de trabalho e de ocupações profissionais femininas, uma vez que

(...) as jovens de famílias abastadas continuaram recebendo uma educação que primava pelo desenvolvimento das prendas domésticas e alguns lustros culturais, qualidades desejáveis para brilharem nos salões e conseguirem boas alianças matrimoniais. Para as moças de menor poder aquisitivo, mas que não faziam parte do grosso da população, as Escolas Normais públicas representavam a possibilidade de continuação dos estudos de forma gratuita, e o magistério de crianças tornou-se a destinação feminina, enquanto as jovens aguardavam o momento de contrair núpcias, objetivo de qualquer mulher no período. Se estas não se realizassem, a profissão assumiria os contornos desejáveis da maternidade, não mais biológica, mas voltada ao amor pelos alunos. (ALMEIDA, 2007, p.41)

⁴⁰ Para maiores informações sobre as atividades remuneradas desenvolvidas por mulheres no início do século XX veja Castelo Branco (2005) e D’Incao (2007).

⁴¹ Para maior detalhamento sobre a construção desta imagem social da mulher nos espaços públicos durante o período citado ver: Almeida (2007) e Bassanezi (1997).

Assim, a sociedade brasileira e piauiense passou a aceitar que as mulheres atuassem em atividades profissionais e lugares bem definidos, admitindo que as mulheres trabalhassem apenas enquanto não se casavam ou, ainda, quando careciam buscar o próprio sustento por conta da ausência da figura masculina provedora em suas vidas. E continuavam tendo de desempenhar profissões tidas como adaptação e/ou continuidade das atividades maternas, tais como: professora normalista, preceptoras, enfermeiras, secretárias, governantas, trabalhos manuais e artesanais, pensionistas, etc. para as mulheres oriundas dos grupos mais abastados economicamente enquanto às mulheres pobres as atividades profissionais continuavam restritas aos trabalhos domésticos (lavadeiras, costureiras, faxineiras) e operários em fábricas.

Uma terceira configuração social que estabeleceu outro lugar para as mulheres na sociedade nacional começou a se delinear a partir de fins da década de 1950 e se estendeu ao final do século XX. É neste momento histórico em que há, social e economicamente, a requisição e exigência de que as mulheres se façam presentes e atuem ininterruptamente nos espaços públicos desta vez sem “limitação” de atividades profissionais e condições de estado civil.

Em função desta redefinição de papéis sociais – tanto femininos quanto masculinos – ampliou-se os investimentos e as expectativas em relação à educação das mulheres, de forma a denotar progressivamente o aumento do número de mulheres a ingressar e concluir o ensino superior, além de ocupar funções no setor de serviços e órgãos estatais.

As diferentes configurações do campo social resultaram em contínuas alterações dos lugares e papéis sociais ocupados e desempenhados pela figura feminina na sociedade brasileira e piauiense, ao longo do último século. E estas alterações têm lugar, em grande medida, em função da possibilidade real – construída lentamente desde fins do século XIX – de acesso ao ensino formal e da progressiva ampliação dos anos de estudo das mulheres com o correr dessas décadas, o que propiciou e provocou reformulações no comportamento social feminino. Posto que a escolarização proporcionasse o alargamento das perspectivas e projetos de vida feminina que passara a não se restringir unicamente ao casamento e à maternidade, uma vez que disponibilizou às mulheres o acesso aos instrumentais sociais, culturais, intelectuais e materiais necessários para a projeção, formulação e busca de uma atividade profissional remunerada, podendo ter anseios de constituir uma carreira.

Observando as especificidades do longo e tortuoso processo de escolarização feminina brasileira e piauiense, percebemos que a Igreja Católica, apoiada pelo Estado e por meio de suas Congregações Religiosas, foi a instituição mais presente, e, é, principalmente, a partir do ensino ofertado nos Colégios Confessionais Católicos que as mulheres tiveram a oportunidade da ampliação dos anos de estudo, mas concomitantemente a isto, de vislumbrar a possibilidade de alteração de seus projetos de vida e de tecer estratégias para concretizar suas aspirações.

Olhar de relance os empreendimentos educacionais confessionais poderia nos levar a afirmar que estes investimentos são resultantes da inovação e visão de futuro das instituições religiosas, além de seu comprometimento com o processo de alteração do cenário social brasileiro em fins do século XIX e inícios do XX que já não mais tolerava a exclusão das mulheres do ensino.

Contudo, ao procedermos a uma observação mais acurada e dando atenção ao “diagnóstico e na explicação das tendências de longo prazo e não-planejadas”(ELIAS, 2006, p.197), observando embates e disputas sociais que se travaram nos diferentes e fragmentários cenários sociais do século passado, notamos que, embora, atingir estas mudanças tenham sido as intenções de alguns membros da Igreja, não foi fator determinante para que a instituição mais antiga do mundo Ocidental investisse na educação feminina. E, sim, porque “tal ação da Igreja visava tornar mais aceitável as idéias reformistas e a preservação dos espaços político-religiosos daquela instituição, através da ação feminina, [...] então, educar as mulheres brasileiras conforme os preceitos do catolicismo emanados do Concílio de Trento⁴²” (SILVA, 2007, p.43) significava constituir defensoras da sociedade tradicional cristã-católica e difusoras dos preceitos e comportamentos defendidos pela Igreja.

Esta perspicácia por parte da Igreja em perceber, antecedendo-se ao Estado e mesmo aos defensores do liberalismo e republicanismo, a importância da educação feminina para a manutenção da ordem social nacional, se explica pelo fato de

⁴² Reunião de bispos e cardeais da Igreja Católica, ocorrida de 1545 a 1563, na cidade italiana de Trento. Foi “um dos concílios mais complexos e significativos da história cristã.” (ALBERIGO, 1999, p. 245), posto que direcionou e determinou todas as ações da Igreja Católica contra a expansão do movimento da Reforma Protestante. As principais definições deste Concílio foram: estabelecer a idade mínima para o sacerdócio (25 anos); instituição de seminários destinados à formação dos clérigos; definição dos sete sacramentos; fortalecimento da autoridade pontifical; adoção do latim como língua litúrgica; determinação do celibato clerical.

no Império, a Igreja Católica havia sido severamente combatida pelos anticlericalistas e liberais que a viam como uma ameaça às idéias republicanas. Ao se consolidar, a República se acomodou ao novo regime político, reagindo contra a invasão protestante nos campos religioso, político e educacional e começou a implantar um trabalho pastoral marcante, demonstrando uma extraordinária resistência à secularização, com a criação de dioceses, novas ordens religiosas, internatos para filhas das oligarquias e colégios católicos para os meninos e desenvolvendo obras de caridade. Isso permitiu seu retorno ao cenário cultural do país recuperando uma posição que, na verdade, nunca havia sido seriamente ameaçada de extinção, dado que o regime propunha um certo artificialismo na desvinculação da igreja do Estado, que nunca esteve de acordo com a opinião do povo brasileiro. (ALMEIDA, 2007, p.46 - 47)

E, também, porque na composição das figurações sociais do século XX, as ações da Igreja Católica no Brasil se institucionalizaram, ou seja, passaram a seguir as ordenações gerais emanadas de Roma, isto é, implantou-se o processo de “romanização” da Igreja no país, resultando na adoção de posturas e desenvolvimento de ações coordenadas e conjuntas originárias da Santa Sé, seja por meio dos escritos e revisões das orientações decorrentes do Concílio de Trento, seja por conta de documentos e resoluções locais e pontuais provenientes dos Bispos e Dioceses nacionais que se alinhavam às determinações romanas.

As ações eclesiais no campo educacional em nosso país são exemplo claro deste processo de reordenamento institucional, pois, até então, eram empreendidas em razão da vontade e iniciativas individuais dos clérigos e, agora, passaram a ser regidas e pautadas a partir de preceitos gestados e emanados nas esferas hierárquicas da Igreja e faziam parte do movimento empreendido pelo Pontificado Romano no intuito de reconsolidação do prestígio e poder dos católicos no cenário mundial e nacional, assim, “a partir da era republicana a promoção da escola católica passou a constituir outro componente importante da ação pastoral da Igreja” (AZZI apud MOURA, 2000, p. 100).

Para empreender a tarefa de educar os jovens na fé cristã, a Igreja Católica brasileira solicitou apoio de religiosos estrangeiros, e, neste período foi crescente o número de Ordens e Congregações Religiosas que vieram fixar-se no país, neste momento de abertura de novos espaços de atuação social⁴³, chegaram as Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena⁴⁴

⁴³ Na Europa, em conseqüência da difusão dos ideais da Revolução Francesa e de sua ideologia laicizante, ocorreram conflitos políticos e ideológicos entre a Igreja e os Estados europeus, o que dificultou e, em alguns momentos impediu a atuação social de religiosos e religiosas. “As Congregações encontram então na vinda para o Brasil uma solução para esse problema, mostrando-se motivadas pela idéia da ‘missão’ em terra estrangeira e legitimando, oportuna e religiosamente, o êxodo da Europa” (NUNES, 2000, p. 492).

em 1903, atuando inicialmente na cidade de Belém (Pará), onde seis irmãs fundaram o Colégio Santa Catarina de Sena. A experiência educacional das Irmãs Catarinas em Belém (PA) chamou a atenção do Bispo da Diocese do Piauí, Dom Joaquim Almeida, que propôs em 1906 àquela Congregação instalar no Piauí Colégios dedicado à educação feminina.

Podemos creditar à preocupação do Bispo em solicitar a vinda de freiras italianas para o Piauí, a dois fatores, basicamente. O primeiro está vinculado ao seu projeto enquanto administrador, representante e maior defensor da Igreja Católica em território piauiense. E, em segundo, ao fato de existir no Piauí até aquele ano um incipiente ensino feminino. Fato este que provocava preocupações tanto nos administradores da máquina estatal que vêem estas Escolas deixar de ser puramente voltadas para a formação profissional “para se tornar uma casa de educação *commum*, acessível a todas as candidatas, sem maiores exigências de habilitações para o exame vestibular e outros que são indispensáveis a quem se proponha ministrar a instrução.” (LEAL, 1930, p. 03), quanto nas demais figuras da sociedade local que acreditavam na educação como propulsora do progresso humano e material do Estado e que não viam tais ideais se concretizarem por falta de instituições de ensino aptos a atender satisfatoriamente (do ponto de vista material e pedagógico) as demandas da população piauiense.

Mas, diferentemente, dos administradores do Estado que se preocupavam com a descaracterização das finalidades e do ensino ofertado nas Escolas Normais locais, a preocupação de Dom Joaquim relativamente às estas escolas se resguardava no fato de, naquele início de século XX, estas serem espaços controlados pelos liberais que “defendiam que, nas escolas do governo republicano o ensino deveria estar livre dos dogmas tradicionais da igreja e sob o gerenciamento estatal.” (ALMEIDA, 2007, p. 29).

No esteio destes eventos históricos o incentivo e investimentos a educação feminina, tanto por parte da Igreja, como, posteriormente, por parte do Estado, figuraram como a tônica dominante nos discursos, onde havia “um incitamento à educação da mulher, que estaria sendo injustiçada, pois era excluída da herança da ciência dos antepassados” (QUEIROZ, 1988, p.47) e, também, porque, “a idéia da educação como primeiro elemento do

⁴⁴ A Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena foi fundada em Sena na Itália, em 08 de setembro de 1873, pela Bem Aventurada Savina Petrilli, seu carisma fundamenta-se na espiritualidade assemelhar-se a Cristo como Sacerdote e Vítima, servindo aos irmãos e na educação da infância e juventude pobre e abandonada.

progresso humanitário e como a mais palpitante necessidade da população do Piauí.” (QUEIROZ, 1988, p.47).

Por isto nas décadas posteriores a 1910, o que se observou na História Brasileira e Piauiense, em relação às mulheres, foi o deslanchar do processo de ampliação da aquisição da educação formal, a busca por formular e desempenhar novos papéis sociais e inserir-se definitivamente nos espaços públicos, através da ocupação de postos de trabalhos para os quais estavam adquirindo conhecimentos técnicos, formação escolar e certificação.

Esta inserção nos espaços públicos com a intencionalidade de permanências e não mais de forma fortuita e esporádica em virtude das horas de lazer e entretenimento, como acontecia em fins do século anterior, provocou transformação nos comportamentos femininos e ocasionou o redimensionamento de atitudes, aspirações, desejos, emoções e formas de realizações pessoais, que observamos moldar-se buscando o formato mais adequado para conviver na realidade instável na qual nos imiscuímos.

Realidade esta onde há o digladiar de diferentes grupos sociais pela hegemonia desta sociedade que se reconfigura cotidianamente e que comporta e preserva diversos e diferentes e, por vezes, antagônicos, posicionamentos e grupos sociais. Entre tantos, há os defensores da preservação dos moldes tradicionais-conservadores nesta sociedade, há, também, os defensores da modernidade, da fluidez e adaptabilidade constante às circunstâncias.

Neste cenário social redefinições de posturas possibilitaram, no transcurso de pouco mais de quatro gerações, às mulheres alterarem diferentes aspectos de seus comportamentos públicos e privados. E, neste, o estudo da História da Educação suscita uma série de dúvidas, talvez, a mais inquietante seja a busca por conhecer com maior acuidade as normas, as estratégias e reflexos das nuances e das determinações referentes e utilizadas/seguidas para instrução formal das mulheres, as quais, no decorrer do século XX, possibilitaram às mulheres romper os limites dos espaços privados e assumir/desempenhar papéis sociais diferenciados, não se restringindo aos tradicionais papéis de esposa e mãe e, por vezes, os rejeitando ou agregando outros a estes até o ponto de, neste início de século XXI, as mulheres representarem a maior parcela da mão de obra qualificada e inserida nos diferentes tipos de mercados de trabalho.

Estas transformações decorreram, em grande parte, à possibilidade de estudar e ao ingresso nas Escolas Confessionais Católicas, ainda em fins do século XIX, em outras regiões

do país, conforme atestam os trabalhos de Manoel (1996), Camargo (2000), Almeida (2007), Nunes (2000), Bassanezi (2000), entre outros. Mas, no Piauí, isto aconteceu somente no início do século XX, principalmente a partir da fundação dos Colégios das Irmãs Catarinas, os mais antigos estabelecimentos educacionais a se dedicar a educação das mulheres em nosso território, o que implica em afirmarmos que existem interfaces entre a História dos Colégios das Irmãs e aspectos da História das mulheres piauienses no decorrer do século XX.

Os Colégios das Irmãs no Piauí, por serem instituições confessionais católicas, no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas são imbuídos do tradicionalismo defendido pela Igreja Católica até a década de 1960⁴⁵. Contudo, mesmo sendo portadores do conservadorismo católico, estas instituições de ensino se tornaram referência e parâmetro para a oferta da educação de qualidade, e, contribuíram para alteração da configuração social piauiense no século que se findou.

Para compreender esta aparente contradição que marca o desenvolvimento da história da educação confessional no Brasil e no Piauí, se faz necessário conhecer que escolas são estas, como elas se “constroem” enquanto instituição de ensino e social e, também, como se inserem no cenário histórico-social piauiense.

Assim, conhecendo os currículos, as práticas pedagógicas, os educadores, a rotina escolar e as estratégias adotadas nas escolas savinianas para incentivar e difundir o catolicismo e o patriotismo, além das ações de caridade praticadas e as formas de obtenção de recursos financeiros, enfim, a cultura escolar dos Colégios das Irmãs Catarinas, é possível visualizar a presença e participação efetiva destas instituições no processo de constituição, consolidação e expansão do sistema educacional piauiense. E, compreender a configuração da sociedade contemporânea brasileira a partir da análise da cultura escolar católica, o que nos “permite articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e complexa, os elementos chaves que compõem o fenômeno educativo, tais como os tempos, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares.” (FARIA FILHO, 2003, p. 85).

Lembremos que

⁴⁵ A partir de 1965 quando se encerrou o Concílio do Vaticano II e foram publicadas as suas resoluções e orientações para a condução da Igreja Católica, esta instituição religiosa sofreu uma espécie de “atualização” e de certa forma rompendo (em alguns aspectos) com o tradicionalismo defendido, até então, passando, a defender pública e oficialmente a liberdade religiosa e o ecumenismo religioso, bem como maior participação do laicato católico nas ações da Igreja, enquanto no setor educacional acontece a adoção da co-educação nas escolas católicas.

(...) a noção de cultura escolar é aqui entendida como a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articulados e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos, a materialidade e os métodos escolares. (...). Ela permite, ainda, entender os próprios processos de constituição dos sujeitos – e de seus lugares sociais – como dimensão importante da cultura escolar e possibilita, também, articular duas outras dimensões importantes do fenômeno educativo escolar e, conseqüentemente, de suas tentativas de investigação: o tempo mais longo e a dimensão macro dos processos de escolarização com os tempos curtos e a dimensão micro das práticas escolares. (FARIA FILHO, 2003, p. 85)

Seguindo esta perspectiva, e cientes de que “a família, a escola, a igreja, como sistemas culturais, foram, ao longo do tempo, gerando e engendrando valores, crenças, atitudes e, assim, forjando subjetividades, forjando vidas com ritmos próprios de cada tempo e de cada espaço.” (ASSUNÇÃO, 2007, p. 42) que resultaram em certo ordenamento social, procuramos analisar e compreender os Colégios das Irmãs não apenas como uma instituição escolar, mas, também, como uma instituição social e histórica constituinte e constituidora de uma configuração social – conforme as interpretações produzidas por Elias (2006), Leão (2007) e Ribeiro (2009) – pois “o mundo contemporâneo tornou-se impensável sem escola.” (FONSECA, 2003, p.30), uma vez que a educação foi apontada como a única capaz de promover o desenvolvimento humano, tanto nos aspectos sócio- culturais quanto nos econômicos e materiais.

Por tudo isto, “(...) a escola está colocada no centro de uma das grandes transformações culturais da modernidade: a lenta, mas paulatina, afirmação do modo de socialização letrada *vis a vis* a desqualificação das formas orais de organização e transmissão de saberes e conhecimentos.” (FARIA FILHO, 2003, p. 89) podemos reafirmar, então, que os Colégios das Irmãs participaram ativamente da reconfiguração da sociedade piauiense que se processou no século passado, uma vez que “criou-se um projeto pedagógico, comprometido com o ideal da educação feminina, almejado pelas famílias de elite e pela sociedade” (RODRIGUES, 2008, p.02).

Some-se a isto o fato de que a educação preserva a experiência humana e parcela da cultura, por meio do processo de escolarização o qual empreende a transmissão de informações e com estas as formas de pensar, agir, sentir, etc. admitidas por determinada sociedade e contexto histórico-social. Em outras palavras, o sistema educacional é moldado para assegurar a preservação da figuração social vigente, mas, na prática, é, também, um dos principais fomentadores das transformações destas figurações o que gera processos sociais

que podem resultar no delineamento de outra configuração, em virtude de seu funcionamento e reordenamento cotidiano provocado pelas necessidades de adequações e ajustes as demandas que se constituem durante a interação contínua e repetida entre os diferentes atores sociais.

E o florescimento das Escolas Católicas no Brasil, conforme já mencionado, tem relação direta com o processo de Romanização da Igreja Católica em nosso país, o qual elegeu a ação educacional como prioritária, com o intuito de retomar os espaços de atuação e controle sociais minados e/ou esmaecidos durante os anos do Império. Tanto que

nos primeiros tempos do Império, devido à tradição anticlerical e regalista do período, o ensino católico para moças era inexistente, havendo, quando muito, escolas particulares dirigidas por estrangeiros. Na transição Império-República, a educação pública se debruçou sobre a necessidade de alfabetização para o operário e o imigrante que atuavam nas esferas de produção. Havia uma intencionalidade de se proporcionar uma educação científica às elites que iriam dirigir o país que se formava iluminado pelas idéias liberais e democráticas. [...] Alguns setores acreditavam na emancipação cultural da mulher pela via da instrução, embora fossem raras as boas escolas femininas. Nas décadas seguintes, tendo se fortalecido o regime republicano, para instruir as jovens, a educação escolar passou a contar com a colaboração de freiras católicas, estrangeiras e brasileiras, que se incumbiam do ensino das meninas nos orfanatos e colégios em regime de internato e externato mantidos pela Igreja Católica. A oligarquia paulista conservadora tinha uma certa predileção por esses colégios; para lá mandavam suas filhas onde a educação se erigia sobre os valores cristãos tradicionais, na moralidade elevada, na religiosidade extremada, na submissão feminina o modelo patriarcal da sociedade e, por isso, antifeminista, visando principalmente à manutenção da ordem social. (ALMEIDA, 2007, p. 29)

O Piauí não fugiu a esta lógica, e, portanto as escolas confessionais católicas conseguiram se estabelecer e se manter ao longo do último século num lugar social de destaque para si e para seus egressos. O que lhes credenciou como espaços de formação privilegiados, respeitados, referenciados e aspirados, seja pelos estudantes que ambicionam ingressar nestas como discentes, seja pelos docentes que aspiram integrar o quadro de docentes destas instituições, seja pelos egressos que utilizam as instituições como referenciadoras de suas ações e sucessos, seja pelas outras instituições escolares que as tomam como modelo a seguir e perseguem o padrão de excelência/qualidade próximo ao destas, seja as famílias e comunidade em geral que reconhecem aquelas como instituições de qualidade inigualável, etc.

O processo de escolarização no qual os Colégios das Irmãs tomaram parte tanto enquanto instituição originada e que agiu e age dentro de um e conforme um contexto político

e cultural específicos, quanto espaço de (re) produção de sociabilidades e culturas escolares cujas práticas extrapolaram os “muros” das escolas, deve ser entendido a partir da perspectiva elaborada por Faria Filho (2003), onde

estamos entendendo o termo escolarização em um duplo sentido, os quais estão intimamente relacionados. Num primeiro, escolarização pretende designar o estabelecimento de processos e políticas concernentes à “organização” de uma rede, ou redes, de instituições, mais ou menos formais, responsáveis seja pelo ensino elementar da leitura, da escrita, do cálculo e, no mais das vezes, da moral e da religião, seja pelo atendimento em níveis posteriores e mais aprofundados. Em outra acepção, estamos entendendo por escolarização o processo e a paulatina produção de referências sociais, tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados. Neste caso, nossa atenção estará voltada para o que temos chamado de implicações/dimensões sociais, culturais e políticas da escolarização, abrangendo questões relacionadas ao letramento, ao reconhecimento ou não das competências culturais e políticas dos sujeitos sociais e à emergência da profissão docente no Brasil.(FARIA FILHO, 2003, p. 78)

Assim, os Colégios da Irmãs Catarinas são ao mesmo tempo e continuamente e, por isto mesmo, para a sociedade piauiense – e para aqueles integrantes de outros lugares sociais que para lá encaminham suas filhas – um espaço que ofertava formação intelectual, humana, social e religiosa, ou seja, aos educandos disponibilizava as instruções, os meios, as maneiras, as atividades e os exercícios que resultariam como “produto final” do processo de escolarização ali empreendido, numa cidadã exemplar, respeitadora e cumpridora das leis da Nação, temente a Deus e à Igreja e defensora da moral e das tradições familiares.

3.1. Colégios das Irmãs: “formador intelectual, humano, social e religioso”⁴⁶ no território piauiense

Em território piauiense, em 1906, os Colégios confessionais católicos destinados a educação feminina iniciaram tendo as religiosas italianas da Congregação dos Pobres de Santa Catarina de Sena como diretoras e professoras. A escolha dos nomes dos colégios atendeu ao

⁴⁶ Dom Rufino (Bispo Emérito da cidade de Parnaíba) escreveu texto analisando a importância do Colégio Nossa Senhora das Graças (Colégio das Irmãs de Parnaíba) para o desenvolvimento educacional e religioso na cidade de Parnaíba, o título do texto é “CNSG: formador intelectual, humano, social e religioso”. O referido texto foi publicado em 2007 na edição especial da Revista Raios de Luz (Parnaíba).

pedido feito pelo Bispo Dom Joaquim, responsável pela vinda da Congregação italiana para o Piauí. Em Teresina, o Colégio fundado em outubro de 1906, recebeu o nome e foi consagrado ao Sagrado Coração de Jesus. O Colégio de Parnaíba, fundado em junho de 1907 “sob a invocação de Nossa Senhora das Graças com a presença do Exmo. Sr. Bispo e a escol da sociedade parnahybana” (O APOSTOLO, 1907, p.02) como forma de homenagear a santa padroeira da cidade.

No Piauí, diferentemente de outros lugares onde atuam e os leigos as chamavam de “Irmãs dos Pobres”, as religiosas da Congregação dos Pobres de Santa Catarina de Sena são conhecidas como “Irmãs Catharinas” (Irmãs Catarinas), segundo consta em carta enviada à Madre Savina (superiora geral da Congregação) em 02 de julho de 1907 pelas religiosas que estavam em Teresina, é porque em

13 de maio, (...), foi inaugurada a Capela e, ao mesmo tempo, festejada a ínclita Padroeira. Entre cânticos sagrados, acompanhados ao órgão, foi celebrado o Divino Sacrifício. O bondoso Padre Alfredo Pegado, Secretário do Sr. Bispo (o qual durante a ausência do Capelão Padre Lopes, substituiu-o com admirável abnegação) com fervorosas palavras reavivou o nosso fervor. Muitas alunas receberam Jesus na Eucaristia. Vários fiéis estavam presentes. No final da tarde, a Bênção do Venerável Pastor encerrou a devota festinha transcorrida na mais calma e pura alegria. Comovente pensamento! Esta foi a primeira festa celebrada, não direi no Brasil, mas no Piauí, em honra da Virgenzinha Senense! Até então, esta incomparável Santa não era conhecida, nem venerada nessa longínqua região. Mas desde quando nossa humilde Congregação, naquele momento estendeu o seu amável estandarte de caridade e do amor, também o nome de Catarina, soou bendito e invocado, e nós, mesmo sendo suas indignas filhas, aqui nos costumam chamar: “Irmãs de Santa Catarina” ou simplesmente “Irmãs Catarinas.” (COLEGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, s.d., p. 12)

O processo de constituição e consolidação dos Colégios como espaços educacionais que possibilitam a ampliação dos anos de estudos das mulheres piauienses, em termos educacionais, se principia no início do século XX, se fortaleceu na segunda metade da década de 1920 com a contratação de professores de Língua Portuguesa e, em 1930, com a ampliação dos níveis dos cursos ofertados e teve sua continuidade nas décadas seguintes com a formação e manutenção de quadro de profissionais com alto índice de qualificação acadêmico-profissional e baixa rotatividade e ampliação do respaldo social da própria instituição escolar e de suas ex-alunas.

Enfim, a História dos Colégios das Irmãs no Piauí atravessou o século XX, e estas instituições chegaram ao atual sendo reconhecidas como “escolas de tradição e qualidade” pela sociedade piauiense. E, durante a sua trajetória centenária, agiram de diferentes modos os

quais foram definidos conciliando os interesses expressos pelo mundo laico no que se refere à formação educacional dos jovens e pelos princípios e a reorganização interna e doutrinária da Igreja Católica. Por isto, ao estudarmos os Colégios, percebemos que não foram sempre os mesmos, passaram por diferentes fases, tal constatação nos imprime a necessidade de promover a periodização⁴⁷ desta história, com vistas a facilitar o seu estudo e compreensão. Embora sem dispor de uma resposta “definitiva” para o questionamento (em forma de alerta) sobre a natureza desta “operação historiográfica”,

do que seja uma periodização, se é apenas o espaço temporal entre dois limites cronológicos ou se existe um vínculo com algum traço específico, um tipo de fenômeno, a transformação das estruturas sociais, uma mudança cultural. A natureza das periodizações tem algo de convencional, de enfoque dirigido ao tema segundo critérios teórico-metodológicos e até das idiosincrasias do pesquisador que elabora a classificação ou periodização aludida. (RODRIGUES, 2008, p. 444)

Conjugando os critérios teórico-metodológicos adotados nesta pesquisa, os acontecimentos ocorridos no contexto histórico nacional e local, e, os fatos concernentes ao cotidiano dos Colégios das Irmãs no Piauí, subdividimos a História destas instituições em quatro momentos históricos são eles:

- ◆ **1º momento histórico (1906 – 1925):** vai de 1906 quando se iniciaram as atividades educacionais das Irmãs Catarinas no Piauí e se encerrou em 1926 quando foi contratado o primeiro professor leigo para lecionar Língua Portuguesa;
- ◆ **2º momento histórico (1926 – 1958):** iniciou-se em 1926 e se encerrou 1958, estes anos se caracterizaram pelo fato de, para atender as exigências da legislação educacional que começaram a vigorar no país a partir da década de 1930, os Colégios passaram a contratar professores leigos e, gradativamente, começou a ampliação dos cursos e dos níveis de ensino ofertados pelos Colégios no Piauí e teve como fato marcante a implantação do Curso Científico em 1959;

⁴⁷ “A respeito dos problemas da periodização, na pesquisa histórica, pode-se dizer: I. Períodos não são dados naturais, mas elaborações do pesquisador, ainda que tal elaboração não seja arbitrária, devendo antes guardar certa conexão com o mundo dos fatos; II. A construção dos períodos históricos é fortemente influenciada pelas referências teórico-metodológicas do pesquisador que a cria. (...)”.(RODRIGUES, 2008, p. 444). Para maiores informações sobre esta temática ver a apresentação da obra de Jacques Le Goff (2008), **Em busca da Idade Média**.

- ♦ **3º momento histórico (1959 – 1972):** tem seu início no ano de 1959 com a abertura da primeira turma do Curso Científico e a continuidade do crescente fortalecimento do respaldo social da educação católica na sociedade piauiense e se estendeu até 1973 quando os Colégios passaram a adotar a co-educação;
- ♦ **4º momento histórico (1973 – dias atuais):** o evento que demarca o início deste momento foi a adoção da co-educação no ano de 1973 quando foram matriculados doze meninos na turma da 1ª série do Curso Primário, passando pelo centenário dos Colégios comemorado em 2006 em Teresina e em 2007 em Parnaíba, chegando aos dias atuais.

Neste trabalho estamos buscando compreender como estas instituições escolares contribuíram para a alteração dos papéis sociais femininos, por isto estudamos apenas os três primeiros momentos da História dos Colégios das Irmãs Catarinas, que são os anos em que as escolas destinaram-se exclusivamente à educação de mulheres.

a) “Conheça o jeito sagrado de ensinar e o saviniano de viver”⁴⁸: a Pedagogia Saviniana dos Colégios das Irmãs

Os Colégios das Irmãs no Piauí afirmaram ofertar educação católica saviniana, por sua organização escolar e o ensino ofertado às mulheres seguirem, além dos preceitos educacionais estabelecidos pela Igreja Católica, os carismas da Congregação de Santa Catarina de Sena.

Tomando esta afirmação como ponto de partida para se proceder a análise da educação confessional ofertada nas escolas das Catarinas no Piauí, torna-se importante, ainda, que brevemente, examinar as concepções das práticas pedagógicas que norteavam estas escolas católicas e a cultura escolar que se produziu nestes espaços educativos.

⁴⁸ A frase “Conheça o jeito sagrado de ensinar e o saviniano de viver” está no material de divulgação do teste seletivo 2010 para novos alunos do Colégio das Irmãs de Teresina. O material publicitário produzido para o ano de 2010 dá ênfase a educação católica ofertada pelo Colégio e às práticas educativas e formativas embasadas fundamentadas no carisma saviniano.

A italiana Savina Petrilli⁴⁹ (fundadora e estruturadora) sintetizou o carisma (missão) da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena nas seguintes palavras: “caminhar com Cristo na via do amor, devotada à caridade para com todos os irmãos, especialmente pobres e sofredores, num serviço fraterno e amoroso, que abraça a missão educativa, bem como a assistencial, sob qualquer forma que esta se apresente.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2008, p.02).

E, em face da grande influência dos ensinamentos de madre Savina, pois segundo as religiosas “em Savina está a Congregação e na Congregação está Savina” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2008, p.01), cujas marcas as suas seguidoras fazem questão de reforçar e por isto se auto-designam como “filhas de Savina”, o que se reflete nas obras assistenciais, promocionais e educativas.

A partir do carisma foram definidas as linhas e formas de atuação da Congregação das Irmãs Catarinas, como sendo a educação e assistência à infância. As Irmãs Catarinas materializam suas ações em

creches, casas para crianças carentes, escolas que vão da educação infantil ao ensino médio, escolas profissionalizantes, atividades recreativas e culturais, casas de acolhimento para idosos, atividades promocionais ... E associações eclesiais, Ação Católica, Infância Missionária, Apostolado da Oração, várias associações paroquiais, atividades catequéticas. (ALIMANDI, s.d., p.214).

E, dentre todas estas ações adotam a educação como principal estratégia de evangelização da infância e da juventude, “a intenção é que a ação educacional constitua campo especial de atuação missionária em que se possa evangelizar educando e educar evangelizando” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2008, p.04).

E para pautar e conduzir a ação educativa as Irmãs Catarinas adotaram um conjunto de recomendações feitas por madre Savina sobre “o método a ser usado na educação dos pequeninos”. (ALIMANDI, s.d., p.214) fundamentado no carisma congregacional e nas práticas de evangelização, e, passaram a denominar tais orientações de Pedagogia Saviniana.

Conforme Alimandi (s.d, p.215), a Pedagogia Saviniana objetiva a formação completa do ser humano, onde estejam presentes e coordenadas a instrução e a mensagem da

⁴⁹ Savina Petrilli nasceu e viveu na cidade italiana de Sena, onde também faleceu em decorrência de um câncer em 1923 aos 72 anos. Foi beatificada em 24 de abril de 1988 pelo papa João Paulo II.

salvação, ou seja, deve haver a conciliação entre fé e razão, para tanto se fundamenta na seguinte máxima:

a educadora é semelhante a um pintor e cada inteligência e cada coração infantil entregue a seus cuidados é como uma tela posta à sua frente; a graça, a verdade e a caridade são as cores com as quais pode reproduzir a suave e gloriosa imagem de Jesus, porque cada uma dessas meninas é chamada a assemelhar-se a ele, a ser, como ele, filha de Deus. (...) A Irmã dos Pobres educadora procura conhecer bem a criança e também o ambiente no qual ela nasce, vive e cresce. E pode fazer isto à medida que consegue estabelecer com o ambiente e com as famílias uma relação de mútua compreensão e de colaboração, tendo em vista um resultado efetivo, para um desenvolvimento gradual e harmônico da criança a ser educada.

Analisando os princípios da Pedagogia Saviniana, percebemos que a mesma é resultante do momento histórico em que a Congregação surgiu (fins do século XIX) e, por isto mesmo, reflete o pensamento, as concepções e práticas vigentes na Igreja Católica em relação à educação. Assim, para as savinianas “a educação está sempre ligada à instrução. Não só nas escolas, mas em toda parte onde se possa falar de Cristo, (...), porque a instrução só tem valor se vista à luz de Deus e direcionada para ele e para a felicidade do ser humano, que só pode existir em Deus.” (ALIMANDI, s.d., p.215)

No entanto, as savinianas atualizaram sua pedagogia a fim de atender “aos desafios dos espaços e tempos históricos”, pois segundo sua concepção educacional, “formar seres de fé, inspirados no Evangelho de Jesus Cristo, é projetar-se com atualidade, porque urge o nascimento de um Homem Novo, efetivamente humanizado, solidário, responsável, ético, etc.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2008, p.04). Assim, as escolas das Irmãs Catarinas sempre contam com “salas de trabalho e de recreação festiva (...) nas salas das Irmãs dos Pobres ecoam cantos, músicas, jogos e récitas.” (ALIMANDI, s.d., p.216) e, buscam “conviver com as diferenças culturais, sociais e religiosas.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2008, p.07)

O atual Projeto Político Institucional (2008) dos Colégios das Irmãs do Piauí, aponta como características primeiras da educação católica ofertada pelas escolas da Congregação das Irmãs dos Pobres,

no bojo do trabalho educacional saviniano, está o ideal de fraternidade e serviço.(...) O norte da proposta pedagógica saviniana é, por conseguinte, o da educação pelo exemplo, logo, exercida com um zelo amoroso em seus pormenores. (...) É necessário ressaltar que na, herança educacional saviniana, está o primado da excelência acadêmica, com o adulto como a referência: “as crianças só se educam

com exemplos de vida”. A pedagogia proposta é, certamente, libertadora: “só o ato humano, praticado com inteligência e liberdade, dá glória a Deus.” “Só livremente poderemos desapegar o nosso coração para amar a Deus.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2008, p.06 - 08).

O Projeto Político Institucional (2008), ainda, enfatiza que

a educação saviniana deverá constituir uma práxis pedagógica que abranja as múltiplas dimensões do saber, do saber fazer, ser e conviver da pessoa humana. Primará pela excelência acadêmica, despertando no aluno a compreensão de que é fundamental aprender a aprender, isto é, centrará sua ação nos processos educativos. Tal entendimento conduzirá à formação integral do ser humano a partir da integração entre Fé, Cultura e Vida. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2008, p. 10)

Partindo dos elementos e informações contidas nesta síntese da Pedagogia Saviniana, podemos afirmar que os Colégios das Irmãs Catarinas são concomitantemente espaços sócio-educativos e religiosos, que por meio do processo de escolarização das mulheres piauienses empreendem a catequese e desenvolvem ações de evangelização. As escolas savinianas – desde a sua fundação até o presente momento histórico – se constituem, portanto, em locais de formação intelectual e acadêmica e, também, religiosa, tendo em vista que primam tanto pela qualidade dos conhecimentos científicos ofertados e eficácia dos métodos de ensino utilizados, quanto pela valorização e difusão da religião católica em consonância com os ditames do Vaticano (Roma).

b) “100 anos iluminando mentes e corações”⁵⁰: as Escolas, os Cursos, os Currículos nos Colégios das Irmãs

De acordo com o que expusemos a História da educação confessional católica piauiense até meados do século XX se pautava pelas ações individuais de clérigos que atuavam em diferentes regiões do território, com a criação da Diocese do Piauí e a chegada do

⁵⁰ A frase “100 anos iluminando mentes e corações” foi adotada como slogan do centenário do Colégio das Irmãs de Teresina e está no material de divulgação das festividades do centenário comemorado em 2006. O material produzido para dá ênfase ao aspecto da educação católica ofertada pelo Colégio e às práticas educativas e formativas embasadas fundamentadas no carisma saviniano que visam à formação intelectual e humana dos alunos, sintetizando que o objetivo da educação saviniana é dotar seus educandos com conhecimentos científicos e, também, contribuir para a formação ética, moral e religiosa destes.

bispo D. Joaquim (ex-aluno do Seminário da Prainha⁵¹, em Fortaleza – Ceará e imbuído dos ideais tridentinos e da romanização), em 1906, as ações educacionais católicas passaram a seguir as orientações emanadas do Vaticano que buscava retomar “a hegemonia da autoridade espiritual da Igreja sobre a sociedade civil” (CRUZ, s.d., p.21) e se contrapor ao ideário racionalista, liberal, individualista e materialista.

Lembremos que

em relação à educação, a Igreja sempre teve certa preponderância e certo prestígio na sociedade brasileira diante de suas ações e seus projetos pedagógicos, independentemente de seu conservadorismo, e, em geral, nunca tinha sido questionada pela sociedade, até meados do século XX. É simplismo pensar que a questão era de caráter econômico, a coisa é bem mais profunda, pois, ali no espaço escolar ela não só educava no sentido formal e científico da acepção laica, mas ao mesmo tempo construía, disseminava e conservava a cultura católica respondendo a ação missionária e histórica da Igreja.”(CRUZ, s.d, p.33)

Por isso, no que concerne a educação feminina, para conseguir implementar e seguir os preceitos romanos no espaço social piauiense Dom Joaquim recorreu a Congregação religiosa italiana das Irmãs Catarinas que enviaram para a recém-criada Diocese, a partir de junho de 1906, religiosas graduadas em escolas normais italianas para fundar, dirigir e lecionar nos Colégios destinados à educação das mulheres piauienses.

No percurso histórico de constituição e consolidação da educação confessional católica destinada à parcela feminina da população, no Piauí, capitaneado pelas Irmãs Catarinas, aconteceram por muitas transformações nas próprias Escolas, nos Cursos e nos Currículos nos Colégios das Irmãs. E, de escolas conservadoras destinadas à educação de mulheres construíram para si o lugar de escolas de tradição e qualidade no espaço social piauiense.

Os Colégios das Irmãs Catarinas foram fundados em Teresina e Parnaíba, mas em lugar de duas instituições de ensino tivemos no Piauí, de fato, quatro escolas savinianas. Tal fato aconteceu em face de os Colégios das Irmãs Catarinas, por serem escolas confessionais, e a Congregação Saviniana ter expressado em seu carisma a assistência aos pobres preferencialmente por meio da oferta da educação, mantiveram desde a sua fundação até a

⁵¹ Para maiores informações sobre o Seminário da Prainha em Fortaleza (CE), ver JUCÁ (2008).

década de 1990⁵² escolas gratuitas funcionando nos mesmos prédios ou em anexos às escolas principais. Em Parnaíba era a Escola São José e em Teresina a Escola Santa Inês.

Quadro 1 – Instituição de ensino das Catarinas, cidade, tipo de estabelecimento e regime de estudos

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	CIDADE	TIPO DE ESTABELECIMENTO	REGIME DE ESTUDOS
Colégio Sagrado Coração de Jesus	Teresina	Particular	Internato Pensionato Externato
Escola Santa Inês	Teresina	Filantrópica	Externato
Colégio Nossa Senhora das Graças	Parnaíba	Particular	Internato Pensionato Externato
Escola São José	Parnaíba	Filantrópica	Externato

Fonte: Colégio Sagrado Coração e Jesus e Colégio Nossa Senhora das Graças

Mas, se considerarmos o regime de estudos que existiam nos Colégios das Irmãs Catarinas e a forma de distinção e, até mesmo, separação, física que havia entre os tipos de alunas, o número destas escolas se ampliam. Posto que, conforme as normas dos Colégios, os diferentes tipos de alunas pagantes não podiam manter comunicação entre si a não ser no espaço da sala de aula, quando acontecia de estas freqüentarem as mesmas classes, ou então nos momentos de festas. Enquanto as alunas das escolas gratuitas não freqüentavam nem as mesmas classes das alunas pagantes, via de regra, estas alunas freqüentavam aulas em horário e salas diferenciadas das demais alunas.

No funcionamento das escolas savinianas – conforme apontamos há quatro momentos históricos distintos – a primeira fase dos Colégios que dura cerca de duas décadas (entre 1906 e 1925) é marcada pela instalação dos Colégios e os avanços e recuos no processo de institucionalização destes como espaço educacional de referência para a formação das mulheres piauienses e de regiões circunvizinhas como Maranhão e Ceará. Embora as religiosas italianas tivesse a formação pedagógica necessária para ministrar o ensino primário, não tinham domínio da língua portuguesa, e

⁵² A Escola Santa Inês funcionou até o ano de 1994 no mesmo prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

a primeira dificuldade enfrentada na instalação dos Colégios no Piauí foi a comunicação, pois as irmãs designadas para atuar aqui vieram diretamente da Itália, embora já houvesse desde 1904 irmãs da mesma Congregação instaladas em Belém do Pará. Para Teresina foram designadas as irmãs: Edvige Pescucci (superiora), Cristina Daddi, Zita Gavilli, Vicenza Pratolongo, Orsolo Bindi e Tecla Doro; enquanto para Parnaíba foram encaminhadas as irmãs: Annunziata Amália Petri (superiora), Maria Guzzarri, Maria Laura Giovine e Josefina Taccini. Esta dificuldade persistiu nos primeiros anos, o que afetou a situação funcional dos Colégios que atuavam junto a um número ainda reduzido de alunas. (SILVA, 2007, p. 50)

FIG. 3 - AS IRMÃS CATARINAS ITALIANAS QUE ATUARAM COMO PROFESSORAS NOS PRIMEIROS ANOS DE FUNCIONAMENTO DO COLÉGIO DE TERESINA



Acervo: Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

1. Irmã Tecla Doro; 2. Irmã Cristina Daddi; 3. Irmã Blessilla Taurini; 4. Irmã Marielle (Maria) Guzzarri; 5. Irmã Arminda Bazzanli.

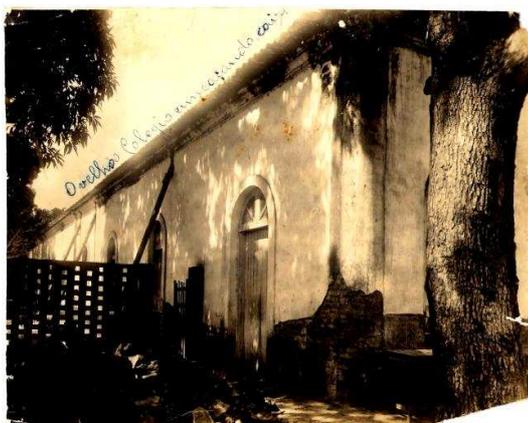
Durante a fase de institucionalização dos Colégios das Catarinas, no Piauí, o ensino centrava-se na “formação religiosa das alunas e ao ensino de trabalhos manuais, música, pintura e rudimentos de línguas estrangeiras (italiano e francês)” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1973, p. 1), uma vez que as irmãs falavam italiano e compreendiam pouco o português. O que conforme as orientações do Vaticano, as escolas femininas deveriam primar pelo “refinamento da cultura e da sociabilidade das educandas, preocupando-se muito mais em torná-las damas aptas ao convívio social, virtuosas e polidas, religiosas convictas, de tal forma que pudessem educar seus filhos nestes princípios.” (RODRIGUES, 2008, p. 03). Assim não falar o português não se constituiu em empecilho

grave para as catarinas manter as escolas em funcionamento durante esta fase. Contudo, a situação de instabilidade dos Colégios neste momento pode ser creditada aos seguintes fatores conjugados e inseridos na figuração social piauiense do início do século XX:

- a) Corpo docente limitado constituído exclusivamente por freiras italianas que não falavam e pouco compreendiam a língua portuguesa;
- b) Ausência de prédios adequados para atender a instalação de instituições de ensino e da própria Congregação;
- c) Pequeno e incerto o número de alunas internas e externas matriculadas;
- d) Currículo limitado, pois ofertavam apenas aulas livres de leitura e escrita, trabalhos manuais e línguas estrangeiras (italiano e francês) e formação religiosa.

FIG. 4 - PRÉDIOS DO COLÉGIO DAS IRMÃS EM TERESINA

Casa doada por Leocádio José Santos em 1906



Prédio que começou ser construído em 1907



Acervo: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Os primeiros prédios onde o Colégio de Teresina funcionou eram bem mais modestos que o prédio atual que ocupa um quarteirão inteiro no centro da cidade. Os prédios eram de apenas um pavimento e segundo descreveu um das Irmãs em maio de 1907 “o primeiro inverno aqui passamos foi terrível, chovia por toda parte, parecia uma casa velha e foi gasto muito dinheiro para consertá-la.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p.02)

As Irmãs Catarinas que vieram da Itália chegaram a Teresina em agosto de 1906 depois de cerca de quarenta dias de viagem e se instalaram em “uma pequena casa cedida pelo Dr. João Elias Martins situada na Rua Bela⁵³, depois transferiram-se para o local Tabajara⁵⁴

⁵³ Atual Rua Teodoro Pacheco.

de propriedade do Monsenhor Joaquim Lopes, até que em fins do ano de 1906, receberam de Leocádio José Santos a doação de terreno⁵⁵ (SILVA, 2007, p. 51) e com uma casa simples.

Em Parnaíba, inicialmente “as Irmãs catharinas se acham installadas na chácara do Instituto” (O APOSTOLO, 1907, p. 02) onde funcionava o Colégio Diocesano para meninos e lá ficaram até a aquisição de terreno do Sr. Bernardo Borges Leal pela Congregação, em 30 de junho de 1911 e situado à Praça Santo Antônio.

FIG. 5 - PRÉDIO DO COLÉGIO DE PARNAÍBA CONCLUÍDO EM 1924 DESTACA-SE ENTRE AS GRANDES REALIZAÇÕES DA CIDADE



EM CIMA: — GOVÉRNO MUNICIPAL (Prefeitura). INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO (Suntuoso Edifício Colégio de Nossa Senhora das Graças).
EM BAIXO: — Duas vistas do Parque ferroviário da ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO PIAUÍ, — destacando-se à esquerda, uma possante locomotiva da Linha Parnaíba — Piripiri.

Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: **Revista Piauiense dos Municípios** – Parte Especial Dedicada à Parnaíba.

Em decorrência da falta de lugar adequado para receber as alunas, as atividades educativas das Irmãs Catarinas demoraram a ser iniciadas, principalmente em Teresina, onde as religiosas ficaram de agosto a novembro de 1906 realizando “duas vezes por semana vamos dar catequese e preparar as crianças para a 1ª Eucaristia”. (COLÉGIO SAGRADO

⁵⁴ Atualmente no Local Tabajara encontra-se o Convento dos Capuchinhos. Este local também já abrigou o Colégio São Francisco de Assis.

⁵⁵ O terreno recebido em doação constitui parte da atual sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus -Teresina, na Avenida Frei Serafim.

CORAÇÃO DE JESUS, s.d., p. 07). Mesmo após o início das atividades em 04 de outubro daquele ano, o número de alunas matriculadas foi abaixo das expectativas das religiosas, pois

no primeiro de aula, compareceu apenas uma menina. Sentimo-nos desencorajadas. Mas, aos poucos, o número foi aumentando e no final de novembro tínhamos 8 alunas externas e uma interna. As férias iniciaram no dia 1º de dezembro indo até 04 de fevereiro de 1907, quando foi reaberta a escola, com a matrícula de 13 externas e 2 internas. A desculpa era a falta de um local adaptado para o Colégio. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, s.d., p. 01).

FIG. 6 - IRMÃ TECLA DORO COM ALUNAS INTERNAS E EXTERNAS DO CURSO PRIMÁRIO NA DÉCADA DE 1910



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A Irmã Tecla Doro desempenhou a função de professora principal das classes de 1ª série do Curso Primário e foi superiora do Colégio Sagrado Coração de Jesus no período de 1010 a 1916. No ano de 1916, a 02 de janeiro, faleceu com 44 anos. Segundo relato de uma das Irmãs, “toda a cidade chorou a morte desta santa especialmente Mons. Lopes. A sup. Diomira que telegrafou à Madre Savina dando a triste notícia. Às 5 horas da tarde aconteceu o solene interro com a presença de todos os padres da cidade, as filhas de Maria, as Zeladoras do Apostolado da Oração, muitos distintos senhores, diversas alunas que choravam a dolorosa perda de sua mãe e mestra e o povo em geral. O cadáver foi levado antes à Igreja de São Benedito, onde os padres fizeram as exéquias estando o féretro aberto para que as pessoas pudessem vê-la devotamente, depois a acompanhou-a também a Banda ao cemitério e lá foi enterrado ao lado das duas Irmãzinhas Elvira e Ercília. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p.07)

O problema do espaço físico para a instalação dos Colégios das Irmãs foi solucionado com a aquisição de terrenos onde se fez a construção de edifícios projetados seguindo os padrões europeus de arquitetura escolar para abrigar as atividades educacionais e

religiosas das Savinianas. A sede própria de Teresina que está na Avenida Frei Serafim começou a ser construído em 1907 e foi concluída em 1930, e a de Parnaíba situada na Praça Santo Antônio teve “sua construção iniciada em 30 de dezembro de 1918, passando em 1924 pela primeira reforma devido ao alagamento provocado pela enchente daquele ano e que afetou as estruturas do prédio do Colégio.” (SILVA, 2007, p. 51)

Em relação ao corpo docente, os Colégios em virtude das exigências das novas leis educacionais durante a década de 1920 que exigiam o ensino da língua portuguesa ser ministrado por professores brasileiros, por isto “em 1925 o Colégio de Teresina ampliou seu quadro docente, antes restrito às religiosas, com a contratação do Dr. Daniel Paz para lecionar Língua Portuguesa, e, em 1928 a mesma atitude é adotada pelas irmãs do Colégio de Parnaíba que contratam professoras normalistas para lecionar Língua Portuguesa.” (SILVA, 2007, p. 53-54). É interessante lembrar que a lei apenas exigia que o professor de Português fosse brasileiro e não que este tivesse formação específica para atuar como docente, por este motivo Daniel Paz que se formou em Direito no Rio de Janeiro (em 1907) pode lecionar no Colégio de Teresina.

A consequência imediata da contratação dos professores de Língua Portuguesa foi a regularização da oferta do Curso Primário nos Colégios, que antes tinha como professoras apenas italianas Irmã Tecla Doro⁵⁶, Irmã Cristina Daddi e Irmã Maria Guzzarri, e, demarcou, também, o início do segundo momento da História dos Colégios das Irmãs Catarinas, período em que aconteceu o processo de consolidação das atividades de ensino destas instituições no cenário educacional piauiense.

A década de 1930 marcou a expansão das atividades educativas dos Colégios com ampliação do quadro de professores e, também, de níveis e cursos ofertados, conforme se pode observar no quadro a seguir.

Quadro 2 – Cursos e ano de implantação no CSCJ e CNSG

⁵⁶ A Irmã Tecla era professora normalista formada na Itália, foi uma das primeiras religiosas italianas a vir para o Brasil, pois durante o ano de 1906 atuou como professora do Colégio de Belém (PA).

CURSO	ANO DE IMPLANTAÇÃO NO CSCJ	ANO DE IMPLANTAÇÃO NO CNSG
Normal	1931	1934
Jardim de Infância	1934	1960
Ginasial	1938	1936
Normal/Pedagógico	1931	1934
Técnico em Comércio	1954	1935
Científico	1959	1985
Patologia Clínica - 2º grau profissionalizante	1975	-
Desenhista de Arquitetura - 2º grau profissionalizante	1975	-

Fontes: Colégio Sagrado Coração de Jesus, Colégio Nossa Senhora das Graças e Conselho Estadual da Educação do Piauí.

Aos cursos constantes na tabela anterior, ainda, deve-se acrescentar o Curso de Admissão que era a preparação das alunas que eram consideradas de rendimento escolar menor e/ou oriundas de outras instituições escolares e que iriam se submeter ao Exame de Admissão⁵⁷ à 1ª série ginásial nos Colégios das Irmãs. O Exame era constituído por provas escritas e orais das disciplinas de: Português, Aritmética, História do Brasil e Geografia. A aluna submetida ao exame e aprovada recebia Certificado de Aprovação atestando estar apta a se matricular na 1ª série ginásial.

Está na classe preparatória para o Exame de Admissão, para as alunas ou futuras alunas dos Colégios das Irmãs tinha significados diferenciados. Enquanto para umas representava a exposição pública e, por vezes, embaraçosa de ter sido considerada “aluna fraca” e, portanto não competente o suficiente, como lembrou a ex-aluna Angélica Maria. Para outras significava o início do processo de autonomia, conforme relatou Eva Evangelista, que se sentiu “uma menina muito independente” quando ela mesma

(...) desde o dia da matrícula do Exame de Admissão. Que desde o exame de admissão que eu comecei a fazer a minha matrícula mesmo e não meus pais. Aí, eu cheguei, levei o boletim do Engenheiro Sampaio⁵⁸, do Colégio, e aí subi aquelas escadarias muito bonita ali na frente, fiquei assim radiante chegar lá eu mesma. Aí quando a Irmã chegou e disse: Não, agora você vai pegar um livro bem grosso, que é o livro de Exame de Admissão você vai fazer a prova aí então eu fiz a matrícula, fiz

⁵⁷ Exame de Admissão era normatizado pela Lei Orgânica de Ensino Secundário, Decreto nº 4.944 de 09/04/1942 e nº 8.947 de 10/12/1945.

⁵⁸ A atual Unidade Escolar Engenheiro Sampaio, à época Grupo Escolar Engenheiro Sampaio, está localizada na Avenida Campos Sales, zona norte de Teresina. É uma escola pública estadual e na década de 1960 ofertava apenas o Curso Primário.

a prova aí o primeiro dia de aula. (...) Eu sei que eu prestei exame lá. Teve, eu tive umas aulas antes realmente, eu tive uma aulas antes, aí, fiz o exame de admissão, aí, passei. (LEAL, 2006, p. 02)

FIG. 7 - TURMA DO EXAME DE ADMISSÃO COLÉGIO DAS IRMÃS -TERESINA - ANO 1962



Acervo Eva Maria Evangelista Leal

As alunas aprovadas no Exame de Admissão para o 1ª ano do Ginásio no Colégio Sagrado Coração de Jesus no ano de 1962, foram fotografadas pelo senhor Müller. Entre as novas alunas do Colégio naquele ano estava Eva Evangelista que considerou uma grande conquista a aprovação no teste.

Em julho de 1942, após registrar seus professores junto ao Ministério da Educação e contado com a intervenção direta do Governador do Estado Leônidas Melo, o Colégio de Teresina recebeu o registro de funcionamento. E, em junho de 1948, o Colégio de Parnaíba fez o registro dos docentes e – novamente com auxílio do Governador do Estado Rocha Furtado – obteve a autorização para funcionar e a inspeção permanente. Isto fez com que os Colégios obtivessem maior respaldo junto à comunidade piauiense, tanto que em junho de 1942 em virtude de as escolas continuarem a funcionar e agora já contando com reconhecimento do Governo Federal, as Irmãs afirmaram que “as classes se enchiam e os

professores lecionavam como sempre” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p. 02)

A oferta de diferentes cursos que possibilitaram às mulheres que freqüentavam aqueles Colégios extrapolar o nível do Ensino Primário - em que apenas aprendiam os rudimentos de leitura e escrita, cálculos aritméticos e as prendas domésticas - provocou a intensificação do número de matrículas nestes Colégios, como podemos observar nos Livros de Matrícula, Diários de Classe e Atas de Promoção. Além de despertar nestas mulheres anseios antes, praticamente, impossíveis de realizar como, por exemplo, ingressar no Ensino Superior, pois, para tanto teriam de sair do Estado, despesa alta demais para a maioria das famílias piauienses e investimento considerado inútil por outras.

Contudo, é preciso demarcar que esta ampliação dos cursos oferecidos pelos Colégios das Irmãs, não é uma iniciativa e ação gratuita das direções destes estabelecimentos de ensino e sim, a resposta destes à uma demanda da sociedade no qual se encontram. Então, temos os Colégios atendendo a uma aspiração presente, e latente, da sociedade piauiense que passou a requisitar progressivamente a ampliação da escolarização feminina em virtude: da ampliação do sistema público de ensino que carecia de um número maior de professoras primárias – uma vez que as formadas pelas Escolas Normais públicas não eram suficientes – para atuar nas escolas construídas principalmente no interior do Estado; da ampliação progressiva da máquina pública que requisitava um número maior de funcionários para cargos administrativos e portadores de Ensino Secundário; do aquecimento e ampliação do setor comercial e exportador no Norte do Estado fazendo surgir à carência de contabilistas (guarda-livros); do desejo das famílias em oferecer às suas filhas uma educação mais esmerada, etc.

O terceiro momento da História dos Colégios das Irmãs se iniciou em 1959 com a abertura e funcionamento da primeira turma do curso Científico em Teresina o que demonstrava a alteração da figuração piauiense que passou progressivamente a incentivar e investir na continuidade dos estudos femininos e no acesso das mulheres ao ensino superior. A implantação do Curso Científico os Colégios das Irmãs proporcionou a um número maior de mulheres a aspirar ao ingresso nos cursos superiores, uma vez que o volume de recursos financeiros empregados para tal fim passava a ser menor, pois as mulheres piauienses não precisavam mais se deslocar para outras cidades para freqüentar o preparatório para o vestibular.

Conforme descreveu Teresinha Meireles, ex-aluna do Colégio das Irmãs em Teresina, que foi para o Rio de Janeiro estudar por dois anos no Colégio Anglo-Americano

(colégio confessional protestante) e no Curso Vetor com o objetivo de se preparar para o vestibular para o curso de Engenharia Civil,

(...) estudei dois anos. Como eu ia fazer engenharia aí então eu só estudava matérias pra engenharia. (...). Fiz o primeiro e o segundo ano. O terceiro ano, eu comecei né, aí foi quando eu noivei, aí eu voltei. (...) Quando eu cheguei aqui, lá eu não dava todas as matérias, né! Por que eu ia fazer Engenharia, então eu só, (...), eu estudava só matérias pra Engenharia. Quando eu cheguei aqui aí eu não dava ciências, ciências eu não dava. E tinha duas ou três matérias que eu não dava, né! Aí, eu tive que fazer uma prova pra cobrir as outras né! Aqui. As outras disciplinas que não dava porque eu não tinha nota. Estava com três meses que eu não tinha nota. (...) E quando eu cheguei no terceiro ano, muitas das meninas né, era do mesmo meu grupo. (...) Que eu tinha estudado antes, no ginásio. Elas estudaram, eram as mesmas alunas. (MEIRELES, 2006, p. 15).

Mesmo o próprio Colégio ofertando o preparatório para ensino superior, por meio do Curso Científico, ainda havia resistência para que as mulheres se matriculassem neste curso. Muitas pessoas, incluindo até mesmo professores dos Colégios, achavam que mulheres não deveriam freqüentar preparatório para vestibular e sim o curso Pedagógico, como nos contou Amariles Santana (ex-aluna do Colégio de Teresina) que integrou a primeira turma do curso Científico,

a professora Têmis Rezende quando eu tava, parece, no 2º ano científico. Ela era assim muito interessante, ela era muito feminina a dona Têmis, ela era muito bonita, tinha as pernas muito bonita, ela até dava aula assim até de saia, de vestido, (...), não tinha nem homem na nossa sala, né!. (...). Uma vez ela chegou a dizer pra nós que era a maior besteira do mundo era mulher não fazer o Pedagógico pra ela. Ela dizia que toda mulher tinha que fazer o Pedagógico (...). Que o Pedagógico preparava a mulher pra tudo, pra casar, pra vencer na vida se quisesse, não era aquela coisa específica de ... Ela cansou de dizer isso (...) Ela dizia que as vezes a gente tá fazendo o científico ali era muito melhor ter feito o Pedagógico porque se quisesse você estava preparada pra vida e podia depois fazer um cursinho, uma coisa pra fazer uma faculdade. (...) O Pedagógico era mais completo. E como naquele tempo o Colégio das Irmãs só tinha mulher é como se preparasse para a mulher pra vida e o científico ia preparando a mulher ali pro vestibular e muitas delas se não fizesse o científico? Num fizesse um vestibular? Num passava na Universidade ficava no meio do caminho! Enquanto que o Pedagógico não! Já tinha a profissão se você quisesse ser professora, a Têmis Rezende dizia isso! (SOUZA, 2010, p. 04)

Em Teresina, antes da instalação do Curso Científico no Colégio das Irmãs, no que concerne ao ensino secundário para mulheres, o Curso Pedagógico era o que contava com o maior número de alunas matriculadas e era considerado o melhor investimento em termos

educacionais para as mulheres, tanto que o Curso de Comércio na capital ofertou apenas uma turma cuja formatura aconteceu em 1959.

O Curso Técnico Comercial Sagrado Coração de Jesus⁵⁹ funcionou no período de 1953 à 1959, no turno diurno no horário de 7 h às 12h e 13h às 16 h/18h. Este curso teve uma diretora específica – Ir. Hilza Soares de Almeida – e seu currículo era distribuído em três séries e objetivava a formação de técnicas em contabilidade. Devido à baixa matrícula o curso foi fechado em 1959. (SILVA, 2007, p. 73).

FIG. 8 - ALUNAS DO CURSO DE COMÉRCIO DO COLÉGIO DAS IRMÃS DE TERESINA - ANO 1959



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

O registro das alunas na escadaria da entrada principal do Colégio se tornou quase uma obrigatoriedade entre as alunas ao fim de cada ano letivo, especialmente entre as iniciantes e as concludentes dos diferentes cursos da escola. Tanto que tal prática é mantida até os dias de hoje, quando os alunos se reúnem na escadaria para fazer a foto de lembrança escolar naquele lugar. Quanto à única turma do Curso de Comércio de Teresina apenas 10 alunas concluíram o curso e obtiveram o registro de Guarda Livros expedido pela Diretoria do Ensino Comercial do Ministério da Educação e Cultura.

Enquanto na cidade Parnaíba, acontecia o contrário o Curso Pedagógico – apesar de ter número de matrículas suficiente para manter-se em funcionamento – era tido como uma

⁵⁹ O nome com o qual o Colégio registrou o curso de contabilidade foi Escola Técnica de Comércio Sagrado Coração de Jesus.

segunda opção para as mulheres daquela cidade, pois em primeiro lugar figurava o Curso de Comércio, o qual durante sua existência obteve sempre maior número de alunas matriculadas.

Em Parnaíba, “*em março de 1935, atendendo aos anseios da juventude parnaibana foi fundado o Curso Comercial que teve a duração de 30 anos, deixando de funcionar em 1965 por falta de alunas.*” (DADOS GERAIS DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – ALUSIVOS AO CURSO PEDAGÓGICO, 1973, p. 1). A longevidade deste Curso em Parnaíba pode ser atribuída à existência de um setor comercial forte e em expansão naquela cidade, quando este setor começa a entrar em decadência tem-se a redução da procura pela formação de técnico em contabilidade (guarda-livros). (SILVA, 2007, p. 74).

A partir de 1959, em Teresina o Curso Científico progressivamente passou a ter número de alunas matriculadas superior ao Curso Pedagógico⁶⁰ o que acabou por determinar o fim da oferta deste curso no ano de 1974. Tal situação pode ser analisada sob a perspectiva que a partir dos anos de 1960 – em virtude do início da alteração da figuração social piauiense e brasileira – almejar e obter o ingresso no ensino superior se torna uma ação feminina aceitável e até mesmo elogiável, posto que nossa sociedade começasse a valorizar a profissionalização feminina, além, de conceder visibilidade social a esta, seja por meio dos veículos de comunicação locais seja por meio das conversas mantidas entre os círculos sociais que faz com que aconteça a circulação e divulgação informal de um novo comportamento desejável e aceitável para as mulheres piauienses.

Nos anos que sucederam 1959, os Colégios conseguiram fortalecer-se enquanto instituição de ensino e foram, paulatinamente, agregando valores pedagógicos e melhorando a qualidade do ensino oferecido a suas alunas, e, constituíram-se, para a sociedade do Piauí, instituições de ensino de referência, para alcançar este respaldo social os Colégios foram “evoluindo, reformando-se e reafirmando-se” conforme as exigências e influências recebidas e emanadas da configuração social brasileira e piauiense.

O ano de 1973 transformou-se em marco delimitador da História dos Colégios é o princípio do último momento histórico dos Colégios, porque neste ano que o Colégio de Teresina aceita em sua classe de 1ª série meninos. Até, então, os únicos meninos que estudavam naquela escola estavam nas classes do Jardim de Infância que – atendiam alunos

⁶⁰ Para ver de forma detalhada os dados referentes às matrículas no Curso Pedagógico dos Colégios das Irmãs ver: SILVA, Samara Mendes Araújo. **À luz dos valores religiosos:** escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906 – 1973). 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2007. p. 76 – 83.

com idades entre três e seis anos de idade de ambos os sexos – funcionava como classe de alfabetização. E, dependendo do rendimento obtido na avaliação a respeito dos conteúdos de religião e a adoção de condutas (socialização) realizada pelas irmãs-professoras, os alunos poderiam ser promovidos para a 1ª série do Curso Primário, neste momento havia a separação entre meninos e meninas. Em geral, os meninos eram encaminhados para os Colégios Diocesano, enquanto as meninas continuavam seus estudos, via de regra, nos Colégios das Irmãs.

Quadro 3 - Meninos matriculados na 1ª série do Curso Primário no Colégio de Teresina em 1973

Álvaro Francisco B. dos S. J	Lauro Soares Cavalcante Filho
Davis Maranhão R. da Silva	Luís Alberto de Araújo
Erasmus de Sousa Borba Filho	Marcus Vinicius N. Nóbrega
Laércio Pereira Andrade	Paulo César Holanda Furtado
Roberto Luís Medeiros Oliveira	Sérgio Soares Pereira
Áureo de O. Neves Filho	Leonardo Batista Moura

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

**FIG. 9 - ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA DO COLÉGIO DE TERESINA
FOTO DA COLAÇÃO DE GRAU “DOUTORES DO ABC” EM 1958
TURMA PROF. CELSO BARROS**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Os poucos meninos que freqüentaram as salas de aula dos Colégios das Irmãs estavam nas classes do Jardim de Infância e, em geral, eram matriculados no Colégio porque tinham irmãs que também estudavam nas escolas. Mas, a Colação de Grau marcava o fim da estada dos meninos nos Colégios até o ano de 1973.

Mas, em 1973, foi diferente, pois na classe da 1ª série do Curso Primário do Colégio de Teresina estavam meninos e meninas. Leonardo Batista Moura⁶¹, filho de Ozeni Moura (ex-aluna e professora do Colégio) e irmão de outras cinco meninas (todas alunas do Colégio) foi o primeiro menino a ser matriculado no Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde estudou apenas dois anos, em 1976 foi transferido para o Colégio Diocesano de Teresina, onde cursou os demais anos da educação básica e depois prestou vestibular para o curso de Medicina.

A adoção da co-educação a partir de 1973, não implicou tão somente no ingresso de meninos como alunos no espaço educacional (e, quase sagrado) dos Colégios das Irmãs, antes restrito e domínio absoluto das mulheres. Mas, expôs, ainda, as mudanças nas estruturas sociais e culturais que se sucediam no interior da Igreja Católica brasileira e piauiense, por extensão, e na sociedade piauiense, as quais continuaram se processando até os dias atuais.

A Igreja, enquanto instituição passou a demonstrar aproximação e a adoção de algumas medidas e atitudes inspiradas na “opção preferencial pelos pobres” conforme foi estabelecido pelo Concílio do Vaticano II e pelas Conferências da Igreja na América Latina. E em termos educacionais continuou a defender que a escola possui “importância peculiar” e que a educação cristã tem papel capital na formação integral dos novos cristãos, por isto o processo educacional dos fiéis

não visa apenas à maturidade da pessoa humana (...), mas objetiva em primeiro lugar que os batizados sejam gradativamente introduzidos no conhecimento do mistério da salvação e se tornem de dia para dia mais conscientes do dom recebido da fé; aprendam a adorar a Deus Pai em espírito e verdade, sobretudo na ação litúrgica; sejam treinados a orientar a própria vida segundo o homem novo na justiça e santidade da verdade; assim pois cheguem a constituir o homem perfeito, na força da idade que realiza a plenitude de Cristo e cooperem para o crescimento do Corpo Místico. Habituem-se eles ainda, conscientes de sua vocação, a dar o testemunho da esperança que neles reside, e a contribuir para a transformação cristã do mundo, na qual os valores naturais sejam assumidos na visão completa do homem redimido em Cristo e contribuam para o bem de toda a sociedade. Por tal motivo, (...) o dever gravíssimo de tudo emprenderem no sentido de os fiéis todos se beneficiarem desta educação cristã, particularmente os jovens que constituem a esperança da Igreja (VATICANO II, 1964, p. 584-585).

A sociedade piauiense, embora, portadora de um discurso da modernidade e da modernização desde o início do século XX, passou efetivamente por um processo de

⁶¹ Atualmente é médico pediatra e atua na cidade de Teresina.

modernização em seus costumes e práticas culturais, aceitando, por exemplo, sem maiores alardes que homens e mulheres compartilhassem o mesmo espaço de aprendizagem; que as mulheres continuassem a trabalhar fora de casa mesmo após se casarem. Mesmo tendo aqueles indivíduos que se posicionavam contrários as mudanças e excessos da modernidade, tanto que Teresinha Meireles (ex-aluna do Colégio de Teresina) considerou que o “Colégio era melhor quando tinha apenas mulheres estudando lá, hoje tá tudo muito misturado.” (MEIRELES, 2006).

Enquanto espaço escolar confessional, os Colégios das Irmãs, embora se mantendo como instituição educacional religiosa, deixou de exigir que seu alunado professasse a fé católica e passou a aceitar matrícula de alunos oriundos de outras confissões religiosas, desde que os pais/responsáveis e os mesmos se comprometam a respeitar as manifestações católicas que integram o cotidiano escolar dos Colégios.

FIG. 10 - OS DIFERENTES UNIFORMES UTILIZADOS PELAS ALUNAS DO COLÉGIO DE TERESINA NO DECORRER DE 70 ANOS



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Os uniformes usados em 1906 até 1976 estão dispostos cronologicamente no sentido da direita para esquerda. Conforme a Diretora em 1976, Irmã Maria do Socorro Franco Sá (ex-aluna dos Colégios) que “cada época teve o seu estilo marcado por uniformes diferentes. Exigência requerida até hoje.”

Os Colégios, também, promoveram alterações no uniforme escolar, as saias deixaram definitivamente de compor o uniforme e os alunos (mulheres e homens) passaram a usar calças compridas e em lugar dos sapatos, os tênis.

O corpo docente também passou por alterações. Pois, diminuiu o número de religiosas que efetivamente ministravam aulas, e ampliou-se a quantidade de professores leigos e detentores de titulação acadêmica superior (graduação, especialização e mestrado). As Irmãs passaram a se dedicar mais a atividades pastorais e caritativas, além daquelas ligadas à evangelização dentro dos próprios Colégios (crisma, eucaristia, encontros vocacionais, páscoa, mês mariano, retiros espirituais, etc.) ganhando destaque a ampliação das atividades sócio-educativas desenvolvidas no Memorare.

Contudo, as irmãs se mantêm a frente da direção e administração dos Colégios, tanto no aspecto pedagógico quanto administrativo-financeiro, as decisões e definições estão nas mãos das religiosas. Fato ímpar aconteceu no início do ano de 2010, no Colégio de Teresina quando foi criado o cargo de diretora adjunta e para qual foi nomeado Terezinha Gomes da Silva⁶², uma professora não religiosa, mas, portadora de titulação acadêmica elevada e reconhecida pela comunidade escolar, posto que é pedagoga e detentora do título de Mestrado em Educação, além de trabalhar no colégio há mais de uma década.

Os Colégios, também, ampliaram seus espaços físicos e os reformaram, os adaptando/adequando as exigências de climatização (instalação de sistemas de refrigeração) e acessibilidade (construção de rampas e pisos antiderrapantes e instalação de elevadores, etc.). Além de atualizações e ampliação dos recursos didáticos com construção de salas de informática (laboratórios de computadores com softwares e programas educativos e didáticos para uso de alunos e professores) e multi-meios (recursos audio-visuais), ampliação das instalações esportivas e das modalidades esportivas ofertadas aos alunos.

Em 2007, em Teresina aconteceu a criação do Centro Cultural Santa Catarina de Sena que oferece: cursos de escrita e conversação das línguas inglesa e espanhola e curso de violão para alunos, professores, funcionários dos Colégios e a comunidade extra-escolar. O centro atende atualmente (2010) cerca de 300 alunos matriculados nos cursos de línguas ministrados no Laboratório de Línguas, o qual proporciona o estudo das línguas de forma lúdica e interativa.

⁶² A professora Terezinha Gomes da Silva defendeu dissertação de mestrado no ano de 2007 na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

No processo educacional feminino empreendido no interior dos Colégios das Irmãs, nos diferentes cursos ofertados a forma como eram organizados os conteúdos programáticos visava inculcar nas mulheres “uma educação refinada, permeada de valores religiosos, sensibilidades, imagens e gestos cuidadosamente construídos, que traçavam os contornos da ‘moça de família’ bem preparada para assumir sua função social de esposa e mãe.” (RODRIGUES, 2008, p. 01)

Por isto nos currículos dos colégios confessionais católicos foi dedicado grande importância a formação do caráter das mulheres por meio do ensino dos princípios da religião cristã. Assim, no projeto pedagógico dos Colégios das Irmãs, independentemente do nível de ensino e dos cursos, preconizava até os anos de 1970 –quando aconteceu reformulações educacionais e curriculares profundas no sistema de ensino nacional e piauiense – uma formação moral condizente com os ideais de mulher.

Portanto os currículos escolares nos Colégios das Irmãs Catarinas reforçavam a “vocação natural feminina” de esposa e mãe e desde a fundação⁶³ mantinham atividades consideradas essencialmente femininas, tais como os cursos/aulas de artes femininas, os quais incluíam pintura, desenho, bordado, música, culinária, noções de puericultura, higiene do lar, etc. Considerava-se estas aulas extremamente essenciais para a formação das alunas, já que a “destinação natural” das mulheres era tornar-se esposas e mães. Neste ambiente escolar ocorria também a formação e a reafirmação da religiosidade das alunas, inculcando-lhes os preceitos do catolicismo, por meio das mais diferentes atividades.

Ao analisarmos os currículos dos diferentes Cursos disponibilizados pelos Colégios, percebemos que, independentemente do nível e série do Curso, e mesmo com as alterações ocorridas ao longo dos anos, um elemento manteve-se nos diferentes currículos, a presença incontestável das disciplinas voltadas para a formação moral, religiosa e estética das alunas, além de apresentar os fundamentos básicos da maternagem.

Assim, podemos afirmar, que nos Colégios das Irmãs há a permanência de disciplinas em que o conteúdo programático é constituído, quase que exclusivamente, pelas “Prendas” para mulheres, tais disciplinas recebem nomes diferentes ao longo das sete décadas em que permaneceram sendo ofertadas: Prendas Femininas, Trabalhos Manuais, Artes Femininas, Educação Doméstica, Economia Doméstica, Música, Preparação Pedagógica,

⁶³ Não era raro que as instituições escolares femininas tivessem em seu início ofertado apenas aulas e cursos de artes femininas e que no decorrer de sua existência privilegiassem estas aulas práticas.

Puericultura. Em alguns momentos de alteração curricular, há a inclusão de parte destes conteúdos em outras disciplinas, tais como: Canto Orfeônico, Biologia Educacional (no Curso Normal), Desenho, Higiene, Educação Moral e Cívica, Educação Religiosa.

A ex-aluna Josina Jacobino (2006, p. 07) lembrou como eram as aulas de Trabalhos Manuais e Artes Femininas

A minha irmã mais velha fez curso de pintura. A gente fazia, eu, eu ainda fiz um curso de Artes, mas fazia parte dentro do currículo. (...). Era Artes Femininas. (...). Era pregar pressão, pregar botão, fazer bainha aberta, não é? A gente tinha que ter um álbum pregado uns pedacinhos de tecidos tudo, as tarefas de artes.

Erice lembra que para assistir às “aulas de desenho a gente assistia, tinha uma sala própria pra desenho lá. A gente tinha que descer lá na sala e ir lá pra baixo, era lá embaixo perto da Capela. É a aula de desenho.” (RODRIGUES, 2008, p. 11) e que tais aulas a influenciaram a tal ponto que ao registrar-se como professora no Ministério da Educação⁶⁴ escolheu a habilitação Desenho.

Um dos principais documentos orientadores para a estruturação dos currículos dos Colégios das Irmãs, bem como para formação do caráter e conduta das alunas dos colégios católicos piauienses, eram os “*Estatutos e Regras Paras as Educandas do Collegio Dirigidos pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catharina de Sena*”, este continha as normas a serem seguidas pelas alunas destes estabelecimentos de ensino. Os Estatutos materializam o pensamento vigente naquelas instituições sobre variadas temáticas, mas neste momento nos imbuímos de destacar a preocupação com a prática dos princípios do catolicismo e a formação de suas alunas para que estas se tornassem “excelentes donas-de-casa”.

Ao lermos os artigos I e III dos Estatutos obtemos a confirmação de que os Colégios das Irmãs prezavam, respectivamente, pela religião católica e pelos conteúdos das “Prendas” a ser ensinados às alunas, posto que determinassem o seguinte:

todos conhecem a importância da instrução religiosa para formar o coração a pratica dos princípios da fé e da moral catholica; por isso, além dos outros estudos

⁶⁴ Até princípios da década de 1990 todo o professor piauiense quer fossem portadores de diploma de nível médio (Pedagógico) quer possuíssem graduação plena ou curta (Licenciatura), deveriam ser registrados pelo Ministério da Educação (MEC) e para tanto deveriam apresentar os documentos comprobatórios da titulação na Delegacia do Ministério com sede em Teresina. Ao efetivar o registro, os professores recebiam a carteira do MEC.

acima mencionados, cada dia haverá neste estabelecimento a pratica e o ensino destes princípios.[...]

As prendas compreendem: costura, pontos de marca, serzir em meias ou panos etc, [...] (COLLEGIO DIRIGIDOS PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATHARINA DE SENA, s/d, p. 2).

Os conteúdos curriculares destas disciplinas eram elaborados pelas próprias religiosas, situação que se alterou a partir do ano de 1945, quando em 16 de novembro o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 557 na qual “expede programas de trabalhos manuais e respectivas instruções metodológicas, e determina sua execução no curso ginásial do ensino secundário” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1945, p.01) que passaram a ser seguidas no ano letivo de 1946. Este documento estabelecia que deveriam ser ensinados trabalhos com: madeira, metal, massas plásticas e argilas, agulhas, linhas e tecidos, dentre outros conteúdos.

FIG. 11 - SALA DE AULA DE TRABALHOS MANUAIS COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Desde o início de suas atividades educacionais no Piauí que os Colégios das Irmãs ofertavam as disciplinas voltadas para o refinamento estético das mulheres. A sala de trabalhos manuais era uma das maiores que os Colégios possuíam, em Teresina tinha cerca de 119,70 m² e estava no pavimento térreo. Esta sala era organizada em forma de exposição para que os trabalhos produzidos pelas alunas estivessem visíveis, pois era um dos primeiros espaços da instituição a ser apresentado aos visitantes do Colégio. Em Teresina

algumas das professoras que ministraram estas disciplinas foram: Irmã Aninina Bruni (entre 1931 e 1935), Irmã Francisca Lima (entre 1944 e 1955) e Adélia Waquim (entre 1967 e 1972).

Outra estratégia utilizada pelos Colégios para o ensino das “Prendas Femininas” era a realização das atividades filantrópicas que segundo as Irmãs, além de ajudar os necessitados, era, também, em relação a alunas um forma de “conscientizá-las das necessidades do pobre, tentando dar a essa gente sofredora e mais humilde da cidade um pouco de alegria” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1973, p. 1). Observamos, mais uma vez, que ao fazer as alunas tomarem parte em Campanhas Filantrópicas, os Colégios respaldam e reiteram a noção e a prática social católica a qual prega que os mais abastados, através da caridade, devem socorrer os mais pobres.

Como forma de expor o aprendizado das Prendas Femininas e a aquisição de refinamento estético pelas alunas, ao final de cada ano letivo, após os exames finais escritos e orais, os Colégios organizavam, em seus Auditórios, as solenidades de distribuição de prêmios (medalhas de honra ao mérito) às alunas com melhores rendimentos e “distintas em Religião, comportamento e aplicação” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1971, p. 09). Nestas solenidades, as alunas apresentavam números musicais, recitavam poesia e discursos nas três línguas que aprenderam (português, francês e italiano), além de expor seus trabalhos manuais, de corte e costura, de bordado e de pintura.

No Piauí do século XX, enquanto se estendia a exigência social para que as mulheres tivessem um refinamento educacional, mas com o cuidado de que este não encobrisse e/ou sobrepujasse aos papéis fundamentais desempenhados pelas mulheres – mãe e esposa – os Colégios das Irmãs apresentava-se como sendo as melhores escolas para tais fins.

Então, diante do que expomos anteriormente, podemos afirmar que a formação do caráter e das condutas das mulheres piauienses empreendida no interior dos Colégios Confessionais, era decorrente de ensinamentos cristãos e pautados nos modelos e papéis sociais tradicionais atribuídos às mulheres, ou seja, as alunas eram levadas a admirar e desejar ser esposa e mãe e a ter apreço e zelo pela religião cristã.

Lembremos, ainda, que no Piauí durante toda a primeira metade do século XX, os Colégios das Irmãs são duas das poucas instituições escolares que oferece para as mulheres alternativas de frequentar um Ensino Secundário que não fosse destinado à formação de professora primária (Curso Normal/Pedagógico), ou seja, frequentar as salas de aula destes

estabelecimentos de ensino oportunizava às suas alunas obterem outras formações profissionais e seguirem outras atividades funcionais como, por exemplo, guarda-livros (técnico em contabilidade), musicista, funcionária pública, ou ainda, preparar-se para prestar vestibular e prosseguir nos estudos em nível universitário.

As conseqüências imediatas da oferta de outros cursos além do Primário, fez com que as primeiras mulheres piauienses que ingressaram no Ensino Superior, seja no Piauí (nas Faculdades então existentes Faculdade Católica de Filosofia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina) ou em outros Estados (tais como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Ceará) foram, com raras exceções, alunas dos Colégios das Irmãs. Desta forma, percebemos que a possibilidade de continuidade dos estudos oferecida pelos Colégios favoreceu as mulheres piauienses a desvendar outras oportunidades de ocupação que não se limitavam ao espaço doméstico e aos papéis de esposa e mãe. Ainda que os Colégios fundamentassem sua pedagogia nos princípios e preceitos do Catolicismo e que enfatizassem “as características de amabilidade, maternalidade, patriotismo e civismo em suas alunas” (SILVA, 2007, p. 123), os anos passados e os ensinamentos/conhecimentos recebidos naquele espaço social provocaram transformações nas alunas, transformações estas se fizeram visíveis nos demais espaços sociais do Piauí.

Os Colégios das Irmãs para a sociedade do Piauí são reconhecidamente instituições de ensino de referência. Para alcançar este respaldo social os Colégios das Irmãs foram “evoluindo, reformando-se e reafirmando-se” conforme as exigências e influências recebidas e emanadas da configuração social brasileira e piauiense. Processo este que, em termos educacionais, se iniciou na década de 1930 com a ampliação dos níveis de cursos ofertados e com a formação e manutenção de quadro de profissionais com alto índice de qualificação acadêmico-profissional e baixa rotatividade. Em termos de infra-estrutura constantemente procedendo a reformas que objetivam ofertar serviços e equipamentos auxiliares ao ensino sofisticados. No entanto, estas instituições reafirmam constantemente sua excelência enquanto espaço de ensino-aprendizagem e formação humana perante a sociedade na qual se insere, buscando estratégias para denotar seus “avanços e progressos” e “resultados elevados” no tocante à educação e formação de seus discentes.

c) **“100 anos educando gerações a serviço da vida”**⁶⁵: as Práticas Pedagógicas e os educadores nos Colégios das Irmãs

Para conhecermos alguns dos nomes daqueles que integravam os quadros de professores dos Colégios das Irmãs, antes de recorrermos às listas e relações, diários de classe, folhas de pagamento, livros de ponto existentes naquelas instituições, podemos observar a lista das escolas (públicas e privadas) existentes em nosso Estado, posto que a maioria destas recebesse suas designações como forma de homenagear professores que atuavam no ensino público e, também, no ensino privado, aqui, ao nos referirmos aos Colégios das Irmãs, ensino confessional católico.

Voltemos nosso olhar para o nome de nossas escolas, encontraremos entre estes, só para citar alguns, nomes como: Desembargador Vaz da Costa, Maria do Carmo Reverdosa, Artur Furtado, Adalgisa Paiva, Álvaro Ferreira, Anísio Brito, Darcy Araújo, Didácio Silva, Bugija Brito, Cláudio Ferreira, Firmina Sobreira, José Amável.

Outra forma de identificarmos os docentes que atuaram nos Colégios é verificar os nomes dos professores que iniciaram a docência no ensino superior piauiense, pois parte do corpo docente dos Colégios, tornou-se professor da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Direito e, posteriormente, ingressaram nos quadros funcionais das Universidades Federal do Piauí (UFPI) e Estadual do Piauí (UESPI), dentre outros como exemplos deste fato, podemos citar os seguintes docentes: João Gabriel Baptista (DGH/UFPI), Antonio Ferreira de Sousa Sobrinho (professor do DEFE/UFPI), Carlos Said (professor do DGH/UFPI), Catarina de Sena Siqueira Mendes (professora do Departamento de Letras/UFPI), Celso Barros (professor do Departamento de Direito/UFPI), Cleide Maria Teixeira Veloso dos Passos (Departamento de Letras/UESPI), Diogo José Ayrimoraies Soares (DEFE/UFPI), Maria do Amparo Borges Ferro (DEFE/UFPI), Carlos Iglésias Brandão de Oliveira (CSS/UFPI), Maria do Carmo Alves do Bonfim (DEFE/UFPI), Moisés de Barros Andrade (História/UESPI), José Camillo da

⁶⁵ A frase “100 anos educando gerações a serviço da vida” foi adotada como slogan do centenário do Colégio das Irmãs de Parnaíba e está no material de divulgação das festividades do centenário comemorado em 2007. O material produzido para dá ênfase ao aspecto da educação católica ofertada pelo Colégio e às praticas educativas e formativas embasadas fundamentadas no carisma savianiano que visam a formação intelectual e humana dos alunos, sintetizando que o objetivo da educação saviniana é dotar seus educandos com conhecimentos científicos e, também, contribuir para a formação ética, moral e religiosa destes.

Silveira Filho (DHG/UFPI), Maria Conceição Castelo Branco (DEFI/UFPI), Pe. Raimundo José Ayrimoraes Soares (DEFI/UFPI).

Conhecer os nomes dos professores que atuavam nos Colégios das Irmãs é apenas um dos elementos que nos proporcionam conhecer aspectos das práticas pedagógicas desenvolvidas naqueles estabelecimentos de ensino que estavam “empenhado em atingir o fim de educar e promover a juventude visando a sua formação integral, segundo uma escala de valores humanos e cristãos e inspirando-se nos princípios da lei de ensino em vigor.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1984, p. 02).

Lembremos que ao

(...) atentar para a materialidade e para as formalidades das práticas pedagógicas escolares é perceber que tais elementos dão a ver posições de poder no campo da educação, modos de fazer a escolarização e de instituir identidades pessoais e profissionais. (...) não podemos esquecer que tais práticas são, por sua vez, produtoras de representações sociais sobre a escola e do seu lugar no mundo social. Se considerarmos, (...), que tais representações são, elas também, práticas de ordenamento do mundo social, veremos realçadas as implicações de uma história do cotidiano e das práticas escolares para entendimento da história do processo de escolarização e da instituição escolar entre nós. (FARIA FILHO, 2003, p. 89-90).

Por isto conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas nos espaços dos Colégios das Irmãs Catarinas, nos revela algo além dos métodos de ensino, conteúdos, sistemas de avaliação, nos contam sobre a postura e a forma de “agir e pensar” dos professores e, também, da postura das alunas; bem como as formas de interação existentes entre os diferentes sujeitos que integram o processo educativo, e as relações sociais que permeavam os espaços educativos.

Tomando a fala de Erice Moura, ao lembrar da realização dos trabalhos de grupo promovidos pelo professor Josias Carneiro, nos diz que

quando entrou o professor Josias Carneiro foi que começou este negócio de trabalho em grupo e eu sentia uma dificuldade porque eu era muito individualista, tá entendendo, e aí foi nessa época que já começou em 63, 64, por aí assim, foi que foi começando mas não tinha, cada um fazia o seu trabalho e estava encerrado. (...). (RODRIGUES, 2008).

Revelando-nos a sua visão de educação, a crença de que ao se tecer elogios quando alguém faz algo bem feito desperta-lhe a auto-estima, a necessidade pessoal de saber partilhar, além é claro da mudança de metodologia do ensino trazida pelo professor

mencionado. Assim, ao analisarmos da inserção das ex-alunas na sociedade piauiense, enquanto sujeitos escolares, esta estratégia nos permite perceber como os Colégios interferiram no processo de reconfiguração da nossa sociedade, posto que

voltar nosso olhar para os sujeitos escolares permite-nos surpreendê-los em seu fazer cotidiano, ora definindo e colocando em funcionamento certas estratégias de configuração de sua profissão e de seu campo de atuação, ora como praticantes agindo em terrenos delimitados por outros, desenvolvendo intensas práticas de apropriação, verdadeiras táticas de sobrevivência em um terreno movediço e minado de incertezas. Compreendê-los como componentes de uma cultura escolar enfatiza a idéia de que os sujeitos escolares, alunos e professores, sobretudo, não apenas põem em funcionamento uma instituição ou uma cultura definidas sem a sua presença, mas que, pelo contrário, participam ativamente na construção da escola e da cultura escolar e de si mesmos como sujeitos sociais. (FARIA FILHO, 2003, p. 87)

Rememorar os tempos escolares provoca comparações, produções de escalas de valores, avaliações de atitudes transcorridas, etc., tal se procede que Eva Maria Evangelista Leal ao lembrar de seus professores e da forma como cada um ensina seus conteúdos específicos, os professores ainda tinham outras habilidades,

...tinha a Irmã Neide Maria que era professora de matemática falava chi, chi... chiando o tempo todo cuspidando a gente. O professor Artur ..., de Geografia, Ave Maria, é um doce de pessoa ele até analisava a caligrafia da gente. Ele gostava de analisar a caligrafia. O Professor Valdir ficava sentado o tempo todo. O professor Valdir, dona Eva Maria Evangelista aí se eu não levantasse aí ele ficava esperando enquanto a gente não levantasse para dar presente ele não, não, ficava esperando a gente levantar, ele não dizia nada apenas esperava.... O Professor Diogo, ah uma beleza, bem caladinho, comportado, ..., as sandálias desabotoadas, falava bem baixinho, quanto mais a gente – se a gente falava na sala aí ele diminuía a voz pra gente poder ficar calada pra poder prestar atenção. A Irmã Jacira era um pinga fogo, bem pequenininha tomava conta de todas, a ...s, principalmente na, nas festas de 7 de setembro, que ela era diretora do Colégio. Ela prezava muito pelas festas principalmente a de 7 de setembro com ordem militar.(LEAL, 2006)

Enquanto Josina Jacobina lembrou-se repetidamente dos professores Barreto, Ribamar Meneses, Carlos Iglésias, Nazareno Fonteles e da Irmã Sebastiana, por que

Primeiro porque eles davam muito abertura a gente pra conversar, né. O professor Barreto mesmo gostava de brincar com a gente; o professor Ribamar Meneses tinha um negócio de Valença. Ah! Nós vamos somar aqui vamos fazer não sei o que! Você quer ir pra Valença? Ele brincava muito em sala de aula. Todos os dois, apesar de ser professor e também de uma matéria bem complicada, que é matemática, mas eles brincavam muito na sala de aula. Aí a gente conseguia, né, se sentir melhor.

(...). E o Iglésias, porque também era bonito, na época, chamava atenção de todo mundo. Tinha uma amiga nossa que estava paquerando com ele. Até namorou com ele aí a gente fazia a maior fofoca do mundo. Aí ele também brincava, né! E a Irmã Sebastiana, porque era a Irmã que mais deu abertura pra gente. Mais conversava com a gente. (JACOBINO, 2006, p. 09-10)

Lili Leite, contou que os professores por terem domínio de conteúdos considerados difíceis, como a Matemática por exemplo, eram admirados pelas alunas, como era o caso do

professor de Matemática, o professor Bernardo, mais pensa assim num professor que ele sabia de muita Matemática. Meu Deus, como é que um professor sabe tanta Matemática? E destrincha tudo que faz, uma fórmula que ninguém entende. Aí, outro dia encontrei com Alzair do Dr. Acelino que era o dentista, vem cá mermã: tu ainda sabe alguma coisa de Matemática? Só ..., não sei Lili, eu sei 1 e 1 são 2. (risos...). (...) cozinhou o juízo da gente. Mais ele sabia muita matemática, só porque ele explicava duma maneira que a gente num, num entendia. Fazia um movimento que ô meu Deus! Já o Lapa a gente entendia ele bem. (CASTRO, 2010, p.19).

Outras professoras tinham sido colegas de classe das mães das próprias alunas, situação lembrada por Erice Moura, ao dizer que “a Têmis Resende, a professora Têmis, foi colega da minha mãe, (...), lá na Escola Normal. É Antonino Freire. Mamãe estudou lá, se formou e era da turma dela, da Dona Têmis Resende.” (RODRIGUES, 2008, p. 11).

**FIG. 12 - PROFESSOR VALDIR GONÇALVES
EM 1944**



Acervo Arquivo Público do Piauí
Fonte: **Revista ZODÍACO**, ano 2,
nº. 12, 01 de dezembro de 1944. p. 1

EM 1976



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus

O professor Waldir segundo os registros do Colégio foi contratado em 1938. Foi o primeiro presidente de honra do Grêmio Cultural Santa Catarina de Sena, fundado em 1944 no Colégio de Teresina. E, em 1976, por ocasião das comemorações do aniversário de 70 anos do Colégio foi escolhido para fazer o discurso de abertura da solenidade que encerrou tais festividades no dia 24 de outubro, no Teatro 4 de setembro. Outra forma de homenagear este docente foi utilizar seu nome em repetidas ocasiões para designar turmas de formandas do Colégio.

Nestes momentos de evocação das lembranças escolares, as ex-alunas mencionam, quase que em sua totalidade a figura austera do professor Valdir Figueiredo, um dos professores mais lembrados pelas ex-alunas foi o Professor de História Geral por muitos anos. Este professor foi descrito como “muito sério e exigente” (Eva Maria Evangelista Leal) e que “não relaxava com a sabatina depois da aula” (Maria Ozeni Batista Moura) “Professor Valdir, meu professor de História. Ia também todo no terno, todo sentava assim, dava aquela ordem, era, Professor Valdir que era de História.” (Erica Moura Rodrigues).

O professor Valdir era tão exigente que, como lembrou Teresinha Meireles, “(...) na aula de História, muitas vezes o nosso grupo não sabia, a gente se escondia lá na sala de jogos (...). Lá embaixo, na sala de jogos a gente tava lá escondida pra não assistir aula de História Geral. Mandava procurar e a gente tava lá na sala, lá escondidinha, lá na sala de jogos.” (MEIRELES, 2006).

E Lili Leite revelou que

eu fazia de tudo para aprender História, mas num entrava na minha cabeça, aí o professor Valdir dizia que era para eu estudar igual se eu tivesse lendo um romance. Mas num dava, eu não aprendia, não tinha jeito. Aí, engraçado era o professor Valdir na hora, ô meu Deus, história num há meio de eu aprender. Não faça de conta que você tá lendo um romance muito bom. Não mais eu não gosto não, num sei porque, ô confusão e eu não tirava nota muito baixa não, mais eu achava que nunca ia direito em história, ô meu Deus, ô meu Deus, ô matéria péssima (risos...) Aí, ele brigava comigo. Era o professor Valdir. (CASTRO, 2010, p. 18-19)

FIG. 13 - PROFESSORA ESTHER COUTO



Professora Esther Couto

Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A postura da professora Esther na defesa pública e efetiva das práticas católicas era a concretização dos objetivos da educação católica voltada para as mulheres: educar mulheres para defender e difundir o catolicismo e o civismo.

A professora Esther Couto lecionou a disciplina Didática entre as décadas de 1930 e 1950, para o Curso Normal do Colégio de Teresina. E, segundo Lopes (2004, p. 05) “mantinha a coluna A Imprensa religiosa, no Jornal A Imprensa”, os escritos da professora faziam coro com discurso e postura assumida pelas instituições religiosas católicas e ao fazer uso da imprensa tem como objetivo de divulgar o catolicismo e alertar a população católica para os perigos da modernidade.

Ao mencionarmos os docentes dos Colégios, devemos lembrar como a sociedade brasileira concebia que deveria ser e se comportar um professor, Camargo (2000) faz uma descrição exemplar da visão que se tinha do docente, na

Década de 1930: (...) certa cultura humanista, a formação cívica e o cultivo de valores da vida. Outras frases, referiam-se a “virtudes humanas”. Algumas, também, sobre “virtudes profissionais”, explicadas pelos conferencistas como o empenho de todo indivíduo em “ser virtuoso” e praticar a “bondade” e a “justiça”. (CAMARGO, 2000, p.31 - 32)

Década de 1950: (...), a partir dos nos 46, o professor representava o verdadeiro patriota que vinha prestando benefícios à causa da educação popular. Faziam a comparação da figura do “professor” aos chamados “ilustres idealizadores” de escolas Normais. (CAMARGO, 2000, p.32)

Maria Luiza de Castro Teles (2008) nos disse que todos os professores eram muito rigorosos e exigentes e “primavam pelo comportamento e atenção, para o bom desempenho dos alunos”, além de respeito às normas. Enquanto, Jeanne Maria do Vale Soares (2008), argumentou dizendo que “vejo nesses professores o autoritarismo próprio do professor da época. A própria conjectura educacional exigia um professor ríspido, sem muita afetividade em relação ao aluno e cobrança de pormenores dos conteúdos da disciplina. Essas ‘qualidades’ faziam do professor o ‘bom professor’.” Isto também é confirmado por Josina Maria de Oliveira Jacobino (2006) que diz que a relação com as irmãs e com os professores “era um pouco fechada, com pouco diálogo, embora com consideração e respeito, mas tudo isso, devido ao próprio regimento da escola e os costumes da época.”

O certo é que “o quadro de professores do Colégio das Irmãs sempre foi tido como sendo de alto nível e com pouca rotatividade dos docentes que o integravam, era constituído por professores laicos e por algumas religiosas.” (SILVA, 2007, p. 86)

Ainda investindo no processo de formação das suas alunas as Savinianas com auxílio dos professores incentivaram a formação e o funcionamento dos Grêmios Culturais, Clubes de Leitura e Centros Cívicos dentro de suas instituições. Os professores e as religiosas

atuavam como presidentes de honras das agremiações e eram os responsáveis pela elaboração dos programas de atividades, supervisão das atividades e leituras que eram realizadas pelas integrantes destes grupos. As atividades incluíam leitura de livros indicados, formação de coro e auxiliar as Irmãs na organização de eventos religiosos e cívicos.

No Colégio Nossa Senhora das Graças, com o objetivo de incentivar a prática da leitura entre as alunas do Curso Ginásial foi fundado, em 1938, o Grêmio Literário Savina Petrilli, que sob a presidência da professora de História Maria da Penha Fonte, era responsável pela publicação da revista escolar Raios de Luz. A revista divulgava textos produzidos pelas alunas, além de eventos acontecidos na cidade de Parnaíba com ênfase para os de caráter cívico e religioso, também eram comercializadas algumas páginas para anunciantes como estratégia para angariar recursos financeiros para custear a edição deste periódico estudantil.

Em 1944, as alunas do Colégio de Teresina fundaram o Grêmio Cultural Santa Catarina de Sena que segundo o professor Valdir os objetivos se “resume no alevantamento moral, cívico e intelectual de nossas patricias.” (ZODÍACO, 1944, p. 16). Em Parnaíba foi instalado o Clube da Leitura Santa Maria Goretti no ano de 1958 que segundo consta em seu livro de Atas, o

clube tinha por fim: 1º) dotar a criança da capacidade de ler com compreensão, rapidez e naturalidade. 2º) Fixar na mesma hábitos de boa leitura, tanto para fim de colheita de informações úteis, como para utilização conveniente das horas de lazer. 3º) Leva-la a compreender a vantagem da leitura como instrumento de aperfeiçoamento cultural (...)” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 1958, p. 2).

Os conteúdos ensinados, as práticas pedagógicas adotadas e, até mesmo, a postura individual de cada docente nos Colégios Católicos se articulavam visando insuflar nas suas educandas a convicção de que existia um modelo “ideal de mulher”, e tal era atingido quando a mulher se tornava “educada, polida e cristã convicta” (RODRIGUES, 2008a, p. 04)

d) As Órfãs Sociais dos Colégios das Irmãs: as escolas gratuitas Santa Inês e São José

A caridade faz parte do carisma das Irmãs Savinianas, então, em cumprimento aos preceitos de sua congregação, “dedicavam-se não só as filhas dos mais abastados, mas também aquelas mais pobres que se achegavam a elas” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 1), e para atender a esta demanda instalou no Piauí as escolas gratuitas para meninas.

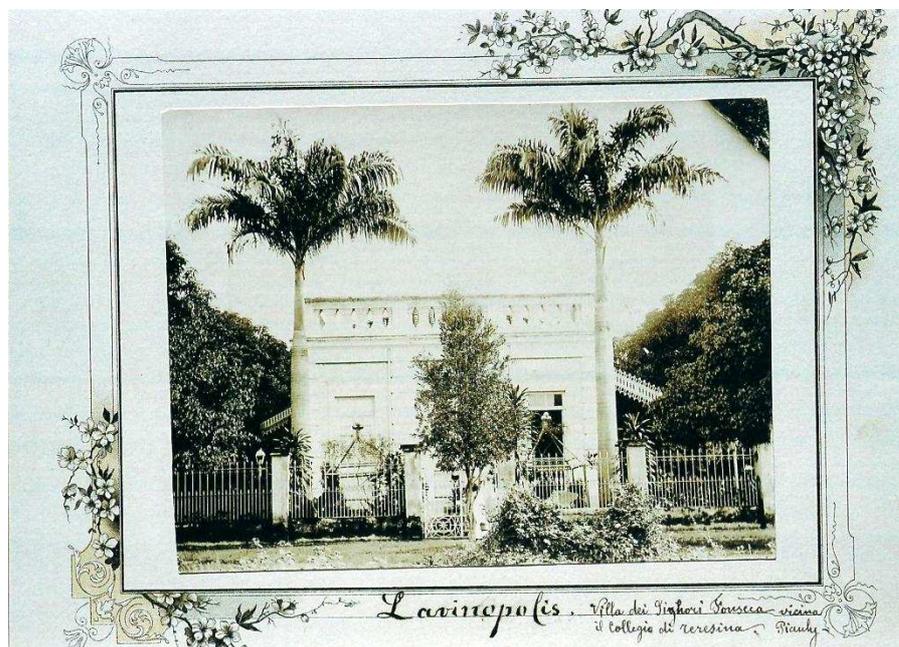
Em Teresina foi instalada a Escola Santa Inês, no mesmo prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus, a distinção entre as alunas era feita através do uniforme escolar que era diferenciado. Em Parnaíba foi instalada a Escola São José no prédio do Colégio Nossa Senhora das Graças, a distinção entre as gratuitas e as pagantes era feita através das salas de aulas, havia salas distintas para cada categoria de aluna. (SILVA, 2007, p. 42).

As alunas que freqüentavam estas escolas eram denominadas pelas demais alunas dos Colégios de órfãs, segundo Lili Leite (ex-aluna do Colégio de Teresina), “a gente lá chamava elas de órfãs, mas nem todas eram órfãs não.” (CASTRO, 2010). Os livros de matrícula das escolas gratuitas⁶⁶ atestam o que foi afirmado por Lili Leite, a maioria das alunas destas escolas não eram órfãs, pelo menos não do ponto de vista de não dispor fisicamente da companhia e proteção de seus genitores, mas eram órfãs sociais, posto que eram desprovidas da rede de proteção social e econômica que, comumente, é tecida pelos membros de famílias abastadas em nosso Estado.

A exemplificação de tal situação social e econômica das alunas gratuitas está nos registros feitos por uma das Irmãs, em 1915, que informa que como forma de agradecimento aos favores prestados por Encarnadilha Fonseca ao cuidar de Irmãs que adoeceram gravemente naquele ano, a diretora do Colégio de Teresina recebeu “no Colégio a pobre criança Joanhinha Fonseca, filha de uma empregada de Dona Encarnadilha.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 07).

⁶⁶ Nos Livros de Matrícula da Escola São José Anexa ao Colégio Nossa Senhora das Graças, em Parnaíba, ano 1969 a 1970, estão registrados os nomes, endereços e profissões dos pais das alunas matriculadas. Situação idêntica se encontra nos Livros de Matrícula da Escola Santa Inês, em Teresina.

**FIG. 14 - LAVINOPÓLIS
RESIDÊNCIA DE ENCARNADINHA FONSECA - TERESINA**



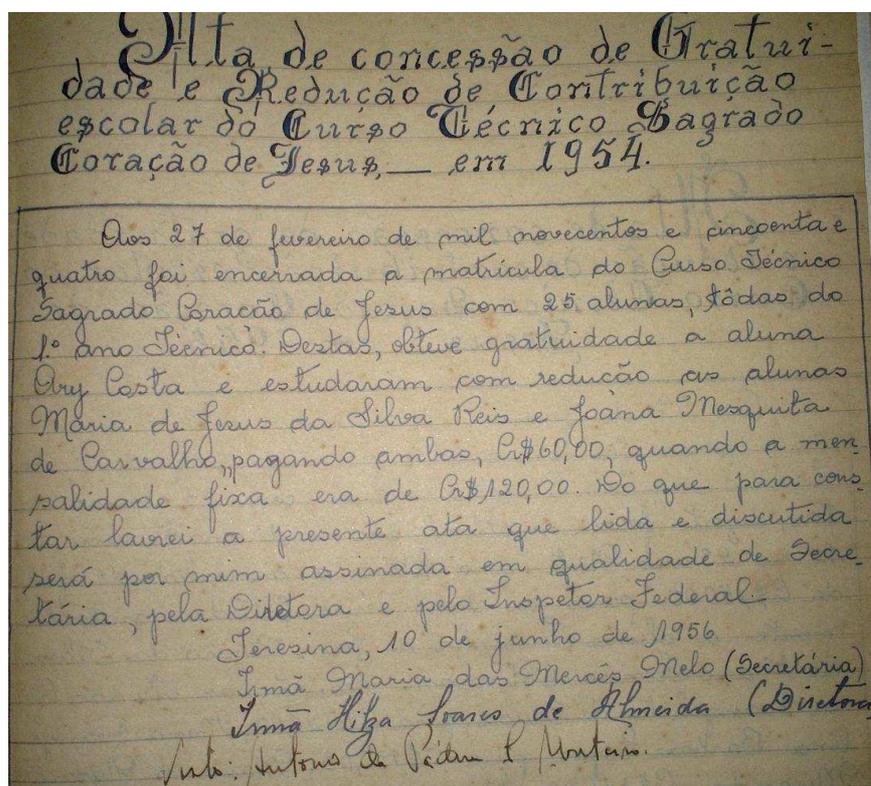
Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A fotografia de Lavinópolis foi dada à Irmã Tecla Doro (então superiora da congregação no Piauí) por Encarnadinha como recordação dos dias passados naquela residência. Considerando que a identificação da imagem está escrito em italiano, mesmo que isto fosse uma prática comum entre as Irmãs de origem italiana, supomos que a lembrança foi enviada à sede da Congregação em Siena para esclarecer onde foram tratadas as religiosas que adoeceram. Lavinópolis distava uma quadra do Colégio e ficava nos fundos da Igreja São Benedito, porém, hoje não existe. Em seu lugar, na frente que dava para Avenida Frei Serafim está um posto de combustíveis, e nos fundos do terreno há um estacionamento.

Segundo Manoel (1996), a oferta de ensino gratuito era uma estratégia adotada pelas escolas católicas para colaborar com a manutenção da estrutura social conservadora e tradicionalista, pois, “ao estender às outras classes sociais, por meio das escolas externas gratuitas ou orfanatos, tal educação doutrinava ensinando que essa ordem vigente era a mais desejável.” (p.16).

As escolas gratuitas ofertaram apenas o Curso Primário e aulas livres de costura, e, mesmo depois que os Colégios passaram a adotar a co-educação em 1973, nestas escolas era matriculadas apenas meninas.

FIG. 15 - LIVRO ATAS DE CONCESSÃO DE GRATUIDADE E REDUÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO ESCOLAR



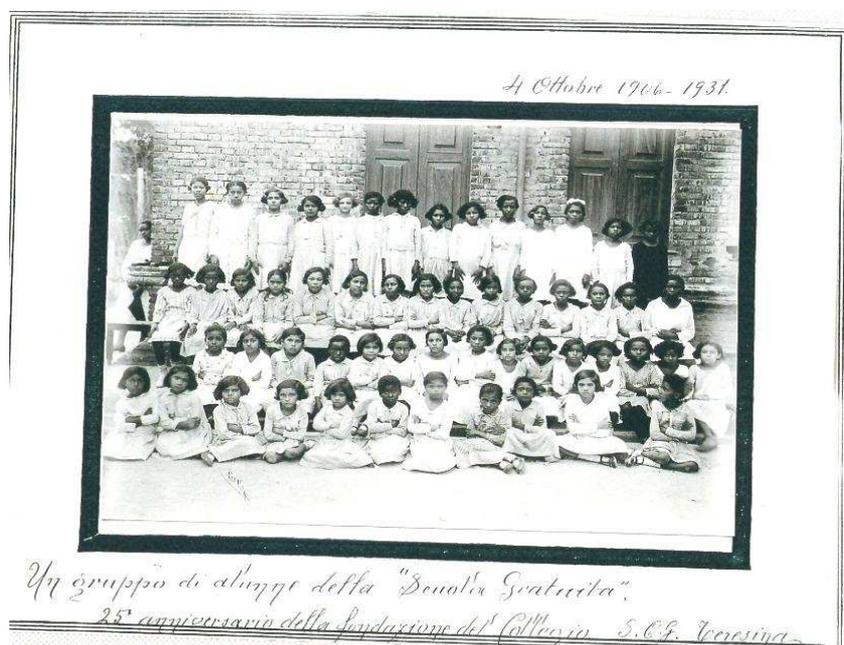
Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus

Em 1956, das 25 alunas matriculadas no Curso de Comércio, uma recebeu isenção total e duas parciais (50%) do valor da anuidade cobrada no Colégio de Teresina.

A continuidade dos estudos para as alunas gratuitas era assegurada por meio da concessão de bolsas de estudo (integrais e/ou parciais) para freqüentar os demais níveis de ensino nos próprios Colégios, prática que se mantém até hoje. Situação registrada em livros de Atas de Concessão de Gratuidade, sendo um para cada Curso ofertado nos Colégios. A seguir reproduzimos uma página do livro do Curso Comercial, referente ao ano de 1954, no Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Outro Exemplo deste tipo de concessão é a ex-aluna do Colégio de Parnaíba, Izabelita de Jesus Carneiro, estudou por doze anos no Colégio e afirma que é “também um exemplo da caridade realizada pelo Colégio, pois pode usufruir de tudo (...), gratuitamente. Hoje, aos vinte e quatro anos de idade, sou advogada, participo da Renovação Carismática Católica e desenvolvo trabalho social.” (CARNEIRO, 2007, p. 46).

**FIG. 16 - ALUNAS DA ESCOLA GRATUITA SANTA INÊS – TERESINA
ANO 1931**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A fotografia foi feita no pátio interno do Colégio em 1931, por ocasião do 25º aniversário de fundação do Colégio em Teresina. Na margem inferior da fotografia grafado em italiano está identificação da imagem está, supomos que a lembrança foi enviada à sede da Congregação em Siena para demonstrar o trabalho das religiosas junto a pessoas carentes.

As órfãs estudavam em horário diferenciado das demais alunas dos Colégios, enquanto as alunas pagantes estudavam pela manhã, as órfãs estudavam no horário da tarde, das três e meia às cinco e meia, conforme atestou Lopes (2004), e, usavam uniforme diferenciado. E, era, segundo Lili Leite, proibido que “as internas e qualquer outra aluna do Colégio falasse com as órfãs, (...), nem mesmo nos intervalos das aulas ou no recreio.” (CASTRO, 2010)

E, aparentemente esta era uma das regras cumpridas sem questionamento, considerando as repostas dadas pelas ex-alunas quando perguntadas sobre as escolas gratuitas, pois as alunas internas ou externas não tinham contato com elas. E algumas alunas chegaram mesmo a ignorar a existência destas escolas e pensavam se tratar efetivamente de um orfanato mantido pelas Irmãs nas “salas de baixo” e pensando mesmo que as “órfãs” deixavam de morar no Colégio ao atingir a maioridade. Situação que pode ser percebida na fala de Graça Sá (2009, p. 24-25) que diz:

No Colégio das Irmãs ..., num sei se ainda hoje existe! Existia o orfanato, onde as meninas que eram órfãs lá estudava no próprio colégio e sem pagar nada. Duas estudavam na minha sala (...). Elas estudavam ... (...) A gente passava na fila e aí, tinha, era ali embaixo mesmo, num era lá em cima. (...) Aí, essas duas que eu tou dizendo, que é a Dada e a Amparo, é porque terminou a série delas do Primário, aí, passou pro Ginásio. Lá só era o Primário e aí foi que elas foram estudar com a gente. Moravam no Colégio no período que elas estudavam, aí, de tarde é que elas iam fazer os serviços do Colégio. Iam ajudar a fazer limpeza, mais era na limpeza. (...) Tenho certeza que elas tem muito a falar porque elas moravam dentro do Colégio. Elas só saíram de lá quando acabou a estória do estudo gratuito, do orfanato. Eu num sei se é porque elas completaram a maioridade.

Outras alunas, como Amariles Santana (2010, p. 21) contou, sabiam da existência da escola gratuita. Contudo, não tinha contato com as alunas daquela “outra” instituição nem mesmo nos momentos festivos.

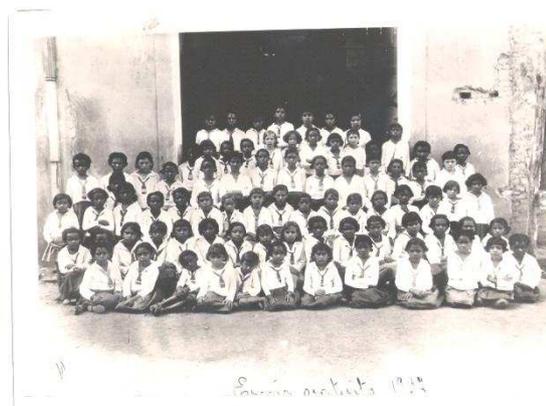
Tinha a Santa Inês, mas eu já não me dava, não tive muito contato. A Santa Inês parece que funcionava de manhã ou era de tarde porque ela funcionava embaixo, no subsolo. Ali num sabe?!! (fazendo um gesto com a mão indicando o porão do Colégio) Só que hoje é que foi tudo reformado, mas ali era assim ... mais escuridão e tudo. Era assim a princípio (...) dormitório das freiras, né, depois elas foram abrindo, acho que o número de internas ..., internato, acho que foram acabando o internato. (...) Eu nunca tive contato com elas [alunas da Santa Inês], nem festa, nem nada, (...), nem o menor contato com elas.

FIG. 17 - ALUNAS GRATUITAS DO COLÉGIO DE TERESINA

**UNIFORME DE GALA
USADO EM DIAS DE FESTA**



**UNIFORME DE USO DIÁRIO
EM 1937**



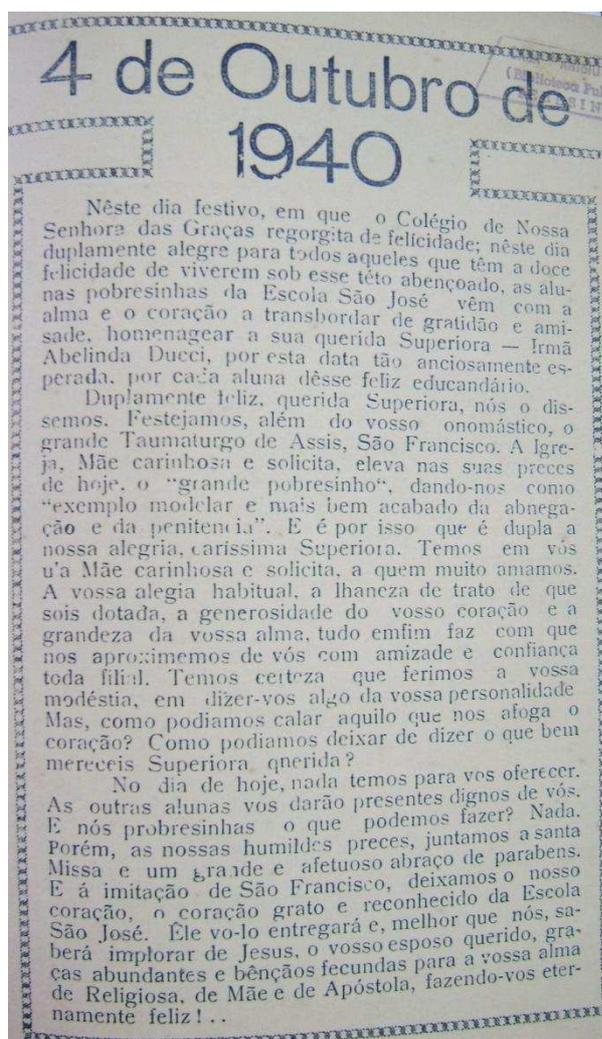
Acervo: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Segundo lembrou Lili Leite, o uniforme escolar e até mesmo roupas de uso diário das alunas das escolas gratuitas eram feitos pelas Irmãs com auxílio das próprias alunas e de algumas internas com mais “habilidade em corte e costura”

Apesar da diferenciação dos uniformes e horários de aulas, conforme consta nos Livros de Atas de Resultados Finais da Escola Santa Inês, as alunas gratuitas seguiam as mesmas rotinas das alunas dos Colégios, tanto que ao final do ano letivo de 1907 em Teresina, “também as alunas da Escola Gratuita receberam prêmios e apresentaram seus trabalhos e foram admirados” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 04) igualmente como acontecia com as alunas dos Colégios.

As Irmãs Catarinas preparavam um calendário de atividades religiosas e festividades para as alunas gratuitas similar ao destinado às alunas pagantes, porém as datas e horários em que aconteciam estas atividades e festividades não coincidiam entre si. Pode-se evidenciar tal ocorrência ao ler na página da revista Raios de Luz que reproduzimos abaixo:

FIG. 18 - REVISTA RAIOS DE LUZ DE 04 DE OUTUBRO DE 1940



Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: REVISTA “RAIOS DE LUZ” – Órgão do Grêmio Literário “Savina Petrili” do “Colégio Nossa Senhora das Graças”. Edição especial em homenagem à Superiora Irmã Abelinda Ducci. Parnaíba, 4 de outubro de 1940.

Há, ainda, outra diferenciação entre alunas gratuitas e alunas pagantes dos Colégios das Irmãs, é que as primeiras recebiam merenda escolar gratuitamente, por conta dos convênios celebrados com o Governo do Estado, o Setor de Assistência ao Educando (órgão da Secretaria da Educação) enviava às Escolas Gratuitas gêneros alimentícios e material de cantina para que fosse realizada distribuição de alimentação as órfãs. Conforme os documentos contidos na pasta Merenda Escolar da Escola Santa Inês, o cardápio da merenda escolar era constituído pela combinação dos seguintes tipos de alimentos: bolo, sopa, mingua, refresco, leite, bolo frito, sopa de bulgo, nescau, feijão, sopa de verdura, bolo de milho, pão, salada de frutas, cuscuz.

Empreendendo este panorama sobre a instituição das Escolas das Irmãs Catarinas que de duas se tornam quatro por conta da existência das escolas gratuitas, conhecendo os Cursos ofertados compreendemos como e porque se desenrola a ampliação dos anos de estudos das mulheres piauiense a partir dos anos de 1930 e o papel assumido pelos Colégios católicos neste processo.

Contudo, tomar conhecimento da existência destas escolas, também, amplia o número de questionamentos, porque se faz necessário buscar informações e entendimentos sobre o cotidiano de um mesmo espaço físico que se compartimenta internamente em muitos outros, quer seja por distinções sociais, econômicas, culturais e educacionais. Além de ter de entender as formas de sociabilidades e de convivências tecidas pelos diferentes grupos de alunas internas, externas e gratuitas para si e estabelecidas entre estes grupos.

3.2. “Formar Boas Cristãs e Boas Cidadãs”⁶⁷: as normas nos Colégios das Irmãs

Uma lembrança marcante entre as ex-alunas é a de que no Colégio “tinha hora pra tudo” e regras também. E, segundo Amariles Santana, foi isto que a tornou uma pessoa “pontual, comprometida e responsável”. A ordem e a disciplina, somados a religiosidades das Irmãs Catarinas, eram fatores perante a sociedade laica credenciavam as instituições de ensino católico e ampliavam seu respaldo social, reiterando o ditado corrente de que “criança que era educada por freira e padre sabe respeitar os mais velhos e seus superiores”.

⁶⁷ A frase é a síntese da diretriz máxima da educação católica que é a de formar bons cristãos e bons cidadãos.

Ao encaminhar suas filhas para o Colégio os pais, por sua vez, as encobriam de recomendações sobre respeitar as Irmãs e as ordens emitidas pelo Colégio, como contou Lili Leite (CASTRO, 2010, p. 08) que no dia de voltar para a escola sempre repetia para ela e para as irmãs:

Olhe, minha filha, eu quero que você tenha muito respeito, muito amor pelas Irmãs porque elas vão lá de desempenhar o papel de mãe. Sua mãe vai ficar aqui e elas é que vão cuida de vocês, é quem vão educar vocês e eu não quero saber de gente valente pro lado delas, porque senão vão pegar um castigo no retorno pro Colégio, no período das férias vocês vão pegar um castigo.

E para fazer jus à “fama” de escola disciplinadora, as Irmãs não “relaxavam” nas exigências para que suas alunas cumprissem todas as normas e regras que eram determinadas. Para orientar as alunas sobre as exigências da escola no dia da matrícula ou no primeiro dia de cada aluna no Colégio na presença dos pais a superiora ou uma das Irmãs-professora explicava as principais regras da escola, especialmente o conteúdo dos estatutos, em momentos específicos havia as preleções da Superiora no Parlatório, repreensões individuais privadas e públicas, etc.

Apesar das muitas exigências Lili Leite diz que a Irmã Catarina Levrini, mesmo quando ia repreender uma aluna “era incapaz de falar, ela era incapaz de falar assim alto com a gente. Um dia ela disse assim: “sua bruxa”. Oh! Oh! Superiora me chamando de bruxa. Bruxa em italiano é bonita. Com a gente era desse jeito (risos). Oh! Era uma pessoa tão boa, (...)” (CASTRO, 2010, p. 03)

O primeiro estatuto do Colégio das Irmãs foi elaborado ainda em 1906, pouco antes do Colégio de Teresina iniciar suas atividades, pelas Irmãs italianas e o padre Bianor. Este estatuto – Estatutos e regras para as educandas do Collegio dirigidos pelas Irmãs dos pobres de S. Catharina de Sena – é extremamente minucioso, e tenta normatizar todos os aspectos da vida das alunas, especificando horários, rotinas escolares, formas de comportamento, etc. A forma como este documento se estrutura, corrobora com a afirmação feita por Assunção (2007) de que

(...) as experiências escolares constituem um fator relevante neste processo [a constituição do indivíduo], em particular as informações apreendidas pelo discurso científico, pois por intermédio de tais ações as mulheres, e também os homens, não aprenderam, (...), apenas a respirar, mas a controlar a sua respiração; não apenas a falar, mas a emitir as palavras e frases apropriadas, nas situações sociais apropriadas, no tom de voz apropriado e de modo evasivo ou não. Não apenas a sentir, mas a sentir certas emoções muito distintamente; não apenas a se tornar mulher, mas a se

tornar uma mulher que se comporta e sente de determinada forma. Enfim, não apenas as idéias, mas as próprias emoções são, no homem, artefatos. (ASSUNÇÃO, 2007, p.37)

E, Camargo (2000), ao descrever as normas e regras a serem cumpridas pelos alunos de certa escola em Rio Claro (São Paulo), afirma que “as disposições do Regimento Interno (Prospecto para 1933) do Instituto eram rígidas enquanto mecanismos de inculcação de comportamentos e formação de hábitos. O Regimento era minucioso na regulamentação das condutas adequadas ou incompatíveis ao ambiente escolar.” (CAMARGO, 2000, p.51) Tal caracterização pode ser atribuída, também, nos Colégios das Irmãs do Piauí.

Dentro dos espaços escolares savinianos que se pretendia “formar um bom cristão e honesto cidadão para levar à sociedade germes de bem”, tanto que o Colégio das Irmãs de Parnaíba divulga, naquele no ano de 1973, que o estabelecimento tratava-se de “uma instituição educativa, com o objetivo de dar à juventude formação integral, a fim de prepará-la ao perfeito conhecimento de seus deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria”. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 1973, p. 1).

Uma forma de ampliar o controle, fazer distinção entre as alunas e ainda ampliar a competição entre elas, era a escolha das Prefeitas. As Prefeitas como atuavam como monitoras dos professores, auxiliares de disciplina e representantes de classe. Em cada classe duas alunas eras escolhidas pelas Irmãs levando em conta: comportamento, obediência, desempenho escolar, religiosidade, etc.

Escolhidas as alunas Prefeitas e as Vices, era comum haver uma solenidade em que a Superiora entregava os distintivos. A “nomeação” das Prefeitas no ano de 1944 está registrado no Livro de Memórias do Colégio de Teresina que no dia 25 de março, durante a

Festa da Anunciação de Maria Santíssima, a Santa Missa, celebrada por Dom Severino que aceitou benignamente o nosso convite para a simples festa organizada para a entrega dos 12 distintivos das Prefeitas e Vice-Prefeitas, escolhidas entre as melhores dentre as nossas alunas, para ajudarem as Irmãs na vigilância e facilitar a boa disciplina. (...) Neste mesmo dia aconteceu uma manifestação inesperada que muito nos alegrou: de própria iniciativa ao meio dia no refeitório, antes de começar a refeição em um ímpeto de alegria: “Viva as nossas Prefeitas” mas, não terminou aqui. Antes de saírem do refeitório, a quintanista Violeta Resende (que já havia falado com tanta graça a S. Excia.) agradeceu gentilmente e em nome da outras colegas. Com uma salva de palmas e um forte “VIVA” que todas repetiram entusiasmadas encerrou a cena. Assim passou-se aquele dia belo que jamais tínhamos pensado acontecesse tão alegre e consolador. [Em] Abril, [dia] 1 – Após as instruções que a Superiora [Irmã Catarina Levrini] deu a todas as Prefeitas para bem cumprirem o próprio dever, as Prefeitas com as suas Vices, puseram-se com a maior

boa vontade à obra e já se nota alguma melhora na disciplina, especialmente nas bancas de estudo, nos corredores, etc. esperamos que tenham perseverança! (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p.07) .

**FIG. 19 - AS PREFEITAS
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

As prefeitas deveriam servir de exemplo para as demais alunas. E apesar de muitas alunas almejavam receber a tarefa e também a distinção de se tornarem Prefeita, em contrapartida, terminavam por serem mais cobradas que as demais alunas.

Teresinha Meireles revelou que entre as alunas, em geral, todas se davam bem, mas quando a Prefeita informava às Irmãs as desobediências de seu grupo, pois no 4º ano “a gente era um grupo mesmo danado mesmo”, acontecia o seguinte:

Entre todas as alunas o relacionamento era bom. Agora tinha uma inclusive a gente chamava picolé de freira porque tudo que acontecia na sala ela ia contar sabe? Aí nós descobrimos quem era, aí essa a gente isolava, não, quer dizer essa não participava nada com a gente.ninguém queria porque o que acontecia a Irmã sabia tudo. (MEIRELES, 2006, p. 07).

Erice Moura lembra que a única vez em que a Superiora, Irmã Hilza, a repreendeu foi quando uma Prefeita contou que ela havia tirado a atenção das outras durante uma das aulas de Religião.

O não cumprimento das normas pelas alunas era punido com castigos que iam desde a repreensão privada, passando pela pública até suspensão e expulsão da escola, mas como afirmou Graça Sá o castigo mais comum era “rezar o terço”. Paralelo a rigidez das Irmãs, as alunas desenvolveram diferentes estratégias para burlar as regras ou pelo menos amenizar os castigos.

A hora era muita rígida. A aula começava sete horas. A gente tinha que chegar pelo menos quinze minutos antes de sete horas, porque sete horas a gente entrava, ia pra capela pra rezar o terço, depois do terço que ia pra sala de aula. (...) Quem não rezava o terço recebia um castigo. Eu pelo menos uma vez peguei o castigo de três terços. Eu e mais uma turma todinha. (...) Só que nós não rezamos estes terços de jeito nenhum direito e a freira achou que a gente tinha rezado, mas nós não rezamos coisa nenhuma. (...) A turma ficou de castigo, que a gente num rezou, aí, ficou pra rezar outra vez. Nós fomos rezar! Aí, quando a Irmã saindo, falamos: “essa como nós já rezamos, este como já foi dito” (risos...) (...). (SILVA, 2009, p. 02)

FIG. 20 - LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E QUÍMICA COLÉGIO DAS IRMÃS DE TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Este é um dos registros do laboratório de ciências biológicas e química que num espaço de 50, 60m² estava distribuído animais empalhados, vegetais desidratados, o esqueleto humano, frascos com substâncias químicas, atlas do corpo humano. A sala ficava no pavimento térreo, próximo à escada que dava acesso ao primeiro pavimento do Colégio, e por isto era um pouco escura.

Chegar no horário determinado para as diferentes atividades que integravam a rotina das alunas savinianas era quase uma obsessão para as alunas, tanto que as “meninas” temiam chegar atrasadas, pois

não chegar no horário. Se chegasse atrasada, voltava aí no outro dia tinha que levar o boletim e assinado pelo pai ou mãe, pelos pais pra dizer que tinha chegada atrasada. As vezes que a gente mesmo conseguia. Voltava por baixo, não entrava aí a gente ia pela escada, Irmã eu vim correndo vê se a senhora me dispensa sem meu pai dispen..., as vezes ela dispensava a gente com o boletim. (LEAL, 2006, p. 03).

Eva Evangelista lembra-se que ao perder o horário de voltar para sala de aula depois do recreio, com medo de ser punida, e por influência de uma colega, fez o seguinte:

só tinha uma que era um pouco bagunceira mas não era da minha sala. Era uma namorada do meu irmão que o único caso que houve esquisito comigo foi com ela realmente. Na hora do recreio, ela ficou comigo jogando bola passando da hora e nós fomos pra sala do esqueleto e ainda pra completar ela ficou quebrando o esqueleto e eu morr... quebrando os ossinhos do esqueleto que tinha na sala de castigo e eu morrendo de medo. (LEAL, 2006, p. 04).

FIG. 21 - ALUNAS LILI LEITE E JANETE NO MEMORARE - TERESINA



Acervo Lili Leite

Janete, prima de Lili Leite, era aluna interna no Colégio das Irmãs de Teresina. Diferente de Lili que não considerava exagerada a fiscalização das Irmãs e até mesmo as achava extremamente zelosas e atenciosas com as alunas, Janete se sentia pressionada e tolhida e por diversas vezes, segundo Lili, pensou em fugir da escola. E também porque “era danada pra namorar, a Irmã via, aí, ficava de castigo lá no Memorare. E dizia: Lili vamos fugir? Eu de jeito nenhum!(...) Ela me chamava de beatinha.” (CASTRO, 2010, p. 30)

A comunicação entre os diferentes tipos alunas das Irmãs Catarinas não era permitido, como também não era permitido que as internas recebessem ou enviassem correspondências sem a autorização da Superiora da escola. Lili Leite relembra como as internas faziam para evitar a fiscalização das Irmãs na hora de enviar bilhetes para os namorados ou mesmo para os pais.

A minha prima [Janete] era terrível. As Irmãs faziam fiscalização nas carteiras e pegava as cartas do namorado dela. (...) A Mirian era tão danada, (...). Pois ela fazia [bilhetes] , ia lá para calçada do Colégio, ela ia lá pro dormitório e lá ela fazia os bilhetes e botava na pedra e jogava pra ele [namorado]. (...) quando eu num queria que as Irmãs visse, eu dizia pra Teresinha Paz, (...) era minha conterrânea, era externa. Teresinha leva essa carta e entrega pro papai no dia que a Irmã disse que tinha visto no meu rosto a presença de Deus, eu quase fico louca, vou morrer. Vou morrer e as meninas essa (...) e a Maria do Carmo era assim: “agora temos uma santa, santa Alexandrina!”. Quase morro... (...) Impressionada que a Irmã disse que tinha sentido, aí, o papai viu o bilhete, aí, disse: minha filha, deixe de ser tola, porque a Irmã acha que você é uma pessoa boa, nota que vocês é uma pessoa diferente das outras por seu comportamento o que é isso, deixe de ser tola. Mas eu quase morro! (...) (CASTRO, 2010, p.08; 28).

Mesmo entre as alunas internas havia separação para que as mais novas não se comunicassem com as mais velhas e vice-versa. Divisão mantida até na hora de dormir, nos dormitórios, pois

Os dormitórios era, o dormitório das pirralhas [Primário] era um, Adaptação era outro, do Ginásio era outro, das Normalistas e o resto era das freiras, porque dormia sempre freira lá e era assim aquela coisa que ninguém podia ver um fio de cabelo das Irmãs, só com aquele véu, num sabe!! Era um negócio tão sério, num sabe!! (CASTRO, 2010, p.03)

Algo que chama atenção no comportamento da alunas dos Colégios das Irmãs piauienses, que apesar de

o silêncio era ao mesmo tempo disciplinador do mundo, das famílias e dos corpos regra política, social, familiar (...), pessoal. Uma mulher conveniente não se queixa, não faz confidências, exceto, para as católicas, a seu confessor, não se entrega. O pudor é a sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza. A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele. (PERROT, 2005, p. 10)

Mas as alunas dos Colégios piauienses não se calaram, não frustraram e não internalizaram todas as suas vontades, e paulatinamente, conseguiram negociando e pressionando as Irmãs, mas com todo o respeito (como fazem questão de frisar e registrar

sempre em suas falas), alterar algumas normas do Colégio, como, por exemplo, quando conseguem a mudança de um dos itens que integravam o uniforme escolar.

Teresinha de Jesus Soares Meireles se lembra da rigidez e apreço com que era tratada a farda do Colégio e de que forma as Irmãs fiscalizavam as alunas mesmo fora do Colégio,

(...) não podia, ta, não podia andar na ..., não podia sair fardada. Só do Colégio pra casa, eu não podia andar fardada na rua, circular assim sair pela rua, não podia. (...) tinha um carro, naquele tempo chamava de perua né. Elas circulavam pela cidade de carro, nesse carro viu, pra ver. Elas circulavam na rua.(...) Foi eu e mais duas né, nós gazeamos a aula, tava perto do 4 de outubro, que no Liceu era uma festa, hoje em dia não tem , mas a festa de 4 de outubro no Liceu, Ave Maria, era um sonho e nós fugimos fardada. Quando nós chegamos na praça do Liceu, nós avistamos a kombi com duas freiras dentro, olha mais nós demos uma carreira, a primeira casa que nós encontramos portão aberto nós entramos. (...) Pra elas num ver. Era suspensão. Ia suspensa, fardada, hora de aula, fardada. (...) Passeando, nunca mais nós fizemos isso, foi a primeira e última vez - porque olha mais foi assim um negócio tão rápido – que a primeira casa com portão nós entramos as três. Nós entramos mesmo e pedimos des ... desculpa e ficamos até, né, a kombi delas ir embora. Mas era suspensão não tinha nem como. Ah! (...) A farda era abaixo do joelho. Você não podia usar pintura, você não podia ir com o cabelo penteado porque naquele tempo era aqueles cabelos ,né!. É, unhas pintadas. Tinha uma freira, na entrada do Colégio, que a gente entrava pelo lado. Num tem a imagem de Jesus ali? Então na hora que você entrava aqui tinha porta, você entrava ali. Então já tinha essa freira, eu não lembrava o nome dela, com álcool, cetona, com algodão, aí a gente ia de propósito – pintava as unhas de vermelho bem mesmo, bem mesmo e chegava lá já era assim (esticou as mãos mostrando as unhas). Ela tirava tudinho, né! Por exemplo, aquelas faixas que se usava no cabelo, só podia ser branca – mas no quarto ano, nós do quarto ano conseguimos que ela deixasse usar branca ou preta né, e aí pra nós já era uma vitória né. (MEIRELES, 2006, p. 04) .

A farda era mais um motivo de preocupação e orgulho para as alunas dos Colégios das Irmãs, principalmente, a de gala. Eva Evangelista afirmou repetidamente que

a gente se ... prezava muito pela farda, pra ir bem bonitinha, arrumada e procurar as primeiras cadeiras. (...)quando eu chegava em casa a primeira coisa era lavar a minha farda, lavava a minha blusa todinha, todo dia, na hora que chegava, minha meia, eu mesma é que lavava todo dia e aí passava a noitinha e estudava durante a tarde (LEAL, 2006, p. 08)

A farda de gala era usada somente em ocasiões especiais, como por exemplo, desfiles, apresentações públicas, recepcionar visitantes no Colégio e visitas que as alunas faziam a autoridades e outras instituições de ensino, eclesiásticas ou governamentais. Josina Jacobino se empolgou ao lembrar-se de sua farda de gala.

Era muito bonita a farda. A gente saía com a farda de gala. Tinha que marchar todo mundo igual. Mais ficava muito bonito o desfile. A gente marchava com a farda de gala, de meio, de meio, cabelo bem penteado, sem nada na cabeça. Não podia botar nada na cabeça. (JACOBINO, 2006, p. 06).

**FIG. 22 - FARDA DE GALA
ALUNAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS DE TERESINA**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A farda de gala apesar de ser um dos orgulhos das “meninas das freiras”, também servia de motivo de gozação entre os estudantes. Como acontecia em Parnaíba que “no tradicional desfile de 7 de setembro, quando se reverenciava dom Pedro I e a independência do Brasil, a moçada desfilava garbosamente pelas ruas da cidade. Os alunos levavam na brincadeira as meninas do Colégio das Irmãs e, por conta disto nutriam uma cômica rivalidade, apelidando-as de *tapiocas de oitocentos reis*, porque as alunas usavam chapéu branco e arredondado como complemento da farda de gala; já os meninos do Ginásio Parnaibano chamavam os rivais do São Luiz de *galinha verde*, porque o fardamento era galante e todo verde.” (SANTOS, s.d. p. 28)

Hoje, as ações das alunas aparentam ser algo simples e, até mesmo, banal, posto que nenhuma instituição escolar, atualmente, normatiza a forma como seus alunos usam ou arrumam seus cabelos ou enfeitam suas unhas. Mas na década de 1960, os usos e formas dadas aos cabelos era parte integrante do uniforme escolar e como tal era observado, tanto que o cuidado com os cabelos era elemento integrante e avaliado da conduta escolar, tanto que os

colégios colocaram em suas normas um item que especificava isto claramente, conforme consta em seus estatutos.

Assim, conseguir a permissão de forma negociada, alterar, ainda que de modo singelo, os usos e a forma de pentear os cabelos, para as alunas foi uma conquista que lembram com orgulho, e sem dúvidas, foi o começo de algumas liberdades que consideramos “inalienáveis” aos educandos na contemporaneidade. Pois, no espaço das escolas confessionais “a ordem e a disciplina eram exigidas constantemente. As alunas eram observadas com o máximo cuidado. Através de uma vigilância ininterrupta buscava-se uma perfeita formação religiosa. (...) e da obediência, a principal virtude cristã e princípio básico de toda ação educativa.” (RODRIGUES, 2008, p. 04)

Josina Jacobina lembra-se que até na hora de subir as escadas elas deveriam ter atenção porque

as escadas de madeira, ninguém podia fazer zoadas. Quando faltava um professor, o professor atrasava, a gente ficava dentro da sala, trancada, sem dizer nada. Porque ficava uma Irmã no corredor, tipo uma inspetora, qualquer zoadas, ela ia na sala, queria saber quem era. Então você tinha que ficar sentada, de cabeça baixa sem falar com ninguém. (...)Era a Irmã Maria do Amparo, a Irmã Porto, tudo ficava ali, controlando a gente. (JACOBINO, 2006, p. 02).

Neste contexto cabe a afirmação de Assunção (2007) de que

os códigos de comportamentos para a mulher podiam ser encontrados não só no discurso médico, mas também no discurso dos juristas, no discurso dos religiosos, no discurso dos educadores, no discurso das ciências humanas, nos registros informais (jornal, revista, etc.), que, em conjunto, esquadrihavam o universo feminino a fim de ordenar, classificar, enfim, normatizar os procedimentos e comportamentos adequados à mulher. (ASSUNÇÃO, 2007, p.32),

especialmente, até a primeira metade do século XX, as mulheres ocidentais estavam inseridas em um contexto social que as educava e defendia suas ações como coerentes/adequadas ou incoerentes/inadequadas a partir de um lugar social único constituído pelo binômio social esposa-mãe, o qual lhes conferia o papel secundarizado frente ao elemento masculino nos espaços privados e públicos, excluindo de suas atribuições sociais a tomada de decisões e desenvolvimento de ações que se referissem a outros assuntos que não os da governança do ambiente doméstico e a educação e controle das crianças. Mas, com o ingresso nas escolas e a possibilidade real de promover alterações nesta configuração, as mulheres começam a “romper com os seus silêncios” e a tentar viabilizar outras formas de participação e ação

social que extravasem o binômio esposa-mãe, agregando a estas outras possibilidades de figurações, uma vez que “(...) lugares dos indivíduos nas cadeias de interdependência objetivadas nos processos sociais de longa duração.” (LEÃO, 2007, p. 16) e que

no processo de civilização, são as cadeias de interdependência que mantêm os indivíduos ligados e formam os nexos mutáveis chamados figurações ou configurações. Nem a figuração, nem os indivíduos que em um jogo de relações recíprocas e mutantes compõem o desenho dela constituem qualquer tipo de abstração. (LEÃO, 2007, p. 30)

3.3. “Parece que vivíamos em festa!”⁶⁸: rotina e festas escolares no Colégio das Irmãs

A escola participa da formação dos indivíduos, de tal maneira, porque

a força do processo de escolarização, como um processo ativo, na produção de subjetividades, composto por um arsenal de relações, códigos, raciocínios, ênfases e ausências com as quais lida. Essa perspectiva permite afirmar que os rastros da escolarização são muito mais que lastros de memória, à medida que a escolarização opera sobre as pessoas, e através delas, apontando para o envolvimento escolar na produção de subjetividades. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 33)..

E, nas escolas católicas femininas, a produção das subjetividades, ou seja, da formação da personalidade (quando se observa o aspecto individual e particular de cada aluna) e comportamentos sociais (quando se analisa o aspecto da configuração, manutenção e relações dos grupamentos sociais nos quais as alunas se inserem enquanto sujeitos sociais) isto se processava de forma ímpar, posto que, na mesma proporção em que tais instituições tornaram acessíveis às mulheres os conhecimentos intelectuais e científicos, estas escolas ofertavam uma gama de atividades, ocupações, tarefas, até mesmo, entretenimentos, as quais desenvolvidas nos espaços da escola ou em lugares que se configuravam como extensões destes – seja nos momentos de aula como conteúdos curriculares, seja nas atividades extra-curriculares – em seu bojo estão presentes a valorização das mulheres que se dedicam e desempenham as “vocações naturais” femininas de esposa e mãe, contribuindo, assim, para que as alunas continuassem percebendo que as escolhas feminina deveriam incluir, obrigatoriamente, a adoção dos papéis sociais de esposa e mãe e o desempenho das funções

⁶⁸ Frase dita por Teresinha Meireles quando lhe foi perguntada como era a rotina escolar nos Colégios das Irmãs. Sua frase se baseia na quantidade de eventos festivos que o calendário escolar das Irmãs Catarinas continha.

sociais decorrentes destas posições, agregadas à postura de cristã católica fiel às doutrinas e emanações da Igreja Católica e de seus representantes.

Tais atividades, ainda, cumprem a finalidade de dar visibilidade social a estas instituições escolares e, de certo modo, assegurar o reconhecimento por parte da sociedade laica de seus méritos educacionais, culturais, morais e religiosos na formação das mulheres da sociedade piauiense. Por isto, não era raro, que atividades desenvolvidas nos Colégios mobilizassem a atenção de toda a sociedade local, por meio das alunas, de seus familiares e amigos, e atraíssem para tomar parte, ainda que fossem expectadores privilegiados, vários ocupantes de cargos públicos e eclesiásticos importantes, grande número de integrantes de famílias abastadas e de influência política e econômica, as páginas dos periódicos que circulam no Piauí estão abarrotadas de notas, informes, matérias longas ou não, dando conhecimento a sociedade piauiense as festas religiosas, cívicas, folclóricas que havia nos Colégios das Irmãs e parecem criar um hiato, um intervalo em que a rotina escolar é quebrada ou, pelo menos, entortada, assim devemos compreender que “(...) O tempo escolar, não pode, neste sentido, ser desligado das relações e tempos sociais dos quais a escola participa ativamente, seja para construir e reforçar, seja para destruir e desautorizar.” (FARIA FILHO, 2003, p. 86)

A rotina escolar em qualquer instituição de ensino é demarcada levando-se em conta vários aspectos e critérios, que incluem desde a proposta pedagógica, o currículo escolar, calendário civil, passando pela idade dos escolares, nível de ensino, poder aquisitivo e posição social dos pais, e por fim para atender a necessidade de manter a disciplina e o controle dos escolares.

Na escola, tudo é pensado, mensurado e organizado para que o tempo educacional, em sendo controlado, seja utilizado, de forma mais proveitosa possível, para ampliar a formação intelectual e geral dos educandos. E, dentro da rotina, há os momentos dedicados à festa, orações e ao lazer, que, aparentemente, não são descritos e nem definidos como pedagógicos. Mas, que, ao observarmos a forma como são inseridos no cotidiano da escola, cumpre um conjunto de objetivos que resultam na continuidade da formação dos alunos, e, a realização destes, contando com a participação dos educandos, e, por vezes, dos pais, se constituem, também, em tempo educacional onde a partir de atividades espirituais, lúdicas e festivas e etc. corroboram com o projeto educacional desenvolvido pela escola, por isto,

sem dúvida, o tempo escolar, ou melhor dizendo, os tempos escolares são múltiplos e, tanto quanto a ordenação do espaço, fazem parte da ordem social e escolar. Sendo assim, são sempre “tempos” pessoais e institucionais, individuais e coletivos, e a busca de delimitá-los, controlá-los, materializando-os em quadros de anos/séries, horários, relógios, campanhas, deve ser entendida como um movimento que tem, ou propõe, múltiplas trajetórias de institucionalização. Daí, dentre outros aspectos, a sua força educativa e sua centralidade no aparato escolar. (FARIA FILHO, 2003, p. 85)

Sobre como era a rotina nos Colégios das Irmãs, Erice Moura faz o seguinte relato

Tinha que chegar cedo. A gente chegava, né, chegava às sete horas, tinha que ..., e eu morava num... depois eu fui morar na outra, noutra ..., o meu tio foi morar lá na Rua Benjamim Constant, ficou mais distante, mas aí tinha uma turma que vinha lá, naquele tempo não tinha essa história de carro nem nada. Tinha ônibus mas não tinha aquele ônibus assim pra pessoa ter que pegar ônibus, ter aquela coisa certinha ali. Mas a gente vinha tudo..., era aquela beleza, num sabe?!, ajuntava todo mundo, ia pra lá. Mas eu nunca cheguei atrasada, nunca cheguei atrasada no Colégio e nem nunca perdi um dia de aula e sempre peguei a primeira carteira. (neste instante a entrevistada sorriu bastante). Começava [a aula] sete horas e aí terminava onze. Agora tinha um dia que era doze. Parece que era na..., não tenho bem certeza, se era na sexta que tinha aí, a gente ia lá pra o Auditório, a Irmã ia ler o Evangelho nessa hora, aí aproveitava..., tinha, eu me lembro que tinha o ..., a primeira vez que, que ... tinha um grupo lá de alunas que tinha assim, tipo assim um conjunto musical que era, elas tocavam, tinha uma menina que tocava lá, me lembro demais elas tocando Maria a lá ô, lan...lan...lan... e juntava lá. Era uma beleza, que era nesse momento era, era..., tanto pra ler, pra ler o Evangelho como tinha a parte recreativa, num sabe?!, nos finais de semana. É entrava sete. Rezava. A gente rezava e tinha também, tinha o professor José Luis muito interessante, o Padre José Luis ..., que depois Monsenhor Cortez, um moreno, alto. Era professor. Ele era o Capelão também. Ele era o professor de latim, era. Mas ele, eu gostava muito dele, ele era engraçado, agora as vezes ele ficava assim ..., que..., olha padre que é, padre, diretor de colégio as vezes não pode ficar o horário todo, né, as vezes pode chegar um pouco atrasado mas não tinha essa história de ficar tendo que repor aula na época, eu não lembro disso, como já falei eu num, num... os professores eram muitos assíduos, num sabe?!, não tinha. (RODRIGUES, 2008)

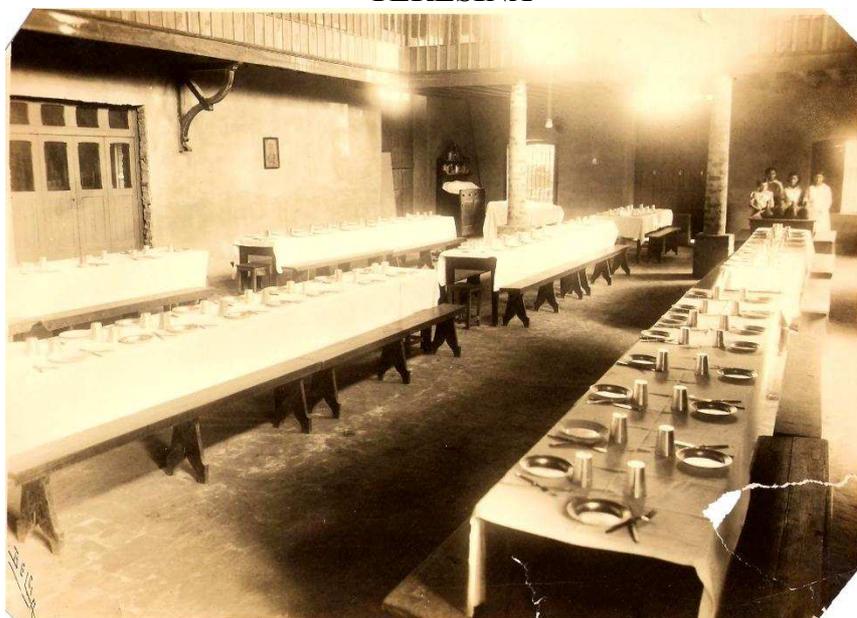
Partindo destes pressupostos ao ouvirmos os relatos das alunas sobre como era a rotina nos Colégios, várias interrogações nos perpassam, e acabamos por descortinar fragmentos da cultura escolar existente e cultivada nas escolas confessionais católicas piauienses, as quais caracterizavam o ensino ofertado como objetivando a formação integral das alunas e, constatamos, ainda, que, para as alunas, o tempo do Colégio era visto e vivenciado como momentos sucessivos de festas intercalados pelos horários de aulas e estudos, para elas “no Colégio parecia que vivíamos em festa!” como afirmou Teresinha Meireles, e, além de que, no contexto da rotina escolar dos Colégios das Irmãs, as festas eram

uma estratégia importante e imprescindível para a formação moral, religiosa e intelectual das mulheres. Então, havia as festas cívicas e de patriotismo nos Colégios das Irmãs (desfiles em eventos oficiais, visitas de autoridades), as festas escolares nos Colégios das Irmãs (colações de grau, placas de formatura, encerramento do ano letivo e premiações) e as outras festas nos Colégios das Irmãs (festas juninas, baile de debutantes, festa de Natal), além das inúmeras festas religiosas (que veremos adiante).

A rotina escolar estabelecida pelas Irmãs Catarinas incluía orações diárias, passando pela alimentação escolar (merenda para as externas e refeições para as internas e gratuitas), desenvolvimento de atividades esportivas, filantrópicas e lúdicas, etc.

A rotina imposta no Colégio fez com que as ex-alunas continuassem mantendo alguns hábitos e práticas aprendidos no colégio e conservados até os dias de hoje, como afirmou Lili Leite (2010, p. 28) “tinha a missa e, aí, durante a missa a gente rezava o terço e depois da missa era a noite, era assim. Todo dia e até o dia de hoje eu não durmo sem rezar o terço. E a minha família todinha era assim, sabe.”

FIG. 23 - REFEITÓRIO DAS ALUNAS COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Nos Colégios existiam dois refeitórios, um destinado às alunas e outro para as religiosas. Era nestes espaços que acontecia também os lanches oferecidos aos visitantes dos Colégios. Na imagem ao fundo, identifica-se quatro moças, conforme descreveu Miriam Jales (2002), que disse que sempre havia cinco garotas que ajudavam as Irmãs no refeitório, supomos que as meninas na imagem sejam estas auxiliares e que eram das escolas gratuitas.

Sobre a alimentação que tinham na escola Miriam Jales lembra que

a comida era bem feita, mas muitas internas não gostavam de verduras e reclamavam. As mesas eram compridas (não usavam toalhas) cabiam 10 garotas nos bancos dos lados e mais 2 nas cabeceiras, portanto 22 meninas em cada mesa. Durante as refeições uma pessoa lia algum trecho e pedia silêncio. Descíamos do refeitório em fila e cantando. (OLIVEIRA, 2002, p. 05) .

As alunas internas consumiam apenas a merenda, na hora do recreio,

naquele tempo era raro o refrigerante, mas tinha refrigerante, tinha suco, né, elas vendiam muito pão com carne, pão com doce, pão massa fina com goiabada dentro, elas vendiam.(...) Vendiam retalho de hóstia, era uma maravilha, elas, a gente via as freiras cortando as hóstias e a gente ficava querendo. Elas não! Tem que comprar e a gente comprava uma moedinha de retalho de hóstia, uma delícia e quando a gente fazia também a preparação para a 1ª Eucaristia, elas davam, né, pra gente ir treinando, né, não podia mastigar que era o corpo de Deus e tudo e ali a gente nem ... (JACOBINO, 2006, p. 05).

Mesmo na hora do recreio havia certa disciplina, “já tinha cantina (...) e fazia fila pra comprar tudo, é comprar o lanche tudo em ordem na fila direitinho. Mas tinha de comer rapidinho pra poder dar tempo de conversar e brincar.” (LEAL, 2006, p.06)

Segundo Lili Leite em razão de problemas com a qualidade dos alimentos que somados a outros problemas internos dos Colégios é que o internato foi fechado, pois “(...) porque elas [Irmãs] foram obrigadas a fechar o internato, justamente por causa da alimentação, a Vigilância dava em cima e naquela época até verduras, legumes aqui era difícil, né!.” (CASTRO, 2010, p. 05)

Observando a narrativa das alunas sobre o tipo de alimento que consumiam no Colégio e sobre o tipo de alimento que consomem atualmente, que muitas delas aprenderam a comer legumes, verduras e frutas no Colégio.

Apesar de se recordarem de muitos dos momentos vividos nos espaços da escola, ou em função de serem alunas das freiras, as ex-alunas se empolgam mesmo quando se trata de contar sobre as festas, empenham-se para tentar descrever com a maior riqueza de detalhes possíveis e, também expressam a ansiedade com que algumas festas eram aguardadas.

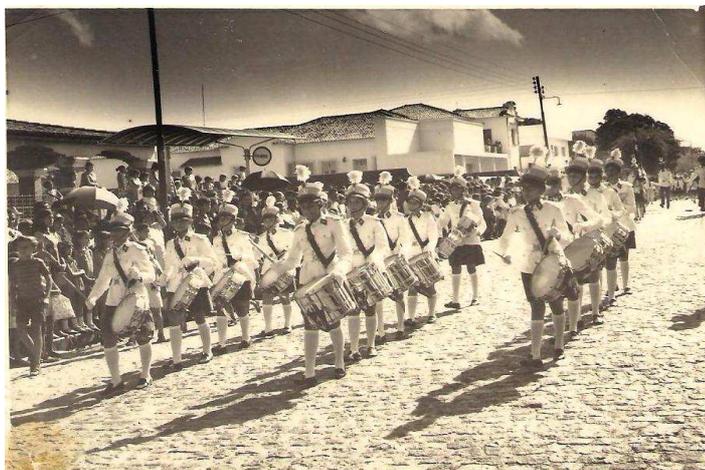
A ansiedade para participar das festas é resultante de diferentes expectativas das alunas. Para as internas era a oportunidade de passear livremente pela cidade, ou pelo menos assim pensavam; para as externas a hora de exibir a farda de gala e toda a elegância das

“meninas das freiras” e, também, “paquerar” os meninos do Diocesano. Para as Irmãs era a oportunidade de demonstrar para o público externo ao Colégio e, ainda, para pais, autoridades civis e eclesiásticas os resultados obtidos na educação feminina.

Uma das festas mais esperadas era o Desfile de 7 de Setembro, havia tanto empenho da direção dos Colégios quanto das próprias alunas. Para Josina Jacobino o motivo era porque

As datas comemorativas havia festa. O Colégio é, no tempo é, da, no dia das Mães, tinha as apresentações, no dia dos Pais, dia do Professor, é 7 de setembro, a gente passava num sei quanto tempo ensaiando, de tardezinha, era um calor danado mas todo mundo ia. Era bom demais os treinos porque aí os meninos do Diocesano vinham e naquele tempo era bicicleta. (...) Ficavam passando perto da gente com as bicicletas e tiravam foto da gente era a maior fofoca do mundo. (...)Tinha, tinha, todo mundo queria ser o melhor. Mas geralmente o Colégio das Irmãs tirava o primeiro lugar. Era assim. (JACOBINO, 2006, p. 04-05)

**FIG. 24 - DESFILE DAS ALUNAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS – TERESINA
7 DE SETEMBRO – ANO DE 1966**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Os desfiles aconteciam na Avenida Frei Serafim. Como se pode observar na imagem, os pelotões do Colégio das Irmãs tinham apenas mulheres, até mesmo a Banda Marcial, a qual era treinada pelos oficiais e soldados do 25º BC do Exército para tocar as músicas militares que deveriam acompanhar a marcha cadenciada das demais alunas.

O Colégio elaborava anualmente uma programação especial, na qual suas alunas faziam discursos, apresentações artísticas (música, dança, recital de poesia, teatro, etc.) que era divulgada nos jornais e informada aos pais das alunas. A programação era organizada com

vários dias de antecedência: “estamos nos preparando a Semana da Pátria. O reboliço é intenso. Tambores, cornetas a tocar, um misto de entusiasmo e alegria juvenis”. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 02). Exemplo da programação desta festa reproduziu-se a seguir a do ano de 1938.

**FIG. 25 - PROGRAMAÇÃO DA SEMANA DA PÁTRIA
NO COLÉGIO DAS IRMÃS TERESINA
ANO 1938**

Colegio Sagrado C. de Jesús

Este importante e conceituado estabelecimento de ensino realizou hoje u'a solene sessão cívica em homenagem á magna data da nossa Independência, que se comemora amanhã.

Aberta a sessão pelo Revmo. Pe. José Luiz Barbosa, zeloso capelão e competente professor do Colegio as alunas das 4.ª e 5.ª series executaram com muito brilho e intelligencia o bem organizado programa que publicamos abaixo.

Representando o corpo docente da aquela casa de educação usaram da palavra, sendo muito aplaudidos pela assistencia o dignos professores Argemiro Gemeiro, que produziu uma bela oração patriótica e o Exm.º Sr. Des. Simplicio Mendes, que com a autoridade e proficiencia por todos conhecidas discorreu magnificamente sobre os sentimentos de patriotismo.

Ap encerrar a sessão o Revmo. Pe. José Luiz Barbosa ainda proferiu algumas palavras de elevado amor á Patria.

PROGRAMA DA FESTA EM COMEMORAÇÃO A' SEMANA DA PATRIA

- 1.º—Canto orfeonico—Cantar para viver.
- 2.º—Abertura da sessão pela quintanista Maria do Amparo Araújo.
- 3.º—Abertura do gremio pela quartanista Maria Yvone Bandeira.
- 4.º—Poesia — Margens do Ipiranga, pela quintanista Haidée Rosa da Silva.
- 5.º—Preleção sobre Psicologia — O caracter — pela quintanista Magnolia Amorim
- 6.º—Canto — Pela quartanista Maria Yvone Bandeira.
- 7.º—Preleção sobre Instrução Moral e Cívica — Solidariedade — Pela quintanista Flera Angelica Rubim Couto.
- 8.º—Poesia — Independencia ou morte — pela quartanista Delfina Mendes.
- 9.º—Preleção de Didatica — Iniciativa — pela quartanista Maria Candida Martins.
- 10.º—A banda vocal, por todas as alunas.
- 11.º—Preleção sobre Didatica — A educação como fator do progresso — pela quintanista Bemvinda dos Santos Nunes.
- 12.º—Canto patriótico, pela quintanista Irlêta Brito.
- 13.º—Saudação referente ao 7 de Setembro, pela quartanista Graci Velôsc.
- 14.º—Dialogo sobre a Bandeira — pelas quartanistas Maria do Socorro Costa e Anatalia Sá.
- 15.º—Preleção sobre Metodologia, pela quartanista Amalia Nunes.
- 16.º—Canto — Cruz Vermelha — pela quintanista Ernestina Leal.
- 17.º—Preleção sobre Psicologia — A imaginação — pela quartanista Albertina Vaz.
- 18.º—Canção Matinal — O despertar — por todas as alunas.
- 19.º—Saudação referente ao 7 de Setembro — pela quintanista Josefina De mes.
- 20.º—Canto — Minha Bandeira — pela quartanista Ninfa Fonsêca.
- 21.º—Poesia — As 5 estrelas — pela quartanista Judite Martins.
- 22.º—Quadros historicos — pelas quartanistas Maria Heloisa e Maria de Jesus Monteiro.
- 23.º—Encerramento da sessão do 4.º ano, pela quartanista Raimunda Silva.
- 24.º—Encerramento da sessão do 5.º ano, pela quintanista Ana Rita de Carvalho.
- 25.º—Hino Nacional a duas vozes, pelas alunas das 4.ª e 5.ª series.

(Extraído do "Diario Oficial".)

Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: **REVISTA “PRIMÍCIAS LITERÁRIAS”** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Ano II. nº 6. Teresina. 1938.

Eva Evangelista lembra que

nas Agulhas Negras, tinha o Oscar Gondim Cavalcante que ele estudava nas Agulhas Negras, aí, a gente trazia a farda pra gente tirar o modelo pra fazer o modelo igual a deles realmente, né. (...)Pra Guarda de Honra, ficar igual a Guarda de Honra das Agulhas Negras e aí eles era pra isso. Tanto ensinava a honra do militar, como tirar o modelo da farda e os do militares do 25º BC (Batalhão de Caça) era pra ensinar a marchar, durante o período mais longo. Mais esses meninos aí só era pra ensinar a gente para o 7 de setembro, a treinar para o 7 de setembro. Não tinha aluno estudava ainda. (LEAL, 2006, p.06)

**FIG. 26 - GUARDA DE HONRA—
ANO 1966**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

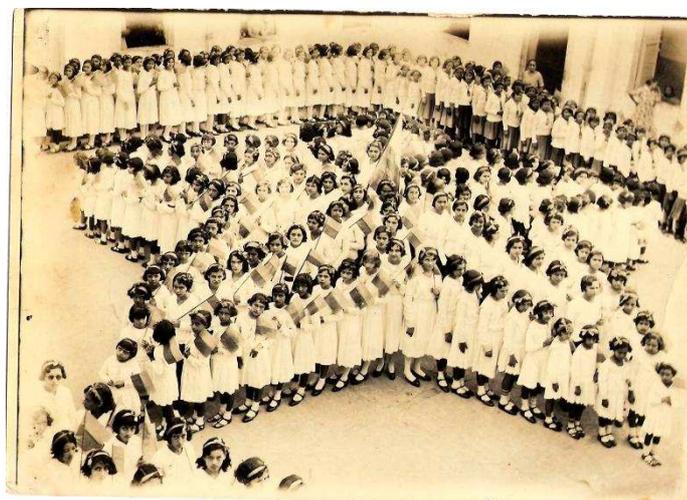
A Guarda de Honra era a responsável por escoltar as bandeiras do Brasil, Piauí e do Colégio durante o desfile. As alunas escolhidas para compor este cortejo se esmeravam para que os uniformes ficassem o mais parecido possível com os uniformes militares de então, pois não iriam usar o uniforme escolar e sim um fardamento similar ao dos militares. Na imagem o grupo de alunas que formaram a Guarda de Honra no Desfile de 7 de setembro ano de 1966, que antes do início do cortejo registraram o momento na escadaria do Colégio das Irmãs.

A formação, difusão e preservação do patriotismo nas alunas eram metas importantes para os Colégios católicos, e estes prezavam pela participação de suas discentes nos diferentes eventos cívicos, tanto os que aconteciam no espaço da escola (tais como cantar

o Hino Nacional, hasteamento das bandeiras), quanto àqueles que aconteciam no espaço da cidade (desfile de 7 de setembro, aniversário de Getúlio, Dia da Revolução, etc.).

Nas tarefas de organizar tais celebrações, as Irmãs eram auxiliadas pelas alunas, através dos Centros Cívicos e Grêmios Culturais existente nos Colégios, “grande intenção dos Colégios, nestes desfiles cívicos, era demonstrar o apreço e cuidado com os símbolos nacionais e despertar o patriotismo tanto nas alunas quanto na platéia.” (SILVA, 2007, p. 99)

FIG. 27 - ALUNAS DO COLÉGIO DE TERESINA NA FESTA DA BANDEIRA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

As comemorações cívicas não passavam despercebidas nos Colégios, mesmo quando não aconteciam desfiles ou competições entre escolas, havia alguma forma de recordar aquela data. Na imagem a Festa da Bandeira celebrada no pátio interno do Colégio em Teresina com apresentações das alunas, no momento da foto as alunas formavam a estrela da bandeira com um “mosaico humano”.

Além das festas cívicas, as alunas recordam das competições esportivas, onde a principal atração do Colégio eram os times de vôlei. Como lembrou Teresinha Meireles,

eu sei que era festa, era festa assim – que elas faziam, a gente rezava, tinha jogos também, né. Porque no Colégio tinha times de voleibol e aí tinha os campeonatos também, tinha tudo.(...) Por exemplo no aniversário do Liceu, 4 de outubro, né. Então o Colégio das Irmãs ia o time de voleibol, o time de basquete e de outros colégios. As vezes, ia ali pro Centro de Artesanato (...) Justamente. Jogar. Tinha tipo campeonato. E a gente ia. Todo mundo fardado pra gritar, pra torcer pelo... Colégio. (MEIRELES, 2006, p.06)

FIG. 28 - SELEÇÃO DE VOLÊI DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Na fotografia a Irmã Helena, uma das incentivadoras dos esportes nos Colégios. Em Teresina a seleção de vôlei era a principal rival do Colégio das Irmãs.

Outra festa muito aguardada nos Colégios eram a de encerramento do período letivo anual, pois nestas ocasiões eram organizadas solenidades de premiação das melhores alunas que recebiam medalhas e diplomas de honra ao mérito pelo excelente desempenho escolar e comportamento.

As festividades aconteciam no Auditório da própria escola conforme lembraram (quase de forma idêntica) as ex-alunas Lili Leite, Josina Jacobino e Erice Moura.

Lili: (...) lá no Colégio tem assim: Festa de encerramento do ano letivo. No auditório os alunos, aí, elas diziam: os alunos tinham feito apresentação. (...) É, cantavam e tinha uma música também (...) (CASTRO, 2010, p. 29).

Josina: Elas [Irmãs] faziam as festividades no auditório é, a gente cantava música, fazia leitura de poesias, certo? Tinha aluna que tocava piano, fazia apresentação, violão, elas, elas exploravam o dom de cada pessoa, de cada aluna em gratidão elas aproveitavam. (JACOBINO, 2006, p. 07).

Erice: Lá tinha assim: lá depois teve uma, uma festa lá, um movimento lá que dumas apresentações que lá no Colégio das Irmãs de danças típicas de, de, dos paíse, num sabe?!, me lembro demais que teve, tinha aquela menina, Ana Maria Jacobino, que representou a Espanha. (RODRIGUES, 2008, p. 12)

Embora a realização de solenidades de premiação aos melhores alunos ao fim do ano letivo seja uma ação comum dentre os estabelecimentos escolares piauienses, as solenidades realizadas pelos Colégios das Irmãs tinham grande destaque social, sendo um

evento aguardado por toda a sociedade teresinense e parnaibana para o qual acorriam todas as atenções, contando, inclusive, com a presença de pessoas que ocupavam altos cargos na administração pública municipal e estadual, além de autoridades eclesiásticas, conforme se comprova nas diversas notícias publicadas nos jornais que circulam no Piauí. Em geral, para esta solenidade eram convidadas “as famílias mais distintas da sociedade teresinense, e, enfim, todos os que quiserem participar” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 3), bem como o Bispo e demais autoridades eclesiásticas, além do Governador do Estado e Prefeito da capital.

FIG. 29 - FESTA DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO COLÉGIO DAS IRMÃS TERESINA

APRESENTAÇÃO MUSICAL DE ALUNAS



ALUNAS PREMIADAS



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Nas solenidades de encerramento do ano letivo, as alunas apresentavam números musicais, recitavam poesia e discursos nas três línguas que aprenderam (português, francês e italiano), além de expor seus trabalhos manuais, de corte e costura, de bordado e de pintura.

Amariles Santana lembrou que no encerramento do Curso Científico (em 1961), sua turma resolver fazer um piquenique na propriedade do Professor José Camilo da Silveira (professor do Colégio e pai de uma das alunas da turma) no lugar de fazer festa.

As festas no Colégio e do Colégio também eram oportunidades para as alunas ter novas experiências, por exemplo, Graça Sá nos contou que foi durante as festas juninas, na apresentação do boi que bebeu uísque pela primeira vez na vida.

A festa do boi (...) essa festa era pra angariar dinheiro pra colação de grau da turma do Pedagógico, da turma da Teca. Que ela terminou (...) parece que foi em 65 o Pedagógico, e daí o dinheiro era exatamente pra isso. E a gente ia dançar no Colégio, e algumas casas chamaram a gente, todas, pra dançar e lá o pessoal

arrecadavam o dinheiro, pagavam!. (...) Isso, aí, foi muito interessante, quando a gente era uma turma muito animada, mas também muito viva e o boi era comandado pela Socorro Fortes. Aí, a primeira vez que nós fomos dançar o boi que era na [rua] Lisandro Nogueira, daí a turma todinha, uma das componentes levou uma garrafinha de uísque, nós distribuimos pra todo mundo na equipe ... não deu nem pra ficar bêbada não, era tão pouco (risos...). Mas naquela época era vantagem, ninguém bebia, era muito difícil uma moça beber. (...) A gente se arrumava no Colégio e era seguido um acordo pra gente ir dançar numa casa. (...) Nunca foi nenhuma freira. Coincidência é..., a maior coincidência que uma, por exemplo, a Socorro Fortes, (...), ela depois que terminou o curso, ela foi ser freira, hoje ela é freira. (SILVA, 2009, p. 03-04)

Eva Evangelista lembrou que foi durante seu tempo como aluna do Colégio das Irmãs que foi ao cinema de forma rotineira, pois quando era

(...) durante a Semana Santa (...) no Cine Rex e no Teatro. (...) Aí as alunas todas fardadas, a gente ia com as Irmãs, tudo organizado em filinha, as vezes, a gente levava até um pedaço ..., aí, mandava a gente cortar um pedaço de cabo de vassoura para se defender de alguma coisa que viesse. Principalmente cachorro, mas não era só cachorro de quatro pés não, as vezes gente também. É.... Que tinha uma coisa muito interessante nesses filmes. Tinha um senhor que as Irmãs às vezes ficavam de vigia bem atrás lá no Teatro ou no Rex, né, porque a gente entrava e ele ficava perto das meninas, aí, a gente cada uma levava quando ele viesse, bater. (LEAL, 2006, p. 07)

FIG. 30- FESTA DE DEBUTANTES COLÉGIO DAS IRMÃS – TERESINA ANO 1964



Acervo Teresinha de Jesus Soares Meireles

A foto foi feita no dia 11 de outubro de 1964, durante o lanche oferecido pelas Irmãs às debutantes do Colégio.

As festas nos Colégios foram eventos marcantes para as alunas, pelos mais variados motivos. Teresinha Meireles contou que se sentiu especial, pois a Irmãs fizeram uma festa de Debutantes exclusivamente para as meninas da turma dela.

Eu acho que foi exclusiva essa festa. Eu não me lembro de ter tido outra festa de debutante. (...) Não teve, não teve. Essa festa a gente começou a falar né com a Irmã e aí terminou organizando essa festa, né. Primeiro foi teve apresentação das debutantes, não eram muito, acho que éramos doze. Era só aquelas que tem mesmo na foto. Primeiro, teve apresentação das debutantes lá na, no auditório né, apresentava tudinho aí falava os nome do pai e da mãe e aí depois teve aquele coquetel. Mas isso foi assim um sonho pra nós, sabe. (...) A família, a família e só pessoal mesmo da família né. Então ia apresentando de uma a uma e depois a gente ficava e a quem ia sendo apresentada ia ficando um pouquinho assim atrás né. Aí depois teve o coquetel. Mas aquilo ali, Ave Maria foi um sonho, a gente pelejou ou Irmã vamos fazer, vamos fazer ... (...) Ali tinha mais a turma das danadas. Ali era! Das danadas entre aspas. As mais espertas. (MEIRELES, 2006, p.11)

As alunas dos Colégios das Irmãs não consideravam a rotina escolar fatigante, nem estressante, apenas exigente. O Colégio era um espaço em que a maioria das meninas se sentia bem, a ponto de algumas internas, a exemplo de Lili Leite, optarem por passar as férias do meio do ano na própria escola em lugar de voltar para a casa dos pais.

Podemos, então, perceber, que ao estudarmos a fundo e criticamente a História dos Colégios das Irmãs nos possibilita compreender como se deu o processo de escolarização das mulheres piauienses e a transformação de seus comportamentos e papéis sociais ao longo do século XX. E, que, para as mulheres piauienses o acesso à escola formal e o progressivo aumento dos anos de estudo provocaram transformações nos diferentes campos de suas vidas e existência sociais, seja a partir do setor religioso, seja no intelectual, seja no político, seja no social, ou, ainda, no setor da moral, e que a sociedade piauiense, como um todo, vivenciou e sentiu os reflexos destas transformações.

3.4. “Iluminadas pelo Carisma Saviniano”⁶⁹: as orações, as atividades e as festas religiosas nos Colégios das Irmãs

Ao educar as mulheres, durante três quartos do século XX, a Igreja Católica pretendia que estas desempenhassem ações efetivas e eficazes em defesa do catolicismo e da Igreja, então, seguindo os princípios estabelecidos pela Pedagogia Saviniana, os Colégios das Irmãs se esmeraram para “evangelizar educando e educar evangelizando” suas alunas e, utilizando diferentes estratégias, integravam ao cotidiano e a rotina escolar daquelas que freqüentavam seus espaços educacionais as orações e atividades de cunho religioso.

A adoção desta prática de evangelização parece ter obtido os resultados almeçados, pois ao serem questionadas sobre os muitos momentos de orações que havia no Colégio, as ex-alunas afirmam que “todos os movimentos do Colégio eu achava lindo, tudo que elas faziam [...], era muito bonito. O primeiro momento: a missa. Lá a gente rezava, [...] tinha as palestras, [...] que as Irmãs, o padre falava muito, é muito bonito.” (CASTRO, 2010, p.28); “[...] era uma beleza, que era nesse momento [...], tanto pra ler o Evangelho como tinha a parte recreativa [...]” (RODRIGUES, 2008, p. 05). Tais lembranças respaldam as afirmações de Castelo Branco (2005) de que a participação em eventos religiosos era uma das formas de lazer no Piauí e estas demonstram “a força da religião na vida das pessoas e principalmente na vida das mulheres.” (2005, p. 41) durante o século XX.

Então, a Igreja e a sociedade piauiense (que corroborava com esta instituição) ambicionavam resguardar as mulheres dos “avanços” da modernidade as instruindo intelectual, moral e religiosamente, pois acreditava que

alli nos bancos da escola é que está o grande segredo da formação do coração, quando o preceptor tem na dextra o Evangelho e deante dos olhos a sua consciencia![...] quando os bancos da escola são santificados pelos influxos da fé e instruidos com a noção do direito e da justiça, então, poderíamos repetir a sentença do sábio alemão: não ha outra philosophia, senão a religião christã. (APOSTOLO, 1907, p.02).

As atividades religiosas que aconteciam nos Colégios e/ou nas quais as alunas destes estabelecimentos escolares se inseriam eram as mais variadas possíveis; passando pelas

⁶⁹ A frase “Iluminadas pelo carisma saviniano” escrita em 2006 pelo Colégio das Irmãs de Parnaíba que sintetiza a inspiração seguidas pelas catarinas para desenvolver as práticas educativas adotadas nas escolas savinianas, foi exposta pelos alunos em faixas durante o percurso do Desfile de 7 de setembro pelas ruas da cidade de Parnaíba.

tradicionais missas matinais especialmente celebradas para as alunas internas às seis horas da manhã e os momentos de reflexão ao meio dia voltado para as alunas externas, a rotineira oração que antecedia cada aula, e pelos retiros espirituais em lugares afastados das áreas urbanas, até a celebração dos sacramentos (1ª comunhão, crisma, etc.) e das festas religiosas (mês Mariano, dia de Santa Catarina de Sena, festejos dos santos, etc.), culminando com as atividades das Associações Religiosas existentes nos Colégios (Apostolado da Oração e União Pia das Filhas de Maria) e a participação em grandes festividades religiosas⁷⁰ (procissões, Congresso Eucarístico, ordenações de sacerdotes, consagrações de votos perpétuos de religiosas, posse de bispos, etc.).

Assim, fazendo uso do tempo e do espaço escolar disponibilizados no bojo do projeto educacional confessional católico, as orações, as atividades e as festas religiosas nos Colégios das Irmãs eram inseridas e tratadas como elemento essencial do processo formativo das discentes, tendo em vista que possibilitavam – por vezes, de forma lúdica – a difusão e o reforço dos valores e crenças cristãs e, também, a defesa da ordenação social conservadora em diferentes momentos e não limitados aos horários de aula, e, ainda, extrapolando o próprio espaço escolar o que torna estes eventos religiosos, também, recurso de demonstração e divulgação dos ensinamentos e refinamentos que a educação nos Colégios fornecia as mulheres piauienses.

Lembremos, ainda, que foi por meio da catequese de 112 crianças (78 meninas e 34 meninos) para receber a 1ª Comunhão (sacramento) que as Irmãs Catarinas iniciaram suas atividades no Piauí, antes mesmo da abertura dos estabelecimentos escolares, no mês de agosto de 1906. As primeiras crianças orientadas pelas savinianas receberam o sacramento da Eucaristia em missa presidida pelo Bispo D. Joaquim, em de janeiro de 1907. Conforme relatou, em carta, uma das Irmãs fundadoras do Colégio de Teresina à Madre Savina Petrilli:

[...] Duas vezes por semana vamos dar catequese e preparar as crianças para a 1ª Eucaristia.[...]

É o dia da 1ª Eucaristia e, apesar da Missa está marcada para as 6:30h, antes das 5h, as meninas estavam já chegando. Caras alunas, não podiam mais esperar!

[...]

As 6h fomos com todos do Colégio à Catedral e era comovente ver algo nunca visto aqui [Teresina]: aquela longa fila de meninos e meninas, que, observando um

⁷⁰ Conforme explicitou Castelo Branco (2005, p. 40 - 41), em seu estudo sobre o cotidiano feminino durante a Primeira República (1889-1930) no Piauí, que define como sendo “[...] festividades religiosas às quermesses das igrejas, às procissões, às novenas e a outros acontecimentos de caráter religioso que tiravam os homens e as mulheres de suas labutas cotidianas do espaço doméstico. [...] As festividades religiosas espalhavam-se por todo o ano e seguiam o calendário litúrgico.”

religioso silêncio iam lentamente para o lugar Santo (a Igreja) sem nem ao menos voltar a cabeça para os lados. Isso causou admiração não apenas aos que os viam, mas deixou também maravilhado o Sr. Bispo que, por acaso, encontrou-se com eles ao atravessar a Praça que fica no percurso do seu Palácio à Igreja.

Chegando à porta de entrada, entoaram o canto “Voa, voa, minha alma”; em português, terminado o qual todos já haviam encontrado o próprio lugar defronte ao Altar principal. O Bispo começou então a Santa Missa durante a qual cantaram em cântico hinos adaptados à circunstância. Após o evangelho ele dirigiu-se aos neo-comungantes e, com sua eloqüente e fervorosa palavra soube despertar sempre mais naqueles jovens corações, o amor e o desejo de unir-se ao seu Deus. Apesar de a Igreja está repleta de fiéis, não se ouvia um respiro. Após a elevação uma aluna leu, em voz alta, um ato de amor em preparação à S. Comunhão e depois começaram a desfilar 6 a 6, primeiro os meninos e depois as meninas para irem sucessivamente ajoelhar-se nos bancos previamente preparados e adornados com veludos e fitas. Não se moviam senão a um pequeno sinal dado por nós. Tudo aconteceu com tanta ordem que alegrou ao Bispo e a todos os presentes.

Terminada a Santa Missa rezaram o ato de agradecimento e voltaram para o Colégio onde haviam preparado um café para todos eles. Mas, como descrever as consolações de nossa alma naquele momento em meio a nossas caras crianças tão puras, ao vê-las tão contentes, tão felizes? Ah! São esses momentos de Paraíso que a alma goza muito, mas a caneta não pode transmitir.... (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p.16;19)

FIG. 31 - 1ª EUCARISTIA DE ALUNAS DO COLÉGIO DE TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Em razão do número pequeno de alunas o ritual aconteceu na Capela do próprio Colégio. Na imagem no canto esquerdo está Irmã Denise que coordenava as alunas no ritual eucarístico. Nesta solenidade as alunas estão vestindo as batas.

A 1ª Eucaristia era considerada um dos eventos religiosos mais importantes do calendário dos Colégios, tanto que na atualidade esta é uma das poucas festas religiosas incluídas no calendário escolar das savinianas. As aulas de Catecismo eram ministradas no próprio Colégio, no horário inverso ao que as alunas estudavam. Em Teresina a cerimônia acontecia, em geral, na Igreja São Benedito em razão da grande quantidade de crianças que participaria do ritual.

O respeito e a prática dos sacramentos cristãos são tomados pelas religiosas savinianas como imprescindível aos bons católicos, e, dentre eles, com maior distinção a Eucaristia, por isto – em nome da prática do bom catolicismo e do cumprimento dos valores e obrigações emanadas pelo Vaticano – as Irmãs Catarinas, sempre defensoras da obediência irrestrita de suas alunas às vontades da família, incentivaram por repetidas vezes suas alunas (e até outras mulheres que não eram alunas dos Colégios) realizarem a 1ª Comunhão e se confessar e se posicionarem contra e desobedecer às ordenações e proibições paternas. Evento que comprova tal incentivo a desobediência foi descrita em carta enviada a Madre Geral da Congregação Savina Petrilli, datada de 04 de julho de 1907, onde “uma irmã dos pobres” relata exultante que:

Se soubesse que consolação nos deu hoje o bom Jesus! Três de nossas queridas alunas, impedidas por seus pais de confessar-se e comungar, puderam fazê-lo esta manhã em nossa Capela sem que eles soubesse. E advinhe por quem ofereceram a Comunhão! Pela senhora bondosa Madre, para cumprir a promessa que fizeram no dia de seu onomástico. Oh! Se tivesse visto com que fervor se aproximaram da Sagrada Mesa, depois que todas saíram e a Capela foi fechada! É mesmo uma coisa extraordinária encontrar almas tão boas e piedosas no seio de uma família que não quer saber de religião. Imagine! São filhas de um advogado que de cristão só tem o nome, e o que é pior, a mulher é ainda mais furiosa do que ele, especialmente contra a confissão e os padres. Não se sabe como fizeram essas três crianças para conseguir fazer a 1ª Comunhão.

A mais nova fez conosco logo que chegamos a esta cidade e, desde então ela deixou em nós uma grande admiração pela profunda piedade que demonstrava e pelo fervor com que se aproximou da Mesa Eucarística. Depois de algum tempo da 1ª Comunhão convidamos pra ela comungar outra vez; mas a pobrezinha nos disse que a mãe não a deixava mais vir. Aflitíssimas com esta notícia, começamos a saudá-la e a trocarmos algumas palavras, cumprimentando-a. Preparado, aos poucos o terreno, uma tarde perguntamos, se na manhã seguinte poderia mandar sua filha conosco. Ela não teve coragem de negar-nos e assim a querida menina pode fazer sua 2ª Comunhão com muita consolação sua e nossa; a senhora pode bem imaginar. Daquele dia em diante continuamos a manter relações com a tal Senhora na esperança de induzi-la a colocar no Colégio as três meninas a quem tanto estimávamos. E o caro Jesus premiou nosso bom desejo de fazer o bem àquelas alminhas. [...] a mãe matriculou as três, como alunas externas, recomendando-nos especialmente o trabalho e o desenho. Concordamos com um “Deo gratias” que saía do coração. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 22-23)

Em 1908 encontramos o relato de uma Irmã que atuava em Teresina afirmando que em agosto daquele ano aconteceu a 1ª Eucaristia de três crianças escondidas dos pais e em dezembro do mesmo ano foi a vez de uma jovem de 20 anos receber o sacramento sem o consentimento dos pais e que tais ações das crianças e jovens piauienses deixava as religiosas catarinas exultantes com o êxito alcançado por seus trabalhos de evangelização nas terras mafrenses.

Ao ler os relatos das Irmãs Catarinas, mesmo considerando-se o “trabalho de convencimento” feito pelas religiosas, pode-se questionar o porquê de uma família não-cristã concordar em matricular as filhas em uma escola católica e que defendia e ensinava valores e práticas combatidos veementemente por tal família?

Para compreender como tal situação foi passível de acontecer repetidamente no Piauí, e no Brasil como um todo, é necessário lembrarmos (como já mencionamos anteriormente) que o projeto educacional adotado e seguido para a instrução feminina, quer por religiosos católicos (e até mesmo de outros credos), quer por leigos em pouco ou nada se diferenciava e que as fronteiras práticas eram muito frágeis uma vez que ambos, tanto conservadores quanto progressistas, defendiam “a política de manutenção da ordem” (MANOEL, 1996, p. 71) a qual era pautada nos valores do “patriarcalismo, moralidade extrema, chegando às raias da intolerância, religiosidade, hierarquização, antifeminismo.” (MANOEL, 1996, p. 71).

Sendo assim, era indiferente as famílias – católicas ou não – que as suas filhas estudassem em instituições confessionais ou laicas, o que realmente interessava era se tais instituições corroborasse e incentivasse o respeito ao poder constituído e ao ordenamento social vigente no país. E podia-se tolerar e, até mesmo, aceitar que as religiosas incentivassem a subversão feminina desde que tal não ultrapassasse os limites das crenças religiosas.

O certo é que a 1ª Eucaristia era um dia especial tanto para as Irmãs quanto para as alunas, tanto que desejavam neste dia estarem mais bonitas, como lembrou a ex-aluna Graça Sá (SILVA, 2009, p. 13) “[...] cortei meus cabelos de partinha que pra era ficar mais bonita [...]”.

E o cuidado e esmero com vestido era maior que nos dias comuns, segundo Fátima Silva, o vestido branco “tipo assim um tubimzão que tinha as pregas [...] e o véu da cabeça [...] preso com elástico [...] e a vela e sandália era aquela sandália de tirinha, tinha a

luva também, e era aquela sandalhinhas apertadinhas branca com as tirinhas assim, era de meia também.” (SILVA, 2009, p.14).

**FIG. 32 - FOTO DA 1ª COMUNHÃO
DAS IRMÃS MARIA VALQUÍRIA E MARIA DO SOCORRO SÁ
EM 13 DE JUNHO DE 1949**



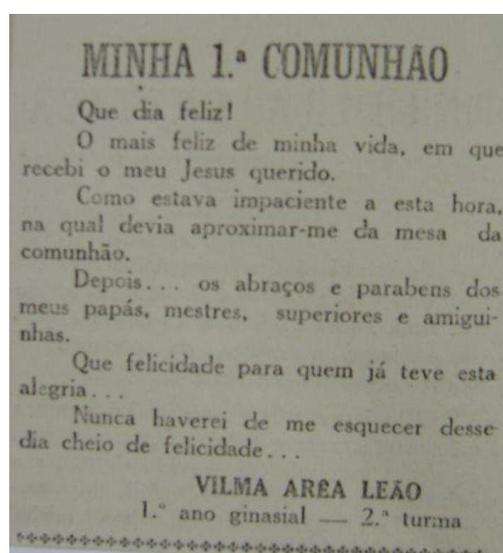
Acervo Particular Maria Valquíria Rodrigues de Sá

No verso da fotografia se vê escrito a seguinte dedicatória: “A nossa querida vizinha oferecemos a nossa fotografia como recordação da nossa primeira comunhão feita em 13 de junho de 1949. Oferecem as suas netinhas Maria do Socorro e Maria Valquíria Rodrigues de Sá.” Para esta ocasião especial a mãe das irmãs Rodrigues de Sá mandou confeccionar vestidos, que, segundo Valquíria, eram considerados especiais por serem muito bonitos.

As famílias, inclusive, procuravam registrar este momento, por meio de fotografias, as quais, por vezes, eram reproduzidas e oferecidas como lembrança daquela data aos parentes e outras pessoas próximas das crianças que recebiam o sacramento da comunhão pela primeira vez, como se pode observar na fotografia das irmãs e ex-alunas do Colégio de Teresina Maria Valquíria e Maria do Socorro Sá.

O dia da 1ª Eucaristia e a ansiedade com que tal data era aguardada pelas alunas são merecedoras de destaque entre as lembranças das ex-alunas das religiosas savinianas. A ponto de registrarem o evento tanto em seus diários pessoais, quanto em seus informativos escolares e revistas literárias como fez a aluna Vilma Arêa Leão (Colégio das Irmãs de Teresina) em 1938, que publicou uma pequena nota, que mais se assimila a reprodução de um trecho de seu diário, na Revista Primícias Literárias sobre o dia do “em que recebi o meu Jesus querido” e a qual reproduzimos a seguir:

FIG. 33 – 1ª COMUNHÃO DE VILMA AREA LEÃO



Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: **REVISTA “PRIMÍCIAS LITERÁRIAS”** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Ano II, nº 6. Teresina. 1938.

A realização da 1ª Comunhão pelas alunas não era apenas um evento religioso, implicava também em destaque social. O reconhecimento da importância deste evento para o grupo social ao qual pertencia às alunas das Irmãs Catarinas piauienses pode ser visualizado a partir do investimento econômico feito pelas famílias que, além da confecção de roupas especiais para este dia, destinavam recursos para a confecção e reprodução de lembranças da 1ª Eucaristia (em geral, foto-montagem das comungantes recebendo a hóstia das mãos do próprio Cristo) as quais eram distribuídas para os familiares, as próprias religiosas e aos demais convidados presentes ao evento religioso.

Nas lembranças da 1ª Eucaristia, as alunas vestiam os mesmos trajes que usariam no dia da cerimônia religiosa (vestido, luvas, véus, meias, sapatos), o que demonstra que os

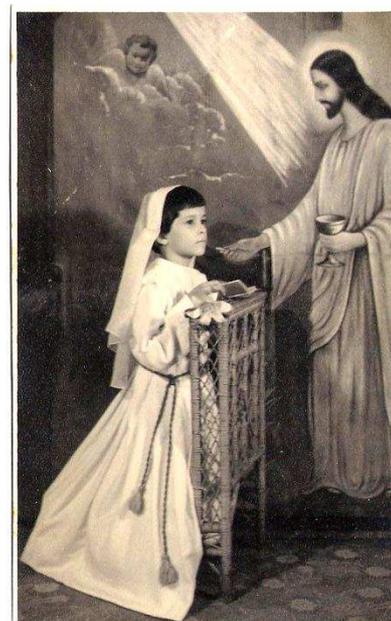
preparativos para a realização deste evento eram iniciados com muita antecedência e que não se resumiam as alunas freqüentarem as aulas de Catequese – ministradas no horário inverso de suas atividades escolares regulares e a fazer as confissões e atos de contrição indicados pelas religiosas savinianas e pelo padre capelão do Colégio – incluíam a escolha do modelo e a confecção do vestido e do véu, a aquisição do terço e da lembrança da 1ª Comunhão. Os vestidos e véus das alunas eram confeccionados com meses de antecedência para estar prontos no dia em que as fotos para as lembranças fossem ser feitas e que a produção das referidas lembranças demandava certo tempo, uma vez que as revelações fotográficas (antes da década de 1960) eram geralmente feitas fora do Piauí, tais preparativos implicam na mobilização e dispêndio considerável montante de recursos financeiros.

**FIG. 34 - LEMBRANÇAS DA 1ª COMUNHÃO
ALUNAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA**

**ELIENE MOURA
1958**



**MARIA ELISABETH
1960**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Nas lembranças de 1ª Eucaristia, ofertadas em anos diferentes, mostram dois dos modelos/estilos de vestidos usados pelas alunas durante a cerimônia religiosa. A aluna Eliane Moura que participou do evento em 1958 usou o vestido longo com pregas com luvas longas e véu de renda trabalhada, enquanto na lembrança de Maria Elisabeth produzida em 1960 foi usada a bata com torçal e véu de mesmo tecido. O vestido da imagem a esquerda aparentemente denotaria melhor condição econômica da família da aluna uma vez que é mais luxuoso e poderíamos afirmar que custou mais caro que o usado pela aluna na imagem da direita, mas não podemos fazer tal afirmação tendo em vista que a partir da década de 1960 as Irmãs Catarinas estabeleceram que suas alunas durante a cerimônia de 1ª Comunhão usariam roupas mais sóbrias e uniformizou para todas as comungantes o uso da bata cerimonial, vestido mais simples. Note-se que se excetuando o detalhe do terço e da vela nas mãos de Eliane, enquanto Maria Elisabeth segurava a flor, o cenário em que foi produzida as imagens e a pose feita pelas alunas é o mesmo, pois ambas foram feitas em estúdio.

Lembremos, ainda, que a fotografia demorou a se tornar comum para a maioria dos piauienses, em razão dos altos custos para compra de equipamento (que tinham de ser importados) e para revelação. Então, possuir fotografias no Piauí antes da década de 1960 era, também, um indicativo da posição sócio-econômica senão de destaque, pelo menos confortável ao ponto de se despendere uma quantia significativa com a aquisição de fotografias. E, ainda, mais mandar produzir certa quantidade de fotografias para serem distribuídas como lembranças aos convidados. Tal situação corrobora com a afirmação de Mauad (2008) de que quando relacionamos a fotografia com o contexto histórico no qual foi produzida descortinamos muito mais que imagens, e, assim temos a certeza de que as fotografias dos Colégios das Irmãs e de suas alunas nos revelaram bem mais que imagens de situações dignas de serem materializadas em fotografias, indicaram, também, a condição financeira familiar daqueles indivíduos que detém tais objetos de memória.

O investimento financeiro para produção de lembranças de 1ª Eucaristia e de outros eventos memoráveis ocorridos nos Colégios foi de tal monta que o Colégio das Irmãs de Teresina contratou como fotógrafo exclusivo para os eventos do Colégio, como frisou Erice Moura, que “tinha o Müller que era o fotógrafo famoso que tinha lá, que se encarregou de tirar essas fotografias” (RODRIGUES, 2008, p.8).

O profissional Guilherme Müller – o mesmo fotógrafo que prestava serviços para o Governo do Estado (1940 a 1960) – para atender a demanda do Colégio pelas imagens montou um estúdio fotográfico e, ao lado, um salão de beleza (administrado por suas filhas) que era freqüentado, quase que exclusivamente, pelas alunas das freiras Catarinas.

Mesmo sendo a 1ª Eucaristia uma das festividades mais aguardada pela comunidade escolar das Irmãs Catarinas, a missa – ritual diário das alunas, Irmãs e todos os funcionários dos Colégios – “a missa em primeiro lugar. Todos os momentos do Colégio a missa [...]” (CASTRO, 2010, p.29).

Para se mensurar a importância e destaque conferido a este ritual no cotidiano escolar, basta-nos mencionar o fato de que quando as Irmãs Catarinas chegaram a Teresina em agosto de 1906, mesmo estando ausente da capital por conta de está empreendendo viagem pastoral ao interior do Estado, o Bispo já havia nomeado um capelão fixo para o Colégio, padre Alfredo Pegado, que passou a celebrar missas diariamente na instituição em outubro daquele ano. Alguns dos padres-capelão, também, atuavam como professores do Colégio, como foi o caso do Monsenhor José Luiz Barbosa Cortez que foi professor de Latim.

Participar das celebrações eucarísticas, também, era exigência das famílias piauienses para com os filhos, tal fato é constatado por Josina Jacobino, que por ser aluna externa do Colégio das Irmãs assistia a missa semanalmente as sexta-feiras após a aula por isto neste dia as alunas ficam na escola até o meio-dia, que afirmava que “fora do Colégio, só ia aniversário de colega, de amiga, cinema, nesse tempo era o Royal! Dava uma voltinha na praça, mas, nove horas tinha que está em casa e só era dia de domingo e só se assistisse a missa: se não assistisse a missa não ia pra lugar nenhum.” (JACOBINO, 2006, p. 11).

**FIG. 35 - FOTO DO MONSENHOR JOSÉ LUIZ BARBOSA CORTEZ
NA ESCADARIA DO COLÉGIO DE TERESINA
COM AS MINISTRAS DA EUCHARISTIA**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

O Monsenhor José Luiz Barbosa Cortez foi 10º capelão do Colégio de Teresina e atuou nesta função por 48 anos consecutivos. Na imagem está acompanhado de ex-alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus que se ordenaram ministras da Eucaristia e desempenhavam suas atividades na capela do próprio Colégio.

A importância dada às celebrações eucarísticas no espaço escolar dos Colégios das Irmãs pode ser demonstrada pelo fato de que em diferentes datas – rotineiras e/ou especiais – as missas que aconteciam na Capela do Colégio serem presididas pelo Bispo do

Piauí, tal qual aconteceu no dia 18 de abril de 1942 quando “foi recordado e festejado o 19º aniversário de morte de nossa querida Fundadora Madre Savina Petrilli, bem como a festa de Santa Catarina, [...] cuja missa foi celebrada solenemente por S. Excia. o Sr. Bispo Dom Severino.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p. 02)

FIG. 36 - CELEBRAÇÃO DA PÁScoa NO PÁTIO INTERNO DO COLÉGIO DAS IRMÃS EM TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus

Nas imagens nota-se, ainda, a separação entre as alunas internas (posicionadas do lado direito tendo uma religiosa ao lado para evitar a comunicação entre os diferentes grupos de alunas), externas (postadas no lado esquerdo) e das escolas gratuitas (de uniforme branco e diferente do uniforme das demais alunas), ainda, que de frente para o altar ficavam apenas as religiosas.

No ano de 1946, em fevereiro, uma das Irmãs Catarinas registra no Livro de Memórias do Colégio Sagrado Coração de Jesus:

o Clero de Teresina vai sempre se reduzindo ao ponto de S. Excia. Dom Severino apesar de idoso e doente, não havendo sacerdote para as necessidades da Paróquia e das várias Casas Religiosas aqui existentes, faz o sacrifício de vir, quase todos os dias celebrar a Sta. Missa as 6:00h em nossa Capela (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p. 11)

FIG. 37 - MISSA CELEBRADA NA CAPELA DO COLÉGIO DAS IRMÃS EM TERESINA

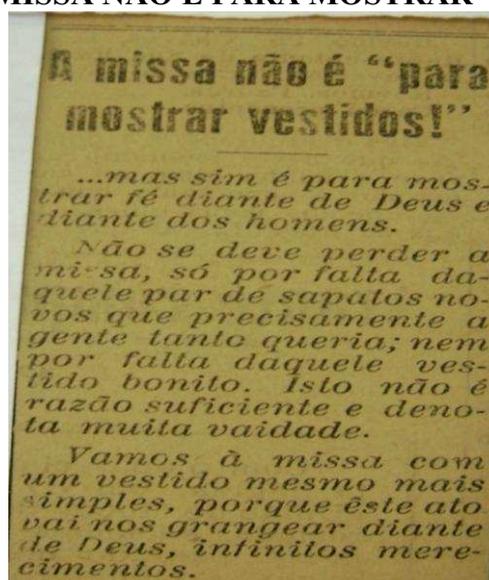


Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Apesar de o Colégio ter um capelão fixo, não era raro que o Bispo do Piauí celebrasse missas na Capela do Colégio das Irmãs. Na imagem ao centro o bispo Dom José Freire Falcão (governou a arquidiocese de 25 de novembro de 1971 a 15 de fevereiro de 1984), à esquerda Frei Adolfo e à direita Monsenhor José Luiz Barbosa Cortez (capelão do Colégio).

A presença da população piauiense as missas era uma exigência tanto social quanto religiosa. Tal situação é ressaltada ao lermos a nota publicada no Jornal Dominical em outubro de 1949, onde o autor alerta que “a missa não é ‘para mostrar vestidos!’” e presença das pessoas não deve ser condicionada a posse de uma vestimenta nova, e que ir a missa, mesmo trajando roupas simples, é mais importante.

FIG. 38 – MISSA NÃO É PARA MOSTRAR VESTIDOS!



Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: A missa não é para mostrar vestidos. In: **Jornal DOMINICAL**. Página Feminina.09 de Outubro de 1949, p. 03. Teresina.

FIG. 39 - MISSA CELEBRADA NO ANO DE 1966 NA CAPELA DO COLÉGIO DAS IRMÃS EM TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A imagem registrou um dos momentos da Missa celebrada na Capela do Colégio das Irmãs em Teresina, em 1966, pelo Monsenhor José Luiz Barbosa Cortez (capelão do Colégio) e outros dois sacerdotes, antes da adoção das resoluções do Concílio Vaticano II em que a missa deixou de ser celebrada em latim e com o celebrante voltado para a comunidade que assistia ao culto.

Outra lembrança recorrente entre as alunas era o fato de “as missas era tudo celebradas em latim e era engraçado. O padre celebrava a missa de costa pra gente, hoje é de frente, naquela época era de costa [...] (CASTRO, 2010, p.18)

Outro momento na rotina escolar que as Irmãs dedicavam bastante atenção e dedicação, eram os momentos de oração que antecediam o início das aulas, como recorda a ex-aluna Erice Moura que as externas chegavam ao Colégio pouco antes das sete horas e “entrava sete. Rezava. A gente rezava (...).” (RODRIGUES, 2008, p. 06), lembrança guardada também por Graça Sá (SILVA, 2009, p. 2) que afirma que era exigido das alunas o cumprimento de todas as normas do Colégio e que “a hora era muito rígida. A aula começava as sete horas, a gente tinha que chegar pelo menos quinze minutos antes de sete horas porque sete horas a gente entrava, ia pra capela pra rezar o terço, depois do terço que ia pra sala de aula”, pois “a gente tinha horário para tudo. Pra chegar, pra cantar o hino, pra formar a fila, pra cantar o hino, pra rezar, pra subir para ir para as turmas. (...) Todos os professores tinham que rezar antes de começar as aulas. Era raríssimo o professor que não rezava.” (JACOBINO, 2006, p. 02), confirmou Josina Jacobino.

A ex-aluna Eva Evangelista ao recordar a primeira atividade do dia no Colégio das Irmãs nos dá mais detalhes deste momento diário de oração antes das aulas “rezávamos no

pátio é, (...), mas no pátio, geralmente, era o hino Nacional. Aí, antes de cada aula a gente rezava, ficava de pé e rezávamos todos. Antes de cada aula rezava. É, mas ninguém nem sentia. Achava normal.” (LEAL, 2006, p. 03).

Para as alunas internas, como registrou Miriam Jales (2002), ainda, havia a oração dos domingos à noite quando todas

eram reunidas em grande salão, onde a Superiora explicava o Evangelho e dava alguns conselhos e avisos. Em seguida íamos para o refeitório tomar chá com torradas, depois para a capela fazer as orações da noite. Demorávamos um pouco na gruta onde a Superiora dava a bênção a todas desejando uma boa noite. (CARVALHO, 2002, p. 06)

FIG. 40 - MOMENTO DA ORAÇÃO MATINAL DIÁRIA NO PÁTIO INTERNO DO COLÉGIO DE TERESINA

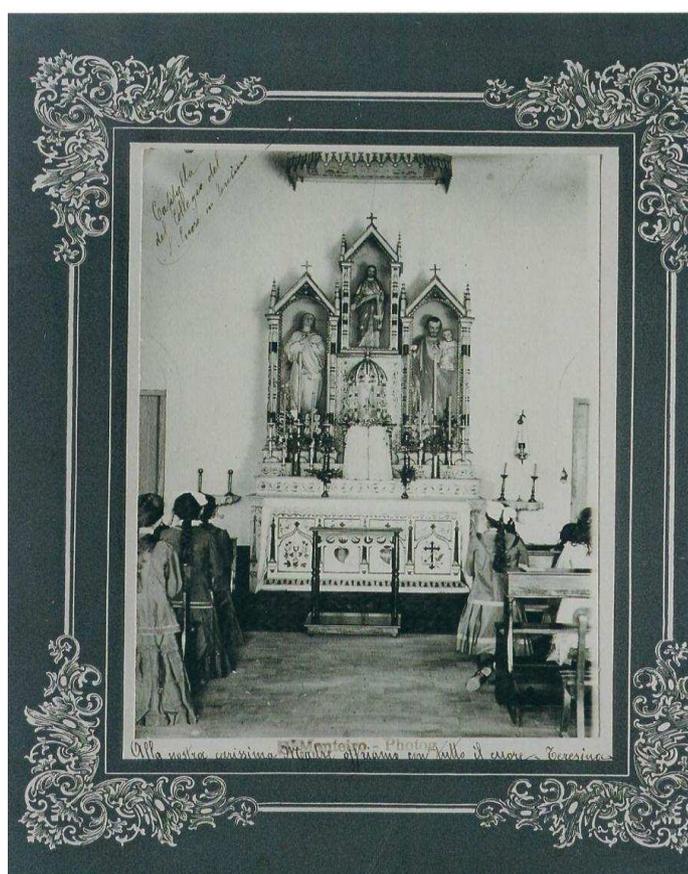


Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Diariamente, antes de iniciar as aulas, as alunas acompanhadas pelas religiosas e professores se reuniam no pátio interno dos Colégios para fazer as orações matinais e cantar o Hino Nacional. Em sinal de respeito ao momento de oração as mulheres usavam véus sobre os cabelos que não podia ser de outra cor, além de branco ou preto.

As alunas ao rememorar a rotina de orações entremeadas aos momentos de estudos consideravam normal, como afirmou Eva Evangelista, que não eram destoantes de sua rotina escolar, ao contrário, eram tão integrados e imbricados a esta rotina que as alunas chegavam mesmo a estranhar caso alguma das aulas fosse iniciada sem se recitar a oração da Ave Maria. Os professores do Colégio ao entrar em sala já iniciavam a recitar a oração de Maria Santíssima e as alunas em pé o acompanhavam em coro lembrou Josina Jacobino.

FIG. 41- ALUNAS FARDADAS E AJOELHADAS EM MOMENTO DE ORAÇÃO EM FRENTE AO ALTAR PRINCIPAL DA CAPELA DO COLÉGIO DE TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Mesmo nos momentos de oração é perceptível a distinção entre os diferentes tipos de alunas. Note-se que no lado direito da imagem está registrada a presença de uma aluna usando farda de cor diferente das demais que estão na foto, tal era indicativo de que esta aluna pertencia a Escola Santa Inês – a escola gratuita das savinianas. Supomos que a imagem tenha sido produzida na primeira capela do Colégio entre os anos de 1907 e 1925 (período em que foi erigida), tal dedução se deve as anotações manuscritas escritas em italiano contidas na moldura da foto e ao modelo de farda usado pelas alunas.

Orações diárias, 1ª Comunhão e participação nas missas foram momentos marcantes da vida escolar, conforme, testemunharam as ex-alunas consultadas, mas as

celebrações religiosas nos Colégios das Irmãs aguardadas com mais ansiedade pelas alunas e marcantes, segundo estas, eram sem dúvida as comemorações do dia de Santa Catarina de Sena (abril) e as do Mês Mariano (maio). As recordar tais momentos que eram recheados de atividades religiosas dos mais variados formatos, as alunas enfatizam que eram os dias mais divertidos e melhores.

Conforme descreveu Castelo Branco (2005, p. 41), “a maior e mais movimentada festa religiosa de Teresina era a do mês de maio, conhecido como o mês de Maria. As missas, as quermesses, as movimentações nas três igrejas da cidade se sucediam por todo o mês.” E nestas festividades as “meninas das freiras” participavam intensamente.

**FIG. 42 - IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
NO COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

O altar de improvisado em 1907 e em 1943, descrito pela Irmã italiana à Madre Savina Petrilli era similar a este, aos pés da qual as alunas, religiosas e convidados faziam suas orações e pedidos durante o mês de maio e, também, queimavam as flores e cartas com pedidos e agradecimentos a Virgem Maria.

O Colégio de Teresina comemorou o mês mariano ainda em 1907, mesmo sem ter concluído a construção da capela da escola, as religiosas, conforme relatou uma das Irmãs em carta remetida à Itália dirigida a Superiora da Congregação,

Também o encerramento do mês consagrado a Maria, quisemos que, de algum modo, se tornasse solene. Então improvisamos um pequeno andor, com velas e fitas onde colocamos a minúscula imagem da Imaculada e quatro de nossas alunas, vestidas de branco, levaram-na em procissão. É esta a única imagem de Nossa Senhora que possuímos: diante dela passamos todo o mês de maio e, juntamente com as alunas, rezamos e elevamos hinos de amor e de alegria a esta bondosa Mãe. Tal imagem nos é caríssima! Oh! Virgem bendita espero que tenhas aceito os nossos humildes obséquios e que sempre nos cumules de tuas preciosas graças!... Participaram da procissão, além da Irmãs com as alunas internas, as externas, as meninas pobres que freqüentam aula à tarde, aprendendo também trabalhos manuais e mais alguns convidados. Éramos umas 200 pessoas ao todo. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 21)

O Colégio de Parnaíba, também, se empenhava em fazer da festa mariana um momento memorável para as alunas e comunidade local como um todo, como demonstra o relato de religiosa que estava atuando no Colégio Nossa Senhora das Graças.

Em maio, a cada semana Nossa Senhora visitava as salas de aula e professoras e alunas recitavam o mistério do terço, seguido de um cântico a Nossa Senhora e o sacrifício do dia oferecido a Nossa Senhora e nas várias intenções. O segundo domingo, o dia das mães em todo mundo, o festejamos em dia da semana, por não ter sido possível na data prevista. Houve cânticos, recitativos, jogral e sorteio. Muitas mães se emocionaram ao presenciar a simplicidade e desembaraço das filhas. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 3).

Durante as festas do mês mariano, outros tantos eventos religiosos aconteciam, tais como a entronização de imagens de santos, profissão de votos perpétuos e renovação de votos temporários de religiosas, ordenação de clérigos, consagração de leigos a Nossa Senhora, recepção de aspirantes no Apostolado da Oração e na União Pia das Filhas de Maria, etc. Exemplo de tal situação aconteceu no ano de 1943, quando encontramos nos relatos das Irmãs sobre os acontecimentos que se sucederam durante as comemorações do mês de maio naquele ano

Maio, 22 – Ontem, 3ª sexta-feira deste belo mês presenciamos a colocação canônica da Via-Sacra em nossa Capela. Dom Severino Vieira de Melo, nosso caro Bispo, aceitou benignamente o pedido da Superiora e veio fazer a devota cerimônia. Iniciada com o cântico do “Veni Creator” leu cada estação (ajoelhando-se no chão

com seu assistente, nosso Revdo. Capelão) a breve oração seguida de um estribilho cantado pelas alunas e um outro cântico “Stabat Mater” cantado pelas Irmãs.

Maio: Este mês do qual somente o nome soa beleza da natureza “perfume das flores, harmonia celestial”, porque consagrado à Virgem bendita, terminou deixando atrás de si uma imensa saudade. Despontou com um fervoroso desejo, desapareceu com um crescente tristeza! Assim são as coisas terrenas, mesmo as mais belas e santas!

Os últimos 3 dias foram, pode-se dizer, uma apoteose de fervor e piedade.

No dia 29, sábado, após as 16:00h uma procissão e um altazinho improvisado, no pátio do Colégio onde, diante da estátua da Imaculada, cantando e rezando, as alunas queimavam as florzinhas (sacrifício) e as cartas escritas para obter as graças desejadas. Procissão tradicional em todos os nossos Colégios, mas que sempre alegra e comove os corações (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p. 04)

FIG. 43 - IMAGEM DE SANTA TERESINHA PREPARADA PARA ENTRONIZAÇÃO NO COLÉGIO DE TERESINA - ANO 1926



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus

Quando uma instituição religiosa recebe uma nova imagem sacra antes de expô-la aos fiéis têm de realizar a entronização da imagem que consiste em bênção solene, procissão, profissões de fé e cantos de veneração ao santo entronizado. Conforme consta no Livro de Memórias, este é o registro do “Dia da bênção solene da imagem de Sta. Teresinha doada por Dona Sand Campelo, que com seu esposo Sr. Campelo, se encarregou também de preparar a coluna para a Santa. Muitos convidados de todas as classes compareceram começando pelo Sr. Governador. Veio até banda de música, foi tudo muito belo!”. Na imagem observamos alunas de diferentes idades vestidas de anjos simbolizando o cortejo celestial que acompanha os santos. Participar de um cortejo de anjos era considerado um prêmio concedido as melhores alunas em comportamento e cumprimento dos deveres religiosos.

Quando se referem às celebrações do mês mariano, as alunas se empolgam relatando como aconteciam as celebrações. Graça Sá faz um relato vivido dos dias de Maria no Colégio das Irmãs.

Tinha a coroação de Nossa Senhora que era no fim do mês [...] de maio. Nesse dia tinha muita coisa, porque a gente tinha a festa no auditório com aqueles dramas que hoje é outros nomes, na época era drama, tinha os dramas [...] tinha peça teatral, dentro do drama, [...], tinha apresentação das turmas, cada professora queria apresentar seus alunos com dança [...] Foi na época do encerramento [...] da 2ª série que a gente, aí, era turma todinha que a Irmã [...] Marianise tocando piano e a gente cantando [...] uma música de Nossa Senhora mesmo. Todo mundo fazia umas carta, fazia uns pedidos pra Nossa Senhora e tinha uma tarde, reunia todo mundo era rezado o terço e em seguida todo mundo botava sua carta, todos os alunos queria fazer sua carta que era pra queimar pra aquela fumaça subir, que o importante era a fumaça sair. (SILVA, 2009, p. 11).

FIG. 44 - ALTAR PARA A COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO COLÉGIO DE TERESINA

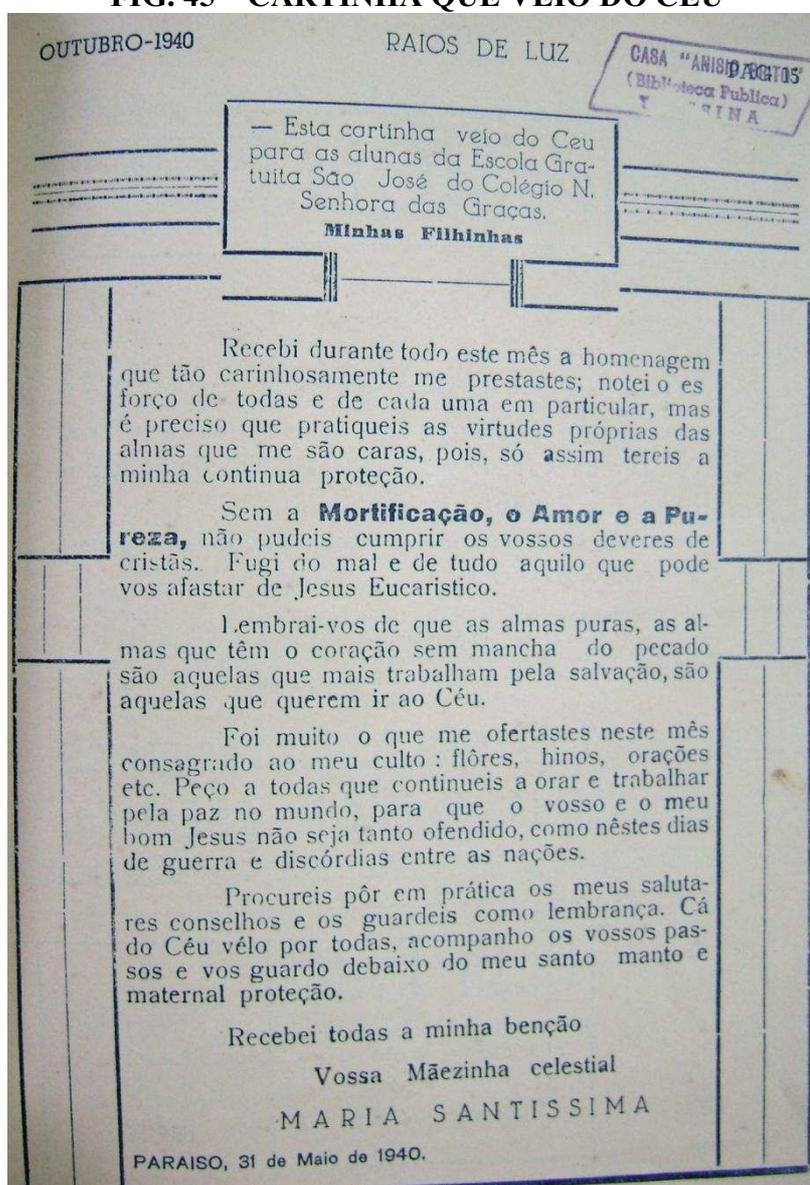


Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Altar preparado para o momento da coroação de Nossa Senhora no dia 30 de maio de 1945, para decorar o altar com flores e plantas e organizar a festa as Irmãs contavam com o auxílio das alunas.

Nas comemorações do mês mariano, todas as alunas dos Colégios e das Escolas Gratuitas tomavam parte, como lembram as ex-alunas, pois todas queriam fazer seus pedidos e agradecimentos à Virgem Santíssima. Mas, fato interessante é que as alunas das Irmãs Catarinas recebiam resposta de suas cartas queimadas em forma de correspondência que “veio do céu” agradecendo as homenagens prestadas durante o mês de maio e fazendo recomendações às alunas para seguirem os exemplos de Maria. Exemplificação de tais cartas pode ser vista no registro feito nas páginas da Revista Raios de Luz (Parnaíba) do ano de 1940 e que reproduzimos a seguir.

FIG. 45 – CARTINHA QUE VEIO DO CÉU



Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: REVISTA “RAIOS DE LUZ” – Órgão do Grêmio Literário “Savina Petrili” do “Colégio Nossa Senhora das Graças”. Edição especial em homenagem à Superiora Irmã Abelinda Ducci. Parnaíba, 4 de outubro de 1940. p.15.

A festa de Santa Catarina de Sena – santa protetora da Congregação das religiosas italianas – era comemorada anualmente no dia 30 de abril e que foi celebrada pela primeira vez no ano de 1907 em Teresina e em 1908 em Parnaíba, de forma modesta, conforme relato feito pelas Irmãs que atuavam no Piauí, em razão de os edifícios que abrigariam as escolas não está totalmente concluído, mas segundo as Irmãs “foi uma festinha de família cara a todas nós e às alunas que, talvez pela primeira vez, sentiram nascer nos seus inocentes corações uma centelha de amor pela nossa gloriosa protetora” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 02)

As festas em honra a Santa Catarina de Sena, em geral, eram celebradas com a presença de autoridades eclesiásticas e civis, tal como descreveu uma das Irmãs, em abril de 1916, informando sobre as homenagens a santa italiana.

Encerrou-se o mês de abril de doces perfumes, com uma festa simpática e bela em honra de nossa Seráfica Catarina e, para torná-la mais solene, aparece a majestosa figura do nosso Bispo Dom Otaviano Pereira de Albuquerque, que presidiu o Stº Sacrifício e acompanhado por melodia divina, celebrou os louvores da Augusta Senense. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 07).

Fato merecedor de registro sobre este momento de recordações dos “tempos de escola” é que todas as ex-alunas que entrevistamos se recordam vivamente a letra e melodia – em geral na íntegra – do hino em honra a Virgem Senense. Situação comprovada pelas mulheres da família Sá (Teresinha, Graça, Valquíria e Fátima) que quando questionadas que lembranças guardavam das comemorações de Santa Catarina, prontamente começaram emocionadas, a cantar coro trecho do hino entoado pelas alunas dos Colégios em louvor a santa:

Tua fé foi mais forte que o granito, do que a rocha batida pelo mar foi na terra a grandeza do infinito se elevando até junto a Deus chegar.
 Oh! Catarina, mimosa flor, seguiste a trilha do Salvador, foste fiel e ouviu sua voz.
 Oh! Catarina, rogai por nós!
 Vigilantes fugias do pecado conservando inocente o coração, o amor a Jesus crucificado teve em ti a mais alta perfeição.
 Oh! Catarina mimosa flor seguiste a trilha do Salvador, foste fiel e ouviu sua voz.
 Oh! Catarina, rogai por nós!
 Como soldados no campo de peleja te mostraste heroína e com troféu, o teu nome legaste a Santa Igreja e por ela intercede lá no céu.
 Foi na terra dos anjos do infinito e por ela intercede lá no céu.
 Oh! Catarina mimosa flor, segue tua trilha, do Salvador foste file e ouviu sua voz.
 Oh! Catarina rogai por nós... (SÁ, 2009, p. 01)

Se as outras festas na escola eram aguardadas com muita expectativa pelas alunas, nada se comparava com a ansiedade acumulada à espera do dia de Santa Catarina de Sena, como lembrou Josina Jacobina,

nesse dia a gente ia pra escola, sem os livros mas com a farda de gala, aí assistia a missa, tinha os as apresentações, né, e depois a gente tava liberada, a escola ficava totalmente aberta mas a gente passava o dia nessa escola, brincando, aí a gente aprontava nessa escola. Nas salas de aula ficava tudo vazio. A gente levava lanche, aí as vezes a mãe mandava deixar o almoço, aí se juntava, tipo assim um piquenique, todo mundo comia junto. [...] Dentro do próprio Colégio, a gente acabava com a escola. Corria nos corredores, fazendo zoadas porque o piso é de assoalho aí e quanto mais forte a gente pisava mais zoadas fazia. [...] Podia fazer tudo nesse dia. Tocava campainha. Fazia tudo nesse dia, descontava o ano todo. [...] Jogava vôlei, ping-pong, mas também a lanchonete não funcionava. A gente tinha que levar o lanche de casa. E poucas freira apareciam pra dá uma reclamação. (JACOBINO, 2006, p. 04)

A mesma recordação tem a aluna Eva Evangelista sobre a comemoração de Santa Catarina de Sena

Ah! Era muito bom. A gente juntávamos é, nossos colegas, passávamos o dia no Colégio. Levava roupa, levava comida. Aí cada uma levava uma coisa a gente fazia tipo um piquenique no Colégio. (...) Tinha, tinha missa é, geralmente, a missa era no início. Tinha a missa e aí passava o dia tinha jogos, aí, até à tardinha, os jogos e tinha o encerramento no final do dia. (LEAL, 2006, p. 08 - 09)

FIG. 46 - ALUNAS EM MOMENTO DE DIVERSÃO NO PÁTIO INTERNO DO COLÉGIO DAS IRMÃS EM TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Durante a Festa de Santa Catarina as alunas podiam circular livremente pela escola, brincar e ficar no pátio interno da escola sem a supervisão das religiosas, além do fato que alunas internas, externas e órfãs poderiam conversar despreocupadamente. Na imagem podemos notar que há apenas uma pessoa caminhando ao fundo no lado direito, por está sem hábito, provavelmente era uma professora ou funcionária leiga.

Se os dias de festa são de exceção e quebra da rotina, para as alunas savinianas o dia da Santa da Congregação representava muito mais que isto, mesmo começando com a celebração da missa (como é de praxe em todas as comemorações religiosas nos Colégios) pois enquanto para as religiosas era um dia especial dedicado às orações e recolhimento, para as alunas era dia de extrema liberdade, que se iniciava com “um café da manhã. Era com chocolate e tudo, tudo muito bom. Agora o que me chama atenção porque a primeira vez que eu fui lá nesse no, no, no refeitório, tinha assim uma caveira e tinha uma coisa assim e aí dizia assim “Fui o que tu és, tu serás o que sou””. (RODRIGUES, 2008, p. 14) como rememorou Erice Moura.

Mais duas atividades religiosas eram comuns no cotidiano dos Colégios das Irmãs Catarinas: as procissões e os retiros espirituais. As procissões aconteciam em diferentes momentos e por diferentes motivações, seja para fazer a recepção de um sacerdote e/ou bispo que chegava a cidade, por ocasião da ordenação de novo sacerdote ou da profissão de votos de religiosas, comemorar dias santos e feriados. Enquanto os retiros eram momentos de orações e orientação religiosa para as alunas.

Em Teresina, durante a primeira quinzena de setembro de 1926, foram realizadas diariamente procissões das alunas internas e semi-internas do Colégio, integrando os festejos de Nossa Senhora das Dores, o trajeto do cortejo religioso era da Avenida Frei Serafim (onde está o Colégio) até a Praça da Catedral de Nossa Senhora das Dores. No ano de 1943, tem-se o relato de uma freira sobre as procissões e romarias ocorridas em outubro daquele ano no Colégio de Teresina:

A Superiora organizou diversas Romarias e procissões à capela do Memorare nas intenções do Santo Padre Pio XII para obter à Sta. Igreja, à Itália, ao mundo inteiro e pal completa cura de nosso Bispo que esteve muito doente. Ela dividiu em vários grupos, as alunas internas e externas, todas com muita compenetração e piedade, cantavam, rezavam e faziam momentos de silêncio e recolhimento. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p. 05).

Mas, conforme descreveram as alunas, estes eram para elas se assemelhavam muito mais a momentos de diversão que de concentração ou contemplação. Como lembraram as irmãs Valquíria Sá e Teresinha Sá que durante as atividades faziam suas “estripulias e danações”, tal como aconteceu em uma das procissões em honra ao Sagrado Coração de Jesus que

A gente levava uma vela e queria acender e seu Manoelzinho,[...] ele era delas [Irmãs] e o sacristão da Capela delas [Colégio], ficava vigiando pra acender só na hora certa. Aí, ele na frente com a vela, num sabe, [...] meia hora e ele com a vela, todo de paletó, bem arrumado, passado com goma, né, e a Regina – que gomava a roupa dele, a Regina era tia dele – e, aí, nós na procissão do Sagrado Coração de Jesus a gente acendia a vela sem ele ver e ficava passando a vela acesa assim nas costas dele. (SÁ, 2009, p. 04-05)

Ao se lembrar dos retiros poderiam acontecer no próprio Colégio quanto em espaços fora da escola, como por exemplo, o Memorare, e não se resumiam as atividades obrigatoriamente a parte religiosa, havia a formação geral e diversão, como recordaram Erice Moura e Amariles Santana

[...] a gente ia lá pra o Auditório, a Irmã ia ler o Evangelho nessa hora, aí aproveitava..., tinha, eu me lembro que tinha o ..., a primeira vez que, que ... tinha um grupo lá de alunas que tinha assim, tipo assim um conjunto musical que era, elas tocavam, tinha uma menina que tocava lá, me lembro demais elas tocando Maria a lá ô, lan...lan...lan... e juntava lá (RODRIGUES, 2008, p. 05) .

A ex- aluna Amariles Santana afirmou que os retiros no Colégio das Irmãs foram muito importantes em sua vida tanto para a aquisição de conhecimentos gerais quanto na parte religiosa, e, nos revela que estes retiros representaram a possibilidade de as religiosas identificar dentre as alunas quem tinha vocação religiosa:

Os retiros, durante o ano elas [as Irmãs] escolhiam dois ou três dias de retiro. Por sinal, eu posso dizer, na minha vida que eu aprendi muita coisa, muita coisa, é, é, ouvindo no retiro essas pessoas, ouvindo as práticas, as palestras dessas pessoas, fazendo retiro, tanto na parte religiosa como, até mesmo, sem ser religiosa, né. Me lembro que as vezes Dom Avelar dava palestra pra nós, o Arcebispo, me lembro que o professor José Camilo Filho que não era padre, [...] mais ele dava coisa pra nós.[...] era professor de História. Eu me lembro, foi a primeira vez onde eu ouvi falar em Brasília, em Brasília que tem a nova capital, foi num tipo de palestra dessa dada num retiro. [...] era logo no início, assim quando o Juscelino assumiu e tudo e começou Brasília. Aí, foi que ele [professor José Camilo Filho] explicava tudo, qual era a causa de ter criado Brasília e tudo. Eu me lembro que num foi nem numa aula de História dessa não, foi mesmo numa reunião dessa, no retiro. Era ali no Auditório [...] O Científico [...] nós nunca fomos convocadas assim pra fazer esse tipo de coisa fora não [...] porque sempre elas faziam assim, me lembro, num fim de semana mais eu nunca almocei lá no Colégio, num sabe, eu nunca, [...] vinha em casa, assistia a palestra, voltava, era assim. Era um tipo de retiro assim. [...] num tinha essa história de você ficar, podia ter algum outro retiro assim, que eu num digo se elas fizessem mais de pessoas que elas vissem que tinha uma tendência religiosa [...] (SOUSA, 2010, p. 13-14) .

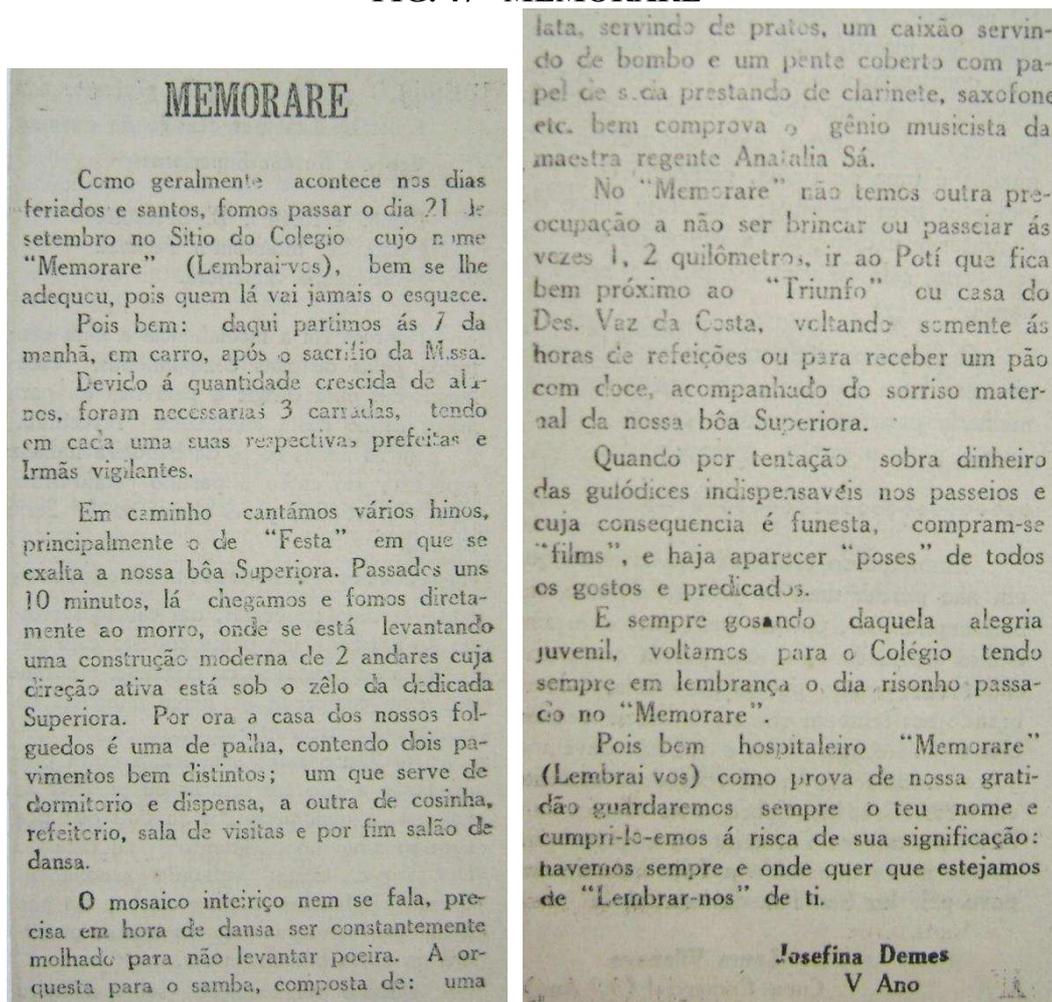
Devemos acrescentar, ainda, o fato de que os Colégios convidavam alunos de outras instituições de ensino para participar dos momentos de retiros espirituais, tal como

aconteceu, em 1948, quando Irmã Maria da Conceição Oliveira (diretora do Colégio de Teresina) organizou

Retiro espiritual das alunas internas e externas do nosso Ginásio, sendo o pregador, o Pe. Monteiro da Companhia de Jesus. Cada dia 4 conferências no vasto salão repleto de juventude, porque, além de nossas alunas (através do convite de nossa Zelosa Superiora) adquiriram uns 55 alunos do Ginásio “Demóstenes Avelino” e mais de 60, do Ginásio “Leão XIII”. Muito louvável, a atenção, o respeito, o silêncio e o recolhimento, preságo feliz de frutos abundantes. É o que desejamos. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p.16)

A informação de que tais momentos eram de lazer e não de reflexão na ótica das alunas, pode ser percebido, também, no registro feito pela aluna Josefina Demes (no ano de 1938) nas páginas da revista Primícias Literárias onde relatou como foi o dia de retiro no Memorare o qual reproduzimos abaixo.

FIG. 47 - MEMORARE



Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: **Revista PRIMÍCIAS LITERÁRIAS** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Ano II. nº 6. Teresina. 1938.

Entre as muitas atividades religiosas das quais as alunas dos Colégios tomavam parte havia, ainda, a profissão de votos (temporários e perpétuos) das noviças que foram preparadas pelas Irmãs que estavam no Piauí, muitas das quais tinham sido alunas dos próprios Colégios e ingressaram como religiosas na Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena.

FIG. 48 - IRMÃS CATARINAS FAZEM OS VOTOS PERPÉTUOS COMO RELIGIOSAS CAPELA DO COLÉGIO DE TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus- Teresina

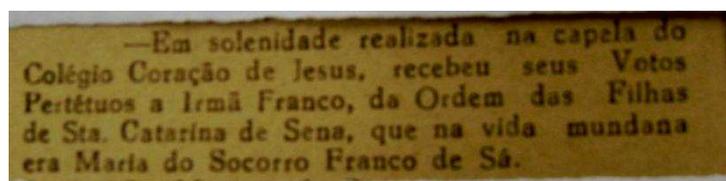
O Arcebispo do Piauí Dom Avelar Brandão Vilela e o capelão do Colégio Monsenhor José Luiz Barbosa Cortez diante da Capela do Colégio recepcionam as Irmãs da Congregação das Catarinas que irão fazer a profissão de fé e juramento dos votos perpétuos como religiosas catarinas. O momento é tido como um dos mais importantes para a continuidade da Congregação e, por isto, é realizando de forma solene e contando com a presença de autoridades civis e eclesiásticas.

Exemplifica ocorrência de tal situação: Madre Franco (atual superiora geral da Congregação), Irmã Helena Baldoíno, Irmã Marianize, Irmã Alzira, Irmã Violeta - que foram alunas do Colégio de Teresina - e Irmã Fausta (mesmo não tendo sido aluna do Colégio de Parnaíba, ali fez sua preparação para a vida religiosa) após iniciarem seu noviciado nos Colégios do Piauí, fizeram os votos (temporários e depois os perpétuos) e ingressaram na Congregação das Catarinas.

Nos registros do Colégio de Teresina, encontramos, ainda, menção a renovação dos votos temporários de Irmã Maria de Jesus Melo, em 11 de fevereiro de 1943, na capela do Memorare, e, em 21 de janeiro no ano seguinte aconteceu a profissão de votos perpétuos de mais duas Irmãs na capela do Sagrado Coração de Jesus.

Uma das Irmãs receberem os votos perpétuos era motivo de grande comemoração nos Colégios piauienses, e este se tornava mais importante ainda quando a religiosa havia sido aluna de uma das instituições instaladas no Estado. Tanto que ao acontecimento era digno de divulgação na imprensa local, como aconteceu quando a Irmã Franco (atualmente Madre Franco) recebeu seus votos em 1961.

FIG. 49 - IRMÃ FRANCO RECEBE SEUS VOTOS PERPÉTUOS ANO 1961



Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: Mundanismo: Irmã Franco recebe seus votos perpétuos. IN: **JORNAL “DO PIAUÍ”**. 05 de fevereiro de 1961, p. 02

FIG. 50 - LEMBRANÇA DOS VOTOS PERPÉTUOS DE IRMÃ TERESINHA MARIA DA SANTA FACE, ANO 1954



Acervo Lili Castro

Lembrança enviada pela ex-aluna do Colégio das Irmãs de Teresina e colega de escola de dona Lili Castro, Teresinha Maria, ao fazer a profissão perpétua de fé e fazer os votos perpétuos como religiosa – mudando inclusive de nome – do Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado. As primeiras religiosas Missionárias de Jesus Crucificado, atendendo ao pedido do bispo do Piauí, Dom Severino Vieira de Melo, vieram de Campinas (SP) – sede da Congregação, onde, também foi fundada em 1928 pelo bispo Dom Barreto e a Irmã Maria Villac – chegaram a Teresina em novembro de 1943 e abriram uma escola para educação feminina em julho de 1944, a escola recebeu o nome de Colégio Provisório Dom Barreto, e deu origem ao atual Instituto Dom Barreto.

Outras ex-alunas tornaram-se freiras após terminarem os estudos nos Colégios católicos piauienses, mas ingressaram em diferentes Congregações religiosas, como lembrou Lili Castro que sua amiga do Colégio, Teresinha Maria tornou-se freira Missionária de Jesus Crucificado.

Outro evento religioso marcante na vida da sociedade piauiense e na vida das alunas dos Colégios das Irmãs, tendo repercussões até o presente momento, foi a realização do I Congresso Eucarístico no período de 26 a 30 de outubro de 1960, durante a gestão episcopal do arcebispo Dom Avelar (governou a Arquidiocese do Piauí entre 1955 e 1971).

FIG. 51 - LEMBRANÇA DO I CONGRESSO EUCARÍSTICO DO PIAUÍ – 1960



Acervo Teresinha de Jesus Rodrigues de Sá

O principal local de realização de atividades do Congresso Eucarístico foi a Igreja de São Benedito. As alunas dos Colégios das Irmãs receberam esta fotografia como lembrança da participação no evento que também celebrou as Bodas de Prata (25 anos) de Sacerdócio de Dom Avelar.

As alunas das freiras Catarinas tomaram parte nas celebrações do Congresso Eucarístico de forma intensa, participando de praticamente todos os momentos do evento, seja cantando no coral durante as celebrações, auxiliando na realização das cerimônias solenes, e tantas outras atividades. Erice Moura, nos contou

que foi muito bonito e teve [...] no tempo [...] do Congresso Eucarístico que teve lá (Teresina). [...] Cada Colégio apresentava um carro como uma santa e lá do Colégio das Irmãs foi Nossa Senhora do Mundo, se não me engano, muito bonito.

Era, foi muito bonito lá, é a ... não sei se foi Nossa Senhora do Mundo, num sei, eu só sei que foi muito bonito, tinha a ..., eu acho que o Leão XIII apresentou Nossa Senhora de Lourdes, [...], mas o nosso não foi Nossa Senhora do Mundo não, eu acho que Nossa Senhora ..., foi que eu me lembro que tinha a Lurdinha Melo que elas ficam assim mostrando na praça..., muito bonita (RODRIGUES, 2008, p. 08).

FIG. 52 - PLACA DE FORMATURA DO JARDIM DE INFÂNCIA COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - ANO 1960



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

O I Congresso Eucarístico destacou a centralidade da Eucaristia na vida e na missão da Igreja e teve como principais objetivos: conhecer, celebrar e viver a Eucaristia. Através do Congresso Eucarístico, a Igreja pretendia que os cristãos pudessem conhecer melhor a Eucaristia e participar mais ativa e conscientemente das celebrações eucarísticas (missas), vivendo a Eucaristia na vida cotidiana. Em setembro de 2010, de 23 a 26, foi realizado o II Congresso Eucarístico Arquidiocesano do Piauí.

A importância do Congresso no cotidiano das escolas católicas piauiense pode ser imaginado quando observamos a placa de formatura dos alunos do Jardim de Infância do Colégio das Irmãs de Teresina, do ano de 1960, recebeu o nome de TURMA DO CONGRESSO e fez uma homenagem especial ao Arcebispo Dom Avelar. Foi escolhido (pelas Irmãs e professoras das classes) como paraninfo o professor José Camilo Filho, que por ser professor de História do Colégio, certamente, deve ter inserido em seu discurso proferido aos pais e convidados presentes à solenidade de “formatura dos Doutores do ABC” daquele

ano comentários sobre o Congresso e elogios à participação dos integrantes da comunidade saviniana na atividade religiosa.

Mesmo com tantas orações, as atividades e as festas religiosas inseridas em seu cotidiano escolar, os Colégios das Irmãs mantinham as Associações Religiosas: Pia União das Filhas de Maria (fundado em Teresina em 15 de junho de 1907 e em Parnaíba em 10 de maio de 1908), Apostolado da Oração e Congregação dos Santos Anjos (fundada em 1925), todas tendo como integrantes alunas e ex-alunas dos Colégios. Contudo, dentre estas Associações, as Filhas de Maria e o Apostolado da Oração acabaram por merecer maior atenção das alunas quanto das religiosas, posto que estas duas Associações corroborassem com, mais amplitude, os objetivos e princípios da educação católica para mulheres posto que encorajasse as alunas a “prática da verdadeira piedade e a fuga das vaidades e dos divertimentos mundanos”. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 28).

A Pia União das Filhas de Maria⁷¹ nos Colégios das Irmãs foi fundada pelo Bispo Dom Joaquim e o mesmo presidiu as cerimônias de recepção das primeiras alunas savinianas que se tornaram Filhas de Maria – sendo 6 associadas, 15 aspirantes e 18 postulantes –, conforme descreveu uma Irmã Catarina em junho de 1907 em Teresina

Na hora determinada, todas as jovens que irão fazer parte da Pia União, em vestes brancas, com a cabeça coberta de véu e grinalda de rosas, ficaram em fila novamente, cantando um hino a Maria, voltaram à Capela. O Sr. Bispo, com cajado e mitra, sentado na Cátedra, dirigiu novamente aos presentes sua palavra pronta, tocante e vivaz. A espaçosa Capela estava repleta de fiéis. Não faltava aí a Aristocracia Teresinense. Todos, com o olhar fixos nele, estavam evidentemente comovidos. Em seguida o venerando Pastor leu a relação, começando a chamar, em primeiro lugar as Postulantes, depois as Aspirantes e por último as Filhas que receberam de suas Sagradas mãos, a medalha que é sinal de predileção e escudo de fortaleza e torna incólume vitorioso que merecidamente a carrega.

Cantado o “Magnificat” o Sr. Bispo assistiu a Bênção Venerável dada pelo mui Revdo. Padre A. Pegado, encerrando a bela e devota cerimônia. Todas as agregadas, em número de quarenta, saíram da Capela cantando até chegar à entrada do salão vizinho para beijar o Sagrado Anel do venerado Pai e pastor. Este parabenizou-as, expressou a alegria de, finalmente, possuir em sua Diocese, esta fonte de piedade de bênçãos. Recomendou nossa obra aos presentes, acrescentando que ser Filha de Maria deveria significar para elas, serem Filhas do Colégio. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 21-22)

⁷¹ “A Pia União das Filhas de Maria é uma piedosa associação de donzelas que se colocam debaixo do estandarte da Virgem Imaculada e de Santa Inês, Virgem Mártir, para melhor e mais facilmente cumprirem os deveres de seu estado.” (ROWER, 1946, p. 13). Na Europa Santa Inês é conhecida também como Santa Agnes. No Brasil, a primeira Associação das Filhas de Maria foi criada em fins do século XIX, em São Paulo, na cidade de Itu, pelas Irmãs de São José e tinha como associadas as alunas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio.

A Pia União de Parnaíba iniciou com 28 associadas, sendo 24 aspirantes e quatro Filhas de Maria. Em novembro de 1908, já havia o registro de 46 membros.

De acordo com o Manual das Pia União das Filhas de Maria (1946),

existem três categorias de associadas, sendo a primeira de Aspirantes, a segunda de Filhas de Maria propriamente ditas e a terceira de Filhas de Maria por devoção. [...] O distintivo das Aspirantes é a medalha da Pia União, que trazem ao pescoço, pendente de uma fita verde. [...]. Os diretores têm a faculdade de benzer esta medalha com a indulgência plenária para a hora da morte. [...] As Filhas de Maria [...] a medalha da Pia União, que traz ao pescoço é pendente de uma fita azul [...] (ROWER, 1946, p. 21-22)

FIG. 53 - MEDALHA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA - ANO 1947

FRENTE

VERSO



Acervo Lili Castro

A medalha da Pia União de Maria tem em uma face a efigie de Nossa Senhora das Graças em gesto de acolhimento de suas filhas que são apresentadas por Santa Inês, circundada pela inscrição em latim: **MATER, TVOS OCVLOS ADNOS CONVERTE** (que em tradução literal significa “Mãe, põe teus olhos sobre nós”). E, a outra face temos o monograma de Maria sobre os Corações de Jesus e Maria e cercado por doze estrelas, as quais são circundadas pela inscrição em latim: **SODALITAS FILIARUM MARIAE SUB PATROCINIO B. V. IMMACULATAE ET S. AGNETIS V. M. ROMANAM AD S. AGN. PIUS IX PRIMARIAM DIXIT INDULGENTIIS DITAVIT** (que em tradução literal significa “Solidárias Filhas de Maria sob a proteção da Imaculada Santa Inês, Virgem Romana, e do Santo Papa Pio IX, recebem a primária indulgência”).

As Filhas de Maria, em razão de terem recebido a indulgência plenária⁷² da Igreja Católica juntamente com suas medalhas, afirmam que ao falecerem desejam e devem ser sepultadas com suas respectivas medalhas, as quais são símbolo de distinção cristã e devoção a Maria.

Tornar-se uma Filha de Maria era uma forma de distinção dentro dos Colégios, como informou Lili Castro,

A gente passava, passava um bom período, elas, elas acompanhando assim, elas só tiravam pelo comportamento da gente, num sabe. [...] A Filha de Maria era, [...] era muito importante uma Filha de Maria, mais responsabilidade. [...] Que a gente tinha as obrigações lá no Colégio pra ajudar na Igreja em tudo, num sabe. E da Filha de Maria também era coisa muito importante [...] Só quem recebia quem prestava, num sabe, que tivesse um bom comportamento. (CASTRO, 2010, p. 25).

FIG. 54 - ALUNAS INTERNAS DO COLÉGIO DE TERESINA - 1909



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Pertencer a Pia União das Filhas de Maria era considerado uma honra para as alunas dos Colégios das Irmãs Catarinas, portanto, demonstrar a concessão de tal deferência e o pertencimento a Associação era feito em diversos momentos pelas Filhas de Maria. Nesta imagem das alunas internas usando a farda de gala produzida, em 1909, para ser enviada a Madre Geral da Congregação Saviniana podemos observar que quatro alunas, sendo uma gratuita (a que está com uniforme de cor diferente), estão usando a fita das Filhas de Maria o que as distingue das demais alunas e indica que são, reconhecidamente, praticantes fiéis da devoção à Virgem Maria e das virtudes cristãs.

⁷² De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, uma indulgência é “A remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa (remissão), que o fiel bem-disposto obtém, em condições determinadas, pela intervenção da Igreja que, como dispensadora da redenção, distribui e aplica por sua autoridade o tesouro das satisfações (isto é, dos méritos) de Cristo e dos santos. A indulgência é parcial se remover parte da pena temporal devida pelo pecado, ou plenária, se remover toda a pena.” As Filhas de Maria recebem, ao ingressar na Associação, a indulgência plena de seus pecados.

Para ingressar como Aspirantes na União Pia, mesmo após serem avaliadas e aprovadas pelas Irmãs e pelo padre capelão, as alunas postulantes a Aspirantes de Filhas de Maria deveriam ser aprovadas em votação pelas alunas que já possuíam a fita azul de Filhas de Maria, e, depois disto passar por uma preparação de no mínimo três dias antes de serem recebidas em cerimônia religiosa na Associação.

E, nem todas as que desejavam ingressar nesta Associação eram aceitas, uma vez que

a Pia União das Filhas de Maria propunha ser, ao mesmo tempo, condição de aperfeiçoamento moral e religioso para as alunas consideradas merecedoras. Por isso, o ingresso nos seus quadros não dependia da simples vontade da postulante, mas exigia que ela demonstrasse um comportamento exemplar, uma devoção e uma fé reconhecidas, que a tornassem merecedora desse privilégio. (MANOEL, 1996, p. 94).

O ingresso das alunas na Pia União era marcado de celebrações religiosas e em seguida por uma festa na qual as recém-ingressas Filhas de Maria, por vezes, distribuíam lembranças deste dia solene. Como nos disse Lili Castro que no dia que recebeu a fita de Filha de Maria mandou fazer lembranças para distribuir às madrinhas e aos familiares presentes para recordar “com jubilo o feliz dia de sua recepção da Fita de Filha de Maria, na Capela do Ginásio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina em 25 de maio de 1947. Oferece esta lembrança aos que lhe demonstram amizade.” (CASTRO, 2010, p. 01)

FIG. 55 - LEMBRANÇAS DA RECEPÇÃO DA FITA AZUL DE FILHA DE MARIA EM 1947 ALUNA LILI CASTRO



FIG. 56 - LEMBRANÇAS DA RECEPÇÃO DA FITA AZUL DE FILHA DE MARIA EM 1947 ALUNA MARIA VELOSO



Acervo Lili Castro

Na solenidade de recepção das fitas de Filhas de Maria, as Aspirantes escolhiam madrinhas para lhe acompanharem neste momento religioso, em geral, senhoras da sociedade local que também pertenciam a Pia União da Filhas de Maria. Em certa solenidade destas, ocorrida no ano de 1922, em Teresina, foram convidadas 100 senhoras para serem madrinhas de 31 alunas do Colégio das Irmãs que iriam ingressar na associação, sendo 16 como Filhas de Maria e 15 como Aspirantes a Filhas de Maria, e todas as madrinhas compareceram, o que demonstra a importância dada pela sociedade piauiense a este tipo de evento.

As Filhas de Maria eram uma espécie de auxiliares das Irmãs e dos demais religiosos na execução das atividades religiosas e de caridade em que estes atuavam. Um exemplo desta prática, aconteceu no ano de 1919, no dia 31 de março, quando as Filhas de Maria do Colégio das Irmãs foram ajudar as catarinas e padre Cirilo Chaves a fazer as “instruções e recomendações” aos doentes pobres internados no Hospital para que estivessem preparados para receber o sacramento da comunhão.

FIG. 57 - COMPROMISSO DAS FILHAS DE MARIA

COMPROMISSO

COMO FILHA DE MARIA / que vê no seu título /
um penhor de salvação / e um programa de vida, /
prometo / seguir / na minha piedade interior / os
exemplos de Maria / minha Mãe / e irradiar / ao
redor de mim / a influência da pureza / da dedi-
cação / e da bondade / que elevam as almas / e
as conquistam para Deus. /

Acervo Lili Leite

Este texto era recitado individualmente por cada uma das Aspirantes a Filha de Maria no dia da Recepção na Pia União. As marcações feitas à caneta por Lili Castro mostram em que momentos da

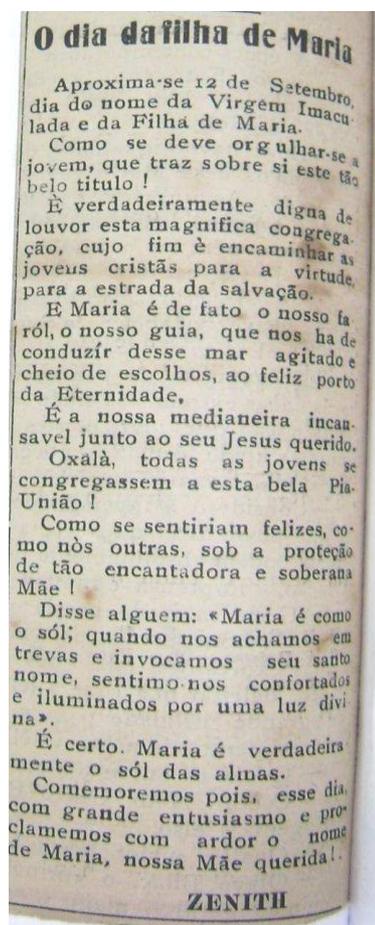
leitura deveriam ser feitas as pausas, a preocupação de saber os momentos de parada durante a leitura do “Compromisso das Filhas de Maria”, denota que a solenidade religiosa de ingresso na Associação era preparada e ensaiada repetidamente pelas alunas Aspirantes.

Segundo o Manual da Pia União das Filhas de Maria (ROWER, 1946) as obrigações das integrantes desta Associação são: todos dias rezar três Ave-Maria (pela manhã, a tarde e a noite), acrescentando a invocação “Ó, Maria, ó Mãe puríssima, preservai-me do pecado mortal!”; ouvir a missa todos os dias; rezar o terço todos os dias; diariamente fazer uma pequena meditação e leitura espiritual; a noite um breve exame de consciência; todas as semanas ou de quinze em quinze dias se confessar; uma vez por semana rezar o ofício ou o terço da Imaculada Conceição; no sábado fazer devoção em honra a Virgem Imaculada; participar das reuniões semanais da associação; usar a medalha de Filha de Maria nas solenidades religiosas e ocasiões especiais, mesmo que não seja religiosa; participar da reunião geral que acontece mensalmente, na qual deverão fazer contribuições para suprir as despesas da associação; procurar fazer recolhimento espiritual mensalmente para refletir sobre as verdades eternas; comemorar as festas de Santa Inês e Nossa Senhora; fazer uma novena antecedendo as comemorações principais de Nossa Senhor e Nossa Senhora; celebrar com fervor o mês de maio; fazer um retiro espiritual anualmente com duração de pelo menos quatro dias; celebrar de maneira especial a festa de 8 de dezembro por ser a principal festa da Pia União.

O desenvolvimento das atividades da Pia União da Filhas de Maria assumiam tamanha notoriedade no contexto de formação religiosa e moral das mulheres piauienses, que, por diversas vezes, os próprios bispos dirigiam as reuniões de formação espiritual das alunas dos Colégios das Irmãs. E, em 1932, o então, bispo Dom Severino Vieira de Melo organizou durante o mês de agosto daquele ano, em conjunto com a festa da Assunção de Maria, as comemorações, e participou destas, pelos 25 anos de fundação da Pia União no Piauí.

E, em 1936, o Jornal a Flâmula, produzido pelo Grêmio Literário do Colégio Nossa Senhora das Graças (Parnaíba), divulgou nota em homenagem ao dia da Filha de Maria na qual enalteceu as virtudes das associadas que buscavam se assemelhar a Virgem Maria e por isto mereceriam ser celebradas.

FIG. 58 – O DIA DA FILHA DE MARIA



Acervo Arquivo Público do Piauí.

Fonte: Coluna religiosa. IN: **Jornal A Flâmula** – Órgão do Grêmio Literário Nossa Senhora das Graças. Ano I, nº 05. 06 de Setembro de 1936, Parnaíba.

Ao lado da Pia União das Filhas de Maria, nos Colégios das Irmãs Catarina havia outra Associação Religiosa que assumia, também, grande destaque e, por vezes se complementava as ações da primeira e em outras situações se rivalizava com a Pia União, era o Apostolado da Oração e da Devoção ao Coração Santíssimo de Jesus⁷³ que agregava as Zeladoras do Coração de Jesus. A pequena rivalidade entre as associações fica por conta do fato de que as alunas desejavam participar das duas entidades religiosas e, algumas vezes, não conseguiam sucesso na admissão.

⁷³A Associação do Apostolado da Oração do Coração de Jesus foi criada no Brasil em 1871, pelo padre jesuíta Bartolomeu Taddei com o objetivo de aproximar as almas do Coração de Jesus e da Eucaristia. Em julho de 1899, o Papa Leão XIII reconheceu a importância da associação e aprovou os estatutos, quais foram remodelados na década de 1950 e o Papa Pio XII concedeu aprovação em 28 de outubro de 1951.

As Zeladoras do Coração de Jesus, tal qual as Filhas de Maria, eram selecionadas por merecimento e comportamento e tinham como obrigação primeira difundir o culto ao Sagrado Coração de Jesus, mas, aparentemente, as normas e obrigações do Apostolado da Oração eram mais simples e flexíveis que as da Pia União se compararmos os conteúdos do manuais das duas associações.

FIG. 59 - ALUNAS INTERNAS DO COLÉGIO DE TERESINA - 1912



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A fotografia foi produzida em 1912 para ser enviada a Madre Geral da Congregação, Itália. Podemos observar, fazendo a distinção entre o formato das fitas que entre as alunas internas há seis que pertencem ao Apostolado da Oração, sete às Filhas de Maria. Duas ostentam as duas fitas e medalhas, pois pertencem as duas Associações.

O símbolo de distinção das associadas ao Apostolado da Oração eram as insígnias do Sagrado Coração de Jesus e a cruz com a imagem do Sagrado Coração de Jesus - fixas a uma fita vermelha -, o diploma de Zeladora do Coração de Jesus e o manual da Associação. Havia, também, uma cerimônia religiosa para a recepção das novas Zeladoras do Coração de Jesus, na qual se fazia a benção das fitas, as postulantes faziam sua consagração e votos de devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Sagrado Coração de Maria.

FIG. 60 - INSÍGNIA E MEDALHA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Acervo Lili Castro

Conforme consta no Manual do Apostolado da Oração, no dia da recepção na Associação, as Zeladoras recebem “duas indulgências plenárias a cada mês; duas vezes por ano quando renovardes a vossa consagração e uma indulgência de 300 dias cada vez que vos reunirdes, para vos advertirdes mutuamente e vos exercitardes a promover mais eficazmente a divina glória.” (SPILLMANN, 1954, p. 207)

Considerando a rotina escolar das alunas dos Colégios das Irmãs Catarina – principalmente a das alunas internas – em que, em geral, a maioria de suas atividades aconteciam dentro dos “muros” dos Colégios, e quando não estavam na escola eram confinadas aos espaços domésticos (conforme enfatizou a ex-aluna Josina Jacobino), a oportunidade de participar das atividades religiosas fora do espaço escolar se configurava em

forma de conhecer outras pessoas diferentes daquelas que conviviam diariamente, conhecer a cidade e, por fim, de se sentirem um pouco menos vigiadas uma vez que em meio a população comum, ainda, que fardadas – o que lhe identificava a primeira vista como sendo “as meninas das freiras catarinas” – podiam escapar sutilmente à vigilância das religiosas e conversar entre si e com os transeuntes que participavam, também, dos eventos religiosos.

3.5 “Educando crianças e jovens em benefício do amanhã”⁷⁴: as obras de caridade realizadas pelas alunas dos Colégios das Irmãs

A Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina, segundo as religiosas savinianas, traz inscrito no nome da ordem sua principal missão:

[...] se dedicam a atividades várias, segundo os sinais dos tempos e as necessidades da Igreja, sendo todas direcionadas ao pobre, isto é, àquele que padece qualquer espécie de pobreza, seja física, moral ou espiritual. [...] onde existir alguém necessitado de algo, aí é o lugar da Irmã dos Pobres. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2000, p. 03)

Observando as orientações da Pedagogia Saviniana no que se refere à promoção humana e a formação integral de seus educandos, as Irmãs Catarinas acreditam que seja imprescindível “[...] a conscientização dos problemas e dificuldades do irmão-pobre. [...] trabalho de sensibilização dos alunos para com os que sofrem necessidades materiais para sua sobrevivência” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1984, p.1). E, por conta desta máxima e das ações que desenvolvem, enquanto Irmãs dos Pobres, ofertando os serviços nas áreas da educação, assistência e pastoral da saúde, promoção humana e pastoral popular, no bojo das atividades cotidianas dos Colégios, envolvem de diferentes formas (direta e indiretamente) as alunas nas diversas obras de caridade empreendidas pelas savinianas.

A primeira obra de caridade que as Catarinas principiam em nosso território é a oferta de educação gratuita por meio da Escola Santa Inês (1906 em Teresina) e escola São

⁷⁴ A frase “Educando crianças e jovens em benefício do amanhã” escrita em 2006 pelo Colégio das Irmãs de Parnaíba que busca expressar o objetivo a ser alcançado pelas práticas educativas adotadas nas escolas savinianas, foi exposta pelos alunos em faixas durante o percurso do Desfile de 7 de setembro pelas ruas da cidade de Parnaíba.

José (1907 em Parnaíba) que são fundadas juntamente com as escolas principais com a finalidade de atender as órfãs, conforme expusemos anteriormente. Mas, paralelo, a oferta da educação gratuita, as catarinas engendraram formas de praticar a caridade e nestas envolver suas alunas nas ações de auxílio aos pobres, seja incentivando-as a fazer doações em dinheiro e/ou em bens, seja levando-as as casas de saúde e hospitais para fazer visitas aos doentes, atribuindo-lhes a função de organizar as distribuições de gêneros alimentícios e roupas aos pobres, ou ainda, participando de celebrações religiosas voltadas aos pobres, etc.

**FIG. 61 - AÇÃO DE CARIDADE DESENVOLVIDA PELAS IRMÃS CATARINAS
VISITA AO HOSPITAL**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A assistência aos enfermos desenvolvida pelas Irmãs Catarinas e suas alunas consistia em visitas em que faziam orações, distribuía lembranças (jornais católicos, objetos de devoção, terços, imagens de santos, etc.), faziam a preparação para a confissão e comunhão, além de organizar, periodicamente, as missas.

Em 1918, as Irmãs Catarinas começaram a fazer visitas ao Hospital de Teresina

Tivemos a inspiração de procurar também os pobres enfermos do Hospital desta cidade para prepará-los a fazer a Páscoa. Após a licença do Bispo começamos a visitar, no início de abril os nossos irmãos enfermos, ensinando-lhes as principais verdades da fé e preparando-os à confissão e comunhão. Foram vários padres para atendê-los em confissão e todos com exceção de um soldado, confessavam-se, até alguns que há muitos anos não o faziam.

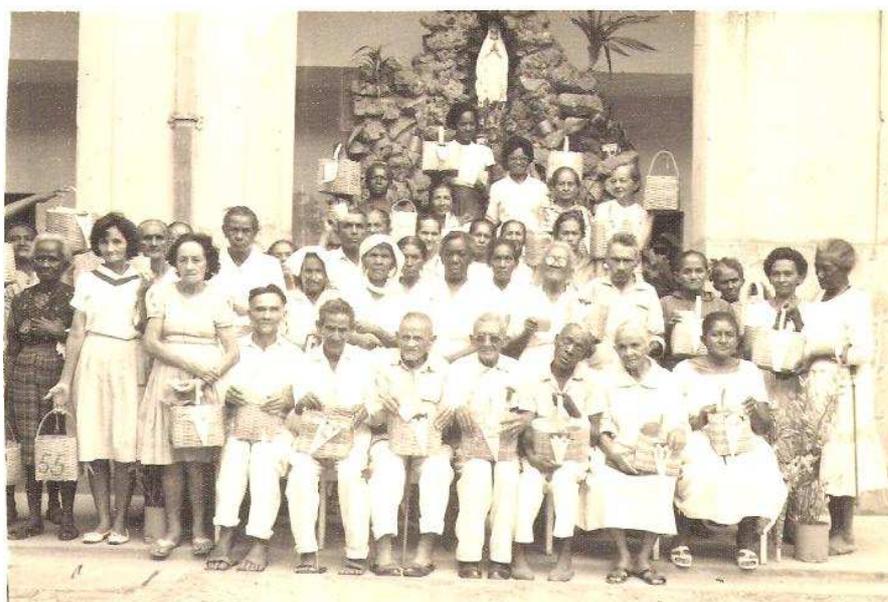
No dia 3 [de maio] foi celebrada a Santa Missa na Capelinha do Hospital, os que podiam andar foram até lá, os outros ficaram nos leitos e o Padre, seguido das Irmãs e das alunas do Colégio, levou a Santa Comunhão aos que estavam nos leitos.

Depois de tudo as Irmãs com as alunas foram em cada enfermaria e deram a cada doente uma pequena lembrancinha. Ficaram todos muito contentes e felizes. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 12)

Uma das poucas ações de caridade que as Irmãs não envolviam suas alunas era as visitas ao presídio com a finalidade de evangelizar os presos, esta atividade era realizada exclusivamente pelas Irmãs e pelos padres capelão dos Colégios.

Para organizar as atividades de caridade, foi criado nos Colégios Apostolado da Caridade (em Teresina foi instituído 11 de março de em 1923, e em Parnaíba em 11 de janeiro de 1928) sob a orientação do Bispo e dos padres capelão foi enfatizado que “os deveres, as vantagens que de tal Apostolado derivam às Associadas e aos pobres por elas protegidos” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 22)

FIG. 62- ATIVIDADE DO APOSTOLADO DA CARIDADE COMEMORAÇÃO DO DIA DO ANCIÃO



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

As Irmãs Catarinas comumente registram que “é comovente ver, no dia do ancião, os velhos contentes, com os olhos a brilhar de alegria pelos presentes recebidos e o bom almoço servidos pelas Irmãs que fazem parte da mesa” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 1977, p. 04).

Em Parnaíba, o Apostolado da Caridade fundou um Clube para atender idosos e jovens. No ano de 1977 a diretora do Colégio, Irmã Teresinha Porto, relatou que freqüentaram o Clube cerca de 35 jovens e foram atendidos 50 idosos rotineiramente. O Apostolado realiza, entre outras

atividades que constam de prendas domésticas, tais como:

a) aulas de bordados e flores

b) aulas de datilografia

são feitas palestras de formação, exposição de trabalhos, distribuição de roupas para crianças e velhos, de gêneros alimentícios. Comemora-se o dia das mães, dia do ancião, dia da criança e as festas do Natal e Páscoa. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 1977, p. 04)

**FIG. 63 - DISPENSÁRIO DA OBRA ASSISTENCIAL SÃO JOSÉ
NAS DEPENDÊNCIAS DO COLÉGIO DE TERESINA**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

No dispensário eram organizados e armazenados os alimentos e remédios que seriam doados pelas Irmãs Catarinas e suas alunas, bem como os utensílios (copos, canecas, pratos e colheres, garrafas, etc.) utilizados para servir lanches e refeições as pessoas pobres atendidas pelas obras assistenciais desenvolvidas pelos Colégios.

Ao lado do Apostolado da Caridade nos Colégios, existia ainda a Obra Assistencial São José que se dedicava, especialmente, a cuidar de doentes que podiam ser tratados fora dos hospitais. Conforme relatou a Irmã Maria do Socorro Franco Sá, em 1973, foram atendidas cerca de 300 famílias com a distribuição de medicamentos, alimentos e

roupas. Além de as alunas terem ministrado cursos de: bordado, flores, corte e costura, arte culinária e orientações para a preservação da saúde.

Em razão das experiências acumulada pelas Irmãs e alunas savinianas em prestar auxílios a pessoas carentes realizando a distribuição dos mais diferentes gêneros, por diversas vezes, os administradores municipais e estaduais solicitaram a ajuda das Catarina para coordenar a assistência as famílias atendidas por calamidades naturais (em geral enchentes ou secas).

FIG. 64 - DISTRIBUIÇÃO DE LANCHE E CESTAS BÁSICAS PELA OBRA ASSISTENCIAL SÃO JOSÉ



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Na imagem é possível observar a Irmã Carmela (sentada), madre Florina (em pé a esquerda) e Irmã Adelaide (em pé a direita) fazendo a distribuição de gêneros alimentícios (cestas individuais) para os anciãos atendidos, enquanto é servido o lanche que foi preparado com ajuda das alunas do Colégio.

Exemplifica esta situação, o registro feito, em 1924, por uma das Irmãs, que

12 de abril - Por causa das contínuas chuvas deste ano e a conseqüente cheia dos rios, muita gente pobre ficou sem casa e sem teto, tendo perdido até as poucas mobílias e as poucas coisinhas que possuíam.

Por isto, o Governo tomou a necessária providência, dando aos pobres farinha, arroz, feijão e carne.

Mons. Menezes veio hoje em nome do Governador Dr. Luiz Ferreira, para perguntar-nos se podíamos incumbir-nos da distribuição desses gêneros aos alagados da inundação. Respondemos de boa vontade faríamos isso, bem alegres de termos ocasião de fazer o bem aos nossos irmãos, os pobrezinhos de Jesus Cristo.

16 de abril – Hoje começou a tal distribuição que se realizará em todas as quartas feiras e em todos os sábados: apresentando a sua ficha cada um pode receber um litro de cada cereal. Agradecemos ao Senhor que com a sua providência socorre as misérias de tantos que sem este benefício morreriam de fome e miséria. (COLÉGIO SAGRADOCORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 26)

Ao lembrar-se das atividades de caridade das quais participava enquanto estava no Colégio das Irmãs, Lili Castro, afirmou que

a gente trabalha, a gente fazia as barracas, as barracas das vocações, das missões, eu adorava trabalhar em tudo porque eu aprendi foi fazer coisa de comida, as vezes, eu ia fazer..., porque a gente se comunicava com as pessoas de fora, num sabe. E as outras não podiam ficar assim, né, só quem tava participando. (CASTRO, 2010, p.26-27)

Vale enfatizar, ainda, que o convívio controlado com as alunas órfãs, também, era utilizado pelas Irmãs como estratégia para desenvolver os dons da caridade e respeito nas outras alunas, pois as alunas internas eram chamadas para auxiliar na confecção dos uniformes de uso diário das alunas das escolas gratuitas, utilizando as habilidades e conhecimentos aprendidos nas aulas de Artes Femininas e Trabalhos Manuais. Dona Lili Castro lembrou que várias vezes foi chamada pela “a Irmã Savina, se preocupava com as roupas delas, aí disse: minhas filhas vão ajudar a cortar, cortava saia de mesa, ajudava arrumar a roupinha delas” (CASTRO, 2010, p. 09), e, que se sentia extremamente satisfeita de poder ajudar as órfãs.

Tomar parte nas ações de caridade durante os anos escolares tiveram reverberações na vida adulta das ex-alunas, tanto que algumas se reuniram e na década de 1940 fundaram a Liga das Senhoras Católicas do Piauí com o objetivo de congregar esforços e recursos para realizar trabalhos filantrópicos. Lendo a matéria abaixo, publicada no Jornal Piauí em 1972, podemos ter noção das diferentes atividades desenvolvidas pela Liga, e do apoio recebido pela Liga do Colégio das Irmãs e da Arquidiocese com a cessão de espaços para realização das reuniões da entidade.

FIG. 65 - LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DO PIAUÍ

Conheci Belisa, hoje senhora Azavedo Baião, quando éramos meninas. Estudávamos no Colégio do Sagrado Coração de Jesus. Desde então, tornamo-nos amigas. Depois mudei-me para o Rio de Janeiro, mas, nem por isso, deixei morrer aquela amizade tão bem enraizada. Ao voltar para Teresina, logo a procurei. Encontrei minha estimada amiga casada, com filhos crescidos, mas conservando a mesma fisionomia bonita e bondosa. Relembramos a nossa época de colégio, nossas brincadeiras traquinas e inocentes.

Passamos, assim, um tarde encantadora. Belisa falou-me, nessa ocasião, de ser presidente de uma Instituição, cujos moldes muito me sensibilizaram: um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade a realizar trabalhos filantrópicos.

Infelizmente, não me foi possível fazer parte imediata, como desejei, de tal entidade. Hoje, no entanto, com muito orgulho e carinho, o faço.

A Liga das Senhoras Católicas foi criada em 1945. Possui umas sessenta associadas. A atual Presidente muito tem contribuído para dinamizá-la. Quando Belisa assumiu a presidência, a Liga não mantinha assistência social nos bairros, o Clube de Mães não existia, não faziam distribuições de leite etc. Todos esses serviços foram criados pela nova diretoria. Também não possuíam sede própria. Visitam as associadas, como as andorinhas, sem pouso certo.

Primeiramente, a Liga funcionou no Centro Cultural Católico — hoje Pioneiro —; depois, passou a reunir-se no Colégio do Sagrado Coração de Jesus, no Centro Sto. Antônio, etc.

Belisa, então, sugeriu à diretoria que pedisse a D. Avelar, homem compreensivo e de ações decididas, uma ajuda para a Liga, a fim de que fosse adquirida uma sede própria. E assim foi feito. D. Avelar, notando a eficiência daquelas senhoras, o grande impulso que a Instituição estava tomando com a excelente administração e, acima de tudo, o prazer que sentiam em ajudar aos necessitados, resolveu coroar-lhes os esforços presenteando à Liga com duas salas no Edifício da Arquidiocese, à rua Desembarcador Freitas, 1599. E não ficou só nisso. D. Avelar, antes de partir para a Bahia, deu à Liga um terreno na Vila D. Avelar. Ali, está sendo construída a nova sede, sob a responsabilidade do engenheiro Francisco Barbosa de Deus, que acompanha a obra desde o início. Esse moço muito tem cooperado conosco, não só administrando o prédio gratuitamente como, também, nos fazendo presentes de materiais. A ele a gratidão de todas as Ligistas.

A única dificuldade que ainda existe é encontrar abrigo para os inúmeros moradores do local. Isto porque é pretensão da entidade fazer, na área de terreno ocupado pelos casebres, quadras de esportes, recreio para a petizada etc. Se o senhor prefeito nos quiser ajudar nesse sentido, arranjando um abrigo para essas famílias, muito lhe agradeceríamos a colaboração.

As reuniões da Liga são semanais, às quartas-feiras, e ali recebemos um representante eclesástico, Padre Luís Soares, que, após fazer leitura do Evangelho, troca idéias conosco e termina por esclarecer-nos algumas dúvidas. Logo após retira-se e nossa presidente passa a combinar conosco o programa das atividades a serem executadas.

Outros Clubes de Mães são mantidos pela Liga, nos bairros Secopo, Poti Velho e São Pedro.

Com a ajuda do Estado, a Liga mantém uma Escola com três professores. Cento e oitenta crianças recebem ali instruções e ainda se beneficiam de uma merenda escolar. Infelizmente, não temos condições de dar a essas crianças maior conforto, porquanto tutamos com grandes dificuldades financeiras. A sala é pequena para acolher o grande número de candidatos, que ficam mal acomodados.

Agora os alunos, também se beneficiam da merenda escolar, que consta de uma sopa muito nutritiva, as crianças moradoras dos barracos da Vila D. Avelar. Seria uma falta imperdoável de minha parte não realçar aqui a figura boníssima de Maria José Batista, ilustre esposa do sr. Stanley Fortes Batista, muito digno comandante do 2.º B.E.C. É ele que, duas vezes por semana, nos fornece a carne para o preparo da sopa da merenda escolar das crianças.

Na Vila D. Avelar, também funciona o Clube de Mães, com aproximadamente trinta associados recebendo ensinamentos religiosos e de atividades no lar.

Pelo Natal, Dia das Mães e Natividade de Nossa Senhora — 8 de dezembro — a Liga distribui enxovais, em número elevado, para recém-nascidos e, de acordo com os recursos materiais, são distribuídos presentes, leite em pó, colchas, etc.

Merece os meus cumprimentos a nossa Vice-Presidente Maria Alice Galoso e Almendra Freitas. Inteligente, bonita e principalmente caridosa, dedica grande parte do tempo à Instituição. Disse-me, certa vez, haver encontrado nesse seu trabalho seus verdadeiros ideais beneficentes. De fato, Maria Alice é incansável na luta pelo bem-estar dos necessitados.

Lilizinha Carvalho
 Não poderia outrossim esquecer nesta reportagem a benemerita colaboração de Maria José Lustosa (Zezé), secretária da Liga. Eficiente e culta, é admirável no seu desempenho de praticar a caridade.

Glorinha Araújo e Maria Luísa F. Portes respondem pela tesouraria. Maneirosas, bonitas e educadas, certamente conseguem, para a entidade, benquerenças e lucros.

Minhas felicitações a Olinda Couto Costa, chamada por nós de A mãe da Liga — por ser querida, muito abnegada e das mais antigas batalhadoras da Instituição.

Finalizando, a todas as componentes da Liga, o meu abraço de congratulações, por trabalharem para essa maravilhosa Sociedade, esperando que continuem cada vez mais, a levar ajuda aos infelizes que, pelos caprichos da sorte, foram menos aquinhoados.

Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: Liga das senhoras católicas do Piauí. IN: **JORNAL “DO PIAUÍ”** 27 e 28 de agosto de 1972, Teresina. p. 10

Observando como se dava a participação nas atividades filantrópicas, podemos afirmar que, além de edificar-lhes a alma, e desenvolver o espírito cristão, e incentivar-lhe a doação ao próximo, também, está inclusas em tais atividades representava para as alunas — principalmente as internas, cuja vigilância e controle das Irmãs eram diuturnos — acesso ao mundo fora dos muros dos Colégios e, também, de se “comunicar com as pessoas de fora”.

Constatarmos que no Piauí a prática da caridade, além de atuar como elemento singular de internalização dos preceitos morais e religiosos do catolicismo, similar ao que se processava em outros lugares do mundo ocidental, conforme nos informa Perrot (2005, p. 280), “conduzira, desde há muito tempo, as mulheres para fora de suas casas: visitar os pobres, os prisioneiros, os doentes, traçava, na cidade, itinerários permitidos e abençoados”.

Acrescente-se, ainda, a esta possibilidade “autorizada” de circular nos espaços públicos, foi nas atividades de filantropia que as mulheres piauienses experienciaram o exercício de administrar instituições as quais possuíam bens móveis e imóveis, funcionários, recursos financeiros, etc., portanto, foram nas Ligas, Obras Assistenciais e Associações de caridade, entre tantas outras entidades de filantropia com as quais as mulheres se envolveram — sob a justificativa de pôr em prática os ensinamentos cristãos — que passaram a lidar com recursos financeiros, cuja finalidade não se restringia exclusivamente ao bom funcionamento da rotina doméstica de suas próprias “casas”, e a exercer postos de comando.

Então, “fazer caridade” contribuiu, também, para que as mulheres vislumbrassem e experimentassem atuar, enquanto profissionais (honestas), em atividades que extrapolavam o magistério primário. Estas experiências incentivaram as mulheres piauienses a buscar a ampliação de seu grau de instrução e àquelas detentoras de mais anos de formação escolar e de experiência adquirida na administração das obras de caridade passaram a requerer e a galgar, paulatinamente, espaços e postos na iniciativa privada e na administração pública.

Assim, ao observarmos – apesar de que, didaticamente, recortados por conta da seleção e exposição empreendida neste trabalho – podemos afirmar que os diversos elementos que integram o cotidiano dos Colégios católicos (tomando como objeto de análise as escolas savianianas no Piauí) e, a partir dos quais se constituiu a cultura escolar inerente a estes espaços, são responsáveis diretos pela manutenção e/ou reprodução de práticas seculares. Mas, concomitantemente, fomentaram, possibilitaram o descortinar (e porque não dizer, o imaginar, o especular) e, conseqüentemente, com o correr dos anos, resultaram no surgimento (e na testagem) de práticas outras, que se configuraram como alternativas – principalmente para as mulheres – que, nestes espaços, se reconstruíram enquanto sujeitos sociais. Reafirmamos, então, que os espaços escolares confessionais durante o século XX, ao mesmo tempo, que foram produzidos e produziram figurações sociais, onde as sociabilidades e as relações entre sujeitos foram resignificadas e papéis sociais foram, paulatinamente, alterados e deram origem a formatações e novas possibilidades de posicionamento dos diferentes sujeitos no contexto da sociedade contemporânea.

*As dificuldades para uns são punição, para outros,
oportunidades e estímulo para sua melhoria.*

Vera Lúcia Marinzeck, 2008

4 “TRADIÇÃO E QUALIDADE DESDE OS PRIMEIROS CURSOS”⁷⁵: inserção social dos Colégios das Irmãs na sociedade piauiense

A manutenção de tradições e práticas sócio-culturais forjados no (não tão) distante período colonial piauiense por muito tempo foi justificada – tanto pelos próprios piauienses quanto por pessoas estranhas a esta terra – pelo fato de que “ilhado culturalmente durante séculos, o Piauí tem demorado a assimilar as idéias de transformação social e política que dominam os grandes centros, acompanhando, timidamente, as iniciativas progressistas que estão mudando o perfil nacional” (CASTELO BRANCO; MORAES, 1995, p. 393).

Aceitar e assumir tal justificativa sobre as razões de “nosso provincianismo” desconsidera as teias de relações sócio-culturais, econômicas e políticas estabelecidas entre os grupos locais com sujeitos e lugares externos ao Piauí, as quais se tornam visíveis no cotidiano local por meio da continuidade da exportação de produtos locais diretamente para os grandes centros comerciais europeus e norte-americanos⁷⁶; da presença de filiais de lojas estrangeiras (a Casa Inglesa em Parnaíba é o principal exemplo deste tipo de loja) que traziam para o mercado piauiense os mais diversos produtos importados; da presença dos vice-consulados de Portugal, EUA, França e Inglaterra na cidade de Parnaíba desde o século XIX sendo extintos apenas depois da década de 1950; da adoção de novas formas de lazer e sociabilidades durante entre fins do século XIX e por todo o século XX; da saída de jovens para outros centros urbanos em busca da ampliação dos anos de estudos e depois o retorno destes para a terra natal; dos diferentes destinos de viagens dos piauienses; da adoção de figurinos e acessórios da “moda”, etc.

Contudo, concomitante as estas alterações e adoção das “novidades” modernas e indicativas do progresso contemporâneo, tem-se que mencionar o fato de que – mesmo cientes das mudanças e transformações que se sucediam de forma acelerada em diferentes

⁷⁵ Este é um fragmento da frase “Tradição e qualidade desde os primeiros cursos: ginásial, pedagógico e contabilidade” escrita, em 2006, pelas Irmãs Catarina de Parnaíba e utilizada em faixas que foram expostas durante o desfile de 7 de setembro daquele ano realizado na cidade de Parnaíba e do qual os alunos do Colégio das Irmãs participaram. A frase sintetiza o reconhecimento obtido pelos Colégios savinianos no território piauiense, além, de informar os cursos ofertados pelo Colégio em Parnaíba.

⁷⁶ Analisando o conteúdo dos jornais que circulavam no Piauí durante o século XX, encontramos informações que dão conta de eram exportados diferentes produtos diretamente para Europa e EUA com navios aportando e partindo de Parnaíba (em média cinco navios por semana) originários dos portos de Copenhague, Nova York, Amsterdam, Marselha, Londres, Lisboa, Nápoles, Liverpool, etc.

setores da vida humana em outros espaços do Brasil e do mundo – os piauienses selecionaram cuidadosamente e “sob atenta vigilância” aquelas alterações sociais e culturais que eram “permitidas” e deveriam ser adotadas pela sociedade piauiense.

No contexto sócio-cultural resultante de um processo histórico que se desenvolveu, em grande parte, nos espaços rurais e, que o Piauí chegou à virada do século XIX para o século XX, (e, manteve por todo este último século) – seja por manutenção, seja reprodução ou ainda pela reconstrução e ressignificação - arraigados em suas práticas culturais e sociais cotidianas dos traços e valores comportamentais, culturais, políticos e econômicos da sociedade dos currais, a sociedade rural, e da cultura vaqueira, as quais ainda norteiam a condução dos destinos do Estado do Piauí.

Em outras palavras, as práticas culturais e comportamentos sociais piauienses, ainda, são pautados nos valores e características emanadas e formatadas num passado rural recente que é (re)valorizado e ressignificado constantemente, seja porque o Piauí permanece tendo a sua economia baseada fortemente em atividades primárias e de subsistência ligadas à agro-pecuária, seja porque os comportamentos públicos e privados valorizados e difundidos em e por nossas famílias sejam pautados nos preceitos de valorização da linhagem sanguínea, heranças e (super) proteção familiar. Ou, ainda, reside nas práticas políticas e administrativas em que se regem e se repetem o absenteísmo dos chefes políticos, a manutenção dos currais eleitorais, o patrimonialismo e o descaso e (in)gerência da “coisa pública”.

A sociedade piauiense que ingressou no século XX, e, que começou a valorizar e a reivindicou a oferta de instrução escolar e a educação formal, regular, contínua e progressiva para seus filhos e suas filhas, é a mesma onde se se mantém numa mescla confusa práticas cotidianas, culturas e mentalidades rurais e urbanas num mesmo espaço sócio-geográfico, cujas contradições inerentes às configurações sociais em processo de acomodações e transformações, por vezes, impedem o sujeito alheio à realidade histórica piauiense de diferenciar se está no “terreiro de uma fazenda” ou se está nas ruas de uma cidade em franca expansão urbana.

É neste cenário sócio-cultural que ainda em processo de transformações e de acomodações – nem sempre tranqüilas – que as Irmãs Catarinas empreenderam suas ações educacionais, evangelizadoras e filantrópicas obtendo da sociedade piauiense, e nordestina como um todo, (pois os Colégios receberam alunas oriundas de vários Estados brasileiros), o reconhecimento de que eram instituições de “tradição e qualidade” e, portanto, os Colégios

tornaram-se detentores de respaldo social enquanto instituições educativas, e suas alunas carregavam consigo a insígnia de que freqüentaram (ou freqüentavam) as melhores escolas do Piauí e, conseqüentemente, tinham acesso à melhor educação.

Ao conversarmos sobre os Colégios das Irmãs Catarinas, quer seja com ex-alunas, ex-professores e mesmo com pessoas que nem freqüentaram aqueles espaços rotineiramente, ouvimos sempre (formuladas com diferentes palavras): o Colégio é uma escola muito boa!

Como estas escolas obtiveram tamanha importância e reconhecimento social? Para responder a tal pergunta nos foi preciso buscar perceber a interligação da escola com as demais instituições sociais com as quais travava relações, e, também, como as suas alunas se percebiam enquanto sujeitos portadores da cultura escolar saviniana, assim, lembrando a afirmação de Faria Filho (2003, p. 94), nos foi imprescindível

entender a história da família, da igreja, do trabalho e da cidade/rua/vizinhança enquanto agências socializadoras impõe-se ao pesquisador da história cultural da escolarização como uma exigência de primeira ordem, pois a escola faz-se instituição no confronto e alianças, nas rupturas e continuidades que estabelece com as mesmas. Por isso, uma vez mais, é preciso dizê-lo: a história da escola e da escolarização, da forma e cultura escolares não poderá jamais significar apenas a história da instituição escolar.

Precisamos, então, compreender os Colégios em suas relações com a sociedade e com os sujeitos que vivenciaram o seu cotidiano escolar. Uma vez que estas escolas participaram do cotidiano de suas alunas e da sociedade piauiense, imprimindo nestas marcas profundas a ponto de os contemporâneos não conseguirem perceber que os Colégios têm apenas pouco mais de um século, pois já quase se naturalizou a presença dos Colégios das Irmãs em nossa sociedade, parece que os Colégios desde sempre estiveram no Piauí, ou que surgiram com o próprio lugar.

Ante tais afirmações de que os Colégios das Irmãs desfrutaram de respaldo social, o que lhes assegurou lugar privilegiado e respeitado na sociedade piauiense, “é importante refletir sobre o que mantém unidas, preservam ou desgastam as diferentes instituições sociais, inclusive as religiosas educacionais.” (RIBEIRO, 2009, p. 04). E, também, em que medida há a inserção social dos Colégios das Irmãs na sociedade piauiense?

Neste capítulo nos propomos a dar vazão a estas reflexões, apresentando (ainda que de forma parcial) como se processou a inserção social dos Colégios das Irmãs e de suas alunas na sociedade piauiense – seja por meio das ações de suas alunas, seja por conta das

religiosas. Apontamos, a presença dos Colégios católicos na sociedade piauiense através: da explicitação da relação que as ex-alunas mantêm com aquelas instituições, o que as faz afirmarem ininterrupta e enfaticamente que receberam uma educação de qualidade, pois, tiveram acesso e desfrutaram da melhor formação possível tanto intelectual quanto humana, devido à valorização dos princípios religiosos e morais e, que, foi devido ao que aprenderam nos tempos do Colégio que conquistaram as posições sociais (incluindo o mercado de trabalho) que desfrutam atualmente; do reconhecimento obtido do poder instituído e da sociedade civil que os leva a receber doações (financeiras e materiais), concessões e deferências oriundas dos governos e de particulares, e, também, ser vistos e respeitados como integrantes do patrimônio histórico-cultural e arquitetônico piauiense.

4.1“Pode ter colégio igual, mas melhor não tem!”⁷⁷: o Colégio visto pelas ex-alunas

As Irmãs Catarinas foram convidadas a se inserir no cenário social e cultural do início do século XX, que pode ser caracterizado sinteticamente pela “intensificação da urbanização, as inovações tecnológicas, a maior complexidade da rede social e a grande ênfase conferida à escolarização, no universo de uma República que se pretendia das “letras”.” (QUEIROZ, 2003, p. 333), com o objetivo de educar as mulheres piauienses de modo a resguardá-las dos “perigos” da modernidade e, ao mesmo tempo, oferecer-lhes a instrução formal adequada.

Mas, o ensino confessional ofertou as alunas, ainda, oportunidades de novas vivências e sociabilidades consideradas, pelas próprias alunas, importantes para a formação enquanto sujeitos, pois

agregam [...] uma variedade de novas diversões ligadas à vida escolar e a esse novo universo intelectual. Desfiles cívicos conferências, palestras, lançamentos de jornais estudantis e de livros diversos, saraus musicais, representações teatrais, o cinema mudo e, posteriormente, o falado, a intensificação dos carnavais de ruas e de clubes, corridas de bicicletas, o futebol de rua e de agremiações que começam a se formar, [...] (QUEIROZ, 2003, p. 333)

⁷⁷ A frase é um trecho da resposta dada por Lili Castro (ex-aluna interna do Colégio Sagrado Coração de Jesus) quando lhe foi perguntado qual a importância do Colégio das Irmãs para a sua vida.

Percebemos, ao conversar com as ex-alunas, que os Colégios eram muito mais que espaços de estudo eram sobretudo o lugar onde as mulheres podiam – apesar de parecer contraditório – se sentir mais livres e decidir sobre o que queriam, pois mesmo possuindo um conjunto de regras e normas rígidas a serem seguidas e estarem sobre constante vigilância das religiosas e de seus funcionários; foi na escola que as mulheres piauienses puderam conhecer outras pessoas que não faziam parte de seu círculo familiar, testaram os limites da autoridade dos pais, experimentaram transgredir as regras, formaram hábitos novos (comer verduras, rezar o terço diariamente, etc.).

Por isso, ao narrar fragmentos de suas histórias de vida, as ex-alunas constroem e verbalizam leituras e discursos sobre si e sobre as instituições sociais nas quais se inserem e/ou se inseriram (estando aí incluso os Colégios) constituídos a partir das posições sociais que ocuparam, enquanto atores sociais, que possuem interesses a ser defendidos, suas falas são permeadas por suas percepções sociais e convicções particulares (construídas ao longo de sua existência sócio-histórica). Assim, nos foi possível perceber em suas falas a importância que os tempos de Colégio significaram em seu processo de formação enquanto indivíduos, e, as demonstrações de apego com o espaço escolar dos Colégios.

A presença contundente dos Colégios na memória e no cotidiano das ex-alunas é tão marcante que muitas outras ex-alunas que mantêm um laço vívido com aquelas instituições de ensino, tanto é, que Lili Castro nos afirmou

é assim uma recordação grande, às vezes, eu passo ali até um dia falando com a Irmã Lúcia, [...] todas as vezes que eu passo, em frente eu gosto de ir sempre. [...], subir, olhar tudo, as salas onde eu estudava, o refeitório, o dormitório, de andar por todo lugar, eu ando naquele Colégio, na Capela, aí é, eu recordo tudo, morro de saudade. E, as vezes, eu digo, [...], num passo uma vez ali que eu não me sinto assim, olho pro Colégio me sinto criança. Ave Maria, eu amo aquele Colégio! Pode ter Colégio igual mas melhor num tem não! (CASTRO, 2010, p. 04)

Buscando identificar como os Colégios são vistos pelas suas ex-alunas, percebemos que estes são mais que umas lembranças marcantes e valorizadas chegando, por vezes, a ser uma presença cotidiana, pois, há, em geral, uma continuidade da presença destas mulheres nos espaços dos Colégios. As ex-alunas se fazem presente na rotina destas instituições seja porque se tornaram professoras e funcionárias das mesmas como, por exemplo, Maria do Amparo Moura e Raimunda Sampaio (secretárias do Colégio de Teresina), Cristina Moraes Sousa (professora do Colégio de Parnaíba), Maria Luiza Telles, Maria do

Carmo Bonfim e Maria do Carmo Reverdosa, (professoras do Colégio de Teresina), seja porque continuam fazendo doações para as obras assistenciais desenvolvidas pelos Colégios, seja porque seus filhos, sobrinhos e netos estudam no Colégio, ou, ainda, porque fazem visitas periódicas as escolas e como mencionou Lili Castro vão “olhar tudo”, pois, como afirmou Miriam Jales “passados tantos anos [...] não esqueço dos anos que passei no Colégio S. C. de Jesus.”, (CARVALHO, 2002, p. 12). Quando perguntamos o porquê de manterem esta ligação tão forte e presente com a escola a resposta é “porque amo aquele colégio! Precisa de explicação melhor?” (SOUSA, 2008, p. 05)

As ex-alunas reconhecem e enaltecem a importância da escola das freiras em sua formação, tanto que ao ser informada que um dos objetivos desta pesquisa era “provar que o Colégio das Irmãs contribui para o ingresso das mulheres piauienses no mercado de trabalho em outras atividades além do magistério”, Amariles Santana (2010, p. 19) nos respondeu prontamente:

É certo que sim, porque justamente a responsabilidade, a pontualidade, o ensinamento, né. Quer dizer, tanto dos professores que tinha aquela obrigação de dar tantas horas aula, das alunas de assistir, de não faltar aula, isso aí tudo realmente contribuiu pra, pra formação de qualquer ser humano, né! A rigidez do Colégio contribuiu demais. Eu acho, eu acho. [...] Se não eu tivesse estudado lá, talvez num tivesse passado [no vestibular]. Que é justamente isso que eu digo até quando eu vou pegar meus netos, hoje alunos do Colégio, eu procuro sempre vê assim as pontualidades, a hora que sai, como sai porque sai, eu num gosto de botar filho em um Colégio [...] que você chega e os alunos estão na porta da rua. [...] A pontualidade do Colégio era demais. Ninguém ficava passeando, tinha prova, tinha as coisas tudo, você tirava o que tinha de tirar, eu acho que tudo contribuiu...

As ex-alunas, independente da época que estudaram, preservam muitos objetos (livros didáticos, cadernos, livros de orações, lembranças de festas religiosas, etc.), uniforme escolar, e, em maior quantidade “as fotografias dos tempos do Colégio” que são guardados “como relíquias preciosas da [...] juventude” (CASTRO, 2010, p. 04). Há as que por algum motivo alheio a sua vontade perderam tais relíquias, e demonstram claramente sua tristeza por não possuir recordações do Colégio. Encontramos situações de ex-alunas que, mesmo possuindo, algumas lembranças tentam obter junto a outras colegas esta ou aquela fotografia, como nos disse Lili Castro, que sua amiga de escola, “Socorro me garantiu: Lili eu vou lhe dá pra você tirar cópia [...] das 160 alunas, eu tava no meio, sabe.” (CASTRO, 2010, p.26)

Os espaços escolares católicos significaram lugar de aprendizado das “matérias” e, também, para a vida, segundo as ex-alunas eram e são, sem dúvida, as escolas que ofereciam e oferecem a melhor educação no Estado e fornece formação religiosa, por isto

mesmo, em geral escolheram matricular seus filhos nos Colégios das Irmãs, pois tinham a certeza de que estas instituições “proporcionariam uma educação global e prepara o aluno para a vida desencadeando atitudes de responsabilidade, de ética, de solidariedade.” (BRITO, 2008, p. 05) o que contribuiria para a “formação de suas personalidades e para que pudessem crescer dentro dos princípios cristãos, valorizando a entidade que se chama família.”

Observando a manutenção do respeito e da valorização de seus antigos locais de estudo, além, da guarda de objetos de recordação, ou mesmo o sentimento de tristeza que demonstram pela perda de suas recordações escolares, bem como o apego ao Colégio das Irmãs demonstrado por suas ex-alunas, interpretamos, então, que o aprendizado escolar nestas instituições foi muito além dos conteúdos programáticos, que a cultura escolar saviniana foi introjetada e é valorizada pelas ex-alunas, e, ainda, está presente e sendo revivificada continuamente por estas em seus descendentes, em quem é instigado o desejo de fazer parte da “família saviniana” estudando nos Colégios. Prova disto é a fala de Lili Castro que afirmou-nos que para testar o “amor” do sobrinho-neto pelo Colégio das Irmãs, costuma dizer:

João Marcelo, o Marcelo tem que te tirar do Colégio. Deus me livre, ele num me tira nunca daquele Colégio. Titia o nosso Colégio é uma maravilha. É uma criança, a gente fica é besta, aí, ele diz assim... [...] Oh! Tia Lili nosso Colégio é maravilhoso. É o Colégio santo. Meu filho não existe uma casa mais santa do que aquela (risos...) Ah! Eu sou apaixonadinha! (CASTRO, 2010, p.11)

Assim podemos dizer que os Colégios das Irmãs são, tomando como suporte as falas e a avaliação de suas ex-alunas, reconhecidamente instituições de “tradição e qualidade” educacional e que é exemplo e modelo de espaço escolar para formação da juventude local.

4.2 “Quem estuda no colégio das irmãs tem algo de diferente...”⁷⁸: respaldo social dos Colégios das Irmãs e de suas alunas

Ao mencionarmos a posição ocupada pelas mulheres na configuração social tecida no transcurso do século XX, é quase “regra” enfatizar que a estes sujeitos históricos eram reservados e destinados exclusivamente dois papéis sociais: esposa e mãe, onde o desempenho do segundo era subsequente ao primeiro conforme o ordenamento social e moral

⁷⁸ A frase é um trecho da resposta dada por Eva Maria Evangelista Leal (ex-aluna externa do Colégio Sagrado Coração de Jesus) quando lhe foi perguntado qual a importância do Colégio das Irmãs para a sua vida.

vigente e que as demais atribuições sociais femininas decorriam do desdobramento daquelas funções precípuas e tidas como naturais do sexo feminino, o qual tinha como espaço de atuação (autorizado e consentido) o ambiente doméstico sendo-lhe vetada a participação e permanência nos espaços públicos, salvo quando acompanhada por um indivíduo do sexo masculino e pertencente a família – cuja presença assegurava o respeito e a manutenção e a inviolabilidade da moral e da honra femininas.

Ainda, sobre este contexto social, comumente, se afirma que a partir dos anos de 1950 desenrola-se de forma mais acelerada mudanças sociais e culturais que oportunizam, gradativamente, às mulheres a extrapolar os limites dos ambientes privados e a buscar inserir-se em posições e desempenhar papéis nos espaços públicos de forma a superar o binômio esposa-mãe.

Ante tais afirmações que delineam o contexto histórico-social no qual as mulheres contemporâneas estão imersas/imiscuídas, cabe-nos perguntar: como se constituiu a configuração social e as teias de relações e interdependências que confinou as mulheres ao espaço privado e restringiu-lhe a atuação social às atividades conjugais e de maternagem até fins do século XIX? Que conjunto de situações e condições surgiram a partir de fins do século XIX e se estenderam até o século XX e que possibilitaram acontecer a reconfiguração dos papéis sociais femininos?

Ao primeiro questionamento, podemos responder, brevemente e de forma geral, afirmando que tal configuração se engendrou, no Brasil (como um todo) a partir do século XIX quando o “estilo de vida burguês” passou a ser difundido socialmente e almejada a sua adoção pelos integrantes dos demais setores sociais nacionais, posto que seja

durante o século XIX, (que) a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo; o incremento de um vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade burguesa – reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas; e, por que não, a sensibilidade e a forma de pensar o amor.

Presenciamos ainda nesse período o nascimento da nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças é desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo também marcaram o processo de urbanização do país. (D’INCAO, 2007, p. 223)

No Piauí o processo de urbanização começou a deslançar de fato a partir da década de 1910, mesmo assim, a sociedade piauiense se reconfigurou rapidamente e passou a adotar e defender alguns elementos que integravam o estilo de vida burguês os quais passaram a ser combinados e/ou articulados – perfeitamente, na percepção dos contemporâneos às mudanças, debilmente se analisado na atualidade – às práticas sócio-culturais oriundas do estilo de vida rural, então, vigentes no território piauiense o que resultou na adoção de práticas sócio-culturais que mesclam os padrões rurais e os burgueses engendrando assim um espaço sócio-geográfico com “idéias fora de lugar”, para usar a expressão cunhada por Schwarz (2000), uma vez que produziu historicamente e tornou presente no cotidiano social e cultural o pensamento burguês – transplantando, por vezes, impropriamente as idéias européias, especialmente, as importadas da França e Inglaterra – enquanto política e economicamente permaneceu atrelado às práticas do patrimonialismo herdadas da colonização ibérica (Portugal e Espanha) e “cuja legitimidade assenta no tradicionalismo” (FAORO, 2001, p. 819).

Em outras palavras, no Piauí a transformação dos costumes sociais precedeu as mudanças na base produtiva e econômica da sociedade nacional, situação que permanece até fins do século XX.

Quanto a saber definir o conjunto de situações e condições que levaram às mulheres a alterar o exercício dos tradicionais papéis sociais femininos, carece de uma análise mais demorada, apesar, de que possamos afirmar que foi enquanto justamente tentava preservar e reproduzir estes papéis que a educação formal ofertada para as mulheres – principalmente nas escolas confessionais – forneceram o arcabouço de conhecimentos e práticas cotidianas que propiciaram às mulheres a (trans)formar suas mentalidades e ações levando-as a buscar exercer atividades economicamente produtivas fora do espaço doméstico.

Então, inserindo-se neste cenário sócio-cultural contraditório e com o objetivo de preparar adequadamente a juventude feminina para exercer cristãmente as atividades de esposa e mãe, que, em fins da primeira década do século XX, os Colégios das Irmãs Catarinas foram instalados no Piauí e mantêm-se como Colégios Católicos por mais de um século, e, ainda, assegurando distinção social àqueles alunos egressos de suas salas de aula, especialmente as mulheres.

Mas, se o objetivo dos Colégios das Irmãs era preservar a prevalência do binômio esposa-mãe como ideal de vida feminino, como conseguiu contribuir para acontecer no Piauí,

efetivamente o contrário do que pretendia proporcionar? E, ainda, atribuir respaldo social às suas alunas?

Mais uma vez a resposta não é tão simples e nem pode ser ofertada de forma lacônica. Posto que, conforme explicitaram as ex-alunas, os “pais deram preferência a essa escola privada” (JACOBINO, 2006, p. 01) justamente por ofertar uma educação pautada na “religiosidade e por só estudar meninas” (SOUSA, 2008, p. 02), por ter “um acompanhamento completo na formação das jovens estudantes” (SOUSA, 2010, p.02) e “que nessa parte de educação era o melhor porque educava muito bem e tal.” (RODRIGUES, 2008, p. 02). Tentemos, então, observar como a sociedade piauiense percebia os Colégios das Irmãs e suas alunas para buscar compreender a razão de tais instituições terem adquirido este respaldo social.

Os Colégios Confessionais Católicos assumiram tamanha notoriedade no seio da sociedade piauiense, tanto que a presença de suas alunas era fato garantido em todas as festividades religiosas, solenidade de recepção de autoridades em visita a cidade, manifestações culturais, comemorações cívicas, etc. que aconteciam nas cidades em que os Colégios funcionavam. Enquanto a presença – por meio de visitas – de pessoas da sociedade, autoridades civis e eclesiásticas era algo corriqueiro no cotidiano destas instituições de ensino, e, nestas ocasiões sempre era feita a recepção do visitante demonstrando o refinamento e a boa educação das alunas savinianas com apresentações artísticas teatro, música, dança, recital de poesia em línguas estrangeiras (francês, italiano e inglês) hinos e, algumas vezes, celebrações religiosas, além de ser entregues lembranças feitas pelas próprias alunas.

O Colégio de Teresina, em julho de 1943, recebeu a visita do bispo do Pará, como relatou uma das Irmãs

S. Excia. Revma. Dom Jayme de Barros Câmara, Arcebispo do Pará, que viajando de avião fez uma parada em Teresina, [...] na manhã de 28 de julho, às 6:30h S. Excia. Revma. Dom Jayme de Barros Câmara, entrava na Capela ao canto do “Ecce Sacerdos Magnum” acompanhado pelo Capelão do Colégio e de diversos clérigos.

Participaram da Missa, além da comunidade e das alunas internas e externas, vários professores e muitas pessoas piedosas. A majestosa e piedosa devoção do Exmo. Celebrante, unidos às sagradas harmonias mais devotas que de costume, inspiraram maior devoção em todos os assistentes.

Terminado o Divino Sacrifício, a Superiora convidou S. Excia. E o corpo docente para o Café, depois do qual todos foram para a sala do Jardim de Infância para uma breve manifestação.

Uma bela partitura de piano deu início à festa. Depois uma aluna interna pronunciou com muita expressão, um discurso de agradecimento e de alegria por ver em meio a nós, a dignitosa e doce figura do augusto Antistide que por onde passa vai espargindo sementes da divina palavra. Mais um toque clássico e ainda uma outra

saudação do professor Valdir em nome de todos os professores do Colégio, discurso improvisado.

Finalmente S. Excia Revma. levantando-se, dirigiu aos presentes sua palavra fascinante, plena de experiência e de celeste unção. Dirigiu-se especialmente aos professores e conclui dizendo que para educar a juventude a inteligência não bastam sozinhos, convém formar o caráter e o coração os quais tornam o indivíduo franco e sincero em todas as circunstancias e para com todos. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p. 05)

FIG. 66 - VISITA DO BISPO DOM SEVERINO AO COLÉGIO DE TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

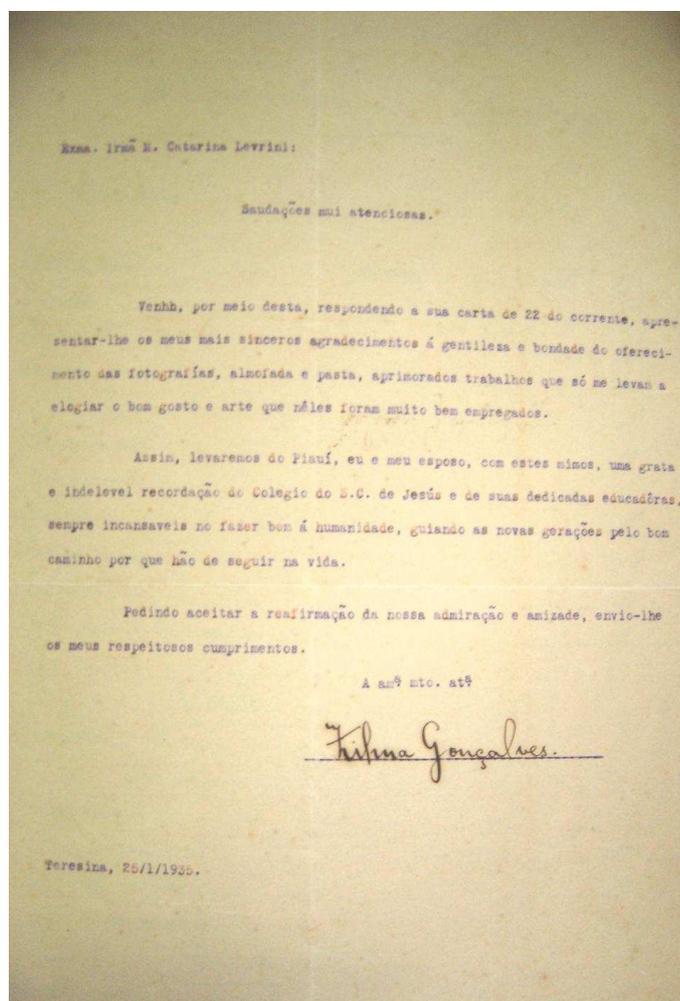
As visitas de pessoas que não faziam parte do cotidiano escolar sempre eram registradas. Tais registros, de certo modo, constituem em “provas” do reconhecimento obtido pelos Colégios junto a sociedade piauiense, pois informam a deferência que as pessoas tiveram em ir até aqueles estabelecimentos educacionais para conhecer os resultados do ensino ali ofertado. Na imagem acima, temos ao centro Dom Avelar, bispo do Piauí, o ajudante de ordem do governador do Piauí Coronel Torquato Pereira de Araújo (segundo homem sentado da esquerda para a direita), as professoras do Colégio Maria Antonieta Burlamaqui (primeira mulher em pé da esquerda para a direita) e Ester Couto (primeira mulher em pé da direita para a esquerda).

Nas anotações realizadas pelo Inspetor Federal Bernardo Monteiro da Luz sobre as visitas feitas ao Colégio de Parnaíba, além de informações sobre a rotina escolar (provas, composição de bancas examinadoras, documentos, exames de admissão, etc.), encontra-se registros de visitas de autoridades religiosas de fora do Piauí, como a do Bispo de Sobral (CE), Dom José Tupinambá de Frota, no dia 25 de outubro de 1938, e das visitas de

inspetores de outros Estados àquela instituição, por exemplo, em 1958 o Inspetor da Seccional de Campinas (SP) realizou inspeção no Colégio junto com o inspetor Bernardo, dentre outras

Em 1935, a senhora Zilma Gonçalves - que havia visitado o Colégio em companhia do esposo – enviou correspondência a Irmã Catarina Levrini (diretora do Colégio de Teresina) em agradecimento pelos presentes recebidos durante a estada no Colégio e tecendo elogios ao ensino ofertado na instituição. Abaixo reproduzimos a correspondência:

**FIG. 67 - CORRESPONDÊNCIA DE ZILMA GONÇALVES
PARA IRMÃ CATARINA LEVRINE - ANO 1935**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A correspondência contém o seguinte texto: “Excia. Irmã M. Catarina Levrini. Saudações mui atenciosas. Venho, por meio desta, respondendo a sua carta de 22 do corrente, apresentar-lhe os meus mais sinceros agradecimentos à gentileza e bondade do oferecimento das fotografias, almofada e pasta, aprimorados trabalhos que só me levam a elogiar a arte e o bom gosto neles empregados. Assim, levaremos do Piauí, eu e meu esposo, com estes mimos, uma grata e indelével recordação do Colégio do S. C. de Jesus e de suas dedicadas educadoras, sempre incansáveis no fazer bem à humanidade, guiando as novas gerações no bom caminho por que não de seguir na vida. Pedimos aceitar a reafirmação de nossa admiração e amizade, envio-lhe os meus respeitosos cumprimentos. A mt^a. Mto. At^a. Zilma Gonçalves, Teresina, 25/1/1935.”

As visitas não causavam estranheza às alunas, pois, como afirmou Lili Castro, “sempre tinha gente por lá” e era comum que as pessoas que ocupavam cargos importantes matriculassem suas filhas nos Colégios das Irmãs, sendo assim, às vezes, as visitas eram – ao final de tudo – pais das próprias alunas que por um motivo ou outro iam aos Colégios em situações especiais, como era o caso do secretário de estado e depois governador do Piauí, Leônidas Mello que tinha uma filha e uma sobrinha estudando no Colégio de Teresina.

**FIG. 68- VISITA DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS
AO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS TERESINA - ANO 1933**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

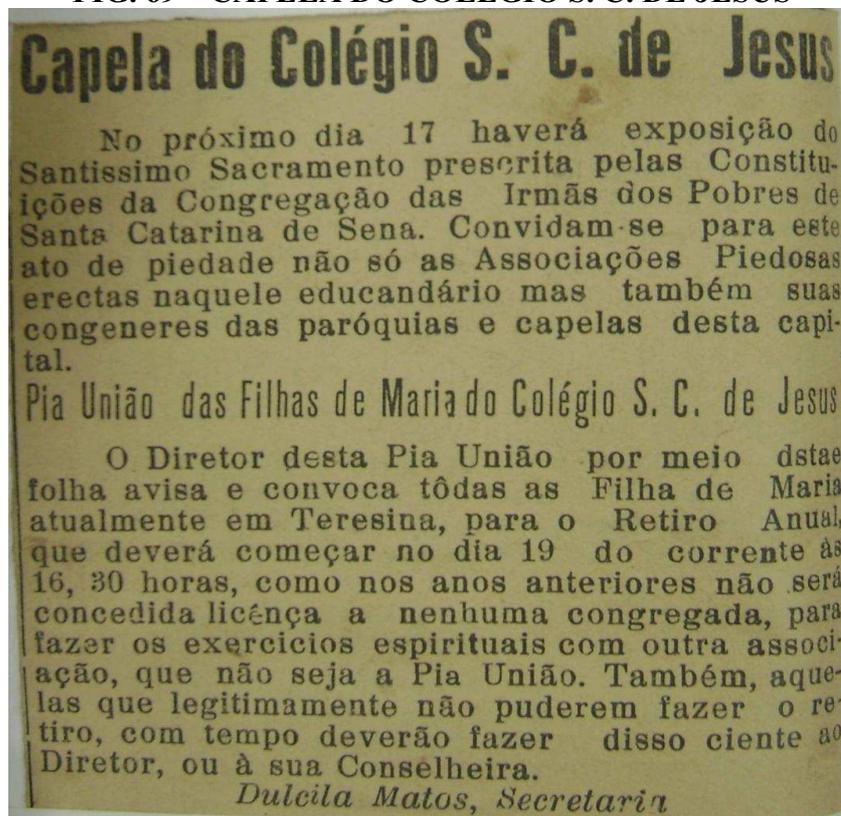
Em 24 de setembro de 1933, “o Colégio foi honrado com uma visita notável – o Presidente da República Getúlio Vargas, acompanhado do nosso Interventor, Landri Sales, do Secretário de Estado Leônidas Mello e de outros membros da Companhia. Dignou-se assistir a uma pequena manifestação organizada em sua homenagem que constou de hinos, ginásticas e de discursos Dr. Leônidas falou para encerrar a festinha.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, s/d, p. 37)

Esta representatividade dos Colégios Católicos, e entre estes os Colégios das Irmãs Catarinas, como sendo instituições importantes, social e culturalmente, para a comunidade piauiense pode ser exemplificada, ainda, pelo fato de que no ano de 1933, quando da visita oficial do presidente Getúlio Vargas à Teresina, na programação foi incluída a ida do presidente ao Colégio das Irmãs para conhecer as instalações do Colégio e verificar a

qualidade do ensino fornecido às jovens piauienses. A presença do presidente numa escola confessional reiterava a máxima da educação católica de formar bons cristãos e bons cidadãos, ou seja, estas instituições de ensino eram parceiras de primeira linha na formação dos laços de patriotismo e civismo que uniria o cidadão a seu país.

As solenidades escolares e religiosas realizadas pelos Colégios das Irmãs tinham grande destaque social merecendo ser noticiada com grande alarde na imprensa local, e, eram eventos aguardados por toda a sociedade teresinense e parnaibana para o qual acorriam todas as atenções, contando, inclusive, com a presença de pessoas que ocupavam altos cargos na administração pública municipal e estadual, além de autoridades eclesiásticas, conforme se comprova nas diversas notícias publicadas nos jornais que circulam no Piauí. Exemplo disto foi o destaque na imprensa em dezembro de 1927, a Festa da Rosa promovida “por um grupo de gentil senhoritas da mais alta sociedade [...] em benefício da capella do Colégio [...]” (A PRAÇA, 1927, p. 04) e a exposição do Santíssimo Sacramento que aconteceu na Capela do Colégio de Teresina no ano de 1955, e, reproduzimos a seguir:

FIG. 69 – CAPELA DO COLÉGIO S. C. DE JESUS



Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: Capela do Colégio Sagrado Coração de Jesus. IN: **JORNAL “O DOMINICAL”** – semanário de orientação católica. 13 de fevereiro de 1955. Teresina. p. 04.

Em geral, para as solenidades e eventos nos Colégios eram convidadas “as famílias mais distintas da sociedade [...], e, enfim, todos os que quiserem participar” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 3), bem como o Bispo e demais autoridades eclesiásticas, além do Governador do Estado e Prefeito da capital. Como aconteceu durante as comemorações de 25 anos do Colégio de Teresina, 04 de outubro de 1931, quando se fizeram presentes na escola: o Bispo do Piauí, Dom Severino; o Interventor Landri Sales e outras autoridades, além de muitas famílias e pessoas amigas. E conforme registrou uma das Irmãs “os discursos enaltecendo o trabalho nosso foram vários, cheios de profunda gratidão, de reconhecimento, de exaltação relatando todo o nosso trabalho, desde a escola até a assistência aos pobres, miseráveis e aos encarcerados e doentes nos hospitais.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1937, p. 37).

FIG. 70 - EX-ALUNAS NO 25º ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO DE TERESINA ANO 1931



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Para comemorar os 25 anos de atividades no Piauí, as Irmãs Catarinas realizaram uma série de eventos que começaram com a Missa celebrada por Dom Severino (bispo do Piauí) e a Exposição do Santíssimo na nova Capela do Colégio. Também foram convidadas ex-alunas da escola e das que estavam presentes foi feito este registro. Note-se que, do lado esquerdo da imagem sentadas, estão seis meninas (na primeira fileira de baixo para cima) e, no lado direito, mais duas meninas que, conforme a inscrição manuscrita logo abaixo, são “netinhas do Collegio”, ou seja, filhas de ex-alunas das savinianas e que eram, também, alunas da escola.

O convite para a população local se fazer presente nos Colégios acontece pelos mais diferentes motivações, como, para prestigiar a apresentação teatral realizada no dia 10 de setembro de 1944, quando “foi apresentado o drama ‘Ester’, em 3 atos, com ótima execução, bem como um ‘Bailado’, ‘As floristas de Sevilha’ e músicas com violino e piano de ótima interpretação. A aristocracia de Teresina tomou parte quase completo, resultando uma boa soma de dinheiro [...]” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1948, p. 08)

FIG. 71 - APRESENTAÇÃO TEATRAL NO AUDITÓRIO DO COLÉGIO DE TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

No auditório do Colégio de Teresina, sentado na primeira fila, dom Avelar, assiste, juntamente com pais e outras crianças, a uma peça de teatro encenada pelos alunos do Jardim de Infância. Momento que foi merecedor de diversos registros, pois além do fotógrafo que produziu esta imagem havia outro profissional como consta nesta imagem.

Em 1976, durante o aniversário de 70 anos dos Colégios, quando aconteceram as comemorações – que desta vez por falta de espaço suficiente nas dependências da escola – e o principal evento ocorreu no Teatro 4 de setembro, estavam presentes muitas autoridades, além de muitas famílias e pessoas convidadas.

**FIG. 72 - FESTA DE ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DOS 70 ANOS
DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DE TERESINA
24 DE OUTUBRO DE 1976**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Na imagem estão a Irmã Maria do Socorro Franco Sá, diretora do Colégio (primeira freira do lado esquerdo), Madre Giuseppina Marianelle (Provincial da Congregação no Piauí), Luís Pires (Secretário Estadual da Educação do Piauí) e a Primeira Dama do Piauí Maria José (esposa do governador Dirceu Mendes Arcoverde). Na ocasião o secretário Luis Pires fez discurso enfatizando a importância da presença das Irmãs Catarinas para a educação piauiense.

Contudo, é preciso enfatizar que não era apenas nos momentos de festividades que a comunidade dos Colégios das Irmãs se faziam presente no meio da sociedade piauiense, pois, as religiosas e suas alunas são convidadas e se fazem presente – conforme mencionado anteriormente – também no desempenho de atividades de assistência aos carentes (distribuição de gêneros alimentícios e cuidados com doentes), algumas vezes, porém, as Irmãs Catarinas recusaram-se a realizar alguns trabalhos, segundo relata um das freiras, “por absoluta falta de pessoal”, para exemplificar tal, em dezembro de 1907 o deputado estadual Joaquim Pires convidou as savinianas para dirigir o Hospital e o Manicômio, proposta que não foi aceita e estas instituições foram entregues a administração de outra Congregação

Religiosa, e, em 1946 recusaram a administração do Hospital Getúlio Vargas que foi entregue em dezembro daquele ano às Filhas da Caridade de São Vicente de Paula (Irmãs Vicentinas).

O reconhecimento obtido pelos Colégios perante a sociedade piauiense era extensivo às suas alunas. Tal condição pode ser constatada quando analisamos os periódicos que circularam no Piauí durante o século XX, cujas páginas são profusamente preenchidas com notícias e notas relativas aos acontecimentos e eventos que se relacionavam ou que contavam com a presença das “meninas das freiras”. Nas páginas dos jornais, também, é possível nos inteirar de outras informações sobre o cotidiano das estudantes savinianas.

Contudo, as que são escritas com mais ênfase e constância a partir da década de 1960 (e, por certo, as mais chamativas para esta pesquisa) são as relativas “aspirações profissionais” das alunas das Irmãs Catarinas, denotando, assim, que as mulheres matriculadas nestas instituições passam a ter outras perspectivas de vida (privada e social) em que vislumbram e, buscam concretizar as novas “aspirações profissionais” e a possibilidade de continuidade dos estudos e com o ingresso no ensino superior o que lhes possibilitou inserir-se no mercado de trabalho de forma diferenciada da professora normalista.

Estas constatações são ilustradas pela matéria que reproduzimos a seguir, onde encontramos informações sobre a debutante, a qual é identificada por sua filiação e cidade natal seguida pela credencial de ser “aluna dedicada” do Ginásio do Sagrado Coração de Jesus e, por isto almeja “bacharelar-se em Filosofia”. Na análise desta matéria, devemos, ainda, mencionar que a mesma foi composta com uma fotografia de qualidade (segundo o padrão da década de 1960) e de tamanho médio, o que implica em elevação do custo da impressão da página do jornal. E, partindo do pressuposto que norteia produção gráfico-editorial nacional – o valor investido em uma publicação deve ser compatível com o valor de retorno/ lucros – deduzimos que se um veículo de comunicação investiu certa quantia a mais de recursos para veicular certa informação, então, isto significa que tal notícia interessaria aos leitores do impresso e implicava em retorno financeiro para quem a publicava, assim, noticiar os acontecimentos relativos aos Colégios das Irmãs e/ou a suas alunas era lucrativo para os jornais piauienses.

FIG. 73 - FESTA DE DEBUTANTES

Festa das Debutantes



SÍLVIA MARIA PARENTE ALVES — filha do Sr. Itamar Alves e de sua excelentíssima esposa. D. Zilma Parente Alves, nasceu em Piriipri, no dia 28 de junho de 1945, havendo, este ano, completado as suas quinze risonhas primaveras.

Aluna dedicada aos estudos, cursou, em 1960, a 4a. série ginasial do educandário Sagrado Coração de Jesus, desta Capital, onde é justamente querida de mestres e condiscípulas. Para o futuro, a graciosa Sílvia pensa em bacharelar-se em Filosofia.

A garôta gosta de esportes, dos quais prefere a natação. Aprecia a dança e admira as artes. Dedicou especial atenção à música e toca muito bem o acordeão.

Alta, loura, de olhos castanhos, Sílvia Maria será uma das estrelinhas mais aplaudidas pela sociedade teresinense, na Festa das Debutantes do dia 31 de dezembro próximo.

Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: Festa das debutantes. IN: **Jornal do Piauí**. Teresina. 22 de Dezembro de 1960, p. 01

Torna-se importante mencionar, também, que por ter estudado nos Colégios das Irmãs, as ex-alunas tinham assegurado o ingresso no mercado de trabalho, como nos informou Erice Moura. Quando tinham obtido o diploma do Curso Pedagógico, algumas alunas eram contratadas pelas Irmãs Catarina para atuar – inicialmente como auxiliares e depois como professoras titulares – nas classes do Curso Primário, como aconteceu com a Maria do Carmo Reverdosa, Cristina Moraes Sousa, Themis Rezende, outras foram contratadas pelo Governo do Estado, como foi a situação de Adalgisa Paiva, Erice Moura assumiu as funções de professora na escola da CNEC em Simplício Mendes, entre tantas outras normalistas savinianas que tornaram-se professoras em diferentes instituições.

Outras ex-alunas, como Teresinha Sá, Graça Sá e Socorro Sá as duas primeiras foram contratadas como secretárias e a última como professora de Geografia pela Faculdade de Filosofia. E as egressas do Curso Comércio (Contabilidade) obtinham com facilidade vagas no mercado de trabalho.

A relação entre sociedade piauiense e as instituições savinianas, ainda, revelou que os espaços escolares confessionais não se constituíam em lugar de aprendizagem apenas para as alunas, mas, também, para os próprios docentes que ao serem aceitos para lecionar naquelas escolas eram uma espécie de certificação de que eram bons profissionais e, por conseguinte, confiáveis, e, por isto era comum que os profissionais que integravam os quadros docentes das Catarinas fossem convidados para lecionar nas demais escolas e, até mesmo, nas instituições de ensino superior⁷⁹ piauienses. Conforme Amariles Santana “sempre os professores do Colégio das Irmãs e Leão XIII, eram todos professores das faculdades, depois é que eles abandonaram os Colégios.” (Sousa, 2010, p. 16).

Ainda, em relação ao reconhecimento obtido pelas ex-alunas das Irmãs Catarina, há um fato inusitado, senão engraçado, lembrado por Erice Moura (RODIRGUES, 2008, p. 30), porque o Colégio das Irmãs “era uma Escola modelo, todo mundo tinha ..., quem estudava lá no Colégio das Irmãs, ah! Estudar no Colégio das Irmãs, até na hora de arranjar namorado [...] é mais respeitada, né! Era. Quem estudava no Colégio das Irmãs, pelo menos as famílias dos rapazes achavam que eram pessoas que tinham boa formação.”

⁷⁹ Em Teresina são implantados: em 1931 a Faculdade de Direito (FADI), em 1958 a Faculdade de Filosofia (FAFI), em 1960 a Faculdade de Odontologia (FOPI), em 1968 a Faculdade de Medicina (FAMEPI); em Parnaíba em 1968 é implantado o curso de Administração de Empresas; e em 1971 é implantada a Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Teresina e em Parnaíba.

Por conta da exposição realizada, reafirmamos que ser aluna dos Colégios das Irmãs, no Piauí, era indicativo de que se teve a disposição uma educação de qualidade e certificava socialmente a mulher como detentora de conhecimentos consolidados e portadora de moral e caráter ilibados, reforçando a tradição existente nas sociedades nordestina e piauiense de que ex-alunos de instituições educacionais católicas receberam uma formação completa e integral e, portanto, mercedores de reconhecimento público.

Esta valorização social das ex-alunas não é uma postura isolada na sociedade do Piauí, pois no Ceará, os ex-alunos do Seminário da Prainha, conforme explicitou Jucá (2008, p.476),

durante muito tempo, o certificado de permanência por alguns anos garantia ao seu usuário o reconhecimento público de uma formação abalizada, possibilitando-lhe o ingresso num mercado de trabalho privilegiado, como ser funcionário do Banco do Brasil, professor ou ingressar em funções burocráticas de destaque, no serviço público.

O que valida nossa argumentação de que as ex-alunas dos Colégios das Irmãs têm assegurado lugar social de destaque na sociedade piauiense, tanto quando nos referimos à ocupação de postos no mercado de trabalho, quando mencionamos sua inserção/posição social nos diferentes lócus sociais da comunidade piauiense.

4.3 “Cem anos de boa educação. Cem anos de aceitação”⁸⁰: a relação dos Colégios com o poder instituído e a sociedade civil

Desde 1859⁸¹ quando foi instalada a primeira escola católica para a educação feminina no Brasil sem o objetivo exclusivo de preparar mulheres para o exercício da vida religiosa, estas instituições progressivamente galgaram espaço e respeito em nossa sociedade, pois ofertaram o tipo de educação que as famílias desejavam que suas filhas tivessem acesso.

⁸⁰ Versos iniciais da primeira estrofe do poema em homenagem ao centenário do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba, escrito pelo poeta local Francisco Nascimento e publicado na edição especial da revista Raios de Luz, em maio de 2007.

⁸¹ Em 13 de novembro de 1859 foi inaugurada em Itu (SP) sob a direção das Irmãs de São José de Chamberry, a Casa de Educação de Nossa Senhora do Patrocínio destinada à educação de mulheres.

No Piauí, as Irmãs Catarinas fundamentada nos princípios tridentinos foram as responsáveis por introduzir a educação feminina católica e, conquistaram a confiança dos piauienses de forma que os pais das alunas respondiam prontamente quando questionados porque matriculavam as filhas e empregavam tantos recursos financeiros na “mãos das Irmãs Catarinas”: “deixe minhas filhas (...), porque é importante não é só formação, é religiosa e moral, e, eu confio nas freiras (CASTRO, 2010, p. 04)

A relação dos Colégios das Irmãs Catarinas com a sociedade civil piauiense e os poderes instituídos foi estabelecida logo na primeira década de funcionamento das escolas, e fortalecida ao longo dos anos, isso pode ser mensurado (entre outros dados) pelo número crescente de matrículas de alunas externas e internas e, também, pela grande procura e as listas de espera por vagas nas escolas gratuitas. Além da participação efetiva e indispensável das alunas savinianas em eventos sociais, religiosos, culturais, cívicos e esportivos, bem como no desenvolvimento de obras assistenciais.

Contudo, esta relação não se limitou à participação destas instituições em eventos e ações de caridade, ou a visitas cordiais e homenagens. Esta relação se estendia para além da cordialidade, pois, as escolas savinianas – como todas as instituições católicas existentes no Brasil – recebiam donativos de particulares e subvenções governamentais. As doações aos Colégios eram feitas em dinheiro, bens (móveis e imóveis), prestação de serviços, contratação e/ou cessão de pessoal e, ainda, isenção de impostos e/ou taxas.

Para manutenção do projeto educacional católico destinado às mulheres piauienses, desde abertura dos Colégios as religiosas contaram com o apoio financeiro, logístico e institucional do clero local (principalmente os diferentes Bispos que dirigiram a Diocese do Piauí) e da população piauiense em geral, em razão de ser “um colégio muito e bem conceituado” (SILVA, 2009, p. 02).

Ao observamos atentamente estas concessões de recursos – governamentais ou não – aos Colégios, como e quando são solicitadas e/ou estimuladas pela administração escolar; o que é pedido e o quanto é atendido, obtemos elementos outros que agregados aos dados já apresentados, pode nos levar a compreender um pouco mais do cotidiano e da cultura escolar presente nas escolas confessionais católicas piauienses, e, por extensão, nas brasileiras, e, nos auxilia a entender a participação destas instituições no processo de reconfiguração social que se processou no último século.

a) As doações financeiras de particulares

Para dá início as atividades educacionais no Piauí, as Irmãs Catarinas tiveram de contar com a doação dos cristãos locais posto que as aulas eram ministradas

em casas cedidas por membros da comunidade católica local, sendo estas inadequadas para o atendimento de um número maior de alunas. Em Teresina, a primeira sede do Colégio das Irmãs e também local de residência das religiosas foi uma pequena casa cedida pelo Dr. João Elias Martins situada na Rua Bela⁸², depois transferiram-se para o local Tabajara⁸³ de propriedade do Monsenhor Joaquim Lopes, até que em fins do ano de 1906, recebem de Leocádio José Santos a doação de terreno⁸⁴ e de uma casa. Já em 1906 é iniciada a construção do novo prédio para abrigar o Colégio, somente concluída em 1930. A área da sede da Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena é ampliada em 5 de outubro de 1909 com a aquisição de terreno contíguo e de propriedade do Bispo de Teresina, D. Joaquim Antonio de Almeida, pelo valor de quinhentos e quinze mil réis. Quanto ao Colégio de Parnaíba teve duas sedes, a primeira na mesma casa modesta em que residiam as irmãs, e a segunda, local da atual sede, em terreno comprado do Sr. Bernardo Borges Leal pelas irmãs, em 30 de junho de 1911 e situado à praça Santo Antônio. (SILVA, 2007, p. 51)

Após as primeiras doações feitas pela população piauiense aos Colégios, muitas outras se seguiram e incluíam tecidos para confeccionar as fardas das órfãs das escolas gratuitas, alimentos, imagens de santos, cessão de casas de campo (ou fazendas) para as alunas e religiosas passarem as férias ou para serem cuidadas enquanto estavam enfermas, mobiliário escolar, dinheiro, serviços, etc.

Em 1915, um surto de febre tifóide aconteceu em Teresina e em abril duas Irmãs italianas faleceram no Colégio – Irmã Ercília Dodi e Irmã Elvira Camarda, ambas foram velados na escola e sepultadas no cemitério São José – e outra ficou em estado grave e inspirando muitos cuidados e as religiosas começaram a temer que a doença se alastrasse entre as alunas e decidiram por remover a Irmã Maria Giuseppina, doente, das dependências do Colégio, para tanto contaram com a doação de Dona Encarnadinha Fonseca que cedeu o palacete Lavinópolis para hospedar a freira adoentada. No ano de 1917, foi a vez de o Barão

⁸² Atual Rua Teodoro Pacheco.

⁸³ Atualmente no Local Tabajara encontra-se o Convento dos Capuchinhos. Este local também já abrigou o Colégio São Francisco de Assis.

⁸⁴ O terreno recebido em doação constitui parte da atual sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus -Teresina, na Avenida Frei Serafim.

Castelo Branco ceder a sua fazenda Chapadinha para que as irmãs acompanhadas de 11 alunas passassem as férias de fim de ano.

Algumas doações foram bem documentadas pelas Irmãs, outras apenas mencionadas rapidamente nos registros dos Colégios. Uma das que foi registrada com detalhes foram os auxílios recebidos da comunidade piauiense (civil e eclesiástica) e esforços empreendidos pelas alunas e suas famílias para construção e reforma dos prédios novos e das capelas dos Colégios.

Em fevereiro de 1921 as Irmãs de Teresina receberam “o piano comprado pelo Dr. Comette de Caxias por dois contos de réis.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 19), uma doação de valor considerável para a época. E, possuir um piano era imprescindível para que as aulas no Colégio atendessem a expectativa das alunas e de suas famílias posto que “[...] muitas escolas particulares incluíam a música entre suas disciplinas, o que era um atrativo a mais para os pais de família na hora de escolher escola para educar suas filhas.” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 106). A oferta se tornou essencial no currículo feminino pelo fato de que

a música tornara-se, no início do século XX, ponto importante da educação feminina. Era de bom tom que as moças aprendessem a tocar algum instrumento musical como piano, bandolim e violino ou mesmo se dedicassem à música vocal. Ter conhecimentos musicais era uma forma de demonstrar fineza e boa educação. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 105).

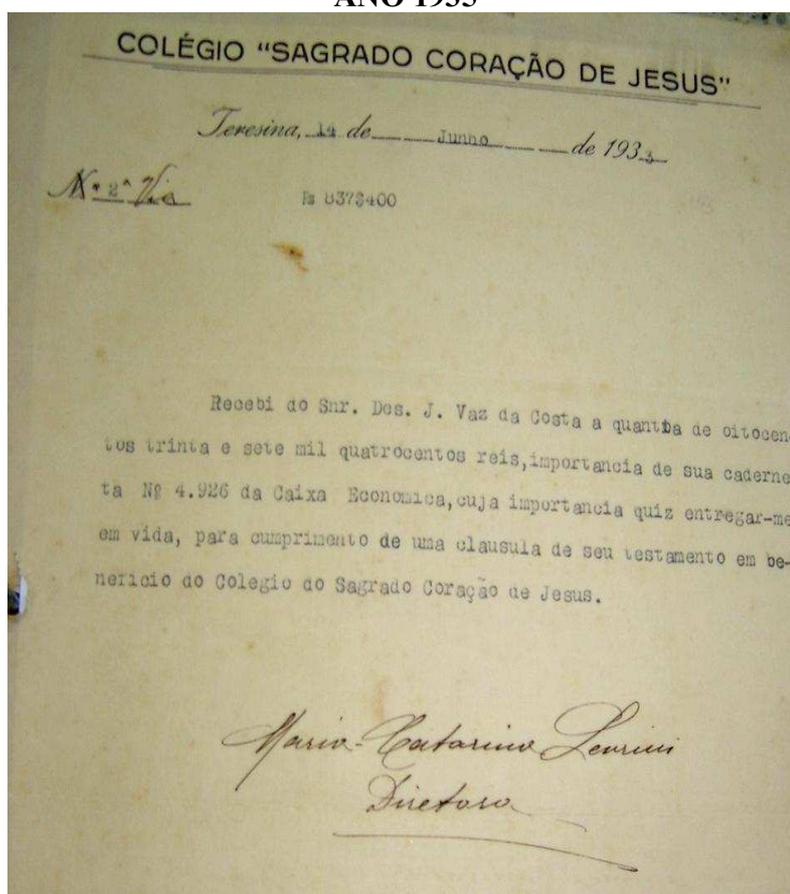
Lili Castro contou-nos que enquanto ela queria aprender a bordar “meu pai queria que eu fizesse música, aprender piano, [...], eu acho lindo” (CASTRO, 2010, p.9)

As vezes, as doações feitas ao Colégio eram exaltadas para elogiar o desprendimento e esforço que foi feito para realização a ação benemérito, tal aconteceu em 1924 quando a ex-aluna do Colégio de Teresina, Rita Antonieta Ferraz “com suas próprias economias, privando-se muitas vezes de divertimentos e guloseimas passeios e outras coisas” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 29), conseguiu acumular dinheiro suficiente para substituir a cruz de madeira por uma de marmorite no túmulo da Irmã Tecla Doro no cemitério São José. Outras vezes, reunidas as alunas faziam rifas, loterias, barracas, venda de fruta e de bolos com o intuito de arrecadar dinheiro para possibilitar que a escola fizesse alguma obra de caridade ou apoiasse algum trabalho de evangelização.

Havia situações em que professores dos Colégios faziam doações, para exemplificar, em 1935, o Desembargador e professor do Colégio das Irmãs de Teresina, J. Vaz da Costa doou a quantia de oitocentos e trinta e sete mil quatrocentos réis (837\$400). Acontecia, também, de religiosos de outras Congregações remeterem auxílio financeiro para as savinianas piauienses, tal ação foi feita repetidamente, principalmente, pelos Bispos e padres capelão dos Colégios.

Listar as inúmeras doações que os Colégios receberam de particulares ao longo dos anos seria um tanto repetitivo, mas o certo é que com a colaboração constante das famílias piauienses e do clero que aqui servia, a sociedade local participou ativamente da manutenção e expansão das atividades desenvolvidas pelas religiosas catarinas e da conservação e ampliação das instalações dos Colégios, que por fim resultaram no fortalecimento da presença destas escolas confessionais no Piauí.

**FIG. 74- RECIBO DE DOAÇÃO DE DINHEIRO COLÉGIO DE TERESINA
ANO 1935**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina
A diretora do Colégio, Irmã Catarina Levrini, em 14 de junho de 1935, assinou recibo atestando o recebimento de valor destinado ao Colégio em testamento pelo Desembargador Vaz da Costa. E que o valor foi entregue pelo próprio testamentário em vida, tendo este retirado o montante de sua caderneta da Caixa Econômica.

b) As doações financeiras governamentais

Os Colégios das Irmãs no Piauí empregaram várias estratégias para angariar recursos (financeiros e materiais) que lhes possibilitasse desenvolver suas diferentes ações e assegurar a sua posição de destaque e reconhecimento social em nossa sociedade, por isto, ao lado das doações de particulares e da cobrança de anuidade para as alunas internas e externas, constantemente as escolas foram subvencionadas com recursos públicos transferidos pelas três esferas da administração estatal.

O Governo Federal reconhecia que mesmo os Colégios tendo os recursos oriundos do pagamento de anuidade, conforme consta em documento emitido pelo MEC, esta renda regular era “insuficiente para desenvolvimento de seus serviços e ampliação de suas atividades, [...]” com a educação feminina e, portanto, justificava-se que recebessem como renda especial a subvenção federal.

Vale lembrar que o recebimento de tais subvenções não era concessão feita apenas aos Colégios das Irmãs, outras instituições de ensino privadas no Piauí também eram contempladas com estes recursos, como fica especificado na relação de Ginásios e Colégios pelo Governo Federal publicada em junho de 1960 pelo Jornal do Piauí e que reproduzimos na página seguinte.

Analisando os valores das subvenções observamos que com exceção do Ginásio 1º de maio de Floriano que recebeu valor de Cr\$ 950.000,00 distribuídos em dois processos, os demais estabelecimentos receberam em média Cr\$ 100.000,00 a Cr\$ 150.000,00, enquanto os Colégios savinianos receberam entre Cr\$ 250.000,00 e Cr\$ 400.000,00, valores acima da média dos demais beneficiários das subvenções federais. O mesmo informe esclarece que em anos anteriores os Colégios das Irmãs, também, receberam subvenções, pois alerta que há a necessidade de que as instituições realizem as prestações de contas dos recursos recebidos anteriormente.

FIG. 75 – GINÁSIOS E COLÉGIOS SUBVENCIONADOS PELO GOVÊRNO FEDERAL

<h2 style="text-align: center;">Ginásios e Colégios Subvencionados pelo Governo Federal</h2>	
<p>O Senador Mendonça Clark, num exemplo dignificante e esforço admirável, acaba de promover a regularização dos processos relativos a subvenções dos ginásios e colégios piauienses, cujos diretores devem agora satisfazer as exigências da sua responsabilidade para o recebimento das respectivas quotas.</p> <p>O Prof. A. Tito Filho, a quem o Senador Clark encaminhou a relação abaixo, pede-nos a divulgação, para conhecimento dos interessados:</p>	
<p>Ginásio Felinto Rego—União Proc. 24.759/60 Completo—D.O. pedido Colégio Demóstenes Avelino—Teresina Proc. 112.580/57 Completo—D.O. pedido—Deve Cr\$.. 60.000,00 de 1956 Colégio Demóstenes Avelino—Teresina Proc. 86.514/58 Falta assinar Convenio—D.O. Pedido Colégio São José—Corrente Proc. 114.547/59 D.O.—pedido Deve 1956—105.000,00 1958—100.000,00 Ginásio da Costa e Silva—Amarante—Proc. 72.158/58 D.O. pedido—Deve Cr\$ 135.000,00 de 1957 Ginásio Clóvis Salgado—Parnaíba Proc. 101.207/59 D.O. pedido Ginásio Clóvis Salgado—Parnaíba Proc. 22.930/60 Falta Plano de aplicação, estatutos atualizados. Pedido D.O. Ginásio Santo Antonio—Valença do Piauí Proc. 30.722/57 Falta anuidade—D.O. pedido em 11/60 Ginásio Otilon Parente—Bom Jesus Proc. 114/59 Falta a ordem de pagamento</p>	<p>Ginásio Dom Inocencio—S. Raimundo Nonato Proc. 24.770/60 Cr\$ 100.000,00 Falta Prova de propriedade, estatutos e plano de aplicação providenciar a assinatura do convenio—D.O. pedido Ginásio Dom Inocencio—S. Raimundo Nonato—Proc. 24.752/60 Cr\$ 100.000,00 Elaborado o convenio—providenciar a assinatura Falta de prova de propriedade e estatutos—D.O.—pedido Ginásio Dom Inocencio—S. Raimundo Nonato—Proc. 24.751/60 Cr\$ 170.000,00 Exercício de 1957—convenio elaborado—providenciar a assinatura falta prova de propriedade e estatutos Ginásio Padre Marcos—Jalcós—proc. 154.483/59 Cr\$ 100.000,00 Falta prestação de contas de Cr\$.. 300.000,00 de 1958 Ginásio N. S. das Graças—Parnaíba proc. 61643/59 Cr\$ 300.000,00 Falta prestação de contas de Cr\$.. 60.000,00 de 1956 Ginásio Nossa Senhora das Graças—Parnaíba—Proc. 110.685/60 Cr\$ 100.000,00 Falta Anuidade atualizada e a mesma prestação de contas Colégio Sagrado Coração de Jesus Teresina—Proc. 24.191/60 Cr\$ 250.000,00 Assinar convenio—Prestar contas de Cr\$ 50.000,00 de 1956 Ginásio Felinto Rego—União—Proc. 24.760/60 Cr\$ 100.000,00 Assinar convenio e falta anuidade Ginásio Municipal de Piracuruca (1960) Proc. 24.753/60 Cr\$ 100.000,00 Plano de Aplicação—Lei que criou o estabelecimento e assinar convenio Ginásio Primeiro de Maio—Floriano Proc. 24.637/60 Cr\$ 300.000,00 Assinar convenio—Completo Ginásio 1º de Maio—Floriano Proc. 24.636/60 Cr\$ 650.000,00 Assinar convenio Ginásio Municipal de Piracuruca (1958) Proc. 126.560/58 Cr\$ 200.000,00 Assinar convenio—D.O. negativo—Exigência de Edital Ginásio Municipal de Piracuruca (1959) Proc. 24.754/60 Cr\$ 25.000,00</p>

Acervo Arquivo Público do Piauí

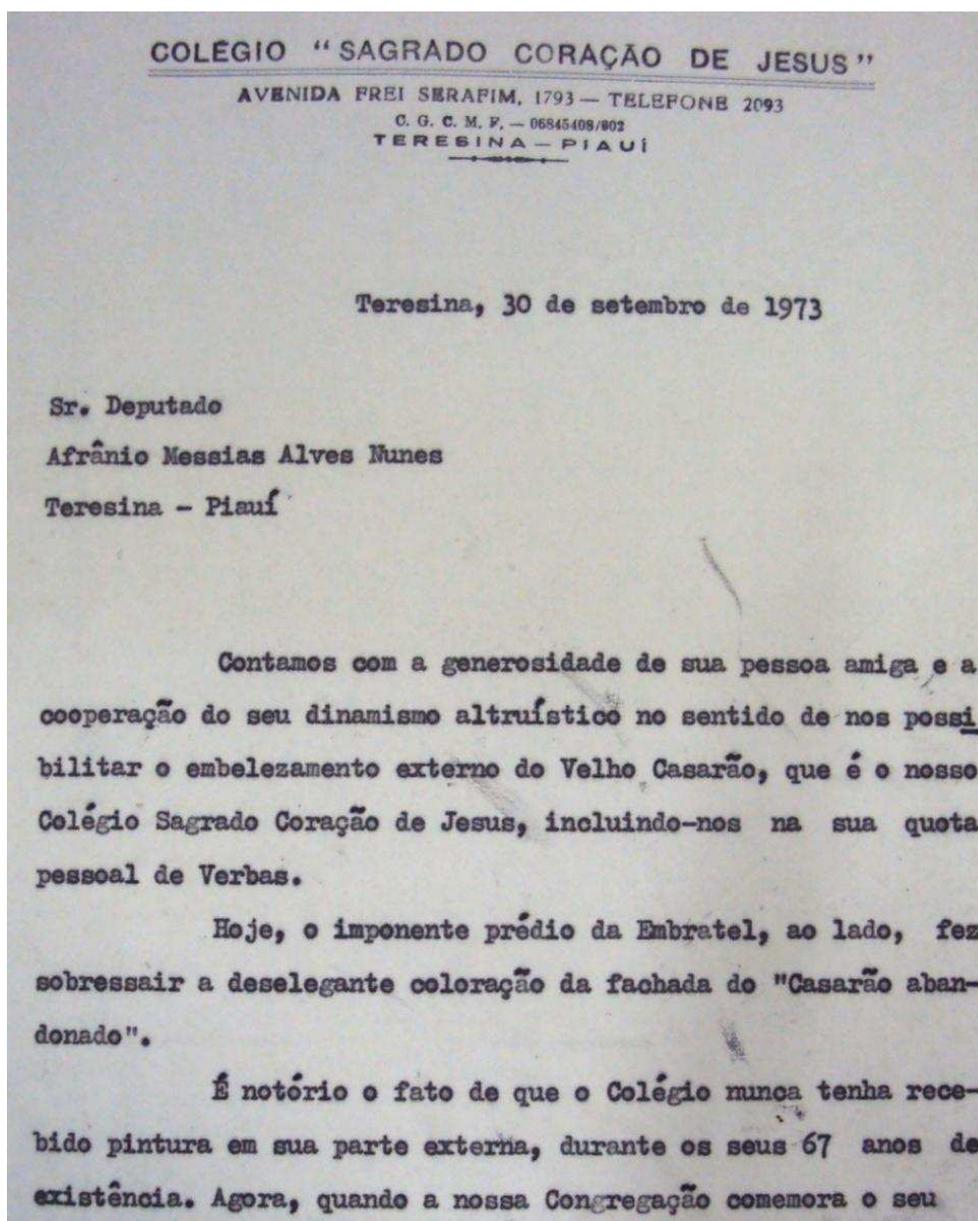
Fonte: Ginásios e Colégios Subvencionados pelo Governo Federal. IN: **Jornal do Piauí**. Teresina. 19 de Junho de 1960, p. 04

Os Colégios celebraram convênios com o Ministério da Educação que permitia que recebessem recursos anualmente para aquisição de equipamentos para sala de aula, laboratórios para os Cursos de Auxiliar Técnico de Desenho de Arquitetura e Patologia Clínica e reformas de seus espaços físicos.

Outra forma de ser beneficiados com a transferência de recursos federais era solicitar – por meio de correspondência escrita e individual – aos deputados federais e senadores pelo Piauí que destinassem parcela das subvenções sociais a que tinham direito no Orçamento Anual da União para os Colégios e em contrapartida as instituições se comprometiam a conceder bolsas de estudos (integrais e/ou parciais) para os alunos indicados pelos representantes do legislativo federal. Abaixo reproduzimos a correspondência enviada pelas Irmãs ao deputado Afrânio Messias Alves Nunes em setembro de 1973.

As subvenções federais eram recebidas, ainda, na forma de dispensa ou isenção de impostos, como ocorreu em 1945 quando o Governo Federal, por meio do Decreto nº 7.687 (12/06/1945), extinguiu as taxas de inspeção.

**FIG. 76 - CORRESPONDÊNCIA ENVIADA PELAS IRMÃS
AO DEPUTADO AFRÂNIO MESSIAS ALVES NUNES EM SETEMBRO DE 1973.**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

O recebimento de subvenções estaduais era resultante de: convênios; transferência de recursos financeiros; cessão e/ou remuneração de pessoal docente e/ou técnico-administrativo; doação de mobiliário, equipamentos e material escolar; construção de infra-

estruturas; etc. O montante de recursos financeiros que os Colégios recebiam oriundos dos cofres estaduais era estabelecido na Lei Estadual de Diretrizes Orçamentárias do Piauí e através de subvenções sociais ou econômicas destinadas pelos deputados estaduais.

Quadro 4 - Integrantes do Poder Legislativo que destinaram subvenções sociais para os Colégios das Irmãs de 1971 a 1983

Senador Alberto Silva	Deputado Federal João Clímaco de Almeida
Senador Bernardino Viana	Deputado Federal Ludgero Raulino
Senador Fausto Castelo Branco	Deputado Federal Milton Brandão
Senador Helvídio Nunes	Deputado Federal Murilo Rezende
Senador Petrônio Portela	Deputado Federal Pinheiro Machado
Deputado Federal Celso Barros	Deputado Federal Severo Eulálio
Deputado Federal Heitor Castelo Branco	Deputado Federal Wall Ferraz
Deputado Federal Hugo Napoleão	Deputado Estadual Sabino Paulo
Deputado Federal Heráclito Fortes	Vereador Irmani Veloso

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

E, por conta dos convênios celebrados para o recebimento de matrículas nas escolas gratuitas, tanto de Parnaíba quanto de Teresina, a Secretaria Estadual da Educação nomeava professores primários de seu quadro efetivo para atuar nas Escolas Santa Inês e São José, ou, então, remunerava os professores contratados pelos Colégios para atuar nestas escolas.

Em 1972, a Secretaria da Educação assinou um convênio específico com o Colégio de Teresina para que este alocasse em suas dependências no horário noturno as alunas excedentes do 1º ano do Curso Pedagógico do Instituto de Educação Antonino Freire (a Escola Normal Oficial) a partir daquele ano, então. No primeiro ano de funcionamento deste convênio cerca de 500 alunas passaram então matriculadas no Instituto, a freqüentar o Curso Pedagógico do Colégio das Irmãs e em razão deste convênio foram contratados novos professores para ampliar o quadro docente da escola. Situação semelhante aconteceu nos cursos técnicos de Desenho de Arquitetura e Patologia Clínica que chegaram a ter 50% das

vagas ofertadas preenchidas por alunas bolsistas, cuja anuidade era paga pela Secretaria Estadual da Educação.

Os Colégios recebiam, ainda, recursos dos municípios em que funcionavam,

por meio da transferência de recursos financeiros em cada triênio e fixadas na Lei Orçamentária – como ocorreu em 1968 quando o Colégio de Teresina recebeu doze cruzeiros novos (NCR\$ 12,00) através da Lei nº 1.145 de 20/11/1967 e em 1972 quando recebeu cento e cinquenta cruzeiros (CR\$150,00) por meio da Lei nº 1.343 de 06/12/1971. O município de Teresina, também, concedeu a isenção de impostos como o IPTU. (SILVA, 2007, p. 89)

Observando as doações solicitadas e recebidas pelos Colégios, nos é possível afirmar que, a relação estabelecida com os representantes dos poderes constituídos era tão intrínseca, as administradoras dos Colégios tinham a liberdade de solicitar desde a cessão e/ou remoção de professores do quadro efetivo do Estado, remuneração de técnico-administrativos, passando pelas subvenções financeiras, até a construção e/ou reformas de equipamentos nas escolas (perfuração de poço tubular e bomba para retirada d'água, construção da piscina, reformas das quadras de esportes, pintura dos prédios escolares, etc.).

E, as solicitações podiam ser as mais diversas possíveis, dependiam das necessidades imediatas e prioridades das escolas que variavam conforme a época e as diretoras, como exemplo desta relação de confiança e intimidade, citamos o conteúdo do ofício (reproduzido na página seguinte) de 1974, onde a Congregação das Catarinas solicitaram ao Reitor da Universidade Federal do Piauí que aceitasse matricular uma das Irmãs, que era graduada em enfermagem, como portadora de diploma no curso de medicina daquela instituição de ensino.

Ao mencionarmos que os Colégios das Irmãs, enquanto instituições privadas recebiam rotineiramente recursos governamentais para exercer sua atividade educativa, pode-se questionar a razão pela qual os administradores públicos faziam tal transferência de recursos dos cofres públicos para os eclesiásticos, apoiando, assim a educação confessional?

**FIG. 77 – OFÍCIO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CATARINAS
AO REITOR DA UFPI NO ANO 1974**

Teresina, 15 de fevereiro de 1974.

Exmo. Sr.
Prof. Hélcio Ulhoa Saraiva
Magnífico Reitor da Universidade Federal do Piauí
N/CAPITAL

MAGNÍFICO REITOR:

A Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, não dispendo até o presente momento de uma adequada assistência médica à sua comunidade, e, considerando a possibilidade de matrícula nos cursos dessa Universidade de portadores de curso de nível superior, independentemente de concurso vestibular, tomou a liberdade de sugerir à Irmã Maria Lins Carneiro, portadora de diploma do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat, de João Pessoa, que pleiteasse, junto à UFPI, uma vaga para matrícula no Curso de Graduação Profissional em Medicina no presente ano letivo.

Valemo-nos da oportunidade para apelar para o alto senso humanitário de Vossa Magnificência no sentido de que o requerimento da nossa candidata logre o esperado deferimento, com o que nos confessamos antecipada e eternamente agradecidas.

Atenciosamente,

Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Para responder a tal inquietação sobre o financiamento da educação confessional temos de lembrar que

a constituição da sociedade e do Estado brasileiro está atrelada à presença da Igreja Católica. A marca desta interligação se faz sentir quando fazemos menção a posturas e a princípios que norteiam nossas práticas cotidianas, em geral, definidos, não em

termos profissionais ou políticos, mas em termos ético-religiosos fincados no catolicismo. [...] Estado e Igreja, aliadas ou não, foram instituições formatadoras das feições e normatizações que geraram e engendraram a sociedade brasileira. [...] E que de fato, a Igreja, enquanto instituição organizada social e politicamente, embora estivesse separada do Estado, por meios legais desde o fim do Império, quando tratamos de comportamentos sociais e influência política, a Igreja manteve-se como instituição presente e forte nas disputas em torno da orientação e definição dos assuntos de Estado. (SILVA, 2007, p.35; 40)

Por conta disto, presença da Igreja nos diferentes setores sociais brasileiros era uma realidade e na educação tal presença pode ser evidenciada pela obtenção de concessões de material e pessoal e subvenções financeiras. E, paralelo, a esta constatação da força social das instituições educacionais confessionais católicas no Brasil, devemos acrescentar o fato de que para os governos brasileiros – independente do nível – era mais cômodo e fácil apoiar a educação confessional privada que ampliar os investimentos em educação pública, uma vez que os dirigentes da Igreja e do Estado Brasileiro não pretenderam, por todo o século XX, promover de fato mudanças/alterações na ordem social nacional e o projeto educacional católico pretendia ser o instrumento de conservação e reforço de tal situação social e, portanto, merecia ser apoiado e defendido pelas estruturas administrativas brasileiras e locais.

4.4 De pequena casa das Irmãs Catarinas à patrimônio piauiense: história, cultura e arquitetura nos edifícios dos Colégios das Irmãs

Em virtude de cada uma das mulheres a quem escutamos imprimir em sua fala e esforçar para descrever minuciosamente (com gestos, palavras, explicação de fotografias, etc.) e de forma vivaz os lugares, a estrutura, enfim a arquitetura dos Colégios onde constituíram parte significativa de suas subjetividades e definiram os “rumos” de suas vidas, durante as conversas com as ex-alunas aspectos em relação aos Colégios despertou-nos atenção: a arquitetura dos edifícios escolares construídos pelas Irmãs Catarinas; a localização dos prédios no contexto das cidades de Parnaíba; o significado destas construções para as pessoas residentes (mesmo as que não os freqüentaram na qualidade de alunos) nas cidades; e, os Colégios enquanto patrimônio histórico cultural piauiense, tombados pelos órgãos competentes.

Nossas entrevistadas ao descrever suas rotinas escolares naqueles espaços educacionais nos indicavam pontos de referência: a imagem do Cristo na entrada principal onde faziam as poses para as fotos; a porta de entrada das alunas que ficava em baixo da escada do Cristo; o laboratório de ciências biológicas com o temido esqueleto humano; a enorme sala de artes; o pé de manga no pátio interno, onde brincavam e queimavam as cartas endereçadas a Nossa Senhora, e também, aconteciam as querelas entre os diferentes grupos de alunas; o Parlatório onde não podiam subir as alunas e a Superiora se postava para fazer suas preleções, e também eram recepcionadas as visitas mais importantes que os Colégios receberam; o refeitório com suas mesas enormes e onde só se entrava em fila e rezando, e, também ficava a caveira observando-as para que “não comessem demais” e não cometessem o pecado da gula; a gruta ao lado da Capela, lugar de orações mas também de castigos para alunas; Capela que teve seu altar reconstruído; a quadra de esportes onde treinavam os times de vôlei; o pátio interno onde cantavam o Hino Nacional, hasteavam-se as bandeiras e aconteciam missas solenes e apresentações; os auditórios onde recebiam os prêmios ao fim do ano letivo, faziam momentos de oração e as festas com as apresentações; os prédios dos Colégios marcavam à época da construção (1ª década do século XX) o final da área urbana das cidades de Parnaíba e Teresina; as, hoje, avenidas que ficam em frente aos prédios e que quando os Colégios foram erigidos não passavam de uma viela sem calçamento e nem asfaltos; etc.

A partir daqui, buscamos, então, compreender a arquitetura escolar saviniana e a importância destes edifícios escolares para a memória das cidades de Parnaíba e Teresina e da organização do espaço escolar,

mescladas às demais arquiteturas e construções da cidade em uma trama de relações diacrônicas e sincrônicas que se desenvolvem com base em intervenções em sua paisagem urbana. Assim, a arquitetura confunde-se, (...), com construções históricas e os monumentos. (...). [e a partir do] cenário educacional (...) que exigiu a construção de edifícios que projetassem a distribuição racional e funcional de espaços como de fundamental importância ao desenvolvimento de iniciativas que organizassem atividades adequadas às novas metodologias de ensino propaladas pelo discurso de uma moderna pedagogia. (...). [que] causassem admiração por sua arte a serviço da funcionalidade.(...) [pois] essa arquitetura é portadora de signos que constroem linguagens técnicas, artísticas e simbólicas, tanto quanto as demais manifestações arquitetônicas, como a religiosa, a militar, a hospitalar, etc. (BENCOSTA, 2007, p. 115-120)

Por constituir-se enquanto sociedade em que há fortes marcas das práticas religiosas católicas, os edifícios erigidos pela Igreja Católica são elementos de destaque no

cenário urbano e rural do Piauí – igualmente ao que acontece em outros estados brasileiros – aspecto denotado pelo processo de formação da maioria das cidades do Estado cujo “marco zero” é a igreja matriz da cidade. E, dividindo a função de delineadores dos projetos urbanísticos de cidades e de delimitadores do espaço urbano piauiense, ao lado das igrejas, estão outras tantas construções católicas: cemitérios, casas assistenciais (Santa Casa de Misericórdia, Asilos, Leprosários) e colégios.

Interpretando informações contidas em jornais, relatos de ex-alunas e fotografias sobre os Colégios das Irmãs durante a pesquisa, podemos afirmar que os prédios dos Colégios das Irmãs são construções carregadas de múltiplos significados para os piauienses, e não se limitam ao papel edificação escolar, têm importância histórica, arquitetônica, educacional e cultural de tais prédios para o Piauí.

Os Colégios católicos femininos piauienses à época da construção eram praticamente a última construção dentro dos limites urbanos teresinense e parnaibano, localizando no limiar entre a área rural e o espaço urbano. Os colégios em Teresina e Parnaíba foram erigidos em áreas, inicialmente, distantes dos centros urbano-comercial, mas possuindo acesso facilitado a estes, com objetivo de manter as alunas dedicadas e concentradas integralmente às atividades que transcorriam nos espaços internos das escolas e, conseqüentemente longe das perturbações e atrativos da vida mundana.

Então, a análise do local de instalação das escolas, de sua arquitetura e representatividade dos prédios escolares para a população local nos “permitem perceber, assim, o entrelaçamento entre o escolar e o urbano, bem como vislumbrar as variadas formas com que a escola inscreve-se na cidade ou, ainda, as formas como a cidade inscreve-se na escola.” (FARIA FILHO, 2003, p. 87)

Tal entrelaçamento é perceptível quando refletimos sobre os edifícios dos Colégios das Irmãs Catarinas em Teresina e em Parnaíba, ambos se integram de tal forma e com tamanha sintonia ao cotidiano destas cidades “que parece que sempre estiveram ali, imponentes” (SILVA, 2009, p.30), por isto “os edifícios marcam a trajetória das cidades, conferindo-lhes identidade, legitimidade, mostrando a formação e as transformações ocorridas. [...] por meio [destas] edificações, podem-se observar, conhecer, identificar e estudar formas, técnicas, sistemas e materiais utilizados na arquitetura dos edifícios e articulá-las aos valores culturais e socioeconômicos da sociedade que a produziu.” (MELO, 2008, p. 270-271)

Mas devemos lembrar que ao escolher instalar as principais instituições educacionais católicas nas cidades de Teresina e Parnaíba, o gestor da Diocese piauiense seguiu e levou em consideração (aquilo que os geógrafos nomeiam como sendo) a seletividade espacial, a qual “deriva de uma combinação entre atributos das localizações, mutáveis ao longo do tempo, e neste caso, das necessidades e possibilidades da Igreja Católica de construir, reconstruir e controlar territórios religiosos.” (VASCONCELOS JUNIOR, 2006, p. 119)

Tomando esta perspectiva analítica, no Piauí, a Igreja Católica ao escolher os primeiros lugares que receberiam empreendimentos educacionais confessionais, uma vez que não possuía naquele momento recursos materiais nem humanos que propiciasse implantar escolas em todas as regiões do extenso território piauiense, precisava optar pelas regiões, a partir das quais o funcionamento e as ações de tais instituições pudessem agir como irradiadoras e difusoras para as demais localidades estaduais. Conjugando os fatores sociais, culturais, políticos, materiais e financeiros, as cidades de Teresina e Parnaíba eram estes centros irradiadores de desenvolvimento material, cultural e social em nosso território.

A primeira por ser a capital administrativa do Estado, concentrava o poder político e junto a este os controladores da administração pública local, integrantes das elites políticas locais. A segunda era a sede do poder econômico estadual e em seu perímetro urbano e rural estavam instaladas as famílias mais abastadas do Piauí. Então, considerando, que cada cidade a seu modo controlava o Estado, a Igreja Católica, escolheu ter como aliados e defensores desde o primeiro momento, as sociedades teresinense e parnaibana, por meio da oferta da educação católica para juventude destas cidades, assim, desta forma, conseguiria obter o controle cultural e ideológico de, praticamente, todo o Estado do Piauí, tendo em vista que estas cidades eram os centros irradiadores dos modelos de comportamento e conduta social, cultural, política e ideológica, etc. em solo piauiense.

Definida as cidades em que iria atuar ofertando educação católica à juventude, a Igreja teve de definir no espaço territorial das cidades piauienses, os locais para a construção das instalações definitivas das escolas católicas, e as escolhas se guiaram, entre outras, pelas “diretrizes tridentinas” para a educação dos jovens católicos, as quais enfatizavam sobremaneira, “a ligação com a natureza, o clima e o silêncio, como fatores essenciais para o recolhimento, para a contemplação e para a oração.” (VASCONCELOS JUNIOR, 2006, p. 120-121). Por isto, os colégios são erigidos em áreas, inicialmente, distantes do centro urbano-comercial das cidades de Teresina e Parnaíba, mas possuindo acesso facilitado a estes,

com objetivo de manter as alunas longe das perturbações e atrativos da vida mundana e, conseqüentemente, dedicadas e concentradas, de forma integral, tanto físico como mentalmente, às atividades que transcorriam nos espaços internos das escolas.

Contudo, ao analisarmos a localização atual dos Colégios das Irmãs Catarinas, temos de nos atentar para um aspecto constante organização do espaço urbano piauiense, em geral, são as construções religiosas (igrejas e colégios) e as instituições da Igreja Católica que demarcam os “limites”/fronteiras das cidades piauienses, são estas as construções que definem o começo e o fim dos nossos espaços urbanos, o que confirma a constatação feita por Vasconcelos Júnior (2006, p. 114) de que “[...], as ações da Igreja, enquanto agente que se apropria, organiza, produz e espaço, notadamente no âmbito instrucional.” Para atestarmos tal afirmação basta-nos analisarmos os mapas das cidades de Parnaíba e Teresina.

Começemos a análise de como os edifícios escolares das Irmãs Catarinas se inseriram no contexto e no desenvolvimento urbano piauiense pela Parnaíba por ser a mais antiga das duas cidades e ter em seu traçado urbano resquícios do período colonial e imperial e, também, por ser considerada, dentre as cidades piauienses no início do século XX, a mais urbanizada.

É fato que a posição de destaque econômico assumida pela cidade de Parnaíba, remonta à suas origens coloniais, pois, “situada na faixa litorânea e nas proximidades dos rebanhos da região do Longá e Campo Maior, Parnaíba tornou-se, a partir de meados do século XVIII, um importante pólo comercial exportador.” (CEPRO, 1992, p. 331). Tal condição permitiu à população parnaibana manter-se “integrada aos principais mercados do Exterior⁸⁵, desfrutando de um processo de crescimento econômico e social que não se espalhou para o restante do Piauí.” (OLIVEIRA, 2004, p.127)

Assim, enquanto Teresina apareceu (em fins do século XIX) como um ideal, um sonho, uma promessa para alavancar o desenvolvimento do Estado do Piauí, por iniciativa de sua elite político-econômica, Parnaíba⁸⁶ consolidou-se paulatinamente como reduto do

⁸⁵ Segundo a “Estatística Commercial – Quadro Estatístico da exportação dos Diversos Generos pela Praça de Parnahyba e respectivos portos de destino, durante o anno de 1927” publicada pelo Jornal A Praça em 31 de janeiro de 1928, de Parnaíba saiam navio com destino aos portos internacionais de Hamburgo, Antuérpia, Copenhague, New York, Harvre, Marselha, Danquerque, Amsterdam, Rotterdam, Londres, Liverpool, Gênova, Nápoles, Lisboa, Porto, Constantinopla, além de portos nacionais.

⁸⁶ Para maiores informações sobre o desenvolvimento da cidade de Parnaíba ver as Publicações Almanaque da Paranaíba, publicação esta que foi fundada em 1923 pelo Sr. Benedicto dos Santos Lima, e atualmente é editada pela Academia Parnaíba de Letras (APAL). O caráter desta publicação é de anuário da cidade e, de acordo com

progresso real tanto nos setores produtivos (economia vinculada ao comércio de importação e exportação interestadual e intercontinental), infra-estruturais (construção de estradas, da estrada de ferro, depósitos, usina elétrica, mercados, Porto de Amarração, etc.) quanto nos setores culturais e intelectuais (fundação e funcionamento de escolas, de associações e academias, publicações periódicas, etc).

Ao analisarmos

o sítio urbano, que é o espaço composto pelo ambiente natural, o ambiente construído e a vivência dos habitantes, com valores de passado e presente em processo de transformação, e que, no caso de Parnaíba, constitui a área correspondente ao tecido tradicional, localizado entre o rio Igarauçu e a ferrovia (...) (MELO, 2008, p. 271)

Combinando a observação do mapa da cidade de Parnaíba (mapa 1) aos relatos presentes em periódicos que transcrevem as impressões daqueles que visitaram a cidade, e memórias de antigos moradores, perceberemos nos traços inscritos pela cidade, que são os registros dos diferentes momentos históricos do desenvolvimento urbano vivenciado pela primeira cidade litorânea do Piauí, cuja atividade econômica comercial orientou o crescimento da área urbana no torno das vias de comunicação com o “exterior”, seja por meio dos canais fluviais para atingir o mar, seja pela estrada de ferro, seja pelas rodovias.

Então, nota-se que o traçado da cidade original (atual centro histórico) foi delimitado tendo a Praça da Graça e Igreja de Nossa Senhora das Graças e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (igreja dos pretos) demarcando o começo da cidade (o centro comercial), enquanto os limites da área urbana eram denotados pelo Rio Igarauçu no sentido oeste, e pela Estação de trem à leste, a qual pela lógica e a concepção de cidade que se implantara no Brasil e que norteou o processo de urbanização das cidades mais antigas (desde fins do século XVIII e que perdurou por todo o século XIX e manteve-se até a primeira metade do XX) a linha férrea e os locais de parada para embarque e desembarque nos trens deveria sempre está fora das áreas urbanas para asseverar a saúde da população e, também, para que não houvesse depredação da estrada de ferro e para reduzir os riscos de acidentes com transeuntes nos trilhos.

definição da APAL, “O Almanaque é um símbolo do patrimônio cultural da cidade de Parnaíba”. Veja-se também O Livro do Centenário de Parnaíba: documentário da cidade, estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba, organizado por Benedicto Jonas Correia e Benedicto dos Santos Lima.

MAPA 1 - MAPA DA CIDADE DE PARNAÍBA



Mapa elaborado por Joana Leonara de Brito Vale a partir das análises do desenvolvimento urbano de Parnaíba para esta pesquisa. Teresina, 2010.

LEGENDA:

- CENTRO HISTÓRICO
- COLEGIÓ DIOCESANO
- PRAÇA DA GRAÇA COM IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
- CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DAS GLÓRIAS
- PRAÇA SANTO ANTÔNIO/ COLEGIÓ DAS IRMÃS-CNSG
- ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
- RIO IGARAÇU
- IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO
- SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
- MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL
- IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
- LINHA FERRÉA

Enquanto a sudeste a cidade terminava no Mercado Público Municipal, e, embora nesta mesma área, mas fora dos limites da cidade e em área que propiciava o isolamento dos doentes que lá eram tratados ficava a Santa Casa de Misericórdia, se observado a forma de atendimento prestado aos doentes e que estava sob a administração de congregações religiosas que contavam com o apoio de vários setores da sociedade civil parnaibana para desenvolver suas atividades, esta é uma instituição religiosa que fornecia serviços hospitalares. E ao sul, na área mais afastada das residências ficava o cemitério Nossa Senhora das Graças.

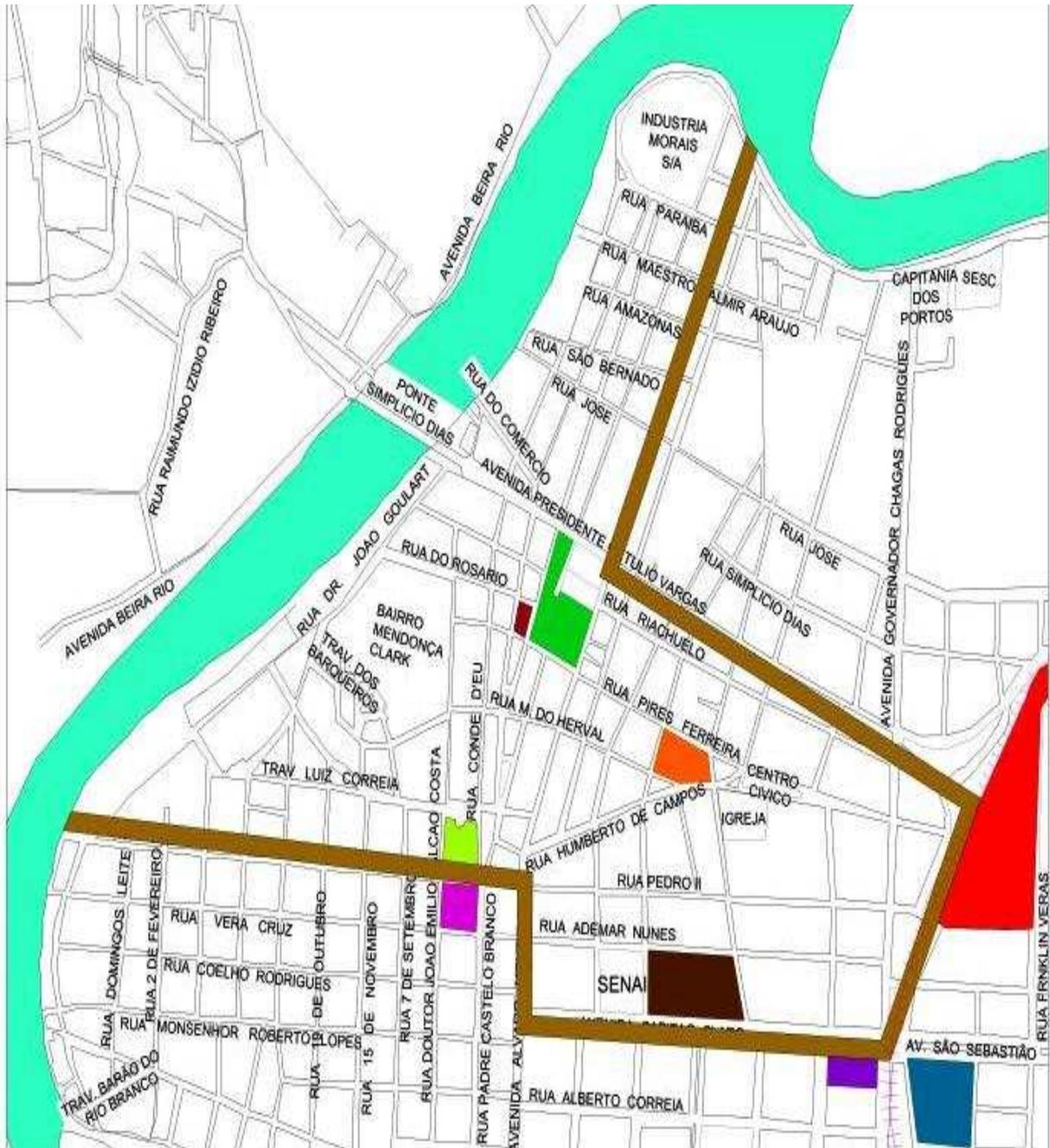
O Colégio de Parnaíba funcionou de 1908 até 1920 (aproximadamente) em um prédio na área residencial que foi cedido pelas senhoras Geracina Tavares da Silva e Angélica Tavares de Moraes Barreto. Próximo a primeira sede das Catarinas em Parnaíba foi construída com auxílio da comunidade católica local a primeira capela de Santo Antônio, como registrou a diretora Irmã Teresinha Porto, em 1977, que

de 31 de maio a 12 de junho de 1908, foram transportadas pelo generoso povo parnaibano, as primeiras pedras para a ereção da capelinha de Santo Antônio. 24.10.1908 -17h – Bênção da 1ª fundamental do Colégio. 04.04.1910 – Chegaram de Paris duas Imagens para a Capela: Nossa Senhora e Santo Antônio. 01.02.1913 – Inauguração da capelinha. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 1977, p. 01).

O local escolhido para a edificação da sede definitiva do Colégio das Irmãs em Parnaíba, atual a Praça Santo Antônio, fica a leste da Praça da Graça marcava o fim do espaço urbano parnaibano, em 1918, ano em que o prédio escolar começou a ser construído. (ver mapa 2).

Este lugar era ideal para edificar o novo empreendimento educacional na cidade, pois, ainda, que estivesse próxima a área central da cidade era distante o suficiente para que as meninas ficassem protegidas e também obtivesse a tranquilidade necessária para dedicarem-se aos estudos e orações que faziam parte da rotina escolar da savinianas. “O prédio do Ginásio Nossa Senhora das Graças está encravado num terreno com a área de 10.512 m². Tem o referido prédio 11 salas, Biblioteca, Auditório, Diretoria, Secretaria, Sala de Professores, Sala de Artes e uma área coberta.” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. 1973, p. 01-02)

MAPA 2 - MAPA DO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE PARNAÍBA



Mapa elaborado por Joana Leonara de Brito Vale a partir das análises do desenvolvimento urbano de Parnaíba para esta pesquisa. Teresina, 2010.

LEGENDA:

- | | | | |
|--|-------------------------------------------------------|--|---------------------------------|
| | CENTRO HISTÓRICO | | RIO IGARAÇU |
| | COLEGIO DIOCESANO | | IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO |
| | PRAÇA DA GRAÇA COM IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS | | SANTA CASA DE MISERICÓRDIA |
| | CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS | | MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL |
| | PRAÇA SANTO ANTÔNIO/ COLÉGIO DAS IRMÃS-CNSG | | IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO |
| | ESTAÇÃO FERROVIÁRIA | | LINHA FERRÉA |

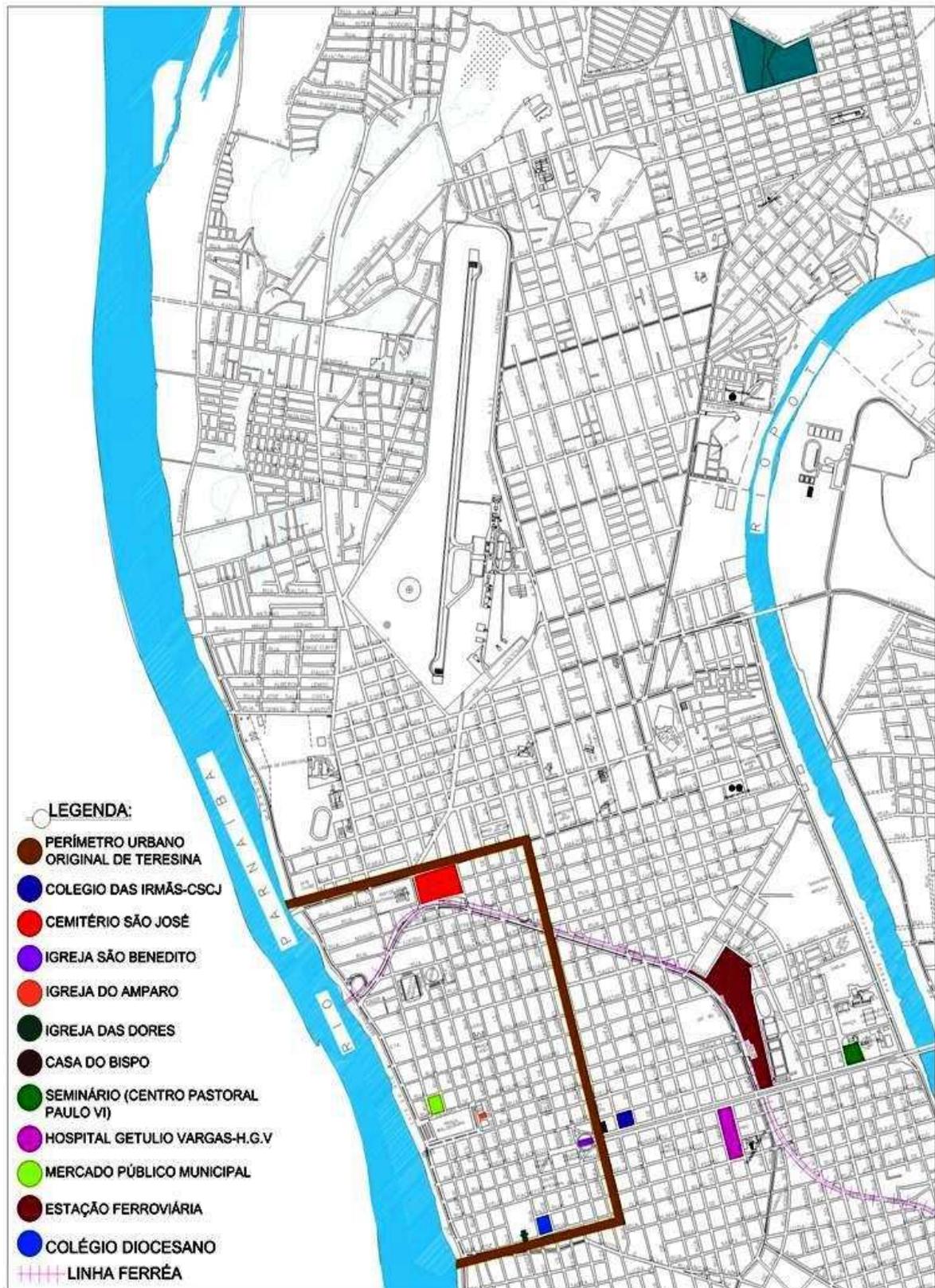
FIG. 78 - CONJUNTO HISTÓRICO DA PRAÇA SANTO ANTÔNIO PARNAÍBA

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia. **Cadernos do Patrimônio Cultural do Piauí**. Teresina: Superintendência do IPHAN no Piauí. 2010, p. 56.

O conjunto histórico em que o Colégio das Irmãs é a principal construção, concentra construções de estilo arquitetônico eclético. A área do Colégio, atualmente, ocupa mais de um quarteirão e a torre neogótica da capela fica em destaque ao observamos a imagem.

Passemos agora a analisar a disposição dos prédios de instituições eclesiásticas católicas na área urbana da cidade de Teresina. Dado relevante no processo de constituição do espaço urbano teresinense e, que reflete aspectos da cultura presente na sociedade piauiense, é o fato de que a Igreja de Nossa Senhora do Amparo foi o primeiro lugar delimitado no novo espaço urbano cujo planejamento se iniciara, o que denota a importância social atribuída pelos piauienses à religião católica e suas instituições. Esta importância das construções religiosas, enquanto demarcador do espaço urbano teresinense mantém-se ao longo dos tempos, tanto que, ainda, hoje, ao se planejar o ordenamento urbanístico para a expansão do perímetro urbano ou nas tentativas reordenar áreas que por conta do crescimento populacional surgiram sem planejamento prévio, os primeiros espaços delimitados na referida área são os lugares destinados a construção de equipamentos de lazer e da Igreja Católica.

MAPA 2 - MAPA DA CIDADE DE TERESINA



Mapa elaborado por Joana Leonara de Brito Vale a partir das análises do desenvolvimento urbano de Teresina para esta pesquisa. Teresina, 2010.

É em frente da Igreja de Nossa Senhora do Amparo que está o Marco Zero, onde se iniciou a cidade e se encerrava ao Sul na Igreja de Nossa Senhora das Dores, tendo o prédio do Colégio Diocesano (antiga sede do Seminário) ao lado. O leste tem o rio Parnaíba.

Em Teresina a última construção a leste, até 1907, quando começa a construção da sede própria do Colégio Sagrado Coração de Jesus, é a Igreja de São Benedito, depois da Igreja há apenas a Estação de Trem que, pelos mesmos motivos apontados para a cidade de Parnaíba, deveria ficar fora da área habitada da cidade. O fim da cidade no lado norte era o cemitério São José que ficava depois dos trilhos da linha férrea.

As regiões residenciais em Teresina ficavam próximas a Praça da Liberdade, na lateral da Igreja São Benedito, enquanto a área comercial estava no entorno do Largo do Amparo (atual praça da Bandeira) em frente a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, conforme está demonstrado no mapa com as sub-áreas de Teresina. Comparando o mapa da cidade de Teresina atualmente com que trás os contornos e as sub-áreas da cidade entre 1852 e 1907, podemos observar que o local escolhido para construir o Colégio de Teresina era uma área fora dos limites urbanos da cidade e tinha como vizinhanças chácaras, considerado um “local magnífico, entre a chácara do coronel Gil Martins e o Paquetá.” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 72) E, conforme consta nas memórias do Colégio, Dom Joaquim afirmara com muita satisfação, em julho de 1907, que “um ano atrás, era tudo mato!” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 22)

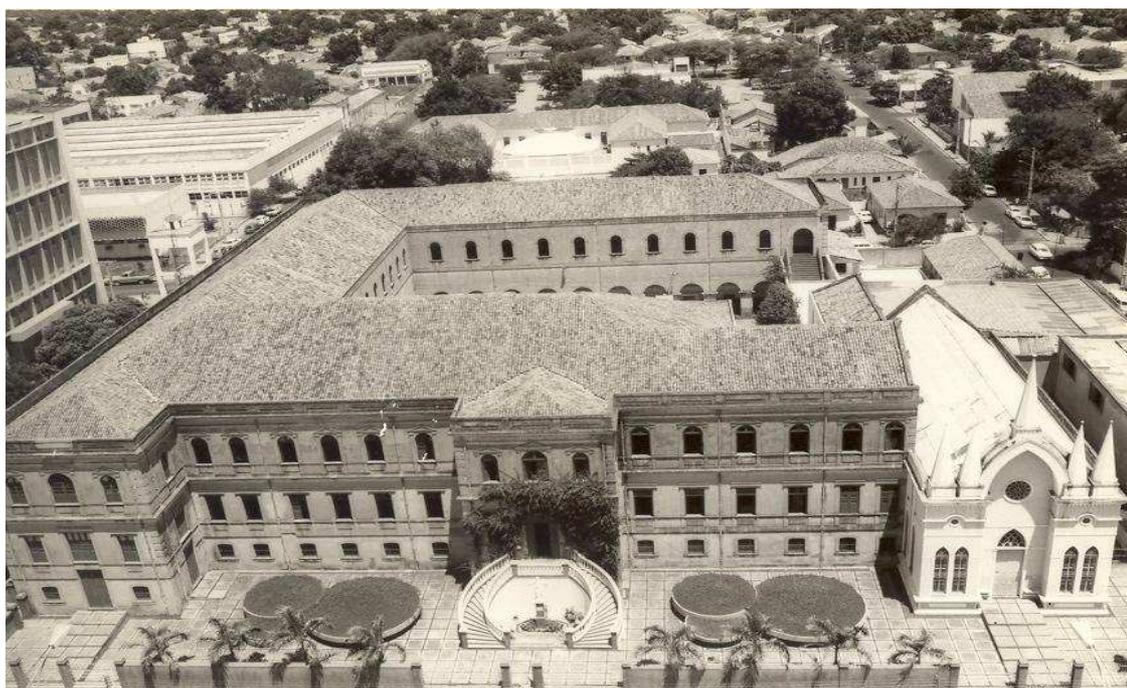
Mesmo com expansão urbana, a cidade de Teresina permaneceu um misto de rural e urbano, enquanto estrutura-se física, arquitetônica e economicamente como um espaço urbano e moderno (contemporâneo): ruas organizadas (em sua maioria), verticalização das construções, serviços urbanos (telefonia, água, esgotos, energia elétrica, transportes urbanos, etc.), shopping, etc.; mantém-se cultural e socialmente como um espaço rural e antigo: supervalorização da família, tradições religiosas, patriarcalismo, elitismo social, etc. “Há quem afirme que Teresina é uma grande capital do “sertão”. As fortes influências da aristocracia rural talvez expliquem essa imagem, (...).” (VILHENA FILHO, 2003, p. 267)

Estamos apontando, nesta pesquisa, as diferentes formas que os Colégios savinianos conseguiram se inserir na sociedade piauiense, e, sem dúvida, uma delas foi através dos seus edifícios sede, que são tão importantes para os sujeitos externos aos Colégios quanto para aqueles que estão abrigados naquelas instituições escolares. Constatação disto é que as construções são tombadas pelo patrimônio histórico nacional e estadual. O Colégio

Nossa Senhora das Graças foi tombado pelo IPHAN em 2008, enquanto o Colégio Sagrado Coração de Jesus teve seu prédio principal tombado em âmbito estadual em 1984. A existência destes tombamentos denotam a importância arquitetônica e histórica dos prédios escolares e reiteram a afirmação de Pinheiro (2006, p. 68) assegurando que

[...] as sociedades humanas têm nas fachadas de prédios antigos, nas obras de arte, nos livros, nos jornais empoeirados mais do que peças esquecidas, mortas quanto a um sentido ou utilidades práticas, ou, quando muito, dotadas de algum valor estético; tem-se, sobretudo um canal de comunicação entre presente e passado, entre histórias/memórias passadas de pessoas do presente que se identificam, então, nesse substrato que cristaliza a experiência humana (social, política, econômica, cultural), que por sua vez traz a marca da diferença e luta sociais que assistiram a sua criação.

FIG. 79 - CONJUNTO HISTÓRICO DO COLÉGIO DAS IRMÃS - TERESINA



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A construção principal ocupa um quarteirão e é um dos principais edifícios e pontos de referência na Avenida Frei Serafim.

Os prédios savinianos revelam muitas marcas desde a preservação do vínculo com a casa sede da Congregação na Itália, passando pela modernização e adaptação das construções aos novos conceitos de espaço escolar equipado com mídias educacionais, acessibilidade, climatização, etc. até o registro das memórias daqueles que por lá circularam.

Constatamos tal situação durante nossas entrevistas, em que as ex-alunas, repetidamente interrogavam-nos sobre as mudanças no espaço físico das escolas, para logo depois nos contar – descrevendo os mínimos detalhes – como era a arquitetura das escolas, onde estavam as portas de entrada, onde ficavam os inspetores, as visitas nos salões nobres, os locais de prática desportiva, os locais de oração: a gruta, a capela, etc.

O prédio do Colégio de Parnaíba passou pela primeira reforma, em 1924, em virtude de está com as estruturas comprometidas em consequência do alagamento do salão. Para reformar o prédio que estava comprometido, as Irmãs Catarina contaram novamente com a ajuda da população parnaibana e de suas alunas que dentre outras atividades com a finalidade de arrecadar dinheiro promoviam festas de artes, similar a que aconteceu em 01 de setembro de 1936 e foi noticiada no Jornal A Flamula e que reproduzimos abaixo

FIG. 80 – COLÉGIO N. S. DAS GRAÇAS

Colegio «N. S. das Graças»

Em benefício das obras do Colegio de N. S. das Graças, realizar-se-á, quinta-feira, 10 de Setembro, uma festa de arte, na qual tomarão parte as alunas daquele estabelecimento, com o nome e programa que publicamos abaixo:

- 1—F. Liszt.—«2ª Rapsodia Hungara». Piano, Francisquinha Oliveira.
- 2—Eustrogio Wanderley. «O beijo do Papae». Poesia—Rosalvi Couto.
- 3—«A Supersticiosa». Canto—Adelma Santos; piano, Zenith Ramos.
- 4—«A prima Vera» Dialogo pelas graciosas, Inês Neves, Maria da Gloria Santos e Maria Lina Melo.
- 5—«A Vóvózinha»—Monologo. Maria José Andrade. Piano, Josefa Lopes.
- 6—Amélia Rodrigues «No campo da Imprensa»—Pelas alunas Raimundinha Souza, Nilza Brito, Adelma Santos e Maria Vêras.
- 7—«O leque côr de rosa»—Bailado por diversas meninas medias.
- 8—J. Ascher. «La casca de roses»—Piano, Edemé Rocha.
- 9—«A chapeleira»—Monologo pela interessante Mariazinha Sampaio. Piano, Zenith Ramos.
- 10—«Na roça»—Catêrête, á moda Paulista. Canto, Maria José Andrade, Piano, a pequena Maria da Gloria Santos.
- 11—«Saudade»—Canto, Leonor Lopes; piano Edemé Rocha.
- 12—«Torna á Sorrento»—Canto—Zuila Basto. Piano, Edemé Rocha.
- 13—«As belas artes»—Opereta artistica por diversas alunas internas e externas. Piano, Francisquinha Oliveira.

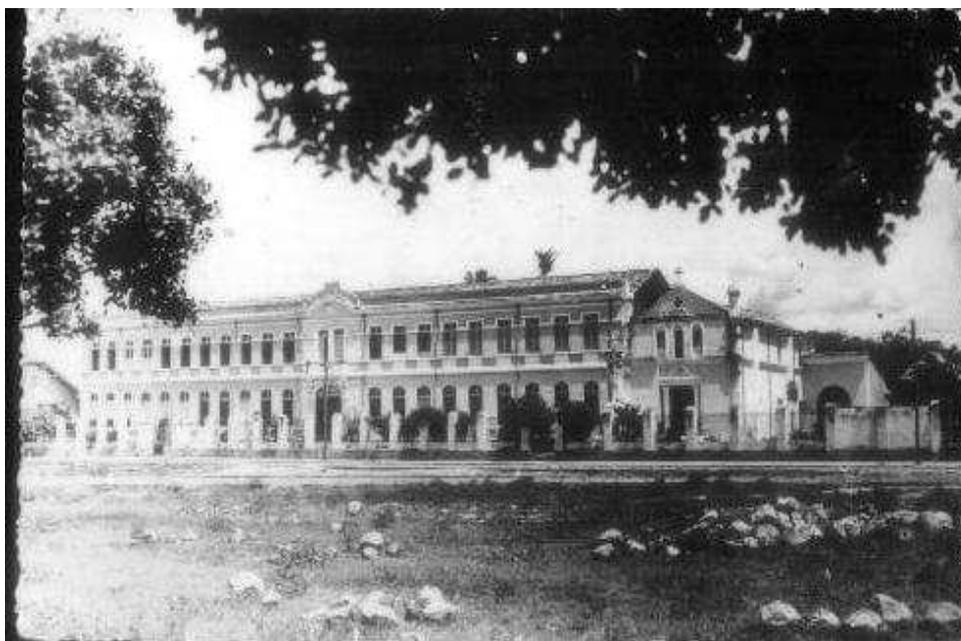
Terminará a festa com linda apoteose.

Nota:—A festa terá inicio ás 6,1/2 da noite.
Favor mandar as cadeiras.

Acervo Arquivo Público do Piauí

Fonte: Colégio Nossa Senhora das Graças. IN: **Jornal A Flamula** - órgão do grêmio literário Nossa Senhora das Graças. Ano I, nº 05, Parnaíba, 06 de Setembro de 1936.

**FIG. 81 - COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – PARNAÍBA
PRAÇA SANTO ANTÔNIO, Nº 802**



Acervo Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba

Observa-se na imagem (no lado direito) que a Capela ainda não havia recebido a torre gótica que a destaca do restante da arquitetura do Colégio. E, que a Praça Santo Antônio era apenas uma grande área sem urbanização.

Em fevereiro de 1949 é iniciada a construção da nova capela do Colégio que foi concluída em 1954, e recebeu a bênção solene do bispo Dom Felipe Conduru Pacheco em 08 de junho daquele ano. Dez anos depois de construída a capela, em 16 de abril de 1959, aconteceu o desmoronamento da torre o que comprometeu as estruturas da construção e teve-se que iniciar uma reforma, mas por conta da falta de dinheiro a obra só foi iniciada em 1961 junto com a ampliação do prédio do Colégio. A reforma da Capela ficou pronta em maio de 1963, e, a do Colégio em dezembro de 1969.

Após as primeiras reformas ainda na primeira metade do século passado, o prédio de Parnaíba, tal qual o de Teresina, passou por sucessivas reformas e adequações de estruturas físicas. Algumas objetivavam a ampliação e/ou dos espaços pedagógicos (salas de aula, laboratórios, coordenações, secretarias, etc.), outras resultaram na construção de novos ambientes (salas de informática, quadras de esportes cobertas, etc.) seja pela exigência da legislação educacional vigente (número máximo de alunos por sala de aula, acessibilidade, etc.) seja por conta da ampliação do número de estudantes e de cursos, ou, ainda, para inclusão das inovações tecnológicas e aclimatação (ampliação de rede elétrica, instalação de

telefones, ar condicionados, computadores, sistema de abastecimento de água e esgotamento, etc.).

**FIG. 82 - COLÉGIO DE PARNAÍBA DEPOIS DA REFORMA
REALIZADA NA DÉCADA DE 1960**

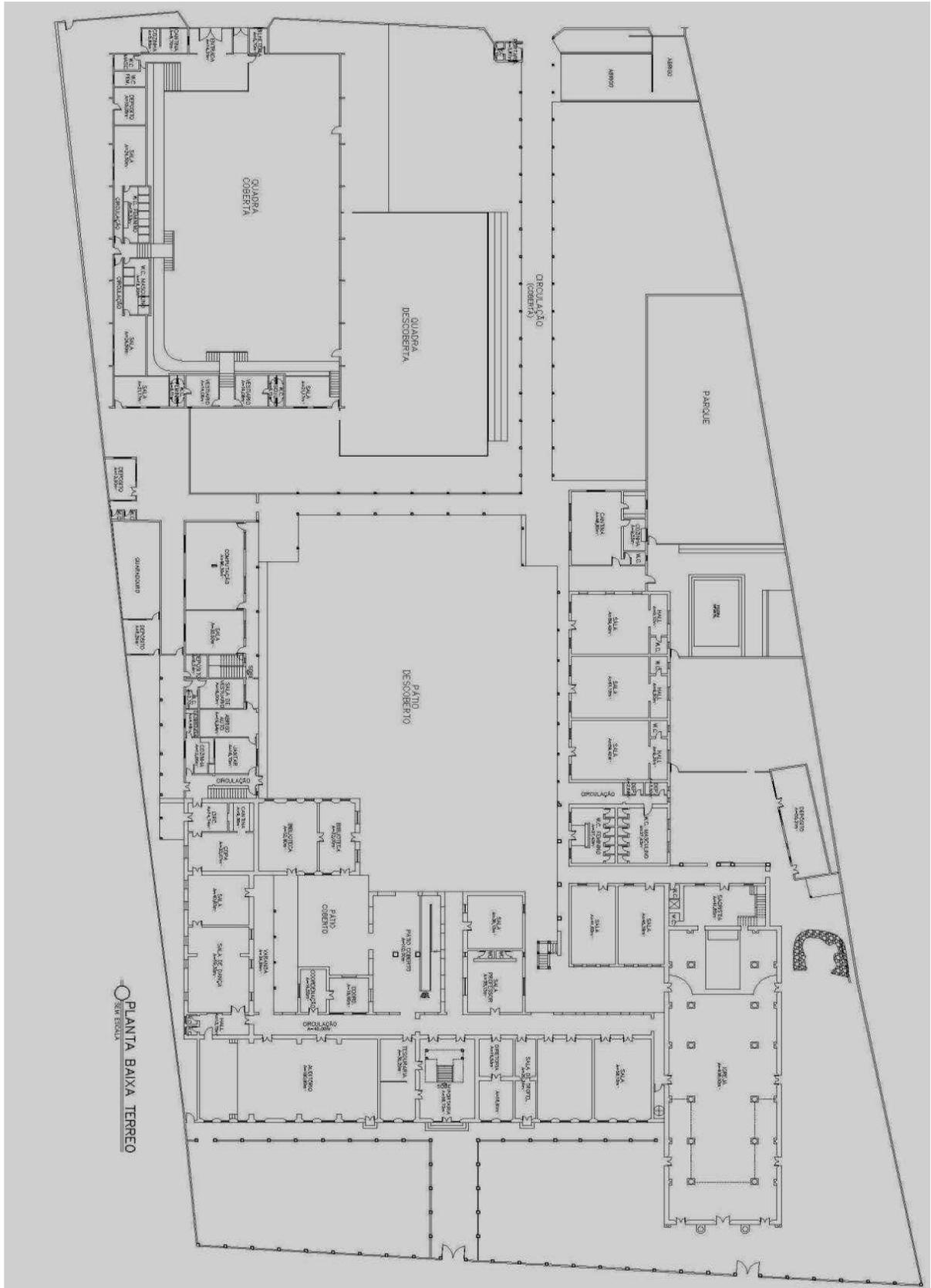


Acervo Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba

Depois da reforma concluída a Capela ganhou uma torre em estilo gótico, com a torre alta que a diferencia do edifício do Colégio.

Contudo, alguns lugares do Colégio permaneceram preservados ou, ainda, mantiveram-se quase que inalterados tanto no que se refere às questões arquitetônicas, quanto de usos e o mais relevante (segundo as alunas) no tocante ao significado/simbolismo destes espaços e recantos dos prédios escolares. Pois, como afirmou Bencosta (2007, p. 121-122), “a arquitetura escolar e o espaço por ela determinado (...) [são] portadores e transmissores de mensagens de sentidos múltiplos, não deixando de lado, evidentemente, os sujeitos a quem se destinam, quais sejam, alunos e professores, os primeiros receptores de seus significados e que fazem uso do espaço como indivíduo-destinatário.”

**FIG. 83- PLANTA BAIXA PAVIMENTO TÉRREO
DO COLÉGIO DAS IRMÃS-PARNAÍBA - ANO 1975**



Planta elaborada para esta pesquisa por Joana Leonara de Brito Vale a partir dos originais existentes no Conselho Estadual da Educação do Piauí. Teresina, 2010.

Então, observando, a planta baixa do Colégio Nossa Senhora das Graças do ano de 1975 (reproduzida acima), podemos notar no pavimento térreo:

- a) A manutenção da Gruta posicionada na área da parte externa da capela ao lado direito e sempre aberta à visitação dos alunos e da comunidade parnaibana para momentos de orações e reflexão;
- b) A preservação da Capela e da Sacristia anexas ao prédio principal do Colégio (ao lado direito) e com acesso interno pelas instalações do edifício escolar, com o objetivo de facilitar os deslocamentos dos alunos nos dias e horários destinados semanalmente para as celebrações religiosas, pois até os dias de hoje, na organização do horário escolar dos alunos desta instituição existe um horário específico em que cada classe de alunos tem de se fazer presente à Capela para participar de atividades religiosas;
- c) A manutenção e a ampliação dos jardins na entrada principal, onde está a imagem de Nossa Senhora das Graças, ali fixada no ano de 1957 como marco comemorativo dos 50 anos de fundação do Colégio;
- d) O auditório continuou instalado em uma sala ampla, no lado oposto a Capela, mas recebeu equipamentos de audiovisuais e multimeios (projektor de imagens, sistema de som, isolamento acústico, etc.)
- e) A cantina (lanchonete) foi mantida no mesmo local, apenas recebeu equipamentos eletrodomésticos modernos (microondas, freezer, máquinas de refrigerante, estufas, etc.)
- f) Construção de piscina infantil, quadra coberta e quadra descoberta com objetivo de incentivar, diversificar e ampliar as práticas desportivas na escola, bem como sediar competições;
- g) Construção do parque infantil para a recreação dos alunos da educação infantil;
- h) Manutenção da sala de troféus (ao lado direito da entrada principal) ao da sala da diretoria;
- i) Manutenção da sala de artes que atualmente e depois das reformas para adaptação para funcionamento das aulas de dança, recebeu a denominação de sala de dança;
- j) Construção da sala de computação no final do corredor que se inicia com o auditório.

FIG. 84- IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS NOS JARDINS COLÉGIO DAS IRMÃS-PARNAÍBA - ANO 2008



Acervo Samara Mendes Araújo Silva
Fotografia produzida por Márcio Iglésias e Hélio Sá em julho de 2008.

Esta imagem de Nossa Senhora das Graças foi restaurada em maio de 2007 por ocasião das comemorações de fundação do Colégio de Parnaíba. Antes de a imagem ser recolocada no pedestal, este passou por reforma na qual foi feito o revestimento de mármore e a fonte luminosa em formato de estrela, e, por fim, aplicada a placa original uma placa que reproduz a inscrição original e traz a informação sobre a restauração. A inscrição original da placa contém as seguintes palavras: "Homenagem comemorativa do cinquentenário do Colégio Nossa Senhora das Graças fundado pela Irmã Amália Petri. 30/5/1907."

O prédio de Parnaíba em relação ao de Teresina é um pouco menor não em extensão, mas em número de pavimentos, possui dois pavimentos (térreo e 1º pavimento) enquanto o edifício de Teresina dispõe de três pavimentos (térreo, 1º pavimento e 2º pavimento).

Assim na planta baixa do Colégio Nossa Senhora das Graças do ano de 1975 (reproduzida abaixo), podemos identificar no 1º pavimento os seguintes espaços:

FIG. 86- SALA DAS PLACAS NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS ANO 2008



Acervo Samara Mendes Araújo Silva

Fotografias produzidas por Márcio Iglésias e Hélio Sá em julho de 2008.

A sala das “placas” mantém expostas entre 35 e 40 destas relíquias. Há as que foram entalhadas em madeira em forma de mapas, estrela, âncoras e livros; outras são feitas em papel no qual foram desenhadas imagens com tinta nanquim, ou aplicadas fotografias.

- a) No centro do pavimento, na sala que se inicia e termina com a escada de acesso ao pavimento térreo e que tem saída para sacada, temos a sala das placas de formatura. Em Parnaíba, diferentemente de Teresina que estas “relíquias” escolares foram transferidas para a sede do Memore, as placas que marcam a passagem dos alunos foram mantidas em local de destaque o que dá maior visibilidade a longevidade da história educacional, o que assegura, também, seu respaldo social e difusão de tradições em virtude da memória resguardada na e pela instituição escolar confessional, o que corrobora com as afirmações de Ribeiro (2009, p. 08) ao dizer que em

tratando-se de instituições escolares, o reforço à lembrança se dá ainda de modo mais característico especialmente em algumas iniciativas consagradas e coletivas: o

primeiro é próprio dos estudantes que destacam sua conquista presente de um título universitário através de festas e celebrações de conclusão de curso, aulas da saudade ou encontros periódicos de ex-alunos; por sua vez as instituições e alunos preservam e resguardam seus vínculos comuns com o passado, especialmente através da afixação de placas com os nomes e até fotos de turmas anuais de concludentes; pelo lado das escolas, preserva-se a união e a dedicação de professores e toda a equipe através do recurso aos nomes ou quadros de ex-reitores ou diretores fixos nas paredes ou em salas de honra; - também é comum, preservar a memória batizando com nomes de professores antigos, bibliotecas, salas especiais ou auditórios.

- b) Todos os cômodos dos alojamentos das religiosas residentes no Colégio estão concentrados no lado esquerdo, e, entre estes espaços há uma Capela interna utilizada pelas Irmãs para as orações matinais e noturnas;
- c) No lado direito da edificação estão dispostas a maioria das salas de aula da escola;
- d) Ao lado da sala “das placas” está a secretaria da escola.

**FIG. 87 - PRIMEIRO PRÉDIO CONSTRUÍDO PARA
ABRIGAR O COLÉGIO DE TERESINA
ANO 1933**



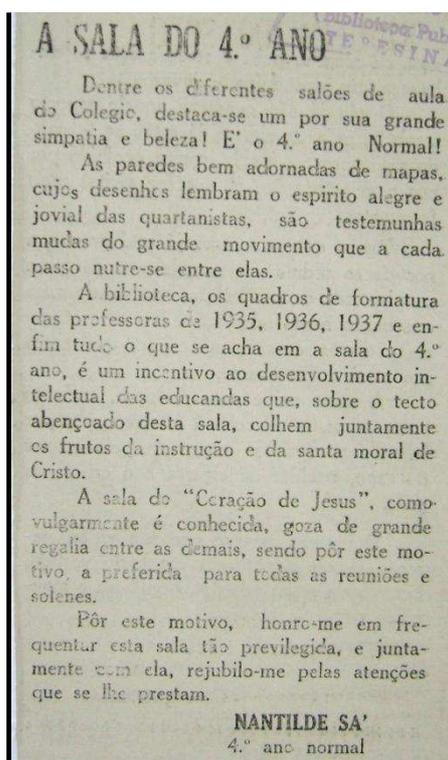
Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Na construção original com apenas um pavimento, a Capela ficava no lado esquerdo do prédio principal da escola até o ano de 1925, quando foi inaugurada a nova capela do lado direito. Mas mesmo a nova capela não possuía as atuais torres neogóticas que só foram construídas depois. Na imagem está numerada a caneta os espaços do Colégio: 1 – Capela nova em construção; 2 – salas de aula; 3 – Capela antiga. As reformas que deram ao prédio do Colégio construído em 1907 as características impressas na imagem acima foram iniciadas em maio de 1930 e concluídas em novembro de 1933.

A memória de lugares trançada por subjetividades emergentes constitui fonte de pesquisa congregando sentidos nem sempre observados pelo pesquisador. Por sermos muitas histórias hospedamos a humanidade dentro de nós. Os fios da memória que constroem histórias desses lugares, às vezes perdidos, quando descobertos, abrem cenários para interpretações diversas. É o lugar de memória que, com o passar do tempo vira história mediante subjetividades que necessitam narrar o vivido para o não esquecimento. (FERREIRA; GROSSI, 2007, p. 62).

O atual prédio que abriga o Colégio de Teresina teve sua construção iniciada em 1907 e começou a ser ocupado escola mesmo antes de ser concluído, como relatou uma Irmã, e por conta de tal ação “o trabalho feito com tanta pressa se desfez bem depressa. O primeiro inverno que aqui passamos foi terrível, chovia por toda a parte, parecia uma casa velha e foi gasto muito dinheiro para consertá-la.” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1933, p. 02)

FIG. 88 - PROFESSORA NORMALISTA NANTILDE SÁ



Acervo Arquivo Público do Piauí Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus
 Fonte: A sala do 4º ano. IN: **Revista Primícias Literárias** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Ano II, nº 6. Teresina. 1938.

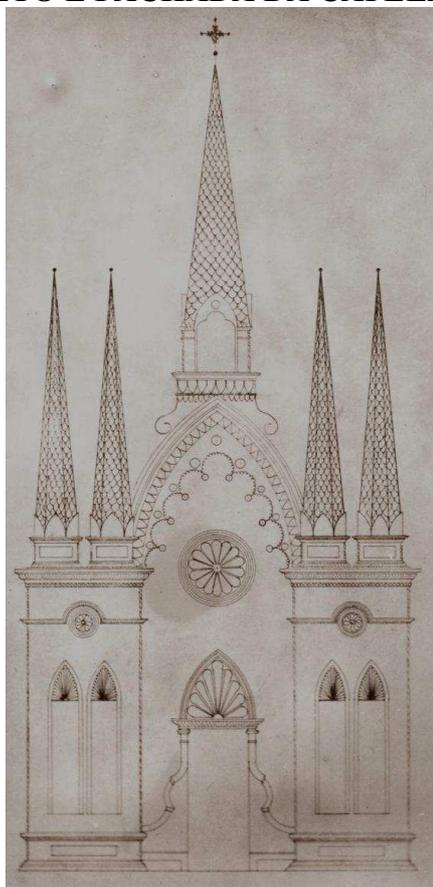
A professora Nantilde Sá depois que concluiu o Curso Normal no Colégio das Irmãs de Teresina no ano de 1939 (pois frequentou este curso quando o currículo era integralizado em cinco anos), foi contratada como professora do Curso Primário, prática comum entre as savinianas que selecionam as melhores ex-alunas para continuarem na escola enquanto funcionárias e professoras. Nantilde lecionou nas classes de Jardim de Infância e 5º ano do Primário.

Os prédios e os espaços internos dos Colégios foram lugares marcantes para as alunas, e, eram componentes importantes do processo formativo que se desenrolava nas escolas católicas, podemos perceber esta “função” educativa ao lermos o texto escrito (reproduzido acima) pela, então, aluna Nantilde Sá e posteriormente professora do Curso Primário do Colégio das Irmãs de Teresina.

Embora haja semelhanças entre as construções de Parnaíba e Teresina, cada uma tem marcas próprias, tanto no tocante a estrutura física quanto na memória das alunas e nos transeuntes das cidades. Então observemos as plantas do Colégio de Teresina. Na planta do pavimento térreo (página seguinte), temos:

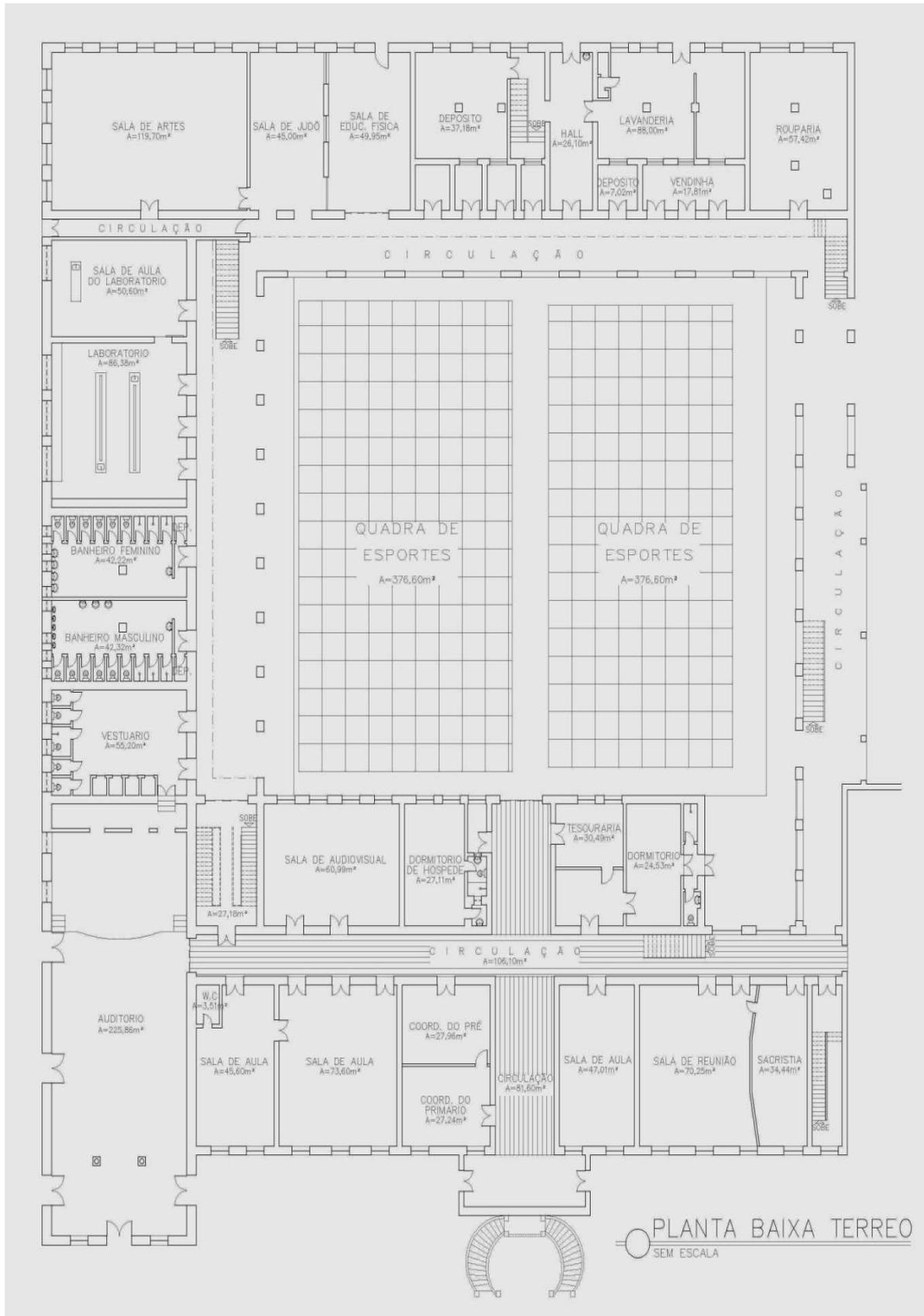
- a) A Capela e a sacristia “novas” começaram a ser construídas em agosto de 1919 (quando foi transferida para o lado direito do prédio principal da escola e ali foi mantida) e foram concluídas em agosto de 1925. Embora tenha sofrido várias reformas subseqüentes, a mais significativa é a que construiu as torres neogóticas. Igualmente Parnaíba, em Teresina os acesso internos com o prédio da escola foram preservados;

FIG. 89 – PROJETO E FACHADA DA CAPELA COM TORRES



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus

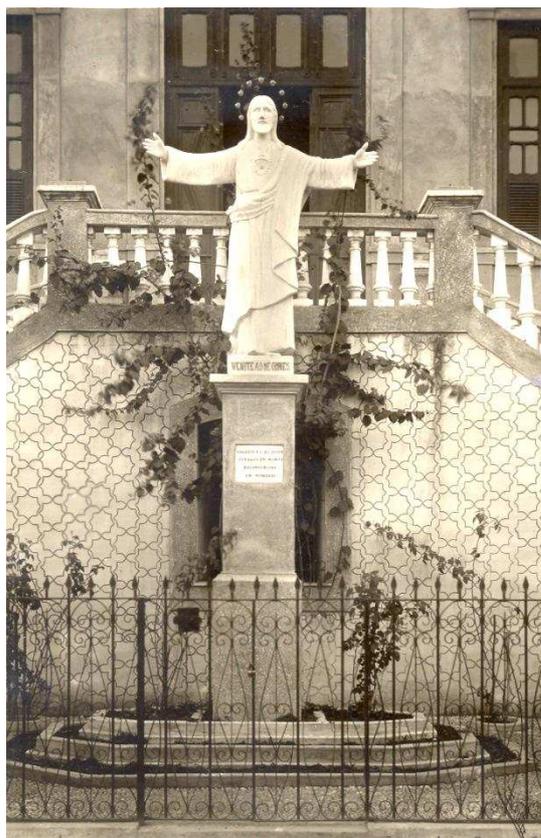
**FIG. 90 – PLANTA BAIXA PAVIMENTO TÉRREO
COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA – ANO 1975**



Planta elaborada para esta pesquisa por Joana Leonara de Brito Vale a partir dos originais existentes no Conselho Estadual da Educação do Piauí. Teresina, 2010.

- b) Ao centro da construção temos as escadarias de acesso ao 1ª pavimento. Esta é a escadaria cujas alunas não poderiam subir, pois era reservado o acesso por esta entrada aos visitantes. É esta escada que a aluna Eva Evangelista subiu no dia em que foi se inscrever para o Exame de Admissão e por isto se sentiu tão importante. É sob esta escada, também, que ficava a porta de entrada das alunas e onde se postava as Irmãs verificando o tamanho das saias, o penteado dos cabelos e a cor dos esmaltes nas unhas de suas alunas. Há, ainda, que se mencionar esta escada é o local preferido para o registro de fotos de alunos;
- c) No espaço do meio entre as escadas está a imagem do Sagrado Coração de Jesus, que é ladeada pelos jardins;

FIG. 91 - IMAGEM DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS NOS JARDINS



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus-Teresina

Esta imagem foi entronizada no pedestal após a reforma na década de 1930, por isto há poucos registros fotográficos sem a presença da imagem e, também, dificilmente encontramos alguém que se recorde da escadaria sem a imagem no meio.

- d) No final do corredor que fica no lado esquerdo da construção estão a sala de artes (anteriormente sala de artes femininas) e o laboratório de ciências biológicas e químicas. Ambas as salas passaram por várias modificações e já não “tão escuras” como nas lembranças de nossas entrevistadas, nem tão pouco os alunos têm temor de ficar nestes espaços;
- e) No lado esquerdo da escola está o Auditório onde acontecem as solenidades menores do Colégio.

FIG. 92- AUDITÓRIO DO COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA - DÉCADA DE 1940
 VISÃO DO PALCO PARA PLATÉIA VISÃO DA PLATÉIA PARA O PALCO



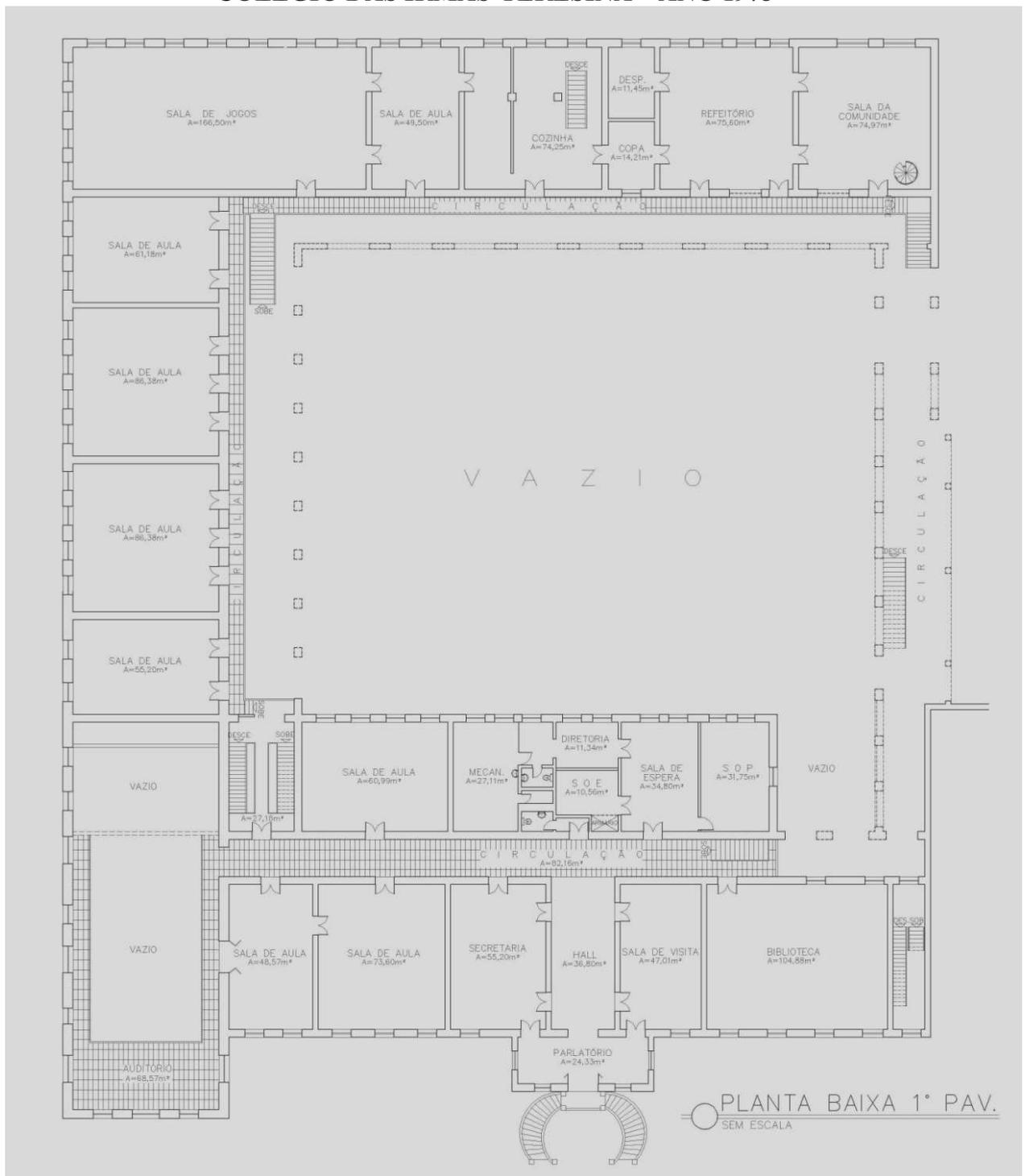
Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus-Teresina

Neste lugar as alunas recebiam seus prêmios e faziam as apresentações artísticas. Aconteciam, também, reuniões de pais e mestres, além de apresentações teatrais.

- f) As salas identificadas neste pavimento eram destinadas as aulas do Curso Primário da Escola Santa Inês. As alunas internas e externas que tomaram ciência da existência desta escola consideravam que as salas ficavam no porão em razão de que para ter acesso às demais salas de aula (que ficavam no 1º pavimento) subiam-se escadas;
- g) O pátio interno, após as repetidas reformas, desapareceu e deu lugar à quadra de esportes. E o pé de manga tão presente na memória das alunas foi removido;
- h) Ao fundo estão duas salas que abrigavam as práticas desportivas, uma destinada ao judô e outra nomeada de sala de educação física onde estava o material dos esportes;
- i) A cantina (identificada na planta como vendinha), lavanderia, depósito e rouparia estavam em salas ao fundo;
- j) Existia ainda dois dormitórios, um para hóspedes e outro sem especificação;
- k) Neste pavimento estava a tesouraria da escola;

- l) A sala de audiovisuais foi alocada neste pavimento;
 m) As coordenações do Pré-escolar (atual educação infantil) e do Curso Primário, funcionavam em salas separadas neste mesmo pavimento.

**FIG. 93 – PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO
 COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA – ANO 1975**



Planta elaborada para esta pesquisa por Joana Leonara de Brito Vale a partir dos originais existentes no Conselho Estadual da Educação do Piauí. Teresina, 2010.

Passemos agora a observar a planta do 1º pavimento do Colégio saviniano em Teresina (página anterior). Neste andar temos algumas salas de aulas e é onde se concentra a parte administrativa da escola, diretoria, secretaria, serviço de orientação escolar, serviço de orientação psicológico, sala de jogos, biblioteca, mecanografia e a sala de visita, além do Parlatório (que já não existe) tão mencionado pelas nossas entrevistadas.

Era neste pavimento que estavam instaladas o refeitório das alunas, a cozinha destinada a preparação da alimentação das alunas internas, copa e despensa. Era neste espaço que as alunas faziam suas refeições e estavam “vigiadas pela caveira”. Neste nível do prédio ficava a “sala da comunidade” as alunas internas estudavam e, por vezes, aconteciam atividades religiosas extras para as alunas externas, ou então era utilizado para as orações pelas Irmãs.

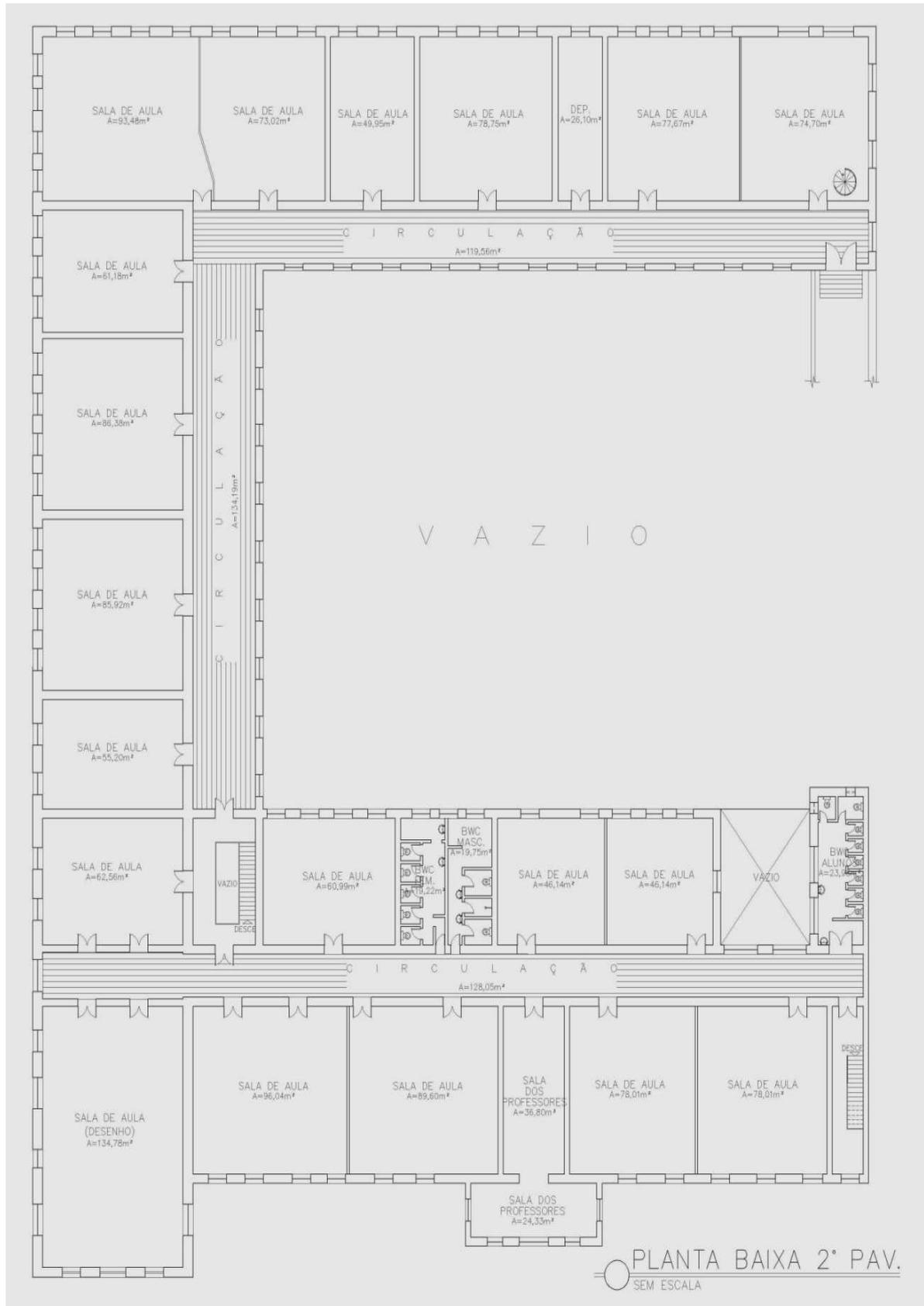
O segundo pavimento, conforme, consta na planta a seguir é destinado inteiramente às salas de aula, com exceção de uma pequena sala que serve como depósito.

Após esta breve análise do espaço escolar saviniano podemos reafirmar que estes lugares educaram as mulheres que por ali passaram em diferentes aspectos, os quais precisam ser analisados com mais acuidade, pois nestes há

a projeção física e simbólica, cumpre uma função educativa fundamental. Nesta perspectiva, a ocupação do espaço escolar, sua divisão interna, suas aberturas para o espaço exterior, a delimitação de fronteiras entre o interno e o externo e, mais que isso, a disposição e diferenciação dos sujeitos (alunos e professores, sobretudo) e dos objetos no espaço, na sala de aula, tudo isso cumpre um papel educativo da maior importância. (...) uma busca por dotar a instituição escolar de um lugar próprio, na cena social, possibilitando-lhe definitivamente distinguir-se da casa, da igreja e da rua e, por conseguinte, das culturas e das sensibilidades que por aí circulam. (FARIA FILHO, 2003, p. 86)

Assim, os prédios, sedes dos Colégios das Irmãs no Piauí, se constituíram em lugares não apenas de instrução, mas, sobretudo em “lugares de memória”, não somente para suas alunas e ex-alunas, ex-funcionários e ex-professores, funcionários e professores, próprias religiosas, mas para todos os piauienses, independente de ter estado nas dependências internas dos Colégios.

**FIG. 94 – PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO
COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA – ANO 1975**



Planta elaborada para esta pesquisa por Joana Leonara de Brito Vale a partir dos originais existentes no Conselho Estadual da Educação do Piauí. Teresina, 2010.

Estes prédios históricos, de alguma forma, fazem parte da memória dos piauienses, seja como pontos de referência e facilitador da localização dentro dos espaços urbanos teresinense e parnaibano, seja como local de esperanças, sonhos e desejos (quantas meninas suspiravam ao passar pela frente principal dos Colégios desejando ser mais uma das “meninas das freiras”!!!), encontros e desencontros. O certo é que, de alguma forma, os Colégios fazem parte do passado, da memória e do imaginário dos piauienses há pelo menos quatro ou cinco gerações, e fazem parte do presente das gerações contemporâneas de forma indelével uma vez que quase inimaginável perceber a Avenida Frei Serafim ou a Praça Santo Antônio sem a presença dos Colégios das Irmãs.

Estudando o processo de instalação dos Colégios das Irmãs, observamos que as edificações destes no Piauí ao longo de um século de existência de “pequena casa das irmãs catarinas” se transformaram e se destacam entre as grandes construções existentes nas cidades erguidas no início do século XX, e, são considerados os tipos ideais de construção para o funcionamento de um estabelecimento dedicado a atividade educacional, representam a ligação mantida entre o Piauí e a Europa por meio das Irmãs Italianas, além de ser referência no tocante a preservação e manutenção da arquitetura original, mesmo diante das intervenções para modernizar e adaptar as estruturas já construídas às exigências contemporâneas. Assim, nos foi possível estabelecer que os prédios dos Colégios das Irmãs têm uma notoriedade singular, pois, além da grandiosidade e beleza arquitetônica que demarcam os espaços urbanos teresinense e parnaibano, estas edificações são reconhecidas pela população e poder público como integrantes do patrimônio histórico e cultural do Estado.

A memória, a nossa e a alheia, é, como se diz, traíçoeira. Mas é também inventiva: não só omite como acrescenta. O que houver de falta ou de sobra neste relato pode-se atribuir a ela.

Zuenir Ventura, 2004

5 “CEM ANOS DE HISTÓRIAS, CEM ANOS DE VITÓRIAS DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ”⁸⁷:

fragmentos de histórias de vida e memórias de ex-alunas dos Colégios das Irmãs

Por que as ex-alunas dos colégios católicos piauienses ao fazerem referência a estas instituições fazem questão de pronunciar o nome completo de suas escolas? Por que apenas os piauienses que não estudaram naqueles colégios os chamam de Colégios das Irmãs?

As respostas a estas perguntas e a tantas outras não encontramos nas fontes históricas inanimadas, e, diferentemente de outras áreas do saber, a História e seus profissionais ao produzir conhecimento não se satisfazem em apenas descrever acontecimentos.

A História anseia pensar e explicar os acontecimentos do passado e relacioná-los com os eventos do presente. Pois, para a História “para se apreender quem somos, imperativo se torna desvelar quem fomos.” (FERREIRA; GROSSI, 2007, p. 54)

Partindo da convicção de que

a subjetividade é uma construção social e histórica. (...) Assim, a subjetividade não existe como um fato ou algo dado, mas sim como um processo em contínua construção. Trata-se, portanto, de significados, sentidos, sentimentos que deslizam e flutuam na correnteza do tempo. A subjetividade se constitui desse modo, no constante movimento do ir e vir psíquico e sociocultural⁸⁸. E essa perspectiva histórica permite perceber o que permanece e o que rompe, ler e compreender o que resultou em formas de rompimento ou permanência, o que possibilita um olhar sobre a cultura como um sistema de instrumentos e signos coerentes, que deve ser compreendido não em sua proximidade, mas em sua irreduzível distância, tendo como norte a idéia tão cara às mentalidades, e em especial a Lucien Febvre (1986), de que um homem deve ser inteligível não com relação a nós, mas com relação a seus contemporâneos. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 31; 41-42)

⁸⁷ Versos iniciais da segunda estrofe do poema em homenagem ao centenário do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba, escrito pelo poeta local Francisco Nascimento e publicado na edição especial da revista Raios de Luz, em maio de 2007.

⁸⁸ Para melhor compreensão destes processos de formação da subjetividade humana e, porque não dizer, identidade do ser humano, ver as interpretações produzidas por Norbert Elias sobre os processos da sociogênese (externo ao indivíduo social) e da psicogênese (interno ao indivíduo social), os quais combinados e ocorrendo simultaneamente num tempo histórico e num espaço social determinados se coadunam para formação dos comportamentos individuais e sociais de cada ser humano.

E, embora a narrativa histórica seja a fragmentação de experiências históricas reinterpretadas a partir da perspectiva do profissional da História, e desta forma “(...) todo o discurso historiográfico acaba por enclausurar os acontecimentos no ‘museu da história’” (CATROGA, 2005, p. 31), a pretensão da História ciência é construir conhecimento interligado diretamente com a História vivida pelos seres humanos, com o intuito de ajudar-nos a compreender no nosso presente as relações sociais, as formas culturais, as crenças religiosas, as sociabilidades, as formas de lazer, as formas de trabalho, etc. Enfim, construir significados às nossas práticas cotidianas, permitindo-nos, assim, compreender como e porquê se constituíram tais práticas num determinado tempo e espaço, como se mantiveram e/ou se transformaram através dos tempos e lugares.

No intuito de atingir tal pretensão, a construção da História não pode se restringir ao uso de documentos pétreos, carregados de uma emoção que se concretizou e pouco vivaz, porque, apesar de nos revelar muito do cotidiano de nossos antepassados e ajudar a explicar o nosso próprio presente, a fonte histórica inanimada, sem vida, “não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15). A narrativa histórica construída com auxílio exclusivamente de tais fontes não revela a história interpretada pelo sujeito histórico que vivenciou os acontecimentos da História, e, conseqüentemente, sem as significações e relevâncias construídas por aqueles que os viveram a partir de suas experiências, convicções e interpretações pessoais.

Em busca de estabelecer a relação entre a História contada por documentos escritos, impressos, imagéticos sobre os Colégios das Irmãs na sociedade piauiense e a História vivida pelos sujeitos históricos que estavam presentes nos corredores, nas salas de aulas, nos refeitórios, nas capelas, nos momentos de lazer, etc. que existiram e existem naquelas instituições escolares, trabalhamos com a **memória** de ex-alunas dos Colégios das Irmãs, uma vez que “a legitimidade do estudo da época contemporânea repousa em particular no fato de que o historiador possui um material inesgotável antes mesmo da abertura dos arquivos. Uma de suas maiores vantagens é dispor de testemunhas vivas.” (CADIOU, 2007, p. 138)

Para trabalharmos com a memória enquanto fonte para a História, utilizamos a base conceitual elaborada por Bosi (2003, p 15) que afirma

a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que

existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político, etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Assim, ao nos valermos das memórias das ex-alunas, conseguimos obter tanto informações sobre a imagem social dos Colégios das Irmãs, quanto para recompor a trajetória de vida de ex-alunas e, nestas identificar como estas reproduziram e onde e como elas subverteram os ensinamentos a que tiveram acesso no período que freqüentaram os Colégios. Ao percorrer as trajetórias individuais que se cruzaram no espaço escolar dos Colégios das Irmãs, percebemos, ainda, que “(...) o sujeito vive em contextos. De suas relações e tensões nesses contextos emerge a sua história, que foge a qualificação do uno, ancorando-se ou permanecendo à deriva de suas múltiplas experiências.” (FERREIRA; GROSSI, 2007, p. 54) e, ao “falar” suas memórias os sujeitos desta pesquisa revelaram a interpretação pessoal, individual construída sobre os eventos vividos nos Colégios das Irmãs.

As mulheres que entrevistamos falaram-nos e suas falas revelaram suas memórias, incluindo as escolares, e, também, a configuração da sociedade piauiense e brasileira, por extensão, e os ordenamentos sociais vigentes num determinado momento histórico, quer estes fossem aceitos e respeitados, quer fossem questionados, burlados e descumprindo ou mesmo transformados.

Neste ouvir as ex-alunas dos Colégios sobre suas vidas durante o processo de formação escolar e após saírem daquele espaço escolar, percebemos que ao se inserirem na sociedade piauiense estas mulheres carregaram consigo – inscritos em sua subjetividade – as marcas produzidas pela educação católica, porque

a narrativa é simbólica, pois deixa transparecer a visão individual, mas voltada não apenas às experiências dos narradores, mas também reveladora de ações coletivas. O renascimento da narrativa significa o reconhecimento das limitações do determinismo, quando as estruturas superavam a liberdade de interpretação que ressalta a força da ação humana, além da forma conceitual de classe social.

(...), múltiplas são as versões que podem ser apresentadas a respeito das experiências vividos em diferentes momentos de sua história. A diversidade de narrativas não contradiz às proposições da análise histórica, que não mais almeja a contemplação de verdades reveladas, mas o confronto das contradições e das múltiplas versões, dos modos de pensar diferenciadas, que podem ser contempladas. (...)

O próprio conceito de narrativa nos esclarece acerca das informações obtidas, pois o conteúdo dos relatos apresentados não é resgatado, mas elaborado em um presente distante das ocorrências rememoradas e a memória se alimenta do passado, mas não se liberta do momento existencial em que é revelada. Ela remete à constelação da diversidade de visões, que são apresentadas, acerca das temáticas escolhidas, pois, a subjetividade diferencia o panorama estudado, mostrando as várias paisagens que podem ser divisadas. (JUCÁ, 2008, p.496-497)

Revelando, assim, a importância das memórias para a nossa pesquisa histórica, apontando a relação entre memória individual e social. Similar ao que detectou Jucá (2008), ao produzir pesquisa sobre o Seminário da Prainha em Fortaleza (CE), utilizando-se das memórias dos ex-alunos a partir da narrativa construída oralmente pelos entrevistados, pois tais memórias

expressa não apenas uma visão pessoal, sobre o centenário Seminário da Prainha, de quem ali foi interno, mas também deixa transparecer múltiplas experiências, vivenciadas por um total de (...) entrevistados, (...). A nossa exposição, portanto, aproxima a memória individual da memória social, onde merecem ser indicados dimensões e encaixos do roteiro metodológico, seguido ao longo da pesquisa. Se diferentes são as versões apresentadas, à respeito das experiências ali vivenciadas, distintos são os olhares e as “artes de fazer”, na “invenção do cotidiano” o que nos leva a uma revisão da tradicional aproximação entre “manicômios, prisões e conventos”. Nas trilhas das narrativas, diferentes paisagens são modeladas, contagiando-nos pela transparência da narrativa e pelo fulgor da oralidade.” (JUCÁ, 2008, p. 478)

E, lembrando, a afirmação de Hobsbawn (2002, p. 11-12), ao utilizarmos as memórias dos sujeitos históricos para produzir a narrativa histórica, estamos trabalhando

não a história do mundo ilustrada pelas experiências de um indivíduo, mas a história do mundo dando forma a essa experiência, ou melhor, oferecendo uma gama de escolhas cambiantes, mas sempre limitadas, com as quais, (...), os homens fazem [suas vida], mas não [as] fazem como desejam, não [as] fazem nas circunstâncias escolhidas por eles, e sim nas circunstâncias diretamente encontradas, proporcionadas e transmitidas pelo passado; poder-se-ia acrescentar: e pelo mundo à volta delas.

Assim, ao analisar os fragmentos das histórias de vida contadas por nossas entrevistadas e os inserir no contexto histórico da sociedade piauiense do século XX, tivemos de identificar de que lugar, posição social estava situada cada uma de nossas colaboradoras em dois momentos de sua trajetória individual, o primeiro era na época enquanto foram alunas dos Colégios das Irmãs e o segundo momento é o tempo presente, do tempo em que constroem as narrativas sobre si mesmas e sobre seu passado.

Enfim, construímos significados e explicações onde articulamos os percursos individuais de nossas entrevistadas aos processos sociais e históricos dos quais estas mulheres participaram e contribuíram com suas ações enquanto sujeitos sociais. E cientes de que, as histórias contadas por nossas entrevistadas, parafraseando Gabriel Garcia Marquez (2005), não é a vida que aquelas mulheres viveram e, sim, a vida que elas recordaram e como recordaram para nos contar sobre os seus tempos de escola e os aprendizados ali

conquistados, deste modo, “ao esculpir uma forma no tempo vivido, a percepção do mundo se desvela no corpo como presença imediata que expressa mediações – a partir de escolhas, envolvendo um sujeito autônomo e o cuidado para com o outro.” (FERREIRA; GROSSI, 2007, p. 57)

Para situar as ex-alunas numa posição no cenário sócio-cultural piauiense, ainda, que por aproximação, nos utilizamos do uso do *rapport*⁸⁹, feito sob a forma de questionários, a partir do que obtivemos informações sobre local de residência, número de irmãos e as atividades profissionais dos genitores à época em que elas estudavam nos Colégios e, também, sobre sua profissão na atualidade, locais de trabalho e residência e estado civil. De posse de tais informações básicas, e municiadas das informações coletadas nas demais fontes pesquisadas, pudemos conversar com as ex-alunas tendo o mínimo de conhecimento sobre a realidade sócio-histórico da qual nos falavam e, por vezes, nos confienciavam episódios marcantes de suas vidas enquanto “alunas das freiras” e como ex-alunas dos Colégios das Irmãs.

Para acessarmos as memórias das pessoas que vivenciaram acontecimentos passados, nos utilizamos, além do *rapport*, de dois recursos basicamente. Em um primeiro momento analisamos alguns dos objetos de memórias de ex-alunas que nos foram entregues, quais sejam o Caderno de Recordação de Amariles Santana, fotografias de Teresinha Meireles, Eva Evangelista, Erice Moura e escritos autobiográficos de Miriam Jales, os quais guardam registros de impressões sobre o Colégio e as práticas do cotidiano escolar.

O caderno de recordações de Amariles contém depoimentos de suas colegas, integrantes da 1ª turma do Curso Científico do Colégio das Irmãs de Teresina, e nestes escritos, também autobiográficos, pudemos encontrar fotografias de algumas alunas e, ainda, menções às: apreensões das alunas ante o futuro profissional daquelas mulheres que foram preparadas para não ser professoras primárias e que, segundo a ótica da própria instituição, eram menos preparadas que as normalistas; sistemas avaliativos, laços de amizade, frases esperançosas de que obteriam sucesso profissional, etc. Enquanto nos escritos de Miriam Jales, intitulado “Pequena História da Alunas Internas do Colégio Sagrado Coração de Jesus (1937-1944)”, encontramos a descrição da rotina das alunas internas e comentários sobre os professores, alunas e freiras, entre meio a outras tantas recordações das ex-alunas.

⁸⁹ Para maiores informações sobre o uso do *Rapport* ver Augusto N. S. Triviños (1987), a obra Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.

O segundo recurso utilizado para termos contato com as memórias das ex-alunas foi a História Oral, que implica em estabelecermos diálogos com indivíduos “de carne e osso” que por meio da oralidade puderam expressar as “percepções da vida social” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.14) construídas ao longo de sua existência social. Sabemos que “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53),

Por isto, nesta pesquisa nos foi importante utilizar as ferramentas e instruções formuladas por Meihy e Holanda (2007, p. 14) sobre a História Oral, e, também, a precaução de que

a entrevista em história oral é uma fórmula programada e responde à existência de projetos que a justificam. Convém lembrar que a palavra dita e gravada não existe como fenômeno ou ação isolada. Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais – que na maioria das vezes não tem registros verbais garantidos em gravações –, pode integrar discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista de história oral. A consideração da entrevista além do que é registrado em palavras é um dos desafios da história oral.”

Ao recorrermos ao uso da história oral, escolhemos fazer uso, entre os tipos de história oral existentes, da história oral temática, pelo fato de considerarmos a seleção dos sujeitos a partir dos Colégios das Irmãs, bem como estas instituições terem sido definidas como o foco central das entrevistas.

E, mesmo sabendo, que a narrativa escrita produzida a partir da memória obtida por meio da oralidade, é, em última instância, uma forma de dilaceramento da história vivida e da memória dos sujeitos que se dispuseram a contar-nos momentos de suas vidas, pois a escrita não comporta e não consegue traduzir a complexidade de significações resguardadas e preservadas pela memória, nos propusemos a “produzir” fragmentos de histórias de vida de ex-alunas dos Colégios das Irmãs e buscar nestes fragmentos respostas para alguns de nossos questionamentos sobre a sociedade contemporânea e sua constituição.

Não entrevistamos todas as ex-alunas dos Colégios das Irmãs que gostaríamos uma vez que não havia tempo nem estratégias eficientes para dar cumprimento a tal intento. Então, para contactarmos as ex-alunas que se tornaram sujeitos desta pesquisa, recorreremos à rede de relações familiares e de amizades existentes entre aquelas que estudaram nos Colégios

das Irmãs. Fomos apresentados a algumas ex-alunas que nos indicaram outras e assim por diante.

Como critério para a seleção das entrevistadas nesta pesquisa, utilizamos o ano de ingresso das alunas nos Colégios das Irmãs. Por isto foram consultadas mulheres que freqüentaram os cursos dos Colégios durante o recorte temporal no qual se inscreve a nossa pesquisa, ou seja, conviveram e viveram no espaço dos Colégios em algum momento entre os anos de 1906 e 1973.

O primeiro contato com as ex-alunas se deu através de Carta Convite (ver **Apêndice a**) para participar de nossa pesquisa. Antes de realizarmos as entrevistas com as ex-alunas, procedemos à aplicação de *rapport* (**Apêndice b**) com o intuito de possibilitar um primeiro contato com as entrevistadas e, também, para recolhermos elementos que dessem suporte a elaboração do roteiro de entrevistas, proporcionando o desenvolvimento da pesquisa e favorecendo o estabelecimento de uma relação dialógica entre entrevistadora e os sujeitos da pesquisa. Aplicamos 32 questionários à ex-alunas, sendo cinco (05) ex-alunas do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba, e, vinte e sete (27) ex-alunas Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina, as quais estão identificadas no Inventário de Ex-alunas (**Apêndice d**).

As informações obtidas com as entrevistas foram transcritas e apresentadas à ex-alunas para obtenção da Carta de Cessão (ver modelo no **Apêndice c**) para que pudéssemos fazer uso das informações prestadas.

Os fragmentos de memórias obtidos nos *rapport* e nas entrevistas foram, utilizados ao longo de todo este trabalho. Mas, consideramos, que diante das afirmações proferidas sobre a participação dos Colégios Confessionais Católicos no processo de reconfiguração dos papéis femininos no século XX, ser mais esclarecedor privilegiar as informações decorrentes dos relatos orais e dos objetos depositários da memória de ex-alunas construindo historicamente as trajetórias de vida de algumas mulheres piauienses que viveram as intensas transformações do século XX e a realidade dos Colégios das Irmãs, por termos a certeza de que o “(...) sujeito que narra a sua história – que não é homogênea, contínua, unívoca. Dela se desprendem múltiplos passados, distintos cenários que descerram permanências e rupturas. Trata-se de histórias dentro da própria história.” (FERREIRA ; GROSSI, 2007, p. 54).

Na impossibilidade de compreender esta multiplicidade de passados, percepções, interpretações, enfim de histórias que entremeavam as falas e memórias das ex-alunas

consultadas – seja por meio dos *rapport*, seja através das entrevistas – fizemos a opção de nos deter no relato e a análise de fragmentos de quatro trajetórias de vidas de ex-alunas, duas que vivenciaram o internato, Lili Leite e Miriam Jales, e, duas outras que foram externas, Amariles Santana e Erice Moura. Subseqüente as trajetórias destas quatro mulheres, reunimos e apresentamos fragmentos das vidas de outras dezesseis mulheres ex-alunas dos Colégios das Irmãs as quais agrupamos em dois grupos a partir de suas famílias, Família Batista Moura e Família Sá. Na construção do texto escrito, por vezes, agrupamos as memórias de várias de nossas entrevistas em torno de uma mesma temática de modo a sermos didaticamente coerentes e evitar repetições, mas é importante lembrar que excetuando-se pelas entrevistas realizadas com as mulheres da família Sá com quem uma das entrevistas foi realizada em foram de roda de conversa reunindo quatro delas, as demais ex-alunas foram entrevistadas individualmente.

A partir das narrativas construídas pelas ex-alunas buscamos perceber (retomando a afirmação de Saviani (2007) a respeito da apropriação da materialidade da instituição escolar e interferência desta nos “destinos de vida” de suas ex-alunas) como as escolas confessionais católicas contribuíram para a formação das mulheres no século XX, com a incorporação de um ideário que engendrou definições de “identidades” e subjetividades, além da representação que estes sujeitos produziram para si acerca do espaço escolar que freqüentaram e suas ressonâncias em suas trajetórias individuais.

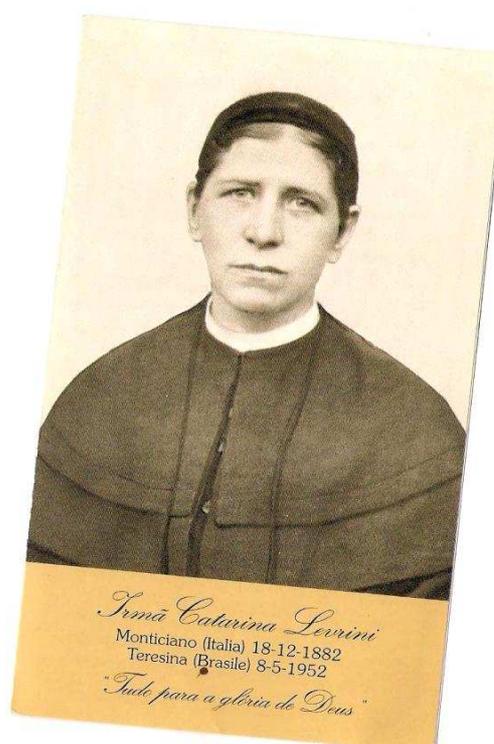
5.1 A musicista: Miriam Jales

A irmã mais velha de Miriam de Oliveira Jales de Carvalho, Maria das Dores estudava como interna no Colégio Sagrado Coração de Jesus desde o ano de 1935. E, a partir de 1937, foi a vez de Miriam estudar internada no Colégio das Irmãs, onde “passei sete anos vivendo nele como aluna interna, e um ano como aluna externa.”(CARVALHO, 2002, p.01).

A chegada ao colégio foi cheia de expectativas, em 27 de fevereiro de 1937, juntamente com o pai e a irmã Maria das Dores, “fomos recebidas pela irmã Superiora que (no parlatório) teve longa conversa com nosso pai, explicando as normas do Colégio” (CARVALHO, 2002, p. 01).

Aqui notamos que, apesar dos pais de Miriam já conhecerem as normas do Colégio em razão de já ter uma filha, “Maria das Dores já estava no Colégio há dois anos e este seria o último” (CARVALHO, 2002, p. 01), a superiora Irmã Catarina Levrini fez questão de explicar as normas do Colégio como se o pai de Miriam e nem as próprias alunas não as conhecesse. Tal ação demonstrou, em certa medida, a valorização das regras e a busca pelo cumprimento com rigor das normas estabelecidas nos “Estatutos e Regras para As Educandas do Collegio Dirigidos pelas Irmãs dos Pobres de S. Catharina de Sena”. Provavelmente, a conversa com o pai na presença de Miriam e Maria das Dores se repetiu quando Maria Auri, a filha mais nova, foi ser matriculada no Colégio.

FIG. 95 – IRMÃ MARIA CATARINA LEVRINI



Acervo Lili Leite

A Irmã Catarina Levrini chegou ao Brasil no ano de 1914, vinda da Itália com a missão de dirigir o Colégio em Parnaíba, onde atuou como superiora no período de 1914 a 1919 e acumulava as funções de Superiora da Congregação em Parnaíba e direção do Colégio. Em Teresina foi a quarta superiora do Colégio e ficou na função de 1927 a 1944. O nome do Colégio das Irmãs que funciona no bairro Memorare, em Teresina, fundado na década de 1970 para ser a escola de aplicação do Curso Normal e que integra as obras sociais da Congregação das Catarina, é uma homenagem a esta Irmã. A irmã Catarina faleceu em Teresina em 1952.

Filha do meio do comerciante unionense Protázio de Oliveira Costa e da dona de casa Maria de Lourdes Oliveira, Miriam iniciou o curso Comercial no ano de 1937, mas não concluiu o curso, porque

achei complicados tantos cadernos, lançamentos, partidas, dobradas, etc. No fim do ano deixei o curso Comercial (que não era equiparado⁹⁰) e fiz exame de admissão para o Ginásio. Éramos 120 garotas e 100 foram aprovadas. Então dividiram as alunas em três turmas. (CARVALHO, 2002, p.01)

Talvez por ter a atividade comercial como principal fonte de renda da família, os pais de Miriam tenham optado por matriculá-la no curso de Comércio (contabilidade), mas como não gostou dos números e das cifras e cursou apenas a 1ª série deste curso, optou por se submeter ao temido Exame de Admissão para poder ingressar no Ginásio, e foi aprovada. “Cursei as cinco séries do Ginásio. Depois mais dois anos do Normal.” (CARVALHO, 2008, p. 02)

Conforme descreveu Lili Leite, colega de internato no Colégio, “a Miriam era doida de pedra, mas a Miriam é tão minha amiga, é impressionante, todos.” (CASTRO, 2010, p. 12) A constatação de Dona Lili se fundamenta no fato de a colega ser um tanto inquieta e por várias vezes ter desafiado as Irmãs na tentativa de descumprir as normas impostas, como na ocasião em que

Mais pense assim: 160 internas mais era um diabo (risos...) Davam um trabalho pra Irmãs. Olha, eu num sei se tu conhece assim, a entrada era ali por baixo no porão que a gente chamava... (...) por baixo assim do Cristo, desse lado de cá, entrava ali todas as externas e internas e bem aqui, aqui tem um pé de manga que ficava no recreio a gente ficava sentada em volta e bem aqui... (...). As externas entravam e a Irmã pegou mandou botar um estrado de madeira, aí, a Miriam quando via a superiora a Irmã Florinda, era a Irmã Florinda nessa época (risos) ela dizia (e cantando): “Tudo na vida se acaba superiora querida mas se essa grade num acabar, com essa grade ou sem essa grade, com as externas eu falo.”, aí batia com o pé no chão. (...) A gente não assistia aulas com elas não, nossas carteiras, nosso lado era deste lado assim no Colégio, num sabe? E as externas era pra lá. (...) Não, [as Irmãs] num queria que a gente se comunicasse não, as externas ficavam no..., noutro setor, num sabe!! Aí tinha assim um internato também é mais a gente não tinha muito, não era pra ter muito assim comunicação assim com elas não. (...) Cada grupo de aluna, as externas, Ave Maria era tudo separado!!!” (CASTRO, 2010, p. 06-07)

⁹⁰ Um curso não ser equiparado significava que não tinha obtido o reconhecimento do Ministério da Educação e que por isso não equivalia ao ensino secundário ofertado nas escolas públicas.

Podemos atribuir a caracterização de Miriam como sendo uma “doida” pela colega de Colégio, porque a postura esperada das mulheres no início do século XX, e, principalmente daquelas que foram educadas em escolas católicas,

sua postura normal é a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária

O silêncio é o comum das mulheres (...) O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres (...). “Seja bela e cale a boca”, aconselha-se às moças casadoiras, para que evitem dizer bobagens ou cometer indiscrições. Evidentemente as mulheres não respeitaram estas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios na casa, (...). Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições. Preencher os vazios de poder, as lacunas da História. Imagina-se, sabe-se que as mulheres não deixaram de fazê-lo. Frequentemente, também, elas fizeram de seu silêncio uma arma. (PERROT, 2005, p. 09 -10)

Contudo, Miriam não cumpria este silêncio sem discutir, nem enquanto era aluna nem mesmo depois de sair do espaço escolar, e, falou e foi mais além, escreveu, expôs suas memórias dos tempos em que foi aluna interna do Colégio das Irmãs em Teresina na brochura “Pequena História das Alunas Internas do Colégio Sagrado Coração de Jesus (1937 à 1947)”.

O silêncio tão caro e tão reiterado na educação feminina, nos Colégios confessionais era exigido não apenas por ser elemento indicador de bons modos e de obediência das alunas, mas também, como forma de impedimento da efetiva interação social entre os diferentes “tipos” de alunas (internas, externas, órfãs), pois era proibido a estas conversar entre si, mesmo nos horários de intervalos de aulas, e para que isto fosse cumprido, as Irmãs as supervisionavam constantemente, mas Miriam formulou estratégias para burlar tais regras e se comunicar com as alunas externas

E em sua escrita, Miriam faz o relato emocionado sobre o período em que esteve no Colégio, pois “éramos felizes e não sabíamos” (CARVALHO, 2002, p. 01), e que guardou “ótimas lembranças. Os professores muito bons. Fiz muitas amizades entre as alunas que duram até hoje. As Irmãs verdadeiras mães para nós.” (CARVALHO, 2010, p. 02). Mas, também, relatou a rotina das alunas e as peripécias para driblar as regras, além de críticas sutis as normas e as exigências a que eram submetidas, tanto que afirmou que “as internas rezavam muito ajoelhadas, por isso tinham vergonha dos calos dos joelhos” (CARVALHO, 2002, p.07), e as práticas dos docentes.

Torna-se fácil perceber nos escritos de Miriam sua admiração pelo espaço educacional do Colégio das Irmãs, sua saudade da rotina dos tempos de Colégio é vista quando relembra situações que provocam risos e também que tinha de se levantar as 5h30 da manhã e as alunas internas,

todas tinham que trocar de roupa, calçar meias e sapatos e arrumar a cama com rapidez, sempre rezando a uma hora “Santíssima Trindade nós vos adoramos e bendizemos, glória ao padre, ao filho e Espírito Santo como era no principio agora e sempre pelos séculos dos séculos amém. Padre nosso etc., e ave Maria cheia de graça ... etc.” Íamos repetindo: “Às duas horas ... até as doze horas quando todas as meninas deviam estar penteadas, arrumadas e enfileiradas para entrar na capela para assistir a missa das 6 horas.” (...) Passávamos o dia todo de farda, sapato e meia. (CARVALHO, 2002, p. 3-4)

Contudo, ao observarmos mais detidamente as situações jocosas relatadas por Miriam, podemos desprender destas memórias a crítica tecida por uma ex-aluna que apesar de “reverenciar” a sua escola, a ponto de ter matriculado lá suas filhas e netas, também reconheceu as deficiências em suas práticas educacionais e até mesmo posturas pessoais. Isto percebeu-se ao ler que

as garotas gostavam de apelidar os professores e até mesmo as irmãs. Só que nem eles, nem elas sabiam. Assim o professor de Francês (de olhos repuxados) era o “Chinês”, um professor que substituiu o de matemática que faleceu (muito magro) era o “Tripa escorrida”, a professora de inglês era a “Baratinha” e muitos outros apelidos que não lembro. Entre as irmãs havia uma italiana que era explosiva e tocava forte a campã, seu apelido era “Vesúvio” (vulcão está sempre em atividade). Outra que falava alto e reclamava de tudo era a “Espalha brasa”. E, assim por diante. (CARVALHO, 2002, p. 5-6)

Havia ainda, as paródias que irritavam os professores e as freiras, tais como a que falava da professora de inglês:

A Baratinha assanhada
 Não faz direito o cocó
 Anda de saia rodada
 Do tempo da minha avó
 E sempre com a ladina
 De falar bem o inglês
 Mas não fala patavina
 Nem mesmo de português (CARVALHO, 2002, p.7)

E, também, tinha as quadrinhas serviam para aumentar a separação, e, por que não rivalidade entre as alunas internas e externas,

Esta é a música carnavalesca “Os Carecas”
 Nós, nós as internas
 Com as externas
 Somos maiorais
 Pois na hora da saída
 É das internas
 Que elas gostam mais ...
 Não precisa ter vergonha
 Pode mostrar
 O seu joelho
 Pra que cabelos
 Pra que pernas raspadas
 Se são internas
 É porque são danadas ... (CARVALHO, 2002, p.6)

Na letra da quadrinha, ainda se percebe, a idéia corrente na sociedade piauiense das décadas de 1930 e 1940 de que as meninas que estavam internas eram mais “danadas” e, por isto mesmo, seus pais as tinham mandado “ficar com as freiras” para se corrigirem e tornarem-se mulheres obedientes.

As alunas internas tinham todo o dia preenchido por atividades, seja educacionais, religiosas, assistenciais, etc., não havia hora ociosa no dia das alunas, como lembrou Miriam, “tínhamos aulas pela manhã e tarde. O tempo era pouco para o lazer. Estudávamos: português, latim, francês, inglês, ciências, matemática, química, física, geografia, história geral, desenho, além de educação física.” (CARVALHO, 2008, p.04). Tanto que em um dos momentos mais aguardados pelas “meninas das freiras” era o passeio de domingo, quando “aquelas que os pais autorizavam (...) íamos passear na Avenida, em fila, íamos até o Seminário (hoje Paulo VI) e de lá voltávamos.” (CARVALHO, 2002, p.6). Mas, era aos domingos também que a Irmã Vitorina Bonifase (italiana) dava aulas de desenho e pinturas.

Miriam lembrou uma das paródias que abordava justamente a rotina das internas dos Colégios o que as deixava sem tempo para distrações outras.

Garotinhas internas
 Meninas das freiras
 Somos todas do Colégio
 Do Sagrado Coração
 Somos coradinhas
 Como flor de algodão
 Não vamos
 Nunca ao cinema
 Temos nossos livros
 Pra os distrair
 E não pintamos
 Nem os lábios
 Nem as faces
 Não usamos jóias
 Pra não atrair ... (CARVALHO, 2002, p.7)

Quando perguntamos a Miriam que ensinamento aprendidos no Colégio das Irmãs estão presentes em sua vida até hoje, a resposta nos foi dada prontamente:

(...) Ensinavam trabalhos manuais, música (piano e violino) e pintura (aos domingos). Eu estudava violino e pintura, também fazia parte do coro da capela. Até hoje gosto de música, além de possuir instrumentos musicais (violino e bandolim) bato pandeiro, animando as nossas reuniões familiares. (CARVALHO, 2008, p. 03-04)

Nas memórias de Miriam estão presentes vivamente a mescla que havia de nacionalidades entre as Irmãs, pois “quando cheguei no Colégio S.C. de Jesus para estudar havia muitas irmãs italianas e outras brasileiras.” (CARVALHO, 2002, p.7). Além do fato de que sob a influência da religiosas Catarinas algumas alunas se tornaram freiras, por isso que

muitas colegas nossas depois de terminar o curso que faziam resolveram entrar para o convento. Lembro-me de Violeta Resende, Dedi Assunção, Maria Egídia e outras. A minha irmã Maria Auri, que terminou o curso Normal no Colégio das Irmãs, entrou para a ordem Cordimariana e já fez bodas de ouro. Ela reside na cidade de São Caetano no interior de Pernambuco. (CARVALHO, 2002, p.8)

Nas memórias de Miriam são perceptíveis as interpretações que o sujeito histórico que constrói uma narrativa sobre si mesmo, denotando, assim que a subjetividade humana é resultante de uma construção sócio-histórica e individual e por isto,

a subjetividade consiste, portanto, naquilo que existe de mais cultural e que convive com o que existe de mais particular no ser humano. Sendo a cultura concebida como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento e fonte de informação extra-somática, ela fornece a conexão entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles efetivamente se tornam, um por um. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 36-37)

Conhecemos fragmentos da trajetória de vida de Miriam por meio de suas próprias escritas e, também, por meio da fala de sua colega Lili Leite. Esta “menina das freiras” que trabalhou por dois anos como professora primária na cidade de União antes de se casar, e, que apesar de ter introjetado e, não raras vezes, reproduzido as orientações e as práticas aprendidas durante os anos vividos no colégio católico, conseguiu com sua irreverência – utilizando-se das paródias e afrontando algumas das normas dos Colégios – apontar aquilo que considerava incoerentes, tal como a separação rigorosa entre os tipos de alunas, dentre outras.

5.2 Artesã com reconhecimento internacional: Lili Leite

O nome de batismo, como ela mesma costuma dizer, é Alexandrina Leite de Castro, mas é conhecida por todos como Lili Leite. Filha do fazendeiro José Leite Pereira Sobrinho e de uma dona de casa, a senhora Antônia Rodrigues de Brito Leite, teve no pai o maior incentivador para prosseguir nos estudos e na mãe a bordadeira que lhe ensinou os primeiros pontos.

A família de dona Lili era natural da cidade de Campo Maior, onde o pai se dedicava as atividades da pecuária e agricultura e, também, lidava com o comércio da cera de carnaúba na primeira metade do século passado. A condição financeira da família Leite era confortável para a época e todos os filhos do casal estudaram em escolas particulares em Teresina. Dona Lili lembrou que, por vezes, a condição financeira de sua família lhe causava constrangimentos, como quando o

Dr. João Resende que era o dentista do Colégio e ele gostava de me aperrear ele dizia mesmo assim: Chandinha, Chandinha! Não sou diabo de Chandinha não, me chame por meu nome. Aí ele dizia mesmo assim: Mas essa menina é pobre que nem o Roland Jacob⁹¹. Doutor pelo amor de Deus você me mata. Ele dizia não é quando tu casar, bichinha! Tu pensa que eu não conheço quem é teu pai não, eu to acostumado a vir de Piripiri passar na fazenda de vocês. Oh! Mas eu ficava louquinha, minha irmã achava uma coisa absurda. (CASTRO, 2010, p. 13-14)

Dona Lili é uma senhora simpática que com 79 anos “não entrega a condução da casa e da lida do almoço e da janta a ninguém”, ainda que tenha encomendas e mais encomendas de seus bordados com data marcada para entregar. Estudou no Colégio das Irmãs de Teresina no período de 1944 até 1948, quando teve de abandonar os estudos. Coursou da terceira série do curso Primário até o primeiro ano do Ginásio.

Eu num cheguei nem a concluir o Ensino Fundamental porque eu fiquei paralítica. Agora como? Apêndice supurada. Eu resisti tanto tempo, isso em 1949. Aí, em 1949, foi quando o Olímpio deixou o Seminário em São Paulo veio e fundou um Ginásio lá em Campo Maior mais o Monsenhor Mateus, cunhado da Adélia, num sabe?!! E lá terminamos. O meu pai não queria, nós terminamos casando. Com três meses de casada ele me encontrou eu não caminhava ainda. Aí, com três meses de

⁹¹ Roland Jacob era considerado o mais rico do Piauí na primeira metade do século XX. Era comerciante parnaibano e tinha atividades e lojas comerciais nas principais cidades do Piauí. Seus negócios não se limitavam ao Piauí, algumas vezes chegou a negociar com Inglaterra e Estados Unidos.

casada, o Rocha Furtado me operou que eu estava com o apêndice todo cheio de pus. Aí eu não voltei mais.
 Meu pai disse: “não minha filha eu acho que não deve lhe sacrificar você pelo menos você tem ainda já seu grau de instrução, não quero mais não só se você um dia ficar boa!” Aí eu não fui mais, ele não deixou mais eu estudar! (CASTRO, 2010, p. 02)

Ao começar a contar como foram os anos em que era interna no Colégio das Irmãs, dona Lili nos contou como foi que o seu pai escolheu o colégio em Teresina para onde mandaria as filhas para estudar:

Ele dizia assim: “minhas filhas só estudam se for em Colégio de freiras”. Porque quando eu iniciei o, o 1º ano de Colégio era numa escolhinha de uma professora particular lá em Campo Maior, né! Porque, como eu lhe disse, ele tinha as fazendas dele e vivia assim depois do monumento do Jenipapo né, mais ele ficava muito tempo. Tinha uma empregada que tomava conta de tudo e ele ficava com os empregados, lá ele recebia visitas, o pai da Irmã Mercês era morto e vivo lá. Comprava gado na mão dele aí ele ficava lá e a gente ficava na cidade com a mamãe, passava o período de fim de semana, férias e a gente ia para fazenda, né. (CASTRO, 2010, p. 04)

Dona Lili, também, nos explicou logo no início de sua narrativa que a vida das internas não era nenhum sacrifício e

o povo tem esse negócio com internato, o internato num tinha ..., pelo contrário a gente tinha lazer, tinha jogos, tinha tudo, a gente participava de tudo, os passeios, até a farda as internas, as Irmãs saíam com as internas. A gente ia até a Vermelha e voltava, a gente não era totalmente presa! (CASTRO, 2010, p. 04)

Durante sua entrevista, a ex-aluna nos revelou que, apesar de está casada, seu maior desejo era torna-se freira, mas que o pai não permitiu e disse-lhe que

De jeito nenhum, era toda assim, e eu louca pra ser freira e meu pai disse: “de jeito nenhum! Gosto muito delas, mais para você servir a Deus não é obrigado você ser freira. Você pode servir como moça velha”. Mas moça velha só se for no Convento? (risos) Num queria que eu fosse freira! (CASTRO, 2010, p. 04)

Mais uma vez temos a confirmação de que a convivência com as Irmãs no Colégio despertava o desejo de ser religiosa em algumas alunas que admiravam a rotina das Irmãs.

FIG. 96 - LILI LEITE EM 1947

Acervo Lili Leite

A foto registra Lili Leite quando era aluna do curso Ginásial com a farda cotidiana das internas do Colégio das Irmãs de Teresina. “(...) vestia a camiseta e a saia e as meias também. Era de algodão, comprida e sapato fechado. (...) Meia de algodão e, as, as blusas de mangas compridas e a saia de suspensório(...)” (CASTRO, 2010, p. 07)

Quando perguntamos a Lili o que aprendeu durante a sua estada no Colégio, obtivemos a seguinte resposta: “eu sei que foi uma maravilha, meu Deus, foi assim eu tive uma infância muito sadia” (CASTRO, 2010, p. 08). “O Colégio foi o despertar pra mim, foi uma coisa fora do normal” (CASTRO, 2010, p. 30). E que foi no Colégio que aprendeu a se alimentar melhor, a comer legumes e verduras

A gente comia muito inhame, maxixe, quiabo, essas coisas que eu aprendi a comer essas coisas no Colégio. As Irmãs notaram que não comia, aí, faziam, menina foi num sei quantos dias cozinhando maxixe, quiabo, fazia aqueles quibebe, dizia o almoço de hoje é este com arroz, até que eu me habituei a comer e hoje sou doente por maxixe e quiabo. (...)o pai, meu pai mandava tudo, mandava muito doce de leite, queijo, toda coisa e aí num faltava também. As vezes ele brigava comigo porque ele deixava dinheiro na mão da Irmã Angélica pra mim gastasse com o que eu precisasse e ele fazia uma visita e quando voltava da próxima vez a Irmã ainda tava com o dinheiro, num sabe?Eu não gastava porque eu não via necessidade, aí, e eu tinha sempre os lanches, né! E, as Irmãs tinha assim muito cuidado com a gente, nossa! Não deixava faltar nada não. (CASTRO, 2010, p. 05)

Sobre o seu processo de profissionalização como artesã, referência em bordados manuais, especialmente o frivolidé, dona Lili nos contou que

(...) Minha mãe bordava muito bem, aí, começou a me ensinar a eu fazer bordadinho, fazia uns bordadinho ponto de areia, bordadim matiz e outras coisas, ela bordava muito pra noiva, aí, as Irmãs ficava admirada, num sabe. A dona Odete, meu Deus, mais é terrível, uma criança! Aí, por frivolité foi que a Irmã, “tu num aprende não pirralha, sai de cima”. Oh! Irmã me ensine Irmã. Pegava a linhazinha botava no carretel de esparadrapo ia acompanhando até que eu vou lhe mostrar deu o nó. Olhe quantos cursos eu num já dei de frivolité aqui em Teresina. (CASTRO, 2010, p.30)

E que quando foi estudar em Teresina

a Irmã Maria Morais ficava no recreio, ela metia bem aqui no hábito (mostrando a cintura) um tubo de linha e ficava fazendo frivolité e de vez em quando ela pegava essa linha daqui. Ô Irmã me ensine? Sai pirralha tu num faz, sai, sai, tu num aprende não. Isso é difícil. E eu atrás da Irmã Maria, num deixava ela quieta um minuto, até que eu aprendi o nó e peguei um carretel de esparadrapo enrolei a linha e fui dá os nozinhos. Ela disse: Ave Maria isso é um pássaro invital. Meu Deus, mas a menina aprendeu logo (risos...) Aí passou a me ensinar a fazer. Aí, minha filha, tu conhece o frivolité? (...) e eu já dei foi muito cursos aqui em Teresina, quase todo mundo já faz frivolité, lindo, lindo, lindo é um gripi (...) (CASTRO, 2010, p. 09-10)

FIG. 97 - AMOSTRAS DE BORDADOS DO TIPO FRIVOLITÉ FEITOS POR DONA LILI LEITE



Acervo Lili Leite

Um dos tipos de bordados que Lili Leite aprendeu a fazer no Colégio das Irmãs de Teresina foi o frivolité. Neste tipo de artesanato utilizando-se apenas de agulha e linhas, o profissional dá forma a flores, crucifixos, estrelas, bainhas, bicos, segundo as bordadeiras mais experientes se faz um gripi e com este as formas que se desejar, embora seja uma arte um tanto complexa de ser aprendida e aperfeiçoada.

Sobre a importância do bordado em sua vida e o reconhecimento de seu trabalho no cenário internacional, Lili nos informou que

Aprendi no Colégio. Aí comecei, já tou virando é o mundo por aí. (...) foi pra Bogotá, pra Colômbia, pra Colômbia. Passei 45 dias ministrando aula numa Escola

de Artes e Ofícios lá em São Domingos. E agora mesmo recente eu recebo num sei quanto email dela, da Escola, dizendo que sempre você é lembrada aqui na Escola que tudo que você ensinou foi útil e que a gente comenta muito e suas alunas perguntam muito por você e que um dia vão me chamar novamente. (CASTRO, 2010, p. 31)

FIG. 98 - AMOSTRA DE BAINHAS FEITAS POR DONA LILI NO COLÉGIO DAS IRMÃS DE TERESINA



Acervo Lili Leite

Durante as aulas de Trabalhos Manuais, as alunas dos Colégios das Irmãs tinham de produzir amostras dos “trabalhos de agulhas” e organizar um álbum contendo os trabalhos, especialmente os bordados. A imagem é uma das amostras diferentes tipos de bainhas feitas por Dona Lili em 09 de março de 1947. “Cada quadradinho um bordado, é um tipo de bainha. Isso aqui já num tem mais nem o nome, olhe, março de 1947.” (CASTRO, 2010, p. 37)

Do período que ministrou cursos de bordado na Colômbia, dona Lili guardou a matéria publicada em jornal piauiense e que fez questão de ler na íntegra durante sua entrevista

Olha, bem assim, essa aqui foi a Eduarda Barros, mas ela botou umas coisas aqui erradas, (mostrando e lendo a matéria publicada num jornal) “artesã piauiense ministra curso na Colômbia, 18 de 02. Alexandrina Leite Castro, tem 70 anos”. (...) (risos...). “Ela é artesã e instrutora da arte de bordar, é uma especialista que entende de tudo, trabalho minucioso, fazer diversos pontos usando va, vagonite e frivolité. Dona Lili como Alexandrina...”. Não é, Alexandrina, sou conhecida como Lili, né, “é mais conhecida, foi a primeira artesã brasileira escolhida pra ir a Colômbia para ministrar cursos na Escola de Artes e Ofícios da Colômbia, localizada em Bogotá a viagem está marcada para o dia 21 de fevereiro. A escolha de D. Lili aconteceu graças a uma parceria do governo colombiano com o SEBRAE do Piauí.” (...) Eu fui em 2000, 2001 e 2002. (continua lendo a matéria no recorte de jornal). “O curso de

bordado ministrado por Dona Lili que tem o objetivo de desenvolver e qualificar a artesã colombiana, despertando suas habilidades, utilizando técnicas como confeccionar certos bordados a mão, ainda estimulando o incentivo e a criatividade...”. Menina, mais essas meninas fizeram tanta coisa linda no dia do encerramento, eu tenho uns álbuns aí, é porque tá tudo á em cima. No dia do encerramento foi uma festa tão grande foi tanto choro e a, a moça que me acompanhava disse: isso aqui não é um velório, isso aqui é uma festa de despedida. (...). Tudo, tudo nos álbuns, tudo e aqui foi lindo porque eu ensinei tudo, tudo e ainda hoje, né, a Escola é louca por mim. A Colômbia é um país que tem mais estrutura governamental de apoio a produção artesanal, só que eu fazia assim no artesanato... (CASTRO, 2010, p. 36-37)

A qualidade do artesanato produzido por dona Lili foi reconhecida em âmbito nacional e ela se tornou consultora do SEBRAE, e além de ministrar cursos onde ensina diferentes tipos de bordados, faz trabalhos para divulgar o artesanato piauiense.

Eu presto serviço o SEBRAE. Olhe, eu trabalho, eu trabalhei em 2001-2002 a coleção do Valter Rodrigues toda com flor de fita. Agora tou com um italiano nas minhas costas, e a rosa (mostrando a rosa feita de fitas). Ele já veio aqui e depois que saí de São Paulo ele já veio aqui (...) Valter, eu bordei a coleção foi todinha. Eu tive que fazer foi duas cirurgias na minha mão do trabalho repetitivo. E, agora no PIAUÍSAMP eu fui no São Paulo, fechei pra bordar duas barras de um vestido de uma noiva da TAM e a TAM devolveu o vestido pra mim. (CASTRO, 2010, p. 33)

FIG. 99- FLORES DE FITA FEITAS POR DONA LILI



Acervo Lili Leite

Para produzir estes diferentes tipos de flores de fitas, a artesã Lili Leite utilizou somente as fitas e cola. Segundo ela, também, foi no Colégio que aprendeu a fazer estas “mimosas” flores.

Os bordados de dona Lili já foram utilizados como diferencial em peças de roupas produzidas pelas principais lojas piauienses “pra competir com o Fashion-Rio, (...), eu tinha lavado aplicado um tipo de bainha (...)”(CASTRO, 2010, p. 36).

Com certeza as memórias de dona Lili seriam suficientes para comprovar a tese que elencamos em torno da participação dos Colégios católicos na alteração dos papéis sociais femininos durante o século XX, posto que mesmo se considerando que entre as mais importantes atividades femininas estão aquelas relacionadas ao espaço doméstico (e em relação a estas não faz concessões), dentre as quais inclui ser esposa, mãe e avó, conseguiu se dedicar a uma atividade produtiva remunerada fora do lar, e tornou-se uma profissional de reconhecimento nacional e internacional, e sobretudo, porque foi com os conhecimentos aprendidos e aperfeiçoados nos Colégios das Irmãs que conseguiu construir para si a profissão de artesã e nesta obter destaque e reconhecimento profissional no Piauí, no Brasil e no exterior.

Tanto que Dona Lili afirmou repetidamente que “o Colégio foi que me deu tudo na vida, tudo o que eu sou, tudo o que eu aprendi eu agradeço ao Colégio! Tudo ao Colégio, hoje eu não sei mais como é que funciona, se elas tem aula de artes,(...)” (CASTRO, 2010, p. 41).

5.3 “Mamãe não queria que eu fosse professora!”⁹²: Amariles Santana

Filha do comerciante Adalberto José de Santana e da professora primária Anathália Carneiro da Silva Santana, Amariles Santana foi matriculada no Colégio Sagrado Coração de Jesus porque a mãe “não queria que a gente estudasse muito em colégios públicos e (...) nós sabemos que o Colégio das Irmãs tinha turmas de Científico.” (SOUSA, 2010, p. 01). Dona Anathália também não desejava que a filha cursasse o Normal para se tornar professora primária, então no final do ano de 1958 matriculou Amariles na primeira turma do Curso Científico do Colégio das Irmãs em Teresina.

Em 1959 se tornou realidade no Colégio das Irmãs o Curso Científico exclusivamente para mulheres. As pretensões das Irmãs Catarinas preparar mulheres para prestar o Vestibular era comentada desde anos anteriores. No final do ano de 1958, o Colégio Sagrado Coração de Jesus iniciou a matrícula para o primeiro ano do Curso Científico a ser ofertado naquela escola. Foi o primeiro curso destinado exclusivamente à preparação de

⁹² Trecho da entrevista de Amariles Santana. Esta foi a resposta dada pela entrevistada ao ser perguntada porque foi fazer o recém criado Curso Científico no Colégio das Irmãs.

mulheres para prestar o exame Vestibular com a finalidade de ingressar no ensino superior. A procura superou as expectativas das Irmãs Catarinas que tiveram que abrir duas turmas.

**FIG. 100- ALUNAS DO CURSO CIENTÍFICO
DO COLÉGIO DAS IRMÃS DE TERESINA - ANO 1961**



Acervo Amariles Santana

Tirar fotografia das concludentes na escadaria principal do Colégio se tornou uma prática comum entre as alunas dos Colégios das Irmãs. As primeiras mulheres a cursar o Científico em Teresina também registraram sua imagem na escadaria ao lado do Cristo. A fotografia mostra algumas das 35 alunas que concluíram o Científico em 1961.

No Curso Científico foram matriculadas alunas internas, como lembrou Amariles,

e

as vezes, delas internas, já vinham desde o Ginásio internas e continuaram o Científico. Tinha diferença, porque a gente ia toda de branco, a blusa branca e a saia, e elas [as internas] tinham a blusa mais escura, assim não lembro o tecido, se era um quadriculadozinho, mas elas tinham, (...) como elas saiam ali do refeitório, do almoço, vestiam aquela roupa que a gente notava logo que era interna. (SOUSA, 2010, p. 09)

Excluindo-se a cor da farda, conforme descreveu Amariles, as internas e as externas que freqüentavam o Científico não eram impedidas de comunicar-se e “podiam conversar a vontade” (SOUSA, 2010, p. 09)

A abertura deste curso no Colégio das Irmãs significou num primeiro momento a possibilidade de preparação de mulheres para o ingresso no ensino superior, posto que antes as estudantes piauienses que desejassem entrar numa faculdade precisavam se preparar de forma individual para o vestibular, enquanto cursavam o Curso Pedagógico ou outro curso profissionalizante equivalente ao Secundário. Ou, caso dispusessem de recursos financeiros, migrar para outro Estado para fazer preparatório e prestar o vestibular.

Amariles lembrou que por ser a primeira turma do Científico “não tinha (...) Exame de Admissão para entrar no Colégio das Irmãs (...) foi só trazer a transferência do Colégio Leão XIII.” (SOUSA, 2010, p. 01) e, também, que o início deste curso demarcou “o começo do fim” do Curso Pedagógico no Colégio das Irmãs. Pois a medida que crescia a procura e o número de matrículas no Científico, o inverso aconteceu com os cursos Pedagógico e de Contabilidade.

O curso Científico funcionava apenas no turno da tarde e o Ginásio era pela manhã, segundo nos informou Amariles, “no Colégio começou alguma coisa com o Clássico⁹³. (...) Eu só fiz o Científico! Foram três anos de Científico e as matérias era Português, Matemática, História, Geografia, e tinha Biologia, (...) Religião, Física e Química.(...) As aulas de religião eram assim bem pesadas, né! As Irmãs cobravam muito na parte da Religião.” (SOUSA, 2010, p. 02). O currículo deste curso era composto pelas disciplinas básicas: Português, Inglês, Matemática, História, Geografia, Religião, Física, Química, Artes/Desenho, Educação Física e Instrução Moral.

Ao observarmos as disciplinas e os conteúdos curriculares que integravam o Curso Científico, compreendemos a afirmação de Amariles quando nos disse que as Irmãs se empenhavam muito nas aulas de Religião e por conta disto as alunas sentiam uma cobrança maior no que se referia a esta disciplina. Pois, entendemos, que mesmo objetivando a preparação das mulheres para prosseguirem os estudos, a pretensão dos colégios católicos era, também, que concomitantemente ao seu desenvolvimento intelectual as alunas adquirissem e

⁹³ O curso Científico era integralizado em três anos e havia ainda o terceiro ano clássico, o qual era opcional às alunas.

seguissem fielmente os preceitos do catolicismo cristão e as normatizações da Igreja Católica seja onde for que estas mulheres fossem se inserir como profissionais.

Apesar de ser obrigatória a participação das alunas nas atividades escolares de cunho religioso, para as alunas do Científico “elas [as Irmãs] eram mais liberais” (SOUSA, 2010, p. 03), enquanto as alunas dos demais cursos eram mais “cobradas”, principalmente do Ginásio, no que se referia as disciplinas de Trabalhos Manuais e Religião. No entanto

o Científico tinha por obrigação, (...) para irem a procissão. Se não fossem? Ela [Irmã] dava suspensão. Elas diziam que davam suspensão, mas eu não me lembro assim de nenhuma pessoa ter sido suspensa. É, só dizer, era o suficiente para ninguém faltar. Aí no fim se tornava até uma procissão bonita, uma coisa animada, ficava bonito. (SOUSA, 2010, p.10)

Quadro 5 - Currículo do Curso Científico – Ano 1966

SÉRIE	DISCIPLINAS
1 ^a SÉRIE	Português, Inglês, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Religião, Instrução Moral, Artes, Educação Física.
2 ^a SÉRIE	Português, Inglês, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Psicologia, Religião, Instrução Moral, Artes, Educação Física.
3 ^a SÉRIE	Português, Inglês, Física, Química, Biologia, História, Religião, Doutrina Social da Igreja, Instrução Moral, Artes, Educação Física.
3 ^a SÉRIE CLÁSSICO	Português, Francês, Inglês, História da Filosofia, Estudos Sociais, Doutrina Social da Igreja, Religião, Instrução Moral, Artes, Educação Física.

Fonte: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

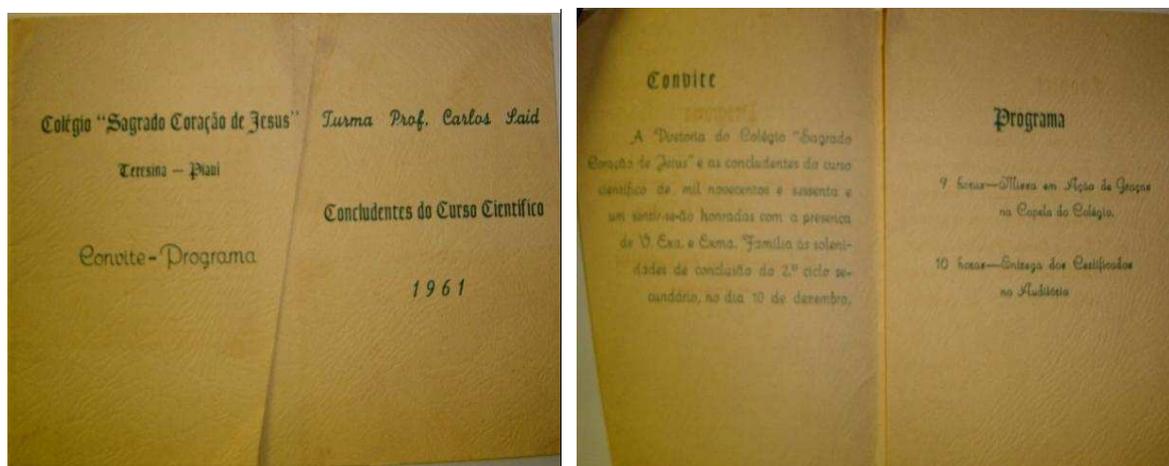
Ainda, assim, a estratégia de educar cristãmente empregada pelos colégios católicos conseguiu atingir seus objetivos em grande medida, pois como afirmou Amariles no Colégio aprendeu “além dos conhecimentos pedagógicos, respeito ao ser humano, principalmente aos mais velhos, aos professores, aos colegas e aos funcionários mais humildes da casa. (...). [Ensinaamentos] principalmente o religioso que me deu um alicerce sólido para caminhar com fé, amor, trabalho e tranquilidade no dia a dia.” (SOUSA, 2008, p. 02-04)

A primeira turma de concludentes do Curso Científico do Colégio das Irmãs recebeu o nome do professor Carlos Said, porque

era nosso professor de História (...) . Foi a turma que escolheu porque era como se diz assim: professor participativo com a gente num sabe. A nossa colação de grau foi muito simples (...), foi mesmo no Colégio, parece que tivemos só uma missa, a entrega dos certificados, foi assim, coisa simples, foi a noite. (...) Acho que nem todo mundo na época quis colar grau, porque o diploma de Científico era besteira. (...) O do Pedagógico podia ser mais... (SOUSA, 2010, p.18-19)

Uma das lembranças de Amariles Santana que é, em certa medida, intrigante e instigante, era o fato de que mesmo estando matriculada num curso que era voltado para a preparação da continuidade dos estudos por meio do Vestibular, as Irmãs e os próprios professores do Colégio não mencionavam com muita ênfase e nem as pressionava para serem aprovadas no vestibular. “E tinha mesmo pessoas, elas faziam o 3º ano Científico e depois quem ia cursar um curso melhor, que nós tivemos várias colegas que fizeram medicina, e elas saiam pra Fortaleza, fazer o cursinho em Fortaleza, o ano todinho de cursinho pra depois fazer o vestibular.” (SOUSA, 2010, p. 03)

FIG. 101 - CONVITE DA FORMATURA DA 1ª TURMA DO CURSO CIENTÍFICO COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA - ANO 1961



Acervo Amariles Santana

No convite além das solenidades – a missa e entrega dos certificados – foi registrado as homenagens das concludentes ao prof. Camillo Filho (paraninfo da turma), prof. Carlos Said (patrono da turma), Dom Avelar Brandão Vilela (homenagem de honra), Inspetor Federal Paulo Nunes (homenagem especial), entre outras homenagens.

Assim podemos questionar se o curso Científico tinha como finalidade precípua a continuidade dos estudos das mulheres, por que não as incentivava a prestar o vestibular,

porta de entrada no ensino superior? Apesar das muitas fontes já consultadas, ainda, não conseguimos formular uma resposta satisfatória para esta pergunta. O que podemos afirmar é que a oferta do Científico não se materializou de imediato um aumento significativo no número de mulheres piauienses nos cursos superiores, sua existência e continuidade crescente do número de alunas matriculadas por si só já é indicador da efetivação de mudanças no cenário social piauiense que paulatinamente deixa antever a aceitação e a possibilidade de às mulheres se inserir no mercado de trabalho desempenhando atividades funcionais que não estão ligadas diretamente a maternagem.

**FIG. 102 - AMARILES SANTANA
RAINHA DA FACULDADE DE FILOSOFIA 1962**



Acervo Amariles Santana

Algumas atividades comuns nos Colégios de Ensino Secundário se reproduziam na FAFI, como por exemplo a eleição da rainha dos estudantes. No ano de 1962, Amariles foi escolhida para ser a Rainha da FAFI. A fotografia é um registro do momento da coroação da rainha naquele ano.

Mas, retomando as memórias de Amariles Santana, esta nos apontou em suas falas uma informação interessante e que é o fato de que ao ser aprovada no Vestibular para o curso de História na FAFI (Faculdade Católica de Filosofia) em 1962, cuja opção foi resultada da influência de um tio, Josias Carneiro (era professor do Colégio das Irmãs e depois foi lecionar na FAFI) que gostava muito da disciplina História, quase não sentiu diferença entre a Faculdade e o Colégio das Irmãs, “porque sempre os professores do Colégio das Irmãs e do

Leão XIII, eram todos professores da Faculdade” (SOUSA, 2010, p. 16). Por conta desta singularidade podemos entender que o Colégio das Irmãs funcionou, também, como espaço de preparação docente para os primeiros professores de ensino superior piauiense.

Amariles nos afirmou que foi seguindo os exemplos dos professores do Colégio das Irmãs e com o incentivo, principalmente do professor Camillo Filho, que começou a lecionar História no Colégio Leão XIII, Educação Doméstica na Escola Normal, Geografia no SESC, atividade que abandonou quando assumiu o emprego na antiga CODESE (Comissão de Desenvolvimento Econômico) que era vinculada ao Palácio de Karnak (sede do poder executivo estadual piauiense).

Aqui, é importante ressaltar que Amariles, mesmo sem constar em seu currículo escolar que tivesse tido aulas de Economia Doméstica – nem no ensino secundário, nem no ensino superior – foi considerada apta a lecionar esta disciplina pelos dirigentes da Escola Normal, pelo fato de em ter sido aluna do Colégio das Irmãs e na grade curricular do Curso Científico constava a disciplina Artes nos três anos, e, embora oficialmente não tivesse expressado, nesta estavam diluídos os fundamentos e os conteúdos das matérias de Economia Doméstica, Puericultura, Artes Femininas, Trabalhos Manuais e Desenho, como era uma prática nas escolas confessionais destinadas à educação feminina.

Mas ao referir-se aos anos de estudos no Colégio das Irmãs, Amariles nos afirmou categoricamente que “ajudou muito a minha formação religiosa, a minha formação como mulher, como mãe, eu acho que aprendi muito no Colégio das Irmãs, mesmo com as exigências que era na época, eu nem achei que tinha tanta exigência assim.

5.4 Professora por vocação e tradição familiar: Erice Moura

A professora Erice de Moura Rodrigues, natural da cidade de Simplício Mendes (sul do Estado do Piauí), é filha da primeira professora normalista daquela cidade, Djanira Alves Rodrigues e do dentista (e líder político) Jonas de Moura Rodrigues. Sua irmã mais velha, Ceres, concluiu o curso Normal em Petrolina (PE) no Colégio Maria Auxiliadora. Vivenciando em casa a rotina da docência no magistério primário, Erice, afirma que quando foi para o Colégio das Irmãs em Teresina

Já queria ser professora. E tive bons professores que serviram de exemplo, num sabe?!, porque eu não tenho queixa, de... todos os professores. Eu tive muita sorte assim porque todos os professores bons, eu acho assim bom não só em termo de ... de...cultura, tá entendendo?!, como o tratamento com a gente, num sabe?!, ali só tenho bons exemplos. (RODRIGUES, 2008, p. 04)

A ex-aluna das Catarinas acredita que há em sua família a vocação inata para o desempenho das funções docentes,

porque eu tinha também muita vontade, assim de..., eu queria..., toda a vida eu quis ser professora, desde criança, assim ..., eu brincava era de dar aula, tudo, e eu já tinha minha mãe, já tinha minha irmã e elas se sentiam muito bem com isso, tal e eu achava que era o melhor, ser professora. (RODRIGUES, 2008, p. 04)

Mas, antes de se tornar uma das professoras mais respeitadas de sua cidade natal e exercer por diversas vezes as funções de diretora de escolas públicas, além de secretária municipal de educação, Erice estudou em dois colégios católicos – um em Pernambuco, o salesiano Maria Auxiliadora, em 1957 e 1958 onde era interna juntamente com a irmã Ceres; e o saviniano em Teresina a partir de 1959 até 1964 como externa.

O motivo da transferência de Petrolina para Teresina foi a reprovação do irmão Érico,

e papai soube desse Colégio lá em Campo Maior, né!. Tinha o Sílvio, que o Sílvio é padrinho do Érico, né, e parente ainda da gente e muito amigo e falou desse Colégio lá, que o Pe. Mateus disse que era ..., que o Colégio lá tinha muita disciplina tal, eu só sei que papai resolveu colocar ..., o Érico já fez a segunda época lá em Campo Maior. E eu já tinha um irmão, o Iran, que morava, que estudava lá em Fortaleza, no Colégio São João, e papai resolveu pegar minha transferência, num sabe?!, lá pra Teresina (...) (RODRIGUES, 2008, p.02)

Ser transferida para a capital não era algo que Erice almejava, pois em Petrolina já estava acostumada a ser interna, tanto que no primeiro ano em Teresina

Tive dificuldade porque eu achei o seguinte..., que lá em Petrolina as Irmãs, elas tinham assim..., elas eram mais ligadas a gente, tá entendendo?!, e elas se preocupavam muito com essa parte assim de educação de..., agora lá em Pe..., Teresina também. Só que eu senti assim ... que lá em Petrolina, eu não sei se é porque a gente ficava ali interna e tal, mas depois eu fui me adaptando viu e aí eu adorei aquelas freiras! Porque parece assim que elas lá, as de Teresina, parece que elas estavam mais preparadas pra nos preparar pra vida, tá entendendo?!. Enquanto lá no Colégio das Irmãs, as Salesianas, elas ficavam naquele negócio assim..., a

gente pensava que o mundo era só aquilo ali, tá entendendo?! (neste instante a entrevistada sorrir bastante) (RODRIGUES, 2008, p. 03)

Ao se transferir para o Colégio das Irmãs, Erice foi morar

Fiquei morando ali na Rua Olavo Bilac. Eu tinha um tio, tio Lourenço Moura Fé, que foi trabalhar lá, trabalhava no BEC, e com isso ofereceu a casa dele lá pra eu ficar e eu fui lá. A gente morava lá na Rua Olavo Bilac ali com a Arlindo Nogueira, por ali quase na esquina, bem perto do Colégio e eu fui estudar lá. Senti muita dificuldade assim, porque eu era assim toda tímida, num sabe?!, num, num..., não tinha saído daqui né, pra daqui eu sai pra Petrolina e lá eu ficava interna. E se bem que eu saía, que as Irmãs lá gostava de chamar aquelas alunas assim ... comportadinhas, num sabe, pra fazer compras lá em Juazeiro. Lá era mais light. Saia com elas lá, era assim. (RODRIGUES, 2008, p. 03)

Após o período de adaptação no novo Colégio, Erice passou a achar agradável a estada em Teresina e se integrava as atividades escolares – mesmo assim quando começavam as férias se apressava para pegar o primeiro ônibus com destino a Simplício Mendes – de forma que

Ah! O recreio era muito bom, tinha, tinha lá, porque umas meninas, porque tinha as..., aquelas, as freiras, elas trabalhavam tinha aquela, aquelas campanhas das vocações sacerdotais e, aí, é, as meninas ficavam vendendo é cachorro quente, essas coisas lá da merenda e diziam que era pra isso aí, né. Eu tinha uma amiga muito engraçada, a Amparo, ficava lá com aquele bandeirão cheio de coisa vendendo ali. Agora eu num, num, eu quase nem merendava lá assim não, num sabe?!, eu num, mas eu sei que tinha essa hora da merenda, tinha um pé de manga lá, a gente ficava conversando tal, era muito bom! Se encontrava e tal ..., tinha cantina lá, mas além da cantina, tinha essas meninas que ficavam vendendo, eu lembro demais disso do, do vendendo pra arrecadar dinheiro pra obra das vocações sacerdotais. E faziam rifa também. Uma vez eu trouxe uma rifa pra cá e coincidentemente quem tirou foi minha irmã, (neste instante a entrevistada sorrir bastante), fiquei um pouco sem graça ..., é uma canetinha, daquelas canetinhas assim compacto que era no tinteiro que tinha que botar. (RODRIGUES, 2008, p. 08)

As memórias de Erice também são referentes às lições de morais presentes nos diferentes lugares do Colégio, como por exemplo, o refeitório “Tinha uma caveira dizendo assim: “Fui o que tu és, tu serás o que sou”. (neste instante a entrevistada sorrir bastante) (...) Era. Um alerta que a vida, que a gente morre, né!, Que a vida passa...” (RODRIGUES, 2008, p. 13). Havia as lições contidas nos livros, como relatou Erice,

Me lembro dum livro de Religião que era um livro muito bonito que tinha assim: eu me lembro que tinha uns pensamentos, aí tinha assim: NO FUNDO DO CÁLICE

DOS PRAZERES MUNDANOS HÁ SEMPRE UMA GOTA DE REMORSO (RISOS) ... Tinha A MORTE NÃO RESPEITA OS MAIS NÃO, NÃ, NÃ... A MORTE NÃO TEM EDUCAÇÃO DEIXA MUITA VEZES OS MAIS JOVENS PASSAREM A FRENTE DOS MAIS VELHOS (RISOS). Eu lembro de tudo assim, mas não tenho mais o livro (RODRIGUES, 2008, p. 38)

**FIG. 103 - CONCLUDENTES DO CURSO GINASIAL ANO 1961
COLÉGIO DAS IRMÃS-TERESINA**



Acervo Erice Moura

Esta foi a classe para na qual Erice Moura foi matriculada em 1959 e que colou grau em 1961 tendo como patrono o professor de História, Waldir Gonçalves. A foto foi tirada pelo fotógrafo Müller em frente a capela do Colégio com as alunas posicionadas aos pés da imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Bem como a atenção dada aos acontecimentos nacionais, aponto de a professora Adalgisa Paiva, em função da inauguração de Brasília em 1960,

(...) eu sei que me lembro muito, (...) , eu lembro foi na época (...) quando fundaram Brasília que a Irmã que, que foi, que fizeram lá era um movimento lá e a Dona Adalgisa, nossa professora ela fez um, (...), um Hino pra fundação de Brasília. É. É. É assim. (neste instante a entrevistada canta o Hino de Santa Catarina de Sena) “Tal como é mandado do Senhor, Josué levou a Canaã o povo hebreu, Brasília terra encantada, Brasília gloriosa e bem saudada. Brasília do Brasil” Eu... na..., na... “Salve, salve, salve, nananam, nananam...” Eu acho que foi dona Adalgisa, eu me lembro desse movimento lá. (RODRIGUES, 2008, p. 14)

Tais atitudes mantinham as alunas, mesmo as internas, sempre bem informadas dos acontecimentos nacionais e internacionais relacionados a várias temáticas e não apenas à religiosidade.

**FIG. 104 - CONCLUDENTES DO CURSO PEDAGÓGICO ANO 1964
COLÉGIO DAS IRMÃS DE TERESINA**



Acervo Erice Moura

A fotografia produzida na sala de aula da classe do 3º ano do Curso Pedagógico, no ano de 1964. Nesta turma estão Erice Moura (professora em Simplicio Mendes), Maria do Carmo Bonfim (professora da UFPI – Teresina), Dóris Veloso (professora de Valença do Piauí), Maria José (Nova York, Maranhão), entre outras. Esta turma recebeu o nome da professora de Biologia Yara Vilarinho de Oliveira.

Ao recordar seus tempos de escola, Erice de certa forma faz uma análise das práticas pedagógicas de seus professores,

O Josias que foi o mais exi..., chegou assim, é o mais moderno, num sabe, aquela história. O Josias já, já chegava, já sentava na mesa, combinava, isso não acontecia com os outros, tá entendendo, (neste instante a entrevistada sorrir bastante), era aquela coisa toda, ele já ficava dando aula o tempo todo virado pra gente, essas coisinhas assim, né. Agora, eu digo o seguinte: que era esses professores, a gente tinha todo o respeito por eles e eles nos respeitavam também e, e a gente ..., olha, o

professor Castelo que era o professor de Matemática, eles iam também tudo, eles iam prontos, num sabe, muito arrumados. (...). Ah! Professor Valdir, meu professor de História. Ia também todo no terno, todo ... sentava assim, dava aquela ordem, era, Professor Valdir que era de História. (RODRIGUES, 2008, p. 18-19)

Mencionou com atenção especial a atitude do professor de História do Piauí Josias Carneiro, em 1962, quando participou da Exposição sobre o Piauí no Colégio Diocesano – organizada por iniciativa do citado professor –

o professor Josias, eu acho muito importante a pessoa ter elogios, num sabe?!, porque é muito incentivo demais, porque ele, eu fiz lá o cartaz, eu sem saber de nada, tá entendendo?!, mas é assim tudo que pedir pra fazer eu ... nunca. E ele disse, uma menina precisou lá colocar as letras, mas “peça a Erice ela faz!”. Aquilo pra mim, mas foi muito bom, por isso que até hoje, eu não, nunca deixo de elogiar assim as crianças quando elas fazem qualquer coisa que a gente, quando também, quando, quando for preciso a gente fazer uma crítica tudo, falar, a gente tem que falar porque é muito importante. Porque tem gente que num, num sei se tem dificuldade de elogiar. Porque tem pessoas também que, que quando você vai elogiar parece que pensa que você tá querendo só ... mas eu sei que, eu acho, que é muito importante o elogio. Eu passei por essa experiência eu não, não, não... a partir dali comecei a confiar em mim mesma, num sabe?!, no meu trabalho assim... É, é, achando..., pois é, ali a gente vai tendo auto-confiança. Exatamente. (RODRIGUES, 2008, p. 10)

Além dos professores, personagem marcante das lembranças de Erice e de tantas outras alunas do Colégio, é a funcionária muda, Melânia, “uma pessoa lá que era muito querida, uma muda que eu perguntei por ela, a Melânia, (...) Na hora do recreio, e a gente achava interessante porque diziam que ela sabia botar o nome dela: MELÂNIA. Era muda, mas sabia botar o nome, né?!.” (RODRIGUES, 2008, p.24).

Melânia também está presente nas recordações da Ozeni Moura com quem as alunas internas “brincavam muito” (MOURA, 2008, p. 02). E nas de Lili Leite que lembrou com entusiasmo que

no Memorare. Ave Maria, eu achava ali..., é um céu. A gente sai, cantava tanto, fazia tanto drama, ia pro Memorare, pra Pedra Mole. Era tão bom! A Irmã mandava fazer um bocado de pirão e a gente pescava uns peixinhos com anzol e a Muda espremia os peixes pra comer no dia seguinte (risos...). (CASTRO, 2010, p. 11)

Segundo Graça Sá (2009), Melânia se irritava quando alguma das alunas dobrava a ponta da roupa, e corria atrás das alunas para que elas parassem de fazer o “gesto obsceno”.

FIG. 105- MELÂNIA, A MUDA DO COLÉGIO

Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Melânia faleceu no ano de 2006 no Memorare. Trabalhava no Colégio de Teresina ajudando a manter a ordem e a limpeza das salas de aula, refeitório e demais áreas da escola.

Ao lembrar da rigidez com que as freiras tratavam as suas alunas, Erice pondera e afirma que a Irmã Hilza⁹⁴

Era. Mas eu achava, era muito justa. É porque ela era muito positiva, tá entendendo?!, e ela botava ordem mesmo na casa, num sabe?! O pessoal, sabe como é que é hoje, aliás até hoje é assim, né?! Ela ..., o Colégio funcionava muito bem, ela achava ..., eu admirava demais, ave Maria, eu respeitava, todo mundo respeitava. Porque a gente tinha assim confiança nela, num sabe?!, a gente sabia que tava sendo protegida, que tinha aquela pessoa que cuidava da gente, que cuidava do Colégio, que sabia que nada ia acontecer porque ela tinha assim ..., era muito assim, eu acho justo, tá entendendo?!, eu achava justa. Só que tinha gente que achava que era autoritária, que era, que era muito rígida, num sabe?! (RODRIGUES, 2008, p. 21)

⁹⁴ Irmã Hilza Soares de Almeida, foi a nona superiora do Colégio das Irmãs de Teresina, exerceu a função de 1956 as 1960.

A propalada rigidez e autoritarismo das Irmãs Catarinas podem ser questionados e até postos em dúvida, e como nos contou Amariles Santana, era mais uma ameaça que propriamente realidade a postura das Irmãs, fato que se confirma por meio da situação recordada por Erice quando

Eu estava assistindo aula a, a Ilma, que era filha do professor Darcy Fontinele Araújo, pegou umas tintas, num sabe?!, tinta guache, eu na aula de Religião, botei as minhas mãos assim (neste momento a entrevistada reproduz a posição em que se encontrava sentada na carteira escolar com as palmas das mãos voltadas para trás) e aí ela ficou pintando,né?!, pintou aqui a unha e tinha na classe, tinha, tinha uma pessoa, num sabe?!, para ficar ali, tipo assim uma, pra prestar atenção o que estava acontecendo ali pra ela poder dizer ...

(...). Uma aluna ficava lá. Qualquer coisa..., pra prestar atenção na disciplina. (...) Eu sei que ficava lá. (...) Eu só sei que ela foi falar, né?! Isso, isso aqui num tirou atenção de ninguém, nem nada, quando a Irmã Hilza me chamou. Aí disse: Minha filha, você é maluca? Não Senhora. Você num sei o que? Não Senhora. Pois vá lá pra sala. (neste instante a entrevistada sorrir bastante). Ora com a unha pintada. Eu dizia: não Senhora, não Senhora. Pronto! Pois vá lá pra sala, vá lavar suas mãos. (neste instante a entrevistada sorrir bastante). (RODRIGUES, 2008, p. 22)

Ao ser questionada como os dias passados no Colégio das Irmãs contribuíram para que se tornasse uma profissional melhor, Erice evocou novas lembranças e nos respondeu da seguinte forma:

Eu continuo, eu vou continuar dando nota dez. Se tivesse uma nota maior (RISOS). Pois é, porque os professores, a gente pelo menos eles passavam isto pra gente eles, eles eram dedicados ta entendendo? Eles tinham muita dedicação, a gente sentia que eles gostavam da gente e aquela, aquela, aquele interesse de passar tudo pra gente, ta entendendo! Eu acho que eles, eu, eu até hoje quando eu lembro deles, eu tenho o maior carinho. Nunca vi professor chegar lá estressado, nem, pelos menos eu tenho o maior carinho por eles. E, e isso serviu, num sabe porque você sabe o que é, é, é por exemplo, na hora de resolver qualquer coisa aí eu nunca FUI ASSIM. Se bem tinha o meu pai também que dizia; OLHA, CUIDADO! PORQUE TUDO VOCÊ NUM PODE. TEM QUE TÁ SEMPRE [aprendendo a falar] É, porque é. Ter controle emocional. (RODRIGUES, 2008, p. 39)

Analisando os fragmentos de memória de Erice Moura, mesmo considerando a sua vocação para desempenhar as funções docentes, detectamos que mesmo na década de 1960, similar ao ocorrido no início do século XX, a profissionalização das mulheres se dá preferencialmente por meio do exercício Magistério no nível primário, e que tal carreira para as mulheres era incentivada tanto no interior da família quanto nas próprias escolas destinadas a formação feminina. Por isto cabe-nos reproduzir a afirmação de Castelo Branco (2005, p.100) de que “o magistério se firmava como saída honesta para a mulher suprir suas necessidades financeiras, (...)”.

5.5 Uma família no Colégio: família Batista Moura

Desde a década de 1940 a maioria das mulheres da família Batista Moura estudaram no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina, algumas como alunas internas, outras como externas; e depois de 1973 os homens desta família também passaram a estudar no Colégio das Irmãs. É importante, ainda, mencionar que o primeiro homem a ser matriculado no Curso Primário no Colégio das Irmãs de Teresina – Leonardo Batista de Moura – é integrante desta família.

Ao observar a trajetória de vida das mulheres desta família é interessante o fato que além de ex-alunas, após concluir os estudos, algumas se tornaram funcionárias do próprio Colégio das Irmãs. Tal aconteceu com Maria do Amparo e Maria Inês desde 1977 trabalham no Colégio, a primeira como auxiliar de secretaria e a segunda como professora, Ozeni que atuou como professora e depois foi trabalhar na secretaria da escola, e, Irmã Egídia que por ser religiosa da própria congregação trabalhou por alguns anos no Colégio, antes de ser transferida.

Quadro 6 - Integrantes da Família Batista Moura que estudaram no Colégio das Irmãs – Teresina

NOME*	PROFISSÃO
Ozeni Batista de Moura	Professora
Maria Ozeni Batista de Moura	Economista
Maria Geni Batista de Moura	Arquiteta
Maria do Rosário Batista de Moura	Estatística
Maria de Lourdes Batista de Moura	Nutricionista
Regina Coeli Batista de Moura	Juíza
Leonardo Batista de Moura	Médico
Angélica Maria Moura Albuquerque	Professora
Maria do Amparo Moura Lopes	Auxiliar de Secretaria
Maria Inês Moura da Silva	Professora
Maria Hilda Moura Fé	Professora
Maria Egídia Batista de Moura	Religiosa

* Embora seja maior o número de integrantes da Família Batista Moura que freqüentaram as salas de aula do Colégio das Irmãs em Teresina, listamos aqui apenas os nomes daqueles com os quais tivemos contato durante a pesquisa e também forneceram autorização para que fossem mencionados neste trabalho

A família Batista Moura é originária da região interiorana do Piauí, concentrando-se principalmente nas cidades de São Pedro do Piauí e São Félix, onde se dedicavam ao comércio e a atividades agropecuárias.

Ozeni Moura estudou como aluna interna no Colégio das Irmãs durante a década de 1940, onde fez os cursos Ginásial e Pedagógico, nos contou que “como morávamos no interior, meus pais acharam que o melhor era eu ficar interna no Colégio das Irmãs” (MOURA, 2008, p. 02). E, Angélica Maria aluna interna, entre os anos de 1959 e 1966, nos disse que “na época era sonho de todo pai de família que morava no interior era que suas filhas fossem educadas em colégio de freiras, pela formação religiosa, pela ética, pelo respeito. E no meu caso que era interna, pela segurança também.” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 01).

FIG. 106- FAMÍLIA BATISTA MOURA TRABALHANDO NO COLÉGIO DAS IRMÃS EM TERESINA DURANTE A DÉCADA DE 1970



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A imagem é o registro de um dia de trabalho rotineiro na secretaria do Colégio de Teresina na década de 1970. Apesar das inúmeras reformas e adequações que o prédio da escola sofreu durante a sua existência centenária, a sala em que funciona a secretaria permanece no mesmo lugar até a atualidade. Neste registro temos três mulheres da família Batista Moura, no lado esquerdo da imagem temos à frente trajando hábito Irmã Egídia que à época era secretária do Colégio; ao centro Amparo (grávida da primeira filha) e ao fundo Ozeni que eram auxiliares da secretária. No lado direito da imagem temos a frente Toinha que era funcionária da Secretaria da escola e a professora de Geografia Darcy Rebelo que também era a Fiscal do Governo para o Curso Pedagógico.

As constatações obtidas a partir da fala destas mulheres em relação as escolhas de seus genitores quando as enviaram para estudar nos colégios católicos, corroboram com as

afirmações já proferidas anteriormente de que ao buscar escolas confessionais para educar suas filhas os sujeitos sociais detentores de situação financeira estável, além de ofertar-lhes instrução formal, pretendia que estas instituições auxiliassem na “formação religiosa e filosófica voltada para a obtenção de instrumentos éticos e morais capazes de imprimir nas alunas um modo de ser e agir, conforme um modelo idealizado pelos colégios confessionais” (RODRIGUES, 2008, p.05-06) no qual a mulher ideal atuava como guardiã da vida e do catolicismo e educadora do patriotismo e civilidades no mundo laico e, se fosse possível “conquistar”, despertar entre as alunas vocações religiosas.

Os Colégios savinianos obtiveram êxitos durante a sua existência centenária, tanto no que concerne a formação de mulheres imbuídas e propagadores de ensinamentos cristãos-católicos no mundo civil, quanto em incorporar novas religiosas a Congregação das Catarina de Sena saídas de sua salas de aulas. Na família Batista Moura, exemplo de tal situação é Irmã Egídia Batista Moura que tornou-se religiosa da congregação sienense após ter concluído os estudos no Colégio das Irmãs em Teresina. Poderíamos confeccionar uma lista considerável de ex-alunas dos Colégios que se tornaram religiosas, algumas ingressaram na congregação das Catarina, tais como: Fausta, Socorro Franco, Helena Baldoíno, Violeta Rezende, Neide Costa, e, outras foram para outras ordens religiosas.

FIG. 107- IRMÃ MARIA EGÍDIA - ANO 1946



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Esta fotografia foi produzida em 08 de dezembro de 1946, como forma de registrar a colação de grau no Curso Pedagógico da então aluna do Colégio das Irmãs, Maria Egídia Batista de Moura que depois ingressou na Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena e fez os votos perpétuos como religiosa desta ordem. A Irmã Egídia é tia das meninas Batista Moura e sob sua influência e proteção a segunda geração de mulheres daquela família frequentou os cursos do Colégio das Irmãs.

As irmãs Angélica Maria e Maria do Amparo lembram que tiveram de submeter-se ao Exame de Admissão e que isto lhes marcou bastante. Em agosto de 1959, Angélica Maria chegou ao Colégio para cursar a primeira série do Ginásio,

Vim de uma cidadizinha onde todos se conheciam para estudar interna. No primeiro dia de aula me vi entre uma multidão de pessoas desconhecidas e agitadas. Senti-me perdida. Na sala de aula a mestra autoritária, Irmã Freitas, mandou que eu lesse. Li péssimo e quase desmaiei. Resultado: mudaram-me de sala, não acompanhava a turma. (ALBUQUERQUE, 2006, p.04)

“D. Angélica foi remanejada da sala do 1º ano do Ginásio para a sala do Curso Preparatório para o Exame de Admissão para que pudesse segundo a direção do Colégio melhorar seu nível de aprendizagem e poder acompanhar as classes do ginásio.” (SILVA, 2007, p. 94).

Enquanto Maria do Amparo lembra que a primeira vez que foi ao Colégio era para fazer o Exame de Admissão, em 1965, foi recebida pela professora Maria do Carmo Reverdosa (ex-aluna do Colégio) e que a “ela era tão rígida e sisuda que eu fiquei com medo dela. Mesmo com medo da professora fiz a prova e passei”. (LOPES, 2008) e cursou o Ginásio e o Pedagógico. Maria do Amparo lembra, ainda, apesar de ter feito o curso Pedagógico não pretendia tornar-se professora, mas que “era desejo do meu pai eu me formar em professora, embora não tivesse essa vocação.” (LOPES, 2008, p. 04)

Sobre os dias no Colégio das Irmãs, Maria Hilda se lembrou das festas promovidas e em especial a comemoração do dia de Santa Catarina de Sena (em abril), e houve

uma festa muito bonita realizada no pátio do Colégio pela Irmã Hilza, com doze carros alegóricos representando cada mês do ano, no qual tive o privilégio de participar no carro do mês de fevereiro. Uma festa linda e que nunca houve em nosso meio! Tudo em prol das vocações sacerdotais. (FÉ, 2006, p. 04)

Ao recordarem os ensinamentos aprendidos no Colégio das Irmãs e que estão presentes em suas vidas até hoje, as mulheres da Família Batista Moura enfatizam que a “a religiosidade e o respeito ao próximo.” (MOURA, 2008, p. 04), Maria do Amparo diz que “o Colégio está presente na minha vida profissional, religiosa e social, moral. (...) Colégio é como se fosse a minha segunda casa. Amo este Colégio!” (LOPES, 2008, p. 04). Tal fato é comprovado quando observamos a rotina atual das mulheres desta família, todas são

freqüentadoras assíduas das celebrações religiosas, outras tomando como exemplo Maria Ozeni – são integrantes de pastorais e comissões da Igreja Católica.

**FIG. 108 - PESSOAS AGUARDANDO INÍCIO DA MISSA
NA CAPELA DO COLÉGIO DAS IRMÃS – TERESINA
DÉCADA DE 1970**



Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Na imagem à esquerda sentada está Ozeni Moura e em pé uma de suas filhas, aguardando o início da celebração da missa.

Em contrapartida, Maria Angélica lembrou que foi difícil deixar de ser interna, porque “o despreparo para a vida fora do Colégio. Foi uma barra deixar de ser hospede e enfrentar a vida e suas adversidades” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 05). Isto nos faz inferir que a proteção desejada pelos pais quando encaminhava suas filhas aos colégios católicos, em certa medida limitava as ações destas mulheres e não permitia que estas se confrontassem diretamente com a realidade e por isto nem sempre tinham a habilidade de portar-se frente a algumas situações em que não contavam com a proteção da família e nem do Colégio. E, mesmo ante a afirmação de Maria Inês (irmã mais nova de Maria Angélica) de que no Colégio das Irmãs “a educação era pensada como um todo. A direção da escola era muito exigente e primava pela qualidade.” (SILVA, 2006, p. 02) não é possível contestar a constatação de Maria Angélica.

5.6. Assistentes Sociais por vocação e formação: família Sá

As integrantes da Família Sá são filhas do casal Raimundo Vieira de Sá (funcionário público federal) e Odete Rodrigues de Sá (dona de casa), com exceção de Fátima Ferreira cunhada das demais, quando perguntadas quais as motivações para seus pais escolherem matriculá-las no Colégio das Irmãs todas responderam quase uníssonas: “achavam que a educação oferecida era a melhor para seus filhos.” (SÁ, 2008, p. 02)

Papai queria que todas estudassem lá, as mulheres. Porque antigamente o Colégio das Irmãs só recebia homens no Jardim, nas outras séries não era permitido. (...). Eles [pais] falavam muito bem, tanto é que eles pretendiam que todas se formassem no Colégio das Irmãs e as quatro mais velhas que éramos: Socorro, Valquíria, Teresinha e eu estudávamos lá e os outros não. A Soledade que é a mais nova não deu mais para estudar porque quando ela tinha quatro anos foi a hora que papai morreu e aí desestabilizou. (...). A Socorro já tinha terminado, que a Socorro fez até a 4ª série, o 2º grau ela fez no Liceu. A Valquíria também só fez até a 4ª série porque ela foi estudar o curso técnico de Contabilidade no Leão XIII. (...) E a Teca foi a única que fez todinho, até o Pedagógico todinho. (SILVA, 2009, p. 01-02)

Contudo, Graça Sá acrescentou outro motivo para justificar a preferência de seu pai pelo Colégio das freiras, é porque “ele gostava de caminhar e queria fazer a gente caminhar muito também! A gente morava na Alcides Freitas, e como não tinha ônibus nem nada, tinha de ir caminhando a pé para o Colégio. E era longe!” (SILVA, 2009)

Quadro 7 - Integrantes da Família Sá que estudaram no Colégio das Irmãs -Teresina

NOME	PROFISSÃO
Teresinha de Jesus Rodrigues de Sá (Teca)**	Assistente Social
Maria do Socorro Rodrigues de Sá*	Professora Universitária
Maria das Graças Rodrigues de Sá Silva	Funcionária Pública Federal
Maria Valquíria Rodrigues de Sá	Religiosa
Fátima Ferreira da Silva	Funcionária Pública Municipal

*Falecida. ** As irmãs e as pessoas mais próximas em geral a chamam pelo apelido: Teca.

As irmãs Socorro e Valquíria, por conta da diferença de idade ser pequena, foram matriculadas em 1949 no 1º ano na secção B do Curso Primário. Tiveram como professora a

Irmã Isabel Mendes e naquele ano Valquíria foi considerada “inabilitada”⁹⁵ para promoção e no ano seguinte teve de repetir de ano, enquanto Socorro foi promovida para o 2º ano do curso Primário. Mas no ano seguinte Valquíria, como ela disse “estudei para burro” e passei com grau 8. E daí pra frente só tirava nota boa.” (SÁ, 2009, p. 01).

Conforme consta no Livro de Atas de Promoção do Curso Primário (1959), as mulheres da Família Sá, apesar das reprovações de Valquíria e Graça logo na 1ª série, sempre se esforçaram e obtiveram boas notas finais. Ao ser lembrada da reprovação Graça diz que, em 1957, “quando eu estudei no Colégio das Irmãs a 1ª série era dividida em A e B, na B eu repeti. Eu repeti, pra mim foi até bom porque aprendi muito mais, aí, o resto tudo bem!” (SILVA, 2009, p. 01)

No ano de 1957, Teresinha concluiu o curso Primário obtendo grau 8, mas não pode receber seu prêmio por ter obtido boas notas durante o período escolar, pois, naquele ano, no dia 06 de dezembro, as nove horas da manhã no Auditório do Colégio

realizou-se a sessão solene de encerramento das aulas do Curso Primário e Jardim de Infância. (...) Foram lidos os nomes das alunas distintas em aproveitamento, religião e comportamento, não havendo a entrega dos prêmios, como é costume, por justo motivo, ficando assim adiada para o próximo ano no dia de Santa Catarina, ou seja, 30 de abril. (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1959, p. 54)

A situação de os prêmios não era entregue durante uma solenidade de encerramento do ano letivo era indicativo que alguma situação inusitada havia ocorrido no Colégio durante aquele ano, mas em relação ao ano de 1957, Teresinha não se recordou o motivo de não ter acontecido a festa de fim de ano, apenas se recorda de que não recebeu seu prêmio ao concluir o Primário.

As mulheres da família Sá lembram vivamente das festas que participavam no Colégio, bem como as peripécias que faziam por ocasião destes eventos em razão de as Irmãs estarem um tanto distraídas cuidando da organização dos momentos festivos.

A festa de Santa Catarina todos, todo mundo gostava. Porque, (...), a gente tinha essa comemoração e era muito animada, todo mundo participava. (...) As vezes tinha um café da manhã, todo mundo levava bolo, o que pudesse levar, um bolo, levava. Aí

⁹⁵ Nos 1º, 2º e 3º anos do Curso Primário não havia exames finais e “procedeu-se a extração das medias de aproveitamento, conduta e frequência para efeito de promoções das alunas (...)” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1959, p. 01)

tinha chocolate, só o que o chocolate era feito no Colégio. (...). Essas comemorações era dentro das próprias salas de aula. (...). Tinha uma escada de madeira, a do Parlatório, era a única que tinha no Colégio, e aquela escada nenhuma estudante podia passar. Só podia subir as freiras. E muitas vezes, a gente driblava as Irmãs e subia pra ir curiar o que que é, porque era que a gente não podia ir. Não existia nada demais. Era só porque era proibido! (SILVA, 2009, p. 04)

**FIG. 109 - ALUNAS DO 4º ANO PRIMÁRIO
COLÉGIO DAS IRMÃS - TERESINA ANO 1957**



Acervo Teresinha de Jesus Rodrigues de Sá

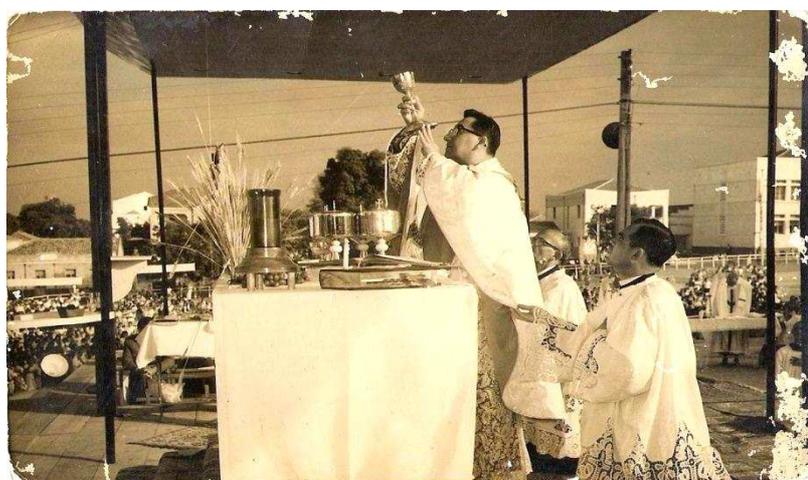
A imagem produzida no ano de 1957 é o registro do encerramento do ano letivo das alunas do 4º ano do Curso Primário. Entre as alunas concludentes está Teresinha Rodrigues de Sá.

Teresinha Sá lembra com carinho do I Congresso Eucarístico (em 1960) do qual participou e fez questão de comprar as fotos para ter uma lembrança e as “lembranças era tudo compradas” (SÁ, 2009, p. 01)

Ao saírem do Colégio, como mencionou Graça por conta das dificuldades financeiras enfrentadas pela família após a morte do pai, as irmãs Sá concluíram seus estudos da educação básica em escolas públicas, exceto Teresinha que já havia concluído o curso Pedagógico e desde 1966 trabalhava como professora primária e depois foi ser secretária na FAFI. Todavia apesar dos poucos anos que passaram no ambiente saviniano, estas mulheres

internalizaram muitos dos ensinamentos difundidos pelas freiras, constatação disto observamos quando identificamos dentre as atividades rotineiras que todas as integrantes da Família Sá, embora apenas Teresinha seja graduada em Serviço Social, atualmente desenvolvem atividades na área da Assistência Social e de uma forma ou de outra nunca se desligaram das atividades religiosas.

FIG. 110 - LEMBRANÇA DO I CONGRESSO EUCARÍSTICO DO PIAUÍ - ANO 1960



Acervo Teresinha de Jesus Rodrigues de Sá

Esta foi uma das fotos adquiridas por Teresinha Sá como lembrança do Congresso Eucarístico. Na imagem está registrado um dos momentos solenes do evento religioso, onde o arcebispo do Piauí, Dom Avelar eleva o cálice no momento da consagração do vinho. Durante o Congresso, em virtude da grande quantidade de pessoas que participavam das celebrações religiosas que aconteceram, o altar foi montado no adro da Igreja São Benedito.

No final da década de 1960, Valquíria tornou-se religiosa ingressando na Congregação das Irmãs de São José de Concórdia⁹⁶. Conforme consta nas orientações desta ordem religiosa

os ministérios que as Irmãs realizam no campo e na cidade, estão focalizados entre os pobres, oprimidos e excluídos deixados à margem da Sociedade conforme nos conduz as metas do Carisma fundador das Irmãs de São José, nossa ação missionária está voltada para formação de lideranças nas Paróquias e Diocese, Educação e Saúde incluindo assessorias, coordenação, gestão escolar,

⁹⁶ Esta Congregação é norte-americana, foi fundada em Concórdia, estado do Kansas (EUA). Em Teresina, a Congregação iniciou seus trabalhos em 25 de junho de 1963 com quatro Irmãs, a sede principal está no bairro Vila Operária, mas têm missões em Picos, Amarante e Guaribas. Esta congregação desenvolve atividades nos estados do Piauí, Maranhão, Pará e Tocantins.

acompanhamentos as pastorais diversas e acolhida dos Grupos que passam no Centro de Guadalupe. (IRMÃS DE SÃO JOSÉ DE CONCÓRDIA, 2010)

E, em virtude de ter feitos os votos religiosos, Valquíria atuou em diferentes locais desenvolvendo trabalhos pastorais e de assistência material e religiosa.

Teresinha ao ser aprovada no vestibular para o Curso de Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará, se mudou para Fortaleza e teve de deixar o trabalho na FAFI. Ao retornar ao Piauí, já bacharel retomou as atividades junto à Diocese e integrou o grupo de pessoas que instalou a Pastoral da Criança no Estado no ano de 1986. E, passou a se dedicar quase que integralmente ao trabalho na pastoral.

Graça Sá, além das atividades de funcionária da Universidade Federal do Piauí, desde 2005 trabalha, juntamente com o esposo, como voluntária na Casa São José da Associação Divina Providência, que atende idosos em situação de abandono familiar. No abrigo se envolveu desde a construção do prédio até o acabamento da obra, e, hoje, auxilia na limpeza, na preparação de alimentação, nas celebrações religiosas e na arrecadação de doações porque “a quem encontra pelo caminho vai pedindo as coisas para ajeitar o abrigo” (SILVA, 2009, p. 20). Antes de dedicar a assistência aos idosos, se envolveu na Pastoral de Casais da Paróquia do São João e junto com grupo de amigos fez várias atividades relacionadas à prestação de auxílio a crianças carentes e pessoas portadoras de necessidades especiais.

Quando perguntada se a formação recebida no Colégio das Irmãs influenciou a sua decisão de se tornar voluntária no Abrigo, Graça nos respondeu que “não, pois o período que estudei lá não tinha informações sobre ‘cuidar’ de idosos.” (SILVA, 2009, p. 21). Apesar de a negativa ter se repetido nas falas das demais mulheres desta família, pudemos perceber que suas trajetórias e escolhas individuais foram marcadas de forma inquestionável pelas experiências de formação moral e religiosa que tiveram enquanto vivenciaram a rotina do Colégio das Irmãs Catarinas. Os ensinamentos penetram tão profundamente em suas subjetividades, forjando suas identidades sociais que estas mulheres já não foram capazes de mensurar em medida aquilo que viveram nos espaços educacionais católicos influenciaram suas escolhas profissionais e pessoais e que estão registradas de modo indelével em suas práticas cotidianas.

Há muitas outras famílias piauienses matricularam suas filhas nos Colégios das Irmãs, diferentes gerações de mulheres de uma mesma família estudaram com as savinianas, a

título de exemplificação citamos as irmãs Tânia, Verônica e Josina Oliveira Jacobino; as irmãs Maria do Socorro e Maria das Graças Nogueira Müller; as irmãs Maria José, Virgínia e Elizabeth Camillo Silveira; as irmãs Maria do Carmo, Maria das Graças e Teresinha de Jesus Reverdosa Cruz. E que poderíamos ter consultado mais detidamente como sujeitos desta pesquisa, ação certamente enriquecedora deste trabalho, contudo nos detivemos nas Famílias Batista Moura e Sá e em Miriam Jales, Lili Leite, Erice Moura e Amariles Santana por considerarmos – ante a trajetória das mulheres destas famílias após terem deixado o Colégio – que os fragmentos de suas memórias são representações lapidares de diferentes gerações de ex-alunas savinianas. E sabendo que

(...) a subjetividade feminina foi e é produzida a partir da inserção da mulher em um dado mundo cultural, social e histórico. Não existe, portanto, uma essência feminina dada a priori, mas uma construção do ser mulher que se forja a partir de múltiplas instâncias e múltiplos símbolos culturais. Essa construção pode ser vista como espiral por trazer a característica do ininterrupto, uma vez que o sujeito permanece imerso, por toda sua existência, em uma rede de significantes que o possibilitará buscar o significado do lugar que ocupa na trama cultural em que se encontra enredado. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 50-51)

Então, buscamos a partir das histórias de mulheres aqui narradas pelos sujeitos que vivenciaram os espaços de formação católica, tecer um painel sobre o cotidiano das ex-alunas das Irmãs Catarinas e de posse deste apontar como os colégios católicos se fizeram presentes repetidamente no interior da sociedade laica através de suas educandas e como estas “carregaram” consigo e difundiram os ensinamentos apreendidos e internalizados naquelas instituições de ensino.

Ao constatar a diversidade de informações constantes nos diferentes fragmentos de memórias das ex-alunas dos Colégios das Irmãs apresentados neste capítulo, percebemos de forma recorrente que

somos muitas histórias, e todas elas representam a história da humanidade. Nesse sentido, ao se buscar fragmentos da memória de um narrador, encontra-se nossa história nesta promessa de dizer uma verdade, a do sujeito. Ainda que se considere a narrativa como provisória, ela é verdadeira para quem a relata e exige responsabilidade na escuta. (FERREIRA; GROSSI, 2007, p. 56)

E, dentre tantas outras constatações que emanam da análise das trajetórias de vida destas mulheres, nos é possível afirmar que as escolas confessionais católicas foram instituições imprescindíveis no processo de alteração da figuração social, pelo fato de ter

despertado nas mulheres a ambição de participar de forma atuante e decisiva os espaços públicos e, também, ter municiado estas com o conhecimento e a formação intelectual que lhes possibilitava se inserir enquanto profissionais no mercado de trabalho, fornecendo, deste modo, os instrumentais sociais para que estas mulheres diversificassem seus projetos de vida, incluindo nestes a profissionalização, ainda que concomitantemente cultivassem e difundissem os preceitos cristianismo católico no tocante a religiosidade, a moral e ao comportamento social.

Por isto, “frente a esse quadro resta-nos indagar não se a ruptura com determinado modelo de fabricação da subjetividade feminina era fácil ou difícil, mas sim se havia ou não condições para viabilizar alguma ruptura.” (ASSUNÇÃO, 2007, p. 42). E, ao buscarmos detectar as transformações nos papéis sociais femininos durante o último século, nos foi possível perceber as rupturas na figuração social piauiense, e por extensão brasileira, que engendraram a necessidade de se forjar novos atributos sociais para os sujeitos históricos – processo este que ainda está inconcluso – que possam definir os papéis de cada um destes indivíduos sociais, quer sejam eles masculino, feminino, criança, idoso, etc.

E, tal qual afirmava Burke (2002, p. 12): a “História é mais bem definida como o estudo de sociedades humanas no plural, destacando as diferenças entre elas e as mudanças ocorridas em cada uma com o passar do tempo”, nestes processos de reconfiguração social, a compreensão da História se faz indispensável, pois, a partir desta nos é possível perceber as rupturas e permanências num dado contexto sócio-histórico nos levando ao entendimento das ações, atitudes, comportamentos, sentimentos, etc. dos sujeitos sociais.

O historiador em seu ofício não deixa de emitir juízos de valor, por mais que tente – de fato alguns tentaram – envolver-ser num véu de objetividade e neutralidade.

Gilson Pôrto Júnior e
Aubergs Lopes Neves, 2007

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pesquisador que busca estudar as temáticas relativas a História da Educação Católica no Piauí não poderá queixar-se da inexistência e/ou exigüidade de fontes para tal fim, pois as próprias instituições escolares (a seu próprio modo) preocuparam-se em resguardar diversos tipos de registro que podem conforme o olhar e a disposição do pesquisador ser transformados em fontes históricas. O único inconveniente de se pesquisar tal temática é a dispersão das pretendidas fontes em diferentes espaços, uma vez que a Cúria piauiense nem as demais instituições eclesásticas não dispõem, ainda, de Arquivos organizados em um único espaço físico e nem mesmo têm catalogados os documentos que estão sob sua guarda.

Assim, o pesquisador terá de “garimpar” entre tantos papéis, fotografias, livros escolares, cadernos escolares, pastas, etc. guardados desordenadamente, aqueles que lhe serão mais úteis para a pesquisa em desenvolvimento e, catalogá-los de modo a obter a organização desejada. Articular as fontes e inquiri-las, construir a partir de informações dispersas conexões e explicações que por meio da narrativa histórica nos apontam os “percursos” dos movimentos contínuos de (re)definições das configurações sociais, culturais, sociais, econômicas, religiosas, políticas, etc. que (re)constroem papéis e lugares sociais para os sujeitos históricos. Tal empreendimento se configura num dos grandes desafios para o profissional da História que busca compreender como a educação católica construiu e constituiu papéis e comportamentos sociais nos últimos séculos no Ocidente.

Porém, nesta busca pelos traços do passado, é encantador e estimulante encontrar entre os tantos papéis dos Arquivos dos Colégios, elementos que são documentos históricos e que nos transportam para outro tempo conforme se folheiam as páginas amareladas e quebradiças ou se exibem a nossa frente imagens.

Como por exemplo, folhear os cadernos do Curso Pedagógico (escritos em italiano) que pertenciam a Irmã Tecla (uma das primeiras irmãs que veio para o Piauí) e se descobrir tentando ler aquele idioma para tentar desvendar como era a formação das freiras-normalistas que implantaram a educação católica feminina em nosso Estado em inícios do século XX; ou observar os boletins das alunas entrevistadas e, entre estes, registros da vida escolar encontrar as marcas da formação intelectual de pessoas muito próximas a nós, e “descobrir”, nestes documentos (tão corriqueiros da vida escolar de qualquer pessoa) as notas

baixas que, ainda, hoje envergonharam algumas de nossas entrevistadas; olhar, manusear as fotos guardadas nos Colégios e pelas alunas que ao serem novamente observadas por nossas entrevistadas causaram comoções e evocaram recordações, revolveram memórias e emoções vividas em tempos de escola, a tal ponto de algumas solicitarem, gentilmente, para si tais objetos de memória e pronunciarem cerrando os olhos, “parece que estou vendo o Colégio na minha frente, como quando eu estudava lá”; aprender a geografia urbana da cidade de Teresina por meio das falas de nossas entrevistadas que descrevem como faziam o trajeto a pé (em geral) de casa para o Colégio; se descobrir conversando com as pessoas que já se foram fisicamente, por meio dos registros de seus pensamentos, convicções e posturas deixadas em papéis, fotografias, objetos escolares.

Estas são algumas, entre tantas, descobertas feitas, a partir do manuseio dos “vestígios do passado” educacional piauiense, no processo de seleção das fontes utilizadas nesta pesquisa. Isto, com certeza, é uma das melhores experiências enquanto profissional da História.

Para compreender a transformação dos papéis e comportamentos sociais femininos que se processaram ao longo do último século, implica, dentre outras operações analítico-descritivas, entender que tais processos acontecem na esfera do público, mas, também, na esfera da subjetividade feminina e que tal mudança tem de ocorrer primeiramente nesta, ou seja, na intimidade feminina em suas convicções e formas de perceber o mundo no qual se insere para que, posteriormente, seja externada em ações, atitudes, empreendimentos que são visíveis socialmente.

E, por isto, continua sendo necessário conhecer e discutir a configuração da sociedade que nos antecedeu e, assim, buscar compreender as relações de interdependências entre os diferentes sujeitos e situações sócio-históricas e culturais, para tentarmos entender que os comportamentos, as posições, papéis e ordenamentos sociais da sociedade onde estamos inseridos são resultantes do encadeamento de situações e processos históricos deslanchados nos últimos dois séculos.

Nesta perspectiva, (para retomar as palavras de Elias) temos, então, de empreender a análise dos processos de sóciogênese e de psicogênese dos sujeitos históricos, em nosso caso feminino, desencadeados a partir do acesso das mulheres a educação formal e da progressiva ampliação dos anos de estudo e que resultaram na redefinição das subjetividades e, posteriormente, dos comportamentos e papéis sociais femininos.

Por isto, este estudo nos mostra, por fim que os processos sociais (até o momento ainda estão inconclusos) resultaram na alteração paulatina dos papéis sociais – especialmente os femininos e masculinos na contemporaneidade – e na reconfiguração social no Ocidente, que permanece delineando novos aspectos e referenciais de comportamentos sociais para os sujeitos históricos que se constituem gradativamente no “processo de civilização” contemporâneo. Tempo histórico que não conseguiu equacionar as tensões e oposições entre os papéis sociais tradicionais e os novos que se desenham e precisam emergir e, portanto, há conflitos, embates e debates, acontecem resistências e permanências, sem haver, contudo (apesar das mudanças), a ruptura total com os papéis tradicionais de mulher vinculados ao desempenho das atividades de maternagem e cuidados domésticos. Mas, como já dissemos quais as rupturas são (foram) possíveis no espaço social piauiense? Brasileiro? Ocidental?

Então, observando o processo educativo das mulheres piauienses, pudemos perceber como ou porque as mulheres transformaram os conhecimentos apreendidos nos Colégios confessionais para construir novos papéis sociais e constituir novas características identitárias que se agregaram as já definidas pelo binômio esposa-mãe, (processo este que se iniciou ainda no século XVIII e que se estende aos dias atuais), uma vez que as sociedades ocidentais ainda não consolidaram os novos padrões culturais para os sujeitos históricos, sejam eles mulheres ou homens.

As mulheres piauienses ao adentrar o espaço educacional – mesmo sendo este projetado, pensado e funcionando para reafirmar a posição social secundarizada da mulher e os papéis tradicionais de esposa e mãe – têm acesso a leitura e escrita (mesmo que controladas e censuradas) o que permite a elas vislumbrar e desejar que outras mudanças fossem incorporadas ao seu cotidiano e, também, que seus espaços de atuação social pudessem ser ampliados e diversificados.

Discorremos ao longo de nosso trabalho o cotidiano escolar das escolas confessionais femininas piauienses dirigidas pelas Irmãs Catarinas e neste percurso constatamos que foi dentro dos “muros” destes Colégios que as mulheres receberam o estímulo e exemplos para realizar seus desejos, ainda que estes contrariassem a vontade de seus pais, incentivando-as a utilizar dos vazios de autoridade e a aprender a negociar e fazer concessões para obter o que queriam.

Foi, sob o aparente silêncio, respeito e manutenção da configuração social vigente no Piauí onde as mulheres, que vivenciaram de alguma forma a realidade dos Colégios das

Irmãs, manifestaram formas de insubordinação e produziram estratégias que, por vezes, desembocaram na transformação (em geral lenta e progressiva) da ordem social. Seja quando pintavam as unhas com o esmalte vermelho com intuito específico de afrontar as freiras na hora da entrada no Colégio. Seja quando insistiam em não obedecer aos limites impostos à comunicação entre alunas internas e externas e, também, como mundo fora do Colégio e burlavam a vigilância das religiosas para conversar entre si, ou enviar e receber bilhetes, ou somente se aproximar das janelas do andar superior do Colégio que se abriam para as avenidas. Ou, ainda, quando se matriculavam no curso Científico quando até mesmo os professores lhes diziam que curso para mulheres era o Pedagógico, do qual saíam preparadas para a vida (de esposa e mãe logicamente).

Quando as Irmãs Catarinas, no início do século XX (auge das disputas entre liberais e católicos) incentivaram as mulheres piauienses a desobedecer a seus pais para freqüentar missas e participar dos sacramentos, ainda que com o objetivo de participar de eventos religiosos, deram a coragem que as mulheres necessitavam para desrespeitar outras proibições familiares. Posto que estas ações alertassem as mulheres de que podiam – aliando certa dose de coragem e convicção – criar formas para realizar o que pretendiam e buscar sua satisfação pessoal em detrimento do cumprimento das vontades e escolhas de seu círculo familiar, a longo prazo isto resultou no ingresso no ensino superior e na conquista de novos postos no mercado de trabalho.

No espaço dos Colégios das Irmãs que as mulheres piauienses aprenderam a fazer negociações e concessões, além de burlar as normas e regras com sutilidade, para atingir os objetivos pretendidos. Aprendendo a usar as atividades obrigatórias como a participação nas orações, eventos cívicos, religiosos e ações de caridade – apenas para mencionar alguns entre os tantos que havia na rotina escolar saviniana – para conversar entre si e com pessoas estranhas ao contexto familiar e escolar, e, também, namorar. As “meninas das freiras” aprenderam a negociar para poder usar a faixa no cabelo e para realizarem suas festas de debutantes, o que lhes deu a experiência para negociar no espaço doméstico e público o direito de fazer escolhas pessoais sobre a carreira profissional, bem como sobre o momento de contrair matrimônio e com quem fazê-lo e, também, e ter filhos.

Para as meninas a escola era, enfim, o lugar de aprendizagem dos conhecimentos de matemática, línguas, artes manuais, ciências biológicas, etc., mas, era também lugar de “testagem” dos limites da autoridade instituída, do poder de enfrentamento da ordem estabelecida e da habilidade de negociar que possuíam. Basta lembrarmos que as alunas

insistiam no uso das unhas vermelhas, embora sabendo que seriam repreendidas, rotineiramente diminuía o comprimento das saias dos uniformes escolares mesmo tendo de refazer os embanhados na presença das religiosas, e, vez ou outra embromavam na hora de rezar o terço.

Em contrapartida a escola confessional por conta de sua organização curricular, conteúdos programáticos, práticas pedagógicas e cultura escolar, conseguiram incutir em suas alunas hábitos e práticas que estão presentes até hoje entre na maioria das mulheres que vivenciaram a experiência escolar nas instituições das Catarinas, tais como: o hábito de rezar o terço diariamente, participar assiduamente de atos religiosos, tomar parte em ações de caridade e filantropia. Ou seja, ainda, que as Irmãs Catarinas tenham incentivado, em geral sem aperceberem-se, as mulheres piauienses a modificar a forma de inserir e atuar socialmente, também, contribuiu para a manutenção do respeito ao cristianismo católico, e valorizaram o patriotismo e o civismo, além de incutir em suas alunas os preceitos da moral cristã.

Ante o que expusemos reafirmamos que em virtude da convivência e das oportunidades experienciadas nos Colégios católicos, estas mulheres, aparentemente, cumpridoras e mantenedoras de uma ordem social que secundarizava a participação social feminina, contribuíram sem estardalhaços e de forma decisiva para a alteração da posição e papéis sociais das mulheres na sociedade piauiense fazendo, progressivamente, com que esta sociedade aceite, no decorrer do século XX, a mulher atuar nos espaços públicos, além da função de professora primária (atividade temporária posto que, após o casamento, a mulher deveria abandonar o trabalho de professora), como funcionária pública, profissional liberal (médica, advogada, economista, arquiteta, assistente social, etc.). Mas, estas mulheres empreenderam muitas transformações, mas, sem alijar-se e/ou esquecer a “vocação” e/ou “dons” femininos, além do respeito à: religiosidade, maternagem, feminilidade, família e do casamento.

Paralelamente ao que respondemos, constatamos e evidenciamos, também, evocamos novos questionamentos a cerca da educação confessional católica e em particular os Colégios das Irmãs Catarinas no Piauí. O que gera a necessidade de se buscar novas respostas para inúmeras perguntas, tais como: Em que medida as redes de relações tecidas durante os tempos de escola interferiram (de forma positiva ou na negativa) na vida social das ex-alunas? A análise dos currículos e dos conteúdos programáticos adotados nos Colégios católicos pode ser realizada a partir de qual perspectiva pedagógica? De que forma estes

conteúdos curriculares formais eram adaptados (seccionados, reformulados, excluídos, etc.) para atender aos objetivos preconizados pela educação católica? Como aconteciam as práticas docentes dos professores que atuaram nos espaços educacionais católicos? Qual a influência das práticas pedagógicas desenvolvidas nos Colégios católicos para a “preparação” dos primeiros professores do ensino superior piauiense? A construção dos prédios dos Colégios das Irmãs eram áreas afastadas do centro urbanizado das cidades de Teresina e Parnaíba influenciou no processo de crescimento urbano e delinearão o sentido deste desenvolvimento? A arquitetura dos colégios católicos é uma mescla de diferentes estilos arquitetônicos, então, como são pensados, construídos e utilizados os diferentes espaços dos colégios ao longo de sua história? Como são representados estes lugares no imaginário daqueles que não os frequentaram a não ser como visitantes? Por que as ex-alunas, mesmo reconhecendo as falhas no processo educativo católico, reiteram de forma veemente que tiveram a disposição a melhor educação e, portanto na medida em que podem arcar com os custos financeiros encaminham seus filhos (ou outros dependentes) para estas escolas? E as escolas gratuitas? Qual foi a trajetória de vida profissional das egressas destas instituições? Como eram o ensino nestas escolas? Quais formas de sociabilidades e de convivências tecidas pelos diferentes grupos de alunas internas, externas e gratuitas para si e estabelecidas entre estes grupos.

Enfim, encontramos respostas, mas também, ampliamos o leque de dúvida que teremos de sanar com o aprofundamento das pesquisas sobre as instituições educacionais confessionais católicas!

REFERÊNCIAS

a) Bibliográficas

ALIMANDI, Lia Carini. **Savina Petrilli**: como pão partido. São Paulo: Loyola, s.d.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo/ Campinas: Universidade Metodista de São Paulo/Autores Associados, 2007.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Paulo: EdUFSCar, 1998, p. 24–41.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva. Subjetividade – um conceito entre as fronteiras do discurso científico. In: SILVA, Isabel; VIEIRA, Martha Lourenço (Orgs.). **Memória, Subjetividade e Educação**. Belo Horizonte, MG: Argumentum, 2007, p. 31–52.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 607–639.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. Desafios a arquitetura escolar: construção de uma temática em História da Educação. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (Org). **Cinco estudos em História e Historiografia da Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007, p.111–125.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRITO, Itamar Sousa. **História da Educação do Piauí**. Teresina, PI: EDUFPI, 1996.

BRITO, Itamar Sousa. **Memória histórica da Secretaria de Educação**. Teresina, PI: Secretaria de Educação, 1985.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CADIOU, François et all. As Fontes. In: CADIOU, François et al. **Como se faz a História**: historiografia, método e pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 120–140.

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. **Coisas velhas**: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928 – 1958). São Paulo: UNESP, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais:** a condição feminina na Primeira República. 2 ed. Recife, PE: Edições Bagaço, 2005.

CASTELO BRANCO, Nerina; MORAES, Herculano. Presença da mulher: In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. **Piauí:** formação, desenvolvimento, perspectiva. Teresina, PI: Halley, 1995, p. 391-403.

CATROGA, Fernando. Teoria da História dos Historiadores. Trajetos. **Revista de História UFC.** Fortaleza, CE: Departamento de História da UFC, abril 2005, v. 3, n 6, p. 11–42.

CEPRO. **Perfil dos municípios piauienses.** Teresina, PI: Fundação CEPRO, 1992

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65–119.

CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CONCÓRDIA. TÍTULO DO ARTIGO? Disponível em: www.cscjkansas.org/oldsite/portuguese/Brazil/Brazil.html. Acesso em nov. 2010

CORDEIRO, Ana Lúcia. Fé na sala de aula. **Nossa História.** São Paulo: Vera Cruz, agosto de 2006, ano 3, n. 34, p. 80–82.

COSTA FILHO, Alcebiades. **A escola do sertão:** ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889. Teresina, PI: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1814:** no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CRUZ, André Silvério da. **O pensamento católico nos tempos e contratempos da Cultura e Educação Brasileira.** Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia. s.d.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Cidadania republicana e educação:** governo provisório do Marechal Deodoro e Congresso Constituinte de 1890-1891. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Contexto. 2007, p. 223–240.

DECLARAÇÃO “Gravissimum Educationis” sobre a Educação Cristã. In: **Compêndio do Vaticano II – Constituições, Decretos e Declarações.** 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, p. 581–596.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios 1:** Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **Mozart:** sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FALCON, Francisco. **História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima. (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003, p. 77-97.

FERREIRA, Amauri Carlos; GROSSI, Yonne de Souza. Da Memória: com a venda nos olhos. In: SILVA, Isabel; VIEIRA, Martha Lourenço (Orgs.). **Memória, Subjetividade e Educação**. Belo Horizonte, MG: Argumentum, 2007, p. 53-63.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí Republicano**. Teresina, PI: EDUFPI, 1996.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campina, SP: Papyrus, 2003.

FONSECA, Thaís Nívia de. História da educação e história cultural. **Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH –MG**. Juiz de Fora, MG, julho de 2004.

GATTI JÚNIOR, Décio. Apontamentos sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares. **Cadernos de história da educação**. Uberlândia, MG: UFU, jan/dez. 2002a, v. 1, n. 1, p. 29-31.

_____. História das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: GATTI JÚNIOR, Décio; ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002b. p. 3-24.

_____. Dimensões do ensino de História da educação: história, fontes e formas didático-pedagógicas. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira (Orgs.). **A educação escolar em perspectiva**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 171-225.

GATTI JÚNIOR, Décio; PESSANHA, Eurize Caldas. História da educação, instituições e cultura escolar: conceitos, categorias e materiais históricos. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Orgs.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP/Uberlândia, MG: Autores Associados/EDUFU, 2005, p. 71-90.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

HOBBSBAWN, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A memória social: sobreposição do sagrado ao humano. O caso do Seminário da Prainha em Fortaleza. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. (Orgs.). **História a Educação – Vitrais da Memória: lugares, imagens e práticas culturais.** Fortaleza, CE: Edições UFC, 2008, p. 476–497.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a Educação.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Imagens do masculino e do feminino: co-educação e profissão docente no Piauí (1874-1910). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.) **Pesquisa em História da Educação: perspectivas de análise, objetos e fontes.** Belo Horizonte, MG: HG Edições, 1999, p. 95-110.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Pão do espírito, sol radioso: o discurso e a ação educacional católica e as polemica anticlericais no Piauí (1890-1930). Congresso Brasileiro de História da Educação: educação escolar em perspectiva, 3. 2004, Curitiba, PR. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUC/PR, Sociedade Brasileira de História da Educação. 2004. 1 CD-ROM.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LOVE, Joseph L.; BARICKMAN, Bert J. Elites regionais. In: HEINZ, Flávio M. (Org). **Por outra história das elites.** Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 77-97.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas.** Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2004.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina, 1859 - 1919: uma face do conservadorismo.** São Paulo: UNESP, 1996.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias.** Niterói, RJ: UFF, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. **Os alicerces da educação superior no Piauí: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930-1970).** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. Parnaíba cosmopolita: um estudo da arquitetura produzida na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. **Scientia et Spes.** Revista do Instituto Camillo Filho. Teresina: ICF, 2008. Ano 7, n. 8, p. 269-289.

MENDES, Francisco Iveltman Vasconcelos. **Parnaíba: educação e sociedade**. Teresina, PI: UFPI, 2001.

MOURA, Pe. Laércio Dias de Moura. **A educação católica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NORONHA, Gabriel Vieira; ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. Elias e Bourdieu - Para uma sociologia histórica, ou seria uma história sociológica? **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais–IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 30 mar. 2008, v. 5, n. 1, p. 47-58, Anual. Disponível em: www.habitus.ifcs.ufrj.br. Acesso em 30 mar. 2008.

NOVAES, Adauto. Sobre tempo e História. In: NOVAES, Adauto (Org). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras. 1992, p. 09–18.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 482–509.

OLIVEIRA, Felipe Mendes de. **A cultura do 3º Milênio**. Palestra proferida na Academia Piauiense de Letras em 26/01/2008. 2008. (mimeo),

OLIVEIRA, Felipe Mendes de. As etapas do desenvolvimento do Piauí. **Scientia et Spes**. Revista do Instituto Camillo Filho. Teresina, PI: ICF, 2004. Ano 3, n. 6, p. 123-130.

PENNO, Sandra Mara Kindlein. **Instituto Batista Correntino**: memórias e práticas pedagógicas do Instituto Batista Industrial. Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. Teresina, PI: UFPI, 2004a.

_____. **Lugares da memória**: 1º jardim de infância do Piauí. Teresina, PI: SBHE, 2004b.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 09-26.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Áurea da Paz. **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina, PI: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes Hemerográficas. In: VAINFAS, Ronaldo; NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Orgs.). **História e Historiografia**. Recife, PE: Bagaço, 2006, p. 53 – 69.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia. **Cadernos do Patrimônio Cultural do Piauí**. Teresina, PI: Superintendência do IPHAN no Piauí, 2010, p. 56.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

QUEIROZ, Teresinha. **Notas sobre a Educação no Piauí 1860 a 1930**. São Paulo, 1988. (mimeografado).

_____. Teresina, história e imaginário. **Scientia et Spes**. Revista do Instituto Camillo Filho. Teresina: ICF, 2003, ano 2, n. 3, p. 327-337.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. **História, Memória e as Instituições Escolares**. Fortaleza, CE, 2009. (mimeo),

RODRIGUES, Joice Meire. O papel dos colégios confessionais na formação das “moças de família”. **Anais Fazendo Gênero 8** – corpo, violência e poder. Florianópolis, SC, 2008a.

RODRIGUES, Rui Martinho. Teorias, Fontes e Períodos na Pesquisa Histórica. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. (Orgs.). **História a Educação – Vitrais da Memória: lugares, imagens e práticas culturais**. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2008b, p. 435–454.

RÖWER, Frei Basílio. **Manual da Pia União das Filhas de Maria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1946.

SANTOS, Sólida Genuína do. **Joaquim Custódio e um Ensaio Sobre a Educação em Parnaíba**. Parnaíba, PI, s.d.

SAVIANI, Dermeval. Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. et al. (Orgs.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 03–27.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 5 ed. São Paulo, Duas Cidades: Ed.34, 2000.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, fevereiro de 1998, n. 16, p. 297–325.

SILVA, Juarez Sousa da. **A criação da Diocese do Piauí**. 2001. Dissertação (Mestrado em História Eclesiástica) – Pontifícia Universitas Gregoriana. Facultas Historiae Ecclesiasticae, Roma, 2001.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **À luz dos valores religiosos: escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906 – 1973)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

SILVA, Márcio Iglésias Araújo e VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **Escolas agrotécnica de Teresina: práticas espaciais e política educacional diferenciada**. IN: VASCONCELOS, José Gerardo; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula et. All (orgs.). **Tempo, espaço e memória da educação: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo**. Anais Eletrônicos do IX ECHE e II ECEGE. Sobral (CE): IMPRECE, 2010.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH; Universidade São Francisco/EDUSF, s/d.

SPILLMANN, Padre João. **Manual do Coração de Jesus para os associados do Apostolado da Oração**. 27 ed. Rio de Janeiro: Mensageiro do Coração de Jesus, 1954.

TAGIAVINI, João Virgílio. **Seminários tridentinos no Brasil: escolas para a formação do clero.** IN: Revista HISTEDBR on-line. n 26, Campinas (SP). Junho de 2007. p.39-63

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. A territorialidade das ações instrucionais da Igreja Católica no Ceará. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (Orgs.). **Histórias da Educação no Nordeste Brasileiro.** Fortaleza, CE: Edições UFC, 2006, p. 114–126.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

VILHENA FILHO, Paulo Henrique Gonçalves de. Em busca de uma identidade cultural teresinense. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (Org.) **Apontamentos para a História Cultural do Piauí.** Teresina, PI: FUNDAPI, 2003, p. 265-274.

b) Documentais

CARVALHO, Miriam O. Jales de. **Pequena História da alunas internas do Colégio Sagrado Coração de Jesus: 1937 – 1944.** Teresina, PI, outubro de 2002. (mimeografado).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Alguns dados do Colégio Nossa Senhora das Graças.** Parnaíba, PI, 1977 (mimeografado).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Atualidades.** Parnaíba. s/d. (mimeografado).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Dados Gerais do Ginásio Nossa Senhora das Graças Alusivas ao Curso Pedagógico.** Parnaíba, PI, 1973.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Escola São José Anexa ao Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba – Piauí – Livro de Matrícula ano 1969 a 1970.** Parnaíba, PI.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Histórico da Escola São José, Anexa ao Colégio Nossa Senhora das Graças em Parnaíba-PI.** Parnaíba, PI, s/d.(mimeografado).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Histórico do Colégio Nossa Senhora das Graças.** Parnaíba, PI, s.d. (mimeografado).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Livro de Atas das Sessões Ordinárias do Clube da Leitura Santa Maria Goretti de 1958 a 1969.** Parnaíba, PI, 1958. (manuscrito)

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Livro dos Termos de Visita do Inspetor Federal de 1938 a 1939.** Parnaíba, PI, 1939. (manuscrito).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Livratura das Ocorrências dos Serviços de Inspeção Federal de 1957 a 1962.** Parnaíba, PI, 1962. (manuscrito).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Atas de Resultados Finais da Escola Santa Inês do Colégio Sagrado Coração de Jesus Anos 1968 a 1994**. Teresina, PI, 1994.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Chegada das Irmãs a Teresina (Piauí-Brasil)**. Teresina, PI, s/d. (mimeografado).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: evoluindo, reformando-se e reafirmando-se**. Teresina, PI, 1973, (mimeografado).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena**. Teresina, PI, 2000. (mimeografado).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Discurso da oradora da turma de Teresina 13 de dezembro de 1942. **CADERNO DE ANOTAÇÕES DE IRMÃ ALZIRA VELOSO**, s/d, p. 45-46.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Estatutos e Regras para As Educandas do Collegio Dirigidos pelas Irmãs dos Pobres de S. Catharina de Sena**, s.d.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro Atas de Concessão de Gratuidade e Redução de Contribuição Escolar do Curso Técnico do Sagrado Coração de Jesus**. Teresina, PI, 1959. (manuscrito).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro de Atas de Aprovação do Curso Primário anos 1960 a 1971**. 1971. Teresina, PI, (manuscrito).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro de Atas de Promoção do Curso Primário anos 1931 a 1959**. 1959. Teresina, PI, (manuscrito).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Memórias ... do Colégio Sagrado Coração de Jesus de 1906 a 1933: fatos principais**. Teresina, PI, 1933.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Merenda Escolar da Escola Santa Inês anexa ao CSCJ anos de 1969 a 197__**. Teresina. PI, s.d.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Projeto político institucional** (documento inconcluso). Teresina, PI, 2008.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Relatório das Atividades do Colégio Sagrado Coração de Jesus no ano de 1983**. Teresina, PI, 1984.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Relatório das Atividades Filantrópicas e Educacionais do Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1972**. Teresina. 1973. (mimeografado).

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Resumo dos fatos importantes do livro de memórias do Colégio Sagrado Coração de Jesus, anos de 1942 a 1948**. Teresina, PI, 1948. (mimeografado).

COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES. **Um século a serviço da excelência humana e acadêmica.** Teresina, PI, s.d. (mimeografado).

MEC. Ministério da Educação e Saúde. **Portaria nº 557, 16 de novembro de 1945.** Publicada no Diário Oficial de 22 de novembro de 1945. Rio de Janeiro: MEC, 1945.

c) Hemerográficas

A **PRAÇA**, Chegada do Engenheiro Eletricista Peter Geb. Parnahyba, PI, 17 de janeiro de 1928, Anno I, Num 11, p. 02.

A **PRAÇA**. Telegrammas – Therezina, 24.– órgão da Associação Commercial dos Varejistas. Parnahyba, 27 de dezembro de 1927. Anno I, num 9, p.04.

A **SEMANA**. Coluna Fragmentos. Parnahyba, PI, 03 de dezembro de 1916. Anno 3, n. 3, p. 02.

CARNEIRO, Izabelita de Jesus. Um pequeno demonstrativo de grande contribuição. **Revista Raios de Luz** – edição especial: 100 anos do Colégio Nossa Senhora das Graças. Parnaíba, PI, 2007. p. 46.

DEMES, Josefina. MEMORARE. **Revista Primícias Literárias** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Teresina, PI, 1938, Ano II, n. 6. PÁGINA?

DEPOIMENTO da Superiora do Ginásio “Sagrado Coração de Jesus” sobre o desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo. **Revista Zodíaco**. 03 de maio de 1944. ano 2, n. 07, p. 09.

DISCURSO Pronunciado, no Ginásio “Sagrado Coração de Jesus”, pelo Dr. Waldir Gonçalves, professor de História Geral e do Brasil e Presidente de Honra do Grêmio Cultural “Santa Catarina de Sena”, na solenidade de sua instalação. **Revista Zodíaco**, 01 de dezembro de 1944. Ano 2, n. 12, p.15-17.

ESTA CARTINHA veio do Céu para as Alunas da Escola Gratuita São José do Colégio N. Senhora das Graças. **Revista Raios de Luz** – Órgão do Grêmio Literário “Savina Petrili” do “Colégio Nossa Senhora das Graças”. Edição especial em homenagem à Superiora Irmã Abelinda Ducci. Parnaíba, PI, 4 de outubro de 1940, p. 15.

JORNAL A FLAMULA - Órgão do grêmio literário Nossa Senhora das Graças. Colégio Nossa Senhora das Graças. Parnaíba, 06 de Setembro de 1936. Ano I, n. 05.

JORNAL A FLÂMULA - Órgão do Grêmio Literário Nossa Senhora das Graças. Coluna Religiosa. Parnaíba, PI, 06 de Setembro de 1936. Ano I, n. 05.

JORNAL DOMINICAL. A missa não é para mostrar vestidos! Página Feminina. 09 de Outubro de 1949, p. 03.

JORNAL DO PIAUÍ. Festa das debutantes. Teresina, PI, 22 de Dezembro de 1960, p. 01.

JORNAL “DO PIAUÍ”. Liga das senhoras católicas do Piauí. Teresina, PI, 27 e 28 de agosto de 1972, p.10.

JORNAL “DO PIAUÍ”. Mundanismo: Irmã Franco recebe seus votos perpétuos. Teresina, PI, 05 de Fevereiro de 1961, p. 02

JORNAL “O DOMINICAL” – semanário de orientação católica. Capela do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina, PI, 13 de fevereiro de 1955. p. 04.

LEAL, João de Deus Pires. Mensagem apresentada à Câmara Legislativa. **JORNAL O PIAUHY.** Domingo, 1 de junho de 1930, Ano XXXIX, n. 115, p. 3.

LEÃO, Vilma Arêa. Minha 1ª Comunhão. **Revista Primícias Literárias** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Teresina, PI, 1938, ano II, n. 6.

O APOSTOLO, A instrução elementar. 19 de maio de 1907. Anno I, num 1, p.02.

O APOSTOLO, Collegio Diocesano. 19 de maio de 1907. Anno I, num 1, p. 03.

O APOSTOLO. Collegios de Parnahyba. 19 de maio de 1907. Anno I, num 1, p. 01.

O APOSTOLO, O Nosso Aparecimento. 19 de maio de 1907. Anno I, num 1, p. 01.

O APOSTOLO, Seminário, 19 de maio de 1907. Anno I, num 1, p. 04.

O APOSTOLO. Telegrammas – Parnahyba, 20. 02 de junho de 1907. Anno I, num 3, p. 02.

O APOSTOLO. Telegrammas – Parnahyba, 31. 02 de junho de 1907. Anno I, num 3, p. 02.

O MEIO. Anúncio: Ford V 8. dezembro de 1934. Ann I, n. 02. s/p.

PARTE ESPECIAL Dedicada à Parnaíba. **Revista Piauiense dos Municípios.** Teresina, PI. s.d.

PROGRAMAÇÃO da Semana da Pátria no Colégio Sagrado Coração de Jesus. **Revista Primícias Literárias** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Teresina, PI. Ano II, n. 6, 1938.

SÁ, Nantilde. A sala do 4º ano. **Revista Primícias Literárias** – Revista bimestral dirigida pelas alunas do “Colégio Sagrado Coração de Jesus”. Teresina, PI, 1938. Ano II, n. 6.

d) Entrevistas e Rapport

ALBUQUERQUE, Angélica Maria Moura. **Rapport** realizado em julho de 2006, na cidade de Teresina, PI.

BRITO, Maria Dilma Ponte de. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Parnaíba, PI.

CARVALHO, Miriam Oliveira Jales de. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

CASTRO, Alexandrina Leite de. (Dona Lili). **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 20 de fevereiro de 2010, na cidade de Teresina, PI.

FÉ, Maria Hilda Moura. **Rapport** realizado em fevereiro de 2006, na cidade de Teresina, PI.

JACOBINO, Josina Maria de Oliveira. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 10 de fevereiro de 2006.

LEAL, Eva Maria Evangelista. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

LOPES, Maria do Amparo Moura. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

MEIRELES, Teresinha de Jesus Soares. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

MOURA, Maria Geni Batista de. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

MOURA, Maria Ozeni Batista de. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

MOURA, Maria Ozeni Batista de. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

MOURA, Ozeni Batista de. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

RODRIGUES, Erice de Moura. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de julho de 2008, na cidade de Simplício Mendes, PI.

SÁ, Teresinha de Jesus Rodrigues de. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de outubro de 2009, na cidade de Teresina, PI.

SÁ, Teresinha de Jesus Rodrigues de. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

SILVA, Fátima Ferreira da Silva. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de outubro de 2009, na cidade de Teresina, PI.

SILVA, Fátima Ferreira da Silva. **Rapport** realizado em outubro de 2009, na cidade de Teresina, PI.

SILVA, Maria das Graças Rodrigues de Sá. . **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

SILVA, Maria das Graças Rodrigues de Sá. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de outubro de 2009, na cidade de Teresina, PI.

SILVA, Maria Inês Moura da. **Rapport** realizado em julho de 2006, na cidade de Teresina, PI.

SOARES, Jeanne Maria do Vale. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

SOUSA, Amariles das Graças Santana. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

SOUSA, Amariles das Graças Santana. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 24 de fevereiro de 2010, na cidade de Teresina, PI.

SOUSA, Valduce Ribeiro Cruz. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

TELES, Maria Luiza de Castro. **Rapport** realizado em julho de 2008, na cidade de Teresina, PI.

APÊNDICES

CARTA CONVITE ÀS EX-ALUNAS DOS COLÉGIOS DAS IRMÃS

PROJETO: Escolas Confessionais Católicas Femininas e a inserção social das mulheres piauienses (1906 – 1973)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Ceará (UFC) - Doutorado em Educação

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro

ENTREVISTADORA: Samara Mendes Araújo Silva (doutoranda)

Ilm^a Sr^a

Estou desenvolvendo Projeto de Pesquisa sobre a História do Colégio das Irmãs, para tanto necessito de algumas informações fornecidas por ex-alunas do referido Colégio.

Por ser ex-aluna daquele Colégio, SOLICITO, encarecidamente, à Senhora a gentileza de responder o questionário que segue anexo.

Ao final do questionário a Senhora encontrará a Carta de Cessão, este instrumento, devidamente assinado pela Senhora, me autorizará a utilizar as informações prestadas nesta entrevista na minha tese de doutorado.

Agradeço a grande colaboração.

Em: 12/03/2008

RAPPORT APLICADO À EX-ALUNAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS

1. Nome completo
2. Endereço completo:
3. Telefone(s):
4. Data de nascimento:
5. Nível de escolaridade:

* curso:

6. Filiação

Pai:

* atividade profissional do pai:

Mãe:

* atividade profissional da mãe:

6.3. Local/cidade de residência dos pais à época em que a senhora estudou no colégio das irmãs:

7. Atividade sua profissional atual:

8. Em qual dos colégios das irmãs estudou?

() Teresina – Sagrado Coração De Jesus () Teresina – Escola Santa Inês

() Parnaíba – Nossa Senhora Das Graças () Parnaíba – Escola São José

9. Qual seu regime de estudo no colégio das irmãs?

() aluna interna () aluna externa

10. Qual(is) os motivos apontados por seus pais para matricularem a senhora no Colégio das Irmãs?

11. Quais séries e níveis que estudou no Colégio das Irmãs?

12. Em que período estudou no Colégio das Irmãs?

13. Quais as lembranças que guarda do tempo que estudou no Colégio das Irmãs? Dos professores? Das colegas de colégio? Dos funcionários do colégio? Das irmãs?

14. Quais os tipos de livros/jornais/revistas lia quando estudava no Colégio das Irmãs? Lembra dos nomes dos livros que lia? Quais os livros que leu?

15. Que outras atividades havia no Colégio das Irmãs além das aulas regulares? Você participava de alguma? Quais?
16. Possui algum objeto do tempo que estudou no Colégio das Irmãs? Quais? Por que guardou estes objetos?
17. Que ensinamentos aprendidos no Colégio das Irmãs estão presentes em sua vida até hoje?
18. O que você aprendeu no colégio das irmãs influenciou na escolha da(s) sua(s) atividade(s) profissional(is)? De que forma?
19. Quando começou a trabalhar? Onde? Em que atividade?
20. Tem filho(s)? Quantos? Onde estudam(ram)? Por que escolheu o colégio em que matriculou seu(s) filho (s)?

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____, R. G. nº _____, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista, para que SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA possa usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data.

Assinatura

_____ (PI), _____ de _____ de 20__.

INVENTÁRIO DE EX-ALUNAS DOS COLÉGIOS DAS IRMÃS

No Inventário abaixo, identificamos as ex-alunas pelo Colégio no qual estudou, período em que estudou, idade e profissão atual.

Dentre as pessoas identificadas como sujeitos desta pesquisa, figurou apenas um homem, o ex-aluno Leonardo Batista de Moura que foi o primeiro aluno a ser matriculado em 1973 e que em 1974 cursou o primeiro ano do Primário no Colégio das Irmãs de Teresina.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – PARNAÍBA

EX-ALUNAS	REGIME DE ESTUDOS	PERÍODO QUE ESTUDOU	IDADE**	PROFISSÃO ATUAL
Clélia de Holanda Mendes	Externato	1934-1938	89 anos	Dona de Casa
Francisca das Chagas Araújo Santos	Externato	1962-1965	60 anos	Dona de Casa
Iara Rego de Castro	Externato	Não informado	Não informado	Professora
Maria Dilma Ponte de Brito	Externato	1959-1971	57 anos	Professora
Neusa Borges Sampaio	Internato	1939-1946	81 anos	Dona de Casa

** idade em 31 de dezembro de 2010.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA

EX-ALUNAS	REGIME DE ESTUDOS	PERÍODO QUE ESTUDOU	IDADE**	PROFISSÃO ATUAL
Alexandrina (Lili) Leite de Castro *	Internato	1944-1948	79 anos	Artesã
Amariles das Graças Santana de Sousa *	Externato	1958-1961	69 anos	Funcionária Pública Estadual
Angélica Maria Moura Albuquerque	Internato	1959-1966	64 anos	Aposentada
Erice de Moura Rodrigues*	Externato	1959-1964	64 anos	Secretária de Escola
Eva Maria Evangelista Leal*	Externato	1963-1970	61 anos	Funcionária Pública Estadual
Fátima Ferreira da Silva*	Externato	1963 - 1971	57 anos	Funcionária Pública Municipal
Jeanne Maria do Vale Soares	Externato	1967-1980	47 anos	Professora

Josélia Maria Tajra Evangelista de Sousa	Externato	1973-1978	49 anos	Médica
Josina Maria de Oliveira Jacobino*	Externato	1965-1974	54 anos	Professora
Leonardo Batista de Moura	Externato	1974-1976	44 anos	Médico
Maria das Graças Bastos Sousa	Externato	1961-1967	62 anos	Funcionária Pública Estadual
Maria das Graças Rodrigues de Sá Silva*	Externato	1958-1965	62 anos	Funcionária Pública Federal
Maria de Jesus da Rocha Soares	Externato	1959-1965	63 anos	Assistente Social
Maria do Amparo Moura Lopes	Externato	1965-1972	59 Anos	Auxiliar de Secretaria de Escola
Maria do Socorro Barbosa Ribeiro	Externato	1970-1977	50 anos	Assistente Social
Maria Geni Batista de Moura	Externato	1966-1974	54 anos	Arquiteta
Maria Hilda Moura Fé	Externato	1955-1961	66 anos	Funcionária Pública
Maria Inêz Moura da Silva	Externato	1968-1975	54 anos	Professora
Maria Luiza de Castro Teles	Externato	1971-1979	48 anos	Professora
Maria Ozeni Batista de Moura	Externato	1964-1972	57 Anos	Funcionária Pública Estadual
Miriam Oliveira Jales de Carvalho	Internato	1937-1944	87 anos	Dona de Casa
Ozeni Batista de Moura	Internato	1942-1947	81 Anos	Professora
Raimunda Santos Sampaio	Internato	1969-1974	57 Anos	Secretaria de Escola
Tânia Maria de Oliveira Jacobino	Externato	1960-1970	60 anos	Funcionária Pública Federal
Teresinha de Jesus (Teca) Rodrigues de Sá*	Externato	1951 - 1966	65 anos	Assistente Social
Teresinha de Jesus Soares Meireles *	Externato	1964-1965 e 1968	61 anos	Funcionária Pública Estadual

* Ex-aluna entrevistada.

** idade em 31 de dezembro de 2010.